
O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO

AMBIÊNCIA, MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÕES DO MARACANÃ

NATÁLIA RODRIGUES DE MELO - CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE - PAULA UGLIONE



**O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO
AMBIÊNCIA, MEMÓRIA E
RESSIGNIFICAÇÕES DO MARACANÃ**

NATÁLIA RODRIGUES DE MELO
CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE
PAULA UGLIONE

**O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO
AMBIÊNCIA, MEMÓRIA E
RESSIGNIFICAÇÕES DO MARACANÃ**

Brasília/2020

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

O GRANDE PALCO FUTEBOLÍSTICO AMBIÊNCIA, MEMÓRIA E RESSIGNIFICAÇÕES DO MARACANÃ

Disponível também em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/noticias-e-conteudos/publicacoes-1/esporte>

Tiragem: 1ª Edição - 2020 – 200 exemplares

Distribuição e informações:

Ministério da Cidadania

Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direito do Torcedor

Secretaria Especial do Esporte

Esplanada dos Ministérios – Bloco A

Brasília - DF

www.cidadania.gov.br

Conteúdo e equipe editorial:

AUTORAS: NATÁLIA RODRIGUES DE MELO

CRISTIANE ROSE DE SIQUEIRA DUARTE

PAULA UGLIONE

Projeto Gráfico e Diagramação: Wildon Odaime

Capa: Foto cedida pelo autor

Organizadores: José Perez Bezzi; Wagner Barbosa Matias

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade de seus autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Melo, Natália Rodrigues de

O grande palco futebolístico : ambiência, memória e ressignificações do Maracanã / Natália Rodrigues de Melo, Cristiane Rose de Siqueira Duarte, Paula Uglione. -- Brasília, DF : Trampolim Editora e Eventos Culturais Eirelli : Ministério da Cidadania, 2020.

Bibliografia.

ISBN 978-65-86125-28-3

1. Estádio do Maracanã - História 2. Estádios - Rio de Janeiro (RJ) 3. Futebol - Jogos 4. Futebol - Rio de Janeiro (RJ) - História I. Duarte, Cristiane Rose de Siqueira. II. Uglione, Paula. III. Título.

20-48454

CDD-796.334098153

Índices para catálogo sistemático:

1. Estádio do Maracanã : Rio de Janeiro : História
796.334098153

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

DEDICATÓRIA

*Dedicamos este trabalho ao saudoso amigo e
grande estudioso do futebol no Brasil, Gilmar Mascarenhas.*

AGRADECIMENTOS

Agrademos primeiramente à Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor, vinculada à Secretaria Especial do Esporte do Governo Federal, pelo prêmio BRASIL DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE FUTEBOL E DIREITOS DO TORCEDOR EDIÇÃO 2019 concedido ao nosso trabalho. Entendemos que esse prêmio seja muito importante para a divulgação de nossas pesquisas, além de atuar enquanto fomento para a produção e publicação de outros trabalhos científicos que versam sobre o futebol e seus torcedores.

Agradecemos também ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura - PROARQ, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que gestou este trabalho e nos possibilitou avançar com resultados relevantes para a ciência da arquitetura e para a ciência do esporte.

Nosso muito obrigada ao Laboratório Arquitetura Subjetividade e Cultura, LASC / PROARQ / UFRJ pelas discussões, orientações e metodologias que construíram esse projeto e definiram os melhores caminhos para que pudéssemos alcançar nossos objetivos.

Por fim, agradecemos a todos que de forma direta e indireta contribuíram para o processo de pesquisa e finalização de nossa empreitada: familiares, amigos, pesquisadores, projetistas, e claro, os torcedores.

APRESENTAÇÃO I

Este livro é um dos resultados da 1ª Edição do Prêmio Brasil de Teses e Dissertações sobre Futebol e Direitos do Torcedor.

Lançado em 2019 pela Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor (SNFDT), vinculada à Secretaria Especial do Esporte do Ministério da Cidadania, o Prêmio tem como objetivo apoiar e valorizar a produção científica sobre a modalidade no País.

A materialização do Prêmio por meio deste livro é uma enorme satisfação para todos aqueles que acreditam no conhecimento científico como suporte essencial para implementação e execução de políticas públicas para o setor e para o desenvolvimento do futebol.

Além de a produção científica sobre Futebol e Direitos do Torcedor no Brasil ainda ser incipiente, ela também possui pouca difusão. Isso posto, ao tornar público o esforço de diversos pesquisadores e autores, o Ministério da Cidadania avança ao reconhecer a importância da pesquisa acadêmica e de sua difusão.

A banca avaliadora do Prêmio Brasil de Teses e Dissertações sobre Futebol e Direitos do Torcedor selecionou trabalhos de conclusão de curso dos mais variados programas de pós-graduação do Brasil que tiveram o futebol e os direitos do torcedor como objeto de estudo. Ao todo, cinco teses e 11 dissertações foram escolhidas para serem premiadas com troféus e certificados – dessas, três teses e cinco dissertações serão publicadas em formato de livro.

Nesta edição, está publicada Tese da Dra. Natália Rodrigues de Melo, orientada pelas Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte e Dra. Paula Uglione, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A obra será distribuída gratuitamente para pesquisadores, universidades, clubes, federações e outras entidades interessadas na temática. Esperamos que esta

iniciativa do Ministério da Cidadania seja fonte inspiradora para novas produções científicas no setor, contribuindo assim para o desenvolvimento de políticas públicas para o futebol brasileiro.

Ronaldo Lima dos Santos
Secretário Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor
Secretaria Especial do Esporte
Ministério da Cidadania

APRESENTAÇÃO II

Maracanã, a potência de uma ambiência

Quem assistiu a uma partida de futebol no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, sabe como tal experiência é inesquecível. Claro que se trata do jogo e da bola, do esporte e da equipe, mas também, pelo menos na mesma medida, de uma ambiência simbiótica, de afetos compartilhados e do fervor coletivo. A ação ocorre tanto nas arquibancadas quanto no campo. Ondas de ola se desdobram na multidão, cantos são entoados regularmente em coro, expressões de alegria ou de decepção explodem durante a partida. Sem dúvida, estamos aqui em uma experiência limítrofe da ambiência, quando a individualidade de cada um tende a se fundir em um corpo comum e quando um coletivo de torcedores começa a vibrar em uníssono. Assistir a uma partida de futebol no estádio do Maracanã não nos deixa indiferente. Definitivamente, todo espectador sai de lá tocado, transformado, metamorfoseado.

O belo livro de Natália Rodrigues de Melo, Cristiane Rose de Siqueira Duarte e Paula Uglione nos fala sobre essa experiência extraordinária que solda uma comunidade. Ele nos conta sobre a importância das vibrações de uma população e das energias que se compartilham. Ele nos fala sobre o papel central que o estádio de futebol desempenha na cultura e no cotidiano dos cariocas. É efetivamente uma questão de lugar e de pertencimento, de corpo e de paixão, de ritual e de memória. Mas a verdadeira proeza desta pesquisa é a excelente ideia de se interessar por um momento muito particular de ruptura de hábitos e de brecha na vida cotidiana: o estádio do Maracanã teve que ser reformado para a Copa do Mundo de 2014. Situação muito sin-

gular e problemática que não deixa de desestabilizar os grandes rituais urbanos e os ritmos compartilhados das comunidades. O que acontece então quando o cotidiano desses momentos de efervescência social é perturbado? O que aprendemos de uma vida coletiva quando sua permanência e continuidade são subvertidas? Como uma experiência tão intensa quanto a das partidas de futebol no Maracanã consegue, no entanto, ser manter, perdurar apesar de tudo no tempo e no espaço?

Para responder a essas questões fascinantes, as autoras implementaram uma abordagem particularmente original, utilizando diversas ferramentas conceituais e metodológicas provenientes do Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura (Lasc). A cultura científica deste laboratório de pesquisa foi, portanto, usada com grande proveito para descrever com toda a sua delicadeza e complexidade o fenômeno chamado de "trauma espacial".

Dentre as várias contribuições desta excelente pesquisa, podemos destacar sua contribuição para o campo das ambiências arquitetônicas e urbanas. Neste sentido, é demonstrado com grande detalhe que uma ambiência não é de forma alguma redutível a um simples momento de percepção, ao aqui-e-agora de uma experiência sensível. Pelo contrário, a pesquisa mostra toda a espessura social, memorial e simbólica que constitui uma ambiência. Isso significa que toda experiência em uma ambiência deixa traços duráveis e continua a trabalhar o corpo social, mesmo que a situação atual tenha desaparecido. Uma das lições mais importantes que podemos tirar dessa pesquisa é que uma ambiência persiste contra ventos e marés, perdura além de si mesma e possui uma vida própria. Ela não apenas marca profundamente a experiência dos lugares, mas ela constitui, de certa forma, a sua memória mais vívida e mais íntima.

O estádio do Maracanã pode muito bem ser transformado materialmente e completamente reformado, sua ambiência singular, no entanto, não desaparece completamente, pois ela infunde profundamente a vida coletiva e impregna as maneiras de ser compartilhada. Ela é constantemente reinventada, replantada, reativada nas ações e nos gestos dos torcedores, reconduzida nas narrativas e nas histórias dos cariocas. Uma arte coletiva da memória corporal é assim implantada, reconfigurando os gestos e as práticas, dando novamente sentido e significado aos eventos. Só podemos agradecer e parabenizar as autoras e toda a equipe do Lasc por terem conseguido compreender tão finamente a potência de uma ambiência a persistir em sua essência. Não

restam dúvidas de que, o espírito do Maracanã não parou de soprar no Rio de Janeiro. E nem Brasil deixou de fazer ouvir sua cultura popular ao ritmo dos desejos renovados e das esperanças reencantadas.

JEAN-PAUL THIBAUD

*Sociólogo, Doutor em Urbanismo e Planejamento Urbano,
Docente na École Nationale Supérieure d'Architecture de
Grenoble (ENSAG), Pesquisador do laboratório AAU/Cresson
(Centre de Recherche sur l'espace sonore et l'environnement
urbain) e Professor Orientador (Habilitation à Diriger les
Recherches) junto ao CNRS (Centre National de la Recherche
Scientifique) França.*

PREFÁCIO

Já são mais de duas décadas como jornalista esportivo. Trabalhando em rádio, televisão, jornal, internet e dando cursos de Jornalismo Esportivo em faculdades. Já há muito tempo perdi a conta de quantos jogos fiz e de quantos estádios visitei. Alguns só visitei e outros tantos trabalhei. Muitas vezes em condições precárias e outras também com conforto e boa condição de analisar os jogos.

Quero aqui contar um pouco sobre algumas rotinas e experiências que tive. E já começo buscando na memória as imagens de Libertadores de 2012 e do Mineiro de 2006.

Saíam os confrontos e já era a hora de checar quais dias passaria longe de casa e quais jogos eu faria pela rádio. Aquela edição da Libertadores tinha a participação de dois times de São Paulo e, trabalhando na CBN SP, certamente Corinthians e Santos seriam acompanhados de perto.

Acostumado a viajar pelo Brasil e um curioso convicto no que diz respeito ao futebol, trabalhar na cobertura de uma Libertadores representa uma chance de conhecer histórias novas, torcedores diferentes, clubes e estádios.

O telefone tocou. Mesmo a escala não apontando nada extraordinário, a rádio teve que fazer uma modificação na equipe de transmissão de um jogo e eu fui escalado para conhecer o norte do Peru. O Santos, que defendia o título e ainda contava Neymar e Ganso, enfrentaria o Juan Aurich.

O time peruano, considerado pequeno ou médio, vivia o seu melhor momento na história e receber o campeão representava uma oportunidade de dar um salto. Além de placas informando o que fazer se ocorresse um terremoto, era também perceptível que o evento se tornara um desafio para a cidade.

O jogo estava marcado, no horário local, para pouco antes das 18 horas. O técnico do Juan Aurich, o colombiano Diego Umaña, sabia bem o que representava jogar naquele horário e chegou mesmo a lembrar que o vento que vem do norte, além da grama sintética, seriam outros adversários desconhecidos para o Santos.

Foi igualmente marcante ver a primeira transmissão para todo o estado de Minas Gerais de uma partida de futebol realizada em Ituiutaba. Trabalhei no jogo e entendi o que aquilo representava. O Ituiutaba, que deu origem ao Boa Esporte, atualmente em Varginha, recebeu o Cruzeiro e lotou o acanhado estádio da Fazendinha. Jornalistas dos principais veículos de Minas estavam lá e era preciso fazer bonito.

Em pé, em uma posição de transmissão, vi crianças, jovens, adultos e idosos cantando para empurrar o time, para empurrar a cidade. Ainda é viva a memória de um senhor que era levantado e equilibrado pelos companheiros. Com olhos esbugalhados, ele gritava e regia a torcida. Quem era ele? O que ele fazia durante a semana? Qual a profissão dele? Perguntas que eu me fazia e que obviamente não encontravam respostas. Ele era mais um dos muitos personagens desconhecidos do futebol.

O Santos venceu e o Juan Aurich não foi longe na Libertadores. Nem mesmo conseguiu repetir boas campanhas locais em sequência e não se firmou nos primeiros lugares nas principais disputas do futebol peruano. O Ituiutaba venceu. Ganhou do Cruzeiro por 1 a 0 e a festa na Fazendinha só deve ter terminado quando, anos mais tarde, o clube trocou de nome e de cidade, deixando órfã a comunidade local e fazendo aquele torcedor que subia alto e gritava mais alto ainda voltar aos seus dias de cidadão comum. Nem ele tinha o time do coração para torcer, nem o estádio teve mais a honra de seus gritos.

Um estádio sem utilização, sem jogos é como um livro não lido. Ele está ali. Cheio de histórias para contar e querendo fazer parte da vida de muita gente, querendo se fazer presente nos sonhos, mas ninguém consegue pisar no grama-do, construir novas jogadas.

Orientada pela professora doutora Cristiane Rose de Cerqueira Duarte e também pela professora doutora Paula Uglione, a minha querida Natália Rodrigues de Melo entrou em campo e nos convida a entender mais sobre um estádio que tem até mesmo um xará na Europa. O estádio Rajko Mitic, em Belgrado, na Sérvia, foi inaugurado em 1963 e chegou a receber uma final de Liga dos Campeões em 1973. O apelido dado ao estádio do Estrela Vermelha é Marakana, sim, quase um Maracanã.

Natália se enfiou dentro daquele gigante e o que ele nos mostra é parte da riqueza histórica de um dos estádios mais famosos do mundo. Um estádio que recebeu muita gente, povoou e continua nos sonhos de muitos. Um estádio que passou por uma mudança significativa e que precisava do olhar técnico, vibrante e entusiasta na Natália.

Um estádio sem utilização é como livro não lido. Leia e se permita conhecer mais e com um olhar diferente sobre o Maracanã.

MARIO MARRA

Jornalista Esportivo da ESPN e da rádio CBN

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
PRIMEIRO CAPÍTULO: DEFINIÇÃO DA PARTIDA.....	27
A AMBIÊNCIA E OS ESPAÇOS FUTEBOLÍSTICOS.....	28
AMBIÊNCIA NOTÁVEL	33
MICROAMBIÊNCIA	34
MEMÓRIA E 'TRAUMA URBANO'.....	34
APROPRIAÇÃO, IDENTIDADE E APEGO AO LUGAR.....	46
MANIFESTAÇÕES NO ESPAÇO E O 'ESPAÇO FEITO TERRITÓRIO'	45
ANALISANDO AS MASSAS	49
SEGUNDO CAPÍTULO: PRELEÇÃO.....	53
BREVE HISTÓRICO SOBRE A ORIGEM DO FUTEBOL E DOS ESTÁDIOS NO BRASIL	54
O GRANDE MARACANÃ	63
O TOMBAMENTO E AS PRIMEIRAS REFORMAS DO GIGANTE DE CONCRETO	68
DO ESTÁDIO À ARENA MARACANÃ	74
A TORCIDA E A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR	83
O PAPEL DO TORCEDOR E O VALOR DAS MASSAS	85
TERCEIRO CAPÍTULO: ESQUEMA TÁTICO	99
ABORDAGEM ETNOGRÁFICA E ANÁLISE ETNOTOPOGRÁFICA.....	100
ARQUIVO MNEMÔNICO DO LUGAR.....	102
ARQUIVO MARACANÃ.....	104
QUARTO CAPÍTULO: PRIMEIRO TEMPO.....	107
CARACTERÍSTICAS DE OCUPAÇÃO DO NOVO MARACANÃ.....	108
O MARACANÃ E A REFORMA NA ÓTICA DE SEUS USUÁRIOS	114
QUADRO DE RELATOS E EXTRATOS METAFÓRICOS	121

QUINTO CAPÍTULO: SEGUNDO TEMPO	133
CAMPO DE BATALHA	134
LUGAR MÁGICO.....	159
O COLOSSO.....	171
TEATRO DE SONHOS E EMOÇÕES.....	177
ENGOMADINHO.....	193
 PLACAR DA RODADA	 211
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 221

INTRODUÇÃO

A presente obra debruça-se na análise das significações e ressignificações dos estádios de futebol no Brasil considerando as modificações ocorridas, sobretudo para a Copa do Mundo de 2014, e as relações afetivas estabelecidas e restabelecidas pelos torcedores. Dentro desse universo de palcos futebolísticos escolhemos para análise o grande estádio do Maracanã, dada sua importância histórica no universo de campos brasileiros, sua centralidade nos discursos políticos e sua ressonância em qualquer ação engendrada sobre o futebol.

O Futebol aqui é entendido não apenas como o jogo em si, mas como todo um conjunto de práticas sociais e culturais envolvidas em uma partida, incluindo seu suporte espacial. No Brasil, o futebol é “veneno-remédio” como afirma Wisnik (2008), ressaltando as características ambivalentes que a paixão por esse esporte desperta na sociedade brasileira.

O futebol não é apenas a ocasião para estudar a sociedade à sua volta, mas um dos elementos nucleares nos quais pode se ler, num nível não verbal, o fato irrefutável de que o Brasil é uma droga, em toda a potência ambivalente da expressão: a substância não substancial que se caracteriza por ser ao mesmo tempo mortífera e salvadora, redentora e destrutiva, dividindo-se e repondo-se, sem se decidir entre essas faces opostas. (WISNIK, 2008, pp. 244-245).

A importância atribuída a esse esporte, as práticas de torcidas, as lendas, as superstições, a frequência de idas ao estádio são fatos que possibilitam a compreensão da visão de mundo e dos valores dessa sociedade. Nesse sentido, o estádio de futebol emerge como uma forma concreta e organizadora para amparar o “vício” e a “sobriedade” do significado desse esporte na vida de cada entusiasta. O esporte, mistificado, procura um lugar para seus deuses e o estádio atinge, assim, o status quo de “templo”, uma vez que carrega as lembranças e as marcas de um grande clássico, de vitórias memoráveis ou até mesmo de derrotas arrebatadoras.

O estádio de futebol é um lugar de experiências engendradas no espaço físico e nas relações estabelecidas com o outro e com os aspectos sensíveis. Ele possui uma atmosfera que se modifica constantemente, porém ela está sempre lá, passando como um rio e unificando tudo que faz parte desse lugar. Essa atmosfera, a qual chamamos de ambiência, é capaz de favorecer a criação de um Espírito do Lugar e ao mesmo tempo de mantê-lo, por nunca se esgotar enquanto existir o estádio construído e a vontade dos torcedores em fazer parte de uma manifestação coletiva.

Para os romanos, cada lugar onde havia vida, havia também um espírito que se manifestava, circundando o local, dando alma e identidade própria a ele. Por essa razão, os romanos foram os primeiros a falarem dos Espírito do Lugar. Para eles, esse espírito ou *genius* era guardião de cada cidade, dava “alma” às pessoas pertencentes e aos próprios lugares, determinando o seu caráter. Modernamente, o termo voltou a sua origem latina “*Genius Loci*” e tornou-se uma expressão utilizada pela teoria da arquitetura para definir uma abordagem fenomenológica do ambiente e da interação entre lugar e identidade. Este conceito é proposto e passado para a arquitetura por Christian Norberg-Schulz e neste trabalho usamos o Espírito do Lugar em consonância com a ambiência do lugar, tema-chave que conduz este trabalho.

A ambiência é uma atmosfera que envolve e guia todos os elementos componentes de um determinado ambiente: espaço físico, relações humanas e aspectos sensíveis, modificando-os e sendo modificada. Discutir as reformas dos estádios do futebol pelo viés das ambiências nos leva então a refletir sobre as alterações do meio físico, mas sobretudo nos leva a analisar novas formas de manifestar apoio a uma equipe.

Após a década de 1980, período que trouxe grandes mudanças no futebol ao redor do mundo, as reformas dos estádios passaram a exigir mais modernidade e segurança ao público. No entanto, percebeu-se que o perfil de

torcedor para um público mais elitizado foi estimulado. No Brasil, as renovações dos estádios geraram discussões principalmente após os anos 2000, mas o auge ocorreu com as reformas/reconstruções para a Copa do Mundo de 2014. Os estádios sofreram alterações para receber os jogos do Mundial e buscaram atender mudanças que respaldavam a segurança, a limpeza e o espetáculo, porém trouxeram também aumento dos preços dos ingressos, excesso de vigilância e novos hábitos de torcer que suscitaram grandes discussões. Entendemos esses recintos como parte importante da cultura, da arquitetura e do cotidiano dos brasileiros, o que nos leva a pensar na discussão sobre as mudanças sofridas como o fio contextualizador das inquietações desta obra.

Diante dessa problemática trazida pelas reformas dos estádios, discutimos neste ensaio as rupturas ocorridas nos aportes arquitetônicos, simbólicos e sensíveis desses lugares. Tais como as arquibancadas que não são mais tão presentes, cedendo lugar para as cadeiras; a padronização das praças de alimentação e a preferência pelo fast-food; o torcedor mais comedido; a espetacularização proporcionada pelas corporações patrocinadoras e evidenciada pelo turismo elitizado... enfim, mudanças na estrutura e na relação dos torcedores com o estádio que, conseqüentemente, produzem “traumas espaciais” que são os efeitos dessas bruscas rupturas. Esses traumas criam uma emergência de ressignificação do que foi “danificado” a partir do acionamento da memória.

Dadas as rupturas físicas, sensíveis e sociais, começa-se um novo ciclo impulsionado por esse “trauma espacial”, que busca um novo remanejamento, um recomençar. Diante disso, perguntamo-nos: a ambiência corrobora para uma ressignificação desse lugar reformado? Como a memória “trabalha” na (re)construção simbólica destes lugares? As relações afetivas que os torcedores construíram ao longo de suas experiências no estádio, se rompem com estas mudanças?

Nós acreditamos que a ambiência do ritual futebolístico, caracterizada pelo fervor entusiástico, pela interpeessoalidade e por uma cadência de signos que levam ao dispositivo final - a torcida corporificada e a adoção do espaço temporário como lugar - tem papel preponderante na reinterpretação dos novos espaços físicos, surgidos pelas reformas de adaptação dos estádios, uma vez que as reordenações espaciais suscitam um novo padrão de torcedor e de sujeito. Deste modo, a presente obra investiga se as ambiências funcionam como o elo entre o passado e a situação atual dos estádios reformados e se elas são capazes de fazer emergir lembranças afetivas. Baseados no conceito de “trauma espacial”, buscamos também analisar se os novos usos, materializados nessas

ambiências, possibilitam a ressignificação dos espaços e se mantêm presentes as práticas e as crenças compartilhadas nesta nova situação.

Por carregar significados bastante específicos, que podem, muitas vezes, ser relacionados aos primeiros movimentos de defesa de território, aquilo que acontece nos estádios em dias de jogo pode ser comparado a um ritual. Logo, é assumida essa narrativa ritualística pelos torcedores e que perpassa tempos e gerações. Essa narrativa - que segundo Barthes (1976) significa mais que conhecer, mas reconhecer o conflito, pois é uma teoria investigativa e está presente em todos os tempos, lugares e sociedades - serve como meio para compreender essa dialética mnemônica que o estádio tem impregnado em sua parte física, simbólica, moral e sagrada.

Sendo a religião embasada em rituais e materializada em um templo, podemos assim fazer analogia em que o estádio é o local da manifestação ritualística do sagrado futebol, levando sentido mesmo com as passagens dos anos, carregando um espírito que é passado e orientado pela narrativa dos frequentadores. Esses torcedores, munidos de sua fé, são renovados com o passar do tempo e transmitem suas crenças para outras gerações. Amparados pelos seus “dogmas”, eles são dotados de uma identidade enraizada em sua crença na equipe e no ritual que ela proporciona mediante o jogo.

Assim, acreditamos que o estádio, mesmo que transformado em “arena multiuso” – recomendação da federação internacional de futebol – onde algumas referências foram perdidas, ainda consegue criar narrativas capazes de acionar lembranças e de ressignificar o lugar através de hábitos e práticas reestruturadas pelos novos usos. Sustentamos que os estádios são passíveis de uma nova significação pela força simbólica do futebol, mas, sobretudo pela corporificação dos torcedores envolvidos e co-criando seus símbolos, seus significados, suas paixões e, sobretudo, acionando suas memórias.

A nossa experiência no Maracanã começou em 2013, mediante uma pesquisa encomendada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq e pelo Ministério do Esporte (DUARTE et. al., 2014). Nosso trabalho buscava investigar a Acessibilidade e o Desenho Universal nas Instalações da Copa do Mundo de 2014 e os impactos no Turismo Inclusivo. O estádio ainda não havia sido aberto ao público, mas ficamos instigados, a partir dessa encomenda, a descobrir como seria a retomada do Maracanã reformado pelos torcedores. Uma vez reaberto, o público se manifestou. A priori, percebeu-se um grande descontentamento com o equipamento físico que foi feito de uma forma

completamente diferente do que era anteriormente. Em seguida, os torcedores passaram a sentir as mudanças nas formas de torcer e de agir dentro da atmosfera de cada partida. Isso nos levou a constatar que havia um trauma ocasionado pela reforma e assim criamos as bases para a nossa pesquisa.

O nosso trabalho foi desenvolvido a partir da etnotopografia que é um desdobramento do método etnográfico para uma “etnografia espacial”. Essa análise faz parte de conjunto de métodos desenvolvidos pelo Laboratório Arquitetura, Subjetividade e Cultura, Lasc / Proarq / Ufrj, amparado nas ciências humanas, porém focando os grupos socioculturais em um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si. A etnotopografia foca na compreensão do espaço enquanto materialização das culturas, subjetividades e projetos de vida. Ela também privilegia ferramentas e linguagens gráficas, o que nos ajudou na compreensão de formas espaciais para visualizar resultados.

Além das observações de cunho etnográfico/etnotopográfico, selecionamos narradores para a pesquisa de forma aleatória e buscamos tê-los como coparticipes da análise empírica. Este último foi o ponto principal do enfoque de campo, pois preconizamos em dar voz àqueles que formam junto com o espaço físico e o futebol, a tríade resistente do estádio: espaço físico – torcedor – esporte.

Esses narradores-torcedores foram convidados a narrarem livremente os seus sentimentos e as suas percepções sobre ambiência local. Como a pesquisa analisa tendências e não fatos objetivos, o número de informantes narradores não teve um universo e sim um foco de reverberação, uma vez que a metodologia qualitativa trabalha com projeções. Segundo Celano (2000), com as técnicas projetivas é possível fazer associações abstratas e inconscientes, bem como análise de fator emocional e latente, que não seriam reveladas em um discurso racional nem mesmo em índices estatísticos. Mesmo com autorizações e concessão do comitê de ética e pesquisa, preferimos manter o anonimato dos informantes. Investigamos os mais diversos torcedores, a fim de garantir a diversidade da amostra.

Ao final do nosso percurso metodológico, nos inspiramos no Arquivo Mnemônico do Lugar, uma ferramenta criada igualmente pelo Lasc a partir dos estudos de Uglione (2008), que tem o objetivo de potencializar o “trabalho” da memória a partir de relatos orais de narradores presentes nos lugares. Em nosso caso, a nossa intenção foi de buscar as narrativas do estádio construída pela memória invocada dentro da ambiência desses lugares. Por meio da análise dessas narrativas dos atuais torcedores, elencamos extratos ou “ecos” de narrativas que nos permitiram reconhecer o processo de (re)significação do lugar, e também de descobrir os significados (re)construídos do novo estádio.

Sustentamos que, se as reformas são rupturas que se impõem na história dos estádios de futebol, a memória mostra-se igualmente um elemento fundamental no trabalho de ressignificação desses lugares. Este trabalho opera sobretudo na reconstrução atmosférica destes “templos” de jogo e de torcida e nas fissuras inerentes a toda transformação. Enquanto os templos do futebol existirem e forem sendo ocupados eles construirão “camadas históricas”, que, assim em uma analogia com as paisagens urbanas, de Nelson Brissac Peixoto (1996), constituem,

horizonte saturado de inscrições, depósito em que se acumulam vestígios arqueológicos, antigos monumentos, traços de memória e o imaginário criado pela arte contemporânea. Esse cruzamento de diferentes espaços e tempos, entre diversos suportes e tipos de imagens, é que constitui a paisagem das cidades (PEIXOTO, 1996, p. 10).

PRIMEIRO CAPÍTULO: DEFINIÇÃO DA PARTIDA

A definição da partida é o momento no futebol quando as equipes conhecem seu adversário e o estádio onde haverá a disputa da bola. A partir dessa definição, os times podem analisar taticamente seu adversário, criar estratégias de jogo, conhecer as condições do campo e imaginar a ambiência que será orquestrada durante a peleja, seja de um simples amistoso ou de uma grande final de campeonato. A nossa definição da partida nos orienta no porvir, isto é, nos desdobramentos teóricos que englobam a nossa pesquisa. Neste capítulo, portanto, debruçamo-nos nas principais conceituações que conduzem esta obra.

Neste momento propomos um aprofundamento sobre os elementos primordiais do nosso jogo: a ambiência, a memória, o trauma espacial e todo o emaranhado que nos possibilita criar estratégias e melhor conhecer o terreno a qual estamos adentrando.

Concebemos o estádio de futebol como um fragmento da cidade. Ele é um equipamento-parte do meio construído, mas ele é sobretudo um microcosmo da própria cidade e da teia urbana que a cerca. Dentro dele nós visualizamos o bem construído, as definições territoriais, as relações entre os sujeitos-parte, as condições de pertencimento e os limites para cada membro, as segregações... enfim, um atmosfera criada e recriada a cada jogo, tendo como componente a memória e os entremeios de uma micro-sociedade em constante ebulição e renovação.

Enfatizamos neste capítulo que nosso interesse no estádio é mais que um olhar para o espaço construído. Tentamos ir mais fundo e buscamos compreender os elementos por trás de um “querer estar presente”, de fazer parte da experiência do torcer, de estar envolto em uma ambiência temporária, mas poderosa no que diz respeito à criação de uma identidade e de uma memória significativa. Dessa forma, o que se desenha nas próximas páginas do presente capítulo é o que irá nos fazer localizar dentro da presente obra e quem sabe dentro do interesse por trás dessa grande “paixão” de muitos pelo futebol.

A ambiência e os espaços futebolísticos

O espaço é compreendido por elementos que, em conjunto com as relações humanas, formam a ambiência. Segundo Thibaud (2004), ela precede e determina todos esses elementos de forma integrada. O termo deriva do vocábulo latim *ambire*, que significa rodear, cercar (DUARTE e PINHEIRO, 2009). Assim, aquilo que está contido em um dado ambiente é cercado ou rodeado por essa “atmosfera moral e material” chamada ambiência.

Para a existência e manutenção dessa atmosfera, é preciso haver um constante movimento dos elementos físicos, elementos sensíveis e das relações humanas com o espaço construído. Assim, ao tratarmos da atmosfera de um estádio de futebol, estamos falando do movimento da disputa da bola (atletas, campo, bola de futebol...) e do espetáculo gerado por isso e para isso (torcedores, bandeiras, arquibancadas...). Logo, são imprescindíveis para a existência e apreensão da ambiência os componentes físicos específicos para o direcionamento do “teatro” futebolístico e um número representativo de pessoas que apoiem e vibrem com o time, dando sentido e condição para a ambiência do espetáculo esportivo.

Essa colocação ratifica o que Duarte (2011) afirma sobre a ambiência. Para a autora, os estudos sobre esse conceito abarcam os aspectos sensíveis do

ambiente em contrapartida às pesquisas que vinham se mostrando incompletas ao se debruçarem somente nas funcionalidades e nas formas dos espaços construídos como fatores isolados.

A definição de ambiência não é fechada. À medida que as pesquisas avançam, novas análises são passíveis de inclusão. O que temos de compreensão global é que a ambiência é capaz de “[1] mobilizar o corpo, ou seja, convocar o movimento; [2] é indivisível, ou seja, estabelece lugar (no sentido do pertencimento); [3] e está em toda parte, pois participa do cotidiano das cidades” (DUARTE e PINHEIRO, 2009, p. 1). São as ambiências que possibilitam a interação entre a percepção, as emoções e as ações das pessoas em suas representações sociais e culturais, ou seja,

Nos leva a refletir sobre tipos de experiência, percepção e ação em determinados contextos urbanos que podem ser mais bem analisadas através do olhar narrativo e crítico. Logo, uma ambiência é necessariamente apreendida no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas das pessoas que a tornam possível (LASC, 2011, s/p)

A ambiência reúne domínios anteriormente separados e estudados isoladamente na arquitetura. Segundo Thibaud (2004), a pesquisa da ambiência é capaz de oferecer a possibilidade de reunir o espaço vivido e espaço concebido em uma abordagem dinâmica que se interessa aos modos sensíveis de estruturação de espaço e de tempo.

Nós trabalhamos, portanto, com um conceito que norteia e engloba aspectos funcionais, físicos, ambientais, sensíveis, experienciais e relacionais em movimento com um determinado local a um determinado momento. Isso implica em um caráter pragmático do conceito que, para ser tematizado, requer um retorno ao concreto com ações de observação e vivência. Essas ações e vivências são especialmente importantes quando se trata do estudo da experiência do torcedor e da apropriação do lugar dentro da ambiência do estádio de futebol.

Precisamos retornar ao concreto, ao lócus do espetáculo da bola, para ir além do olhar estático e então entender a ambiência. Precisamos senti-la. Somente a organização perceptiva poderá nos direcionar para além do primeiro contato, deixando-nos ser envolvidos pelo sensorial, que é produzido pelo movimento corpo-espaço, que se faz na ambiência. Logo, sabemos que é o corpo sensível quem vai dar sentido ao espaço através do movimento, das relações, das sobreposições e interposições que estabelecemos com o meio e todos seus aportes

fenomenológicos. Isso possibilita que a ambiência penetre no corpo e o corpo ganhe sentido em razão da ambiência de cada lugar.

Através do envolvimento/movimento do corpo com o meio, que entendemos que esses conceitos – corpo e espaço – não são dissociáveis das atividades sensorio-motoras (THIBAUD, 2004) e a experiência faz a ligação. Assim, a ambiência irá permitir a passagem da dimensão sensível para a dimensão cognitiva. Ou seja, o ambiente será conhecido, apreendido, e, haverá uma conscientização dessa atmosfera pelo usuário que a analisará segundo seus aspectos emocionais e afetivos tornando-a passível de ser arquivada na memória. Portanto, podemos afirmar que a tônica da ambiência é a corporificação¹ e esta é “necessariamente apreendida no ambiente construído, nos fenômenos sensoriais e nas ações contínuas das pessoas que a tornam possível.” (THIBAUD, 2004, p. 349).

Em se tratando da ambiência em um estádio de futebol, entendemos que a corporificação é realizada de maneira esporádica, pelo caráter eventual das partidas de futebol. Mesmo assim, essa corporificação é feita por vários torcedores com suas “encenações” características e específicas dando a tônica para essa atmosfera eventual. A ambiência, por sua vez, proporciona experiências, dadas às relações entre o sujeito com o espaço físico e com outros sujeitos. Logo, a ambiência mesmo que esporádica, se fortalece pela paixão do futebol - esporte que carrega símbolos importantes, sensações únicas e elementos próprios - e pela experiência situada, possibilitando o reconhecimento espacial e a apropriação desses lugares pelo torcedor.

Portanto, ao buscarmos analisar a ambiência, precisamos saber que esta empreitada requer mais um retorno ao campo empírico que ao teórico, como afirma Duarte (2011). Só temos a total noção do que essa atmosfera nos traz, quando estamos de fato envoltos nas sensações, nos sentimentos e nos movimentos de apropriação dentro do lócus da situação. Precisamos ser parte e estarmos envolvidos na experiência situada e no ato de experienciar.

Segundo Tuan (1983, p.10), “experienciar é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele por meio do processo perceptivo e da apreensão do espaço que o processo cognitivo se desenvolve e faz com que o indivíduo o conheça melhor e aja sobre ele”. De acordo com Duarte (2007), os padrões de agradabilidade - e aqui acrescentamos também repulsa – estão “inevitavelmente atrelados à experiência que se desenvolve nos lugares e são componentes formadores das ambiências urbanas” (DUARTE et al. 2007, p.7).

1 A corporificação pode ser entendida como o ato de corporificar, isto é, o corpo tem representação efetiva in loco e se torna presença real. A corporificação é indivíduo materializado em um determinado espaço, é a personificação.

A experiência é o que vai dar sentido à apropriação dos lugares por meio da identificação pessoal, mesmo que as representações sejam coletivas. Compreender os lugares requer entendimento das experiências situadas e da composição espaço e tempo para que a percepção dos lugares não seja entendida meramente como fator estático de vivência, uma vez que o espaço e o tempo são comumente cíclicos.

Dentro desses espaço-tempo os atores implicados criam uma relação com o lugar, com o SEU lugar. Como afirma Jodelet (2002), a relação que o sujeito estabelece com o seu espaço de vida lida com concepções de sentido e significado definidas através das experiências, que atribuem valor simbólico aos ambientes construídos através da cultura, relações sociais e jogos de poder.

Por conseguinte, o sujeito constrói sua identidade situada espacialmente. Atrelado a isso, os acontecimentos no espaço auxiliam no desenvolvimento da memória, que não está no lugar, mas o lugar que a faz trabalhar nas pessoas, implicando no lembrar e esquecer de maneira inconsciente.

A memória reflete a relação do passado, presente e futuro de cada usuário dos lugares e delimita um princípio importante no reconhecimento do potencial simbólico e apropriativo dos espaços construídos. Todo espaço conta a sua história e, de uma certa forma, as pessoas encontram nos Lugares os fragmentos de que necessitam para construir as suas próprias histórias individuais e coletivas. Dessa forma, podemos afirmar que a memória é o “cimento de construção” para a identidade dos grupos socioculturais e vice-versa. (DUARTE et al. 2007, p. 5)

Tuan (1983) afirma que quando o espaço se torna familiar para nós, ele se transforma em lugar. São os significados e definições que a eles atribuímos que possibilita a transformação em “nossos lugares”. As lembranças através de um cheiro, de um gosto, ao observar certas paisagens, o sentir-se impregnado do lugar é se apropriar, por intermédio da memória, aflorada pelos sentidos.

Essa familiaridade, despertada pela memória no emaranhado da ambiência é manifestada no coletivo, mas representada na individualidade pelo sujeito que se torna impregnado por essa atmosfera. A partir disso, ele é capaz de se identificar com os lugares e (re)criar uma identidade, que parte do seu envolvimento/movimento com o espaço. Em se tratando do futebol, essa reconstrução identitária

dos torcedores acontece em razão da cultura da bola em toda a ambiência do principal equipamento do jogo: o estádio. Ele é detentor de uma atmosfera particular, pois abriga características, manifestações e símbolos únicos ligados ao jogo de bola, e é lócus de conflitos e consensos que ocorrem somente nesse espaço, dotando-o de um grande poderio para ancorar uma identidade.

Assim, as ambiências que induzem os corpos à criação e recriação de lugares, que por sua vez, invocam a memória após ter sido trabalhada no inconsciente do sujeito, tornam-se também responsáveis pela criação de identidade daqueles que se envolvem nesta atmosfera. Essa identidade, porém, não é puramente pessoal, mas criada em razão do Outro. De acordo com Pollak (1992, p. 5), “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referências aos outros, em referências aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros”. Assim, focamos nossa pesquisa a partir da narrativa do sujeito que torce e vibra com seu time e transforma o estádio em sua referência via a adoração de seus ídolos (os jogadores) em constante identificação com eles e com os outros torcedores, reduzindo-os ao que entendem como familiar.

De acordo com as pesquisas do Lasc (2011), o outro não é necessariamente representado apenas pelas pessoas, mas pode ser também o próprio espaço urbano. Dessa forma, a identidade pode ser ancorada no próprio espaço e na noção de apego se estabelece em razão do reconhecimento com o lugar e da troca que se estabelece nele e com ele. Manter então relações de proximidade com o outro, neste caso o sujeito, deve compreender o acolhimento desse ambiente outro que, potencialmente, pode me trazer uma “afecção da alma” pela imposição de sua diferença, pois o outro sempre me afeta, como afirmam Alencar e Freire (2007) com base em Lévinas (2004).

A ambiência é força capaz de condicionar o afeto pelo lugar na medida em que há uma identificação/apropriação e cria bases para que o sujeito crie uma identidade. Segundo Pol (1996), a apropriação vem da necessidade do indivíduo de se diferenciar do outro, demarcando seu território e criando referenciais estáveis, que o ajudam na orientação e preservação de sua identidade. Para ele, existe a necessidade de compatibilizar o novo com estruturas mentais já apreendidas. Transformação do diferente em igual, do estranho em familiar, do outro em si mesmo.

As ambiências são impulsionadas pelas várias necessidades dos sujeitos que se identificam e se reconhecem no lugar, que pode ser considerado o outro, à medida que ele é inspirador, criador e impulsiona ao afeto. Dessa forma, o envolvimento dos torcedores com o estádio, principalmente quando ele é reformando, é importante para o reestabelecimento de uma relação afetiva com o outro, neste caso, o novo estádio.

AMBIÊNCIA NOTÁVEL

A ambiência permeia tanto situações ordinárias, cotidianas, quanto situações que acontecem esporadicamente e que são permeadas por algumas rupturas do dia-a-dia, como uma festa, uma parada militar, um bloco de carnaval ou mesmo uma partida de futebol.

Segundo Thibaud (2016), uma ambiência nos afeta, na maioria das vezes, sem o nosso conhecimento, sem que realmente percebamos, procedendo por infiltração e impregnação lenta e durável. Mesmo que percebamos estar inseridos em uma ambiência, geralmente esta continua no estado infraconsciente, infundindo secretamente situações e continuamente nos acompanhando e nos afetando (THIBAUD, 2016).

Outras vezes, no entanto, somos afetados ativamente em situações que nos trazem a consciência de estar fazendo parte de uma ambiência memorável. Essa conscientização é despertada pela força que emana dessas ambiências, por sua pregnância, por suas características sensoriais e seu significado, por seu potencial em induzir comportamentos e ações, pela relação intensa que se estabelece entre o espaço e seus ocupantes (e nos ocupantes entre si). É o que chamamos de ambiências notáveis. Ao se referir às ambiências notáveis, Torgue (2004) enfatiza “que esse momento é rasgado da vida ordinária, envolvendo uma ruptura de valores e reabilitando o corpo e o coletivo” (2004, p.11).

Torgue (2004) atesta ainda, que a nossa afetação ativa em situações notáveis, pois há uma configuração eminentemente anamnésica. Um grande número de detalhes será memorizado e será fonte de evocações ricas, muito compartilhadas.

MICROAMBIÊNCIA

A ambiência pode ser analisada a partir de fragmentos circunscritos dentro de sua delimitação em uma área maior. Esses fragmentos são compreendidos como microambiências, comportando pequenos grupos que “compartilham e/ou experimentam um mesmo acontecimento, uma mesma atividade num determinado espaço, cujas características sensitivas ajudam a proporcionar essas práticas sociais que se constituem em bordas de menor reverberação”, conforme elucida Lira (2015, p. 64).

Em uma área maior, as microambiências afetam e são afetadas, porém, por terem porções menores são detectadas pelas bordas que criam franjas ou os limites perceptíveis que reforçam a sua inserção em uma atmosfera maior ou somente expressam fronteiras em um espaço e por isso não reforça a manutenção em uma ambiência. Lira (2015) atesta que, por essa razão, a compreensão das microambiências requer entendimento sobre noções de apropriação e ocupação, bem como deslocamentos e suas nuances de velocidades e repousos.

Buscaremos traçar as microambiências no estádio a partir das análises observacionais atentando para a dinâmica nos territórios. Entretanto, mesmo compreendendo os deslocamentos das microambiências, observamos somente as “zonas de (re)pouso” proposto por Lira (2015), uma vez que trabalhamos com as formas de ocupação e apropriação geradas dentro do espaço do Maracanã. De qualquer forma, não desconsideraremos que as microambiências são caracterizadas pelas constantes alterações de elementos sensíveis e dinâmicas das configurações e reconfigurações das ocupações dos espaços.

Memória e ‘trauma urbano’

Nesta parte do capítulo, interessa-nos reunir e confrontar reflexões que justifiquem por que entendemos que a memória é um elemento fundamental para uma análise da atmosfera do estádio de futebol reformado. Esse caminho implica evidentemente em conformar um entendimento acerca da relação e imbricação da memória no fenômeno chamado ambiência.

Partimos primeiramente da compreensão de que tanto a ambiência, como a memória, tem grande abrangência de definições e estão em constante construção. No entanto, defendemos que a ambiência precede e condiciona o que

está contido em um dado ambiente. Logo, podemos assim dizer que a memória é componente da atmosfera do lugar e pode ser invocada pelos aspectos físicos e sensíveis ao mesmo tempo em que (re)convoca uma ambiência do lugar, trazida e acionada pelas lembranças.

A memória é uma “estória” forjada que, segundo Jodelet (2002), forma-se através de uma dialética do passado, presente e futuro, a qual o presente encontra fundamentação no passado. É um jeito de desenvolver contato com as lembranças, tradições e costumes, sob determinada ótica. A memória está estritamente conectada com a cultura e identidade de determinado povo, sociedade, grupo ou indivíduo e com sua relação com a cidade. A memória, segundo a autora, é viva e atual, em evolução e mutável, mas, ao mesmo tempo, vulnerável e propensa ao esquecimento.

Segundo Bergson (1999), a memória tem por função primeira “evocar todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, recordar-nos o que precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil” (p. 266). Podemos então assentir que uma memória primária demandará uma experiência com um lugar ou com os outros para se formar, ou seja, ela demandará movimento. Assim, analisarmos a experiência sensorial dentro de uma ambiência é o primeiro passo para buscarmos base para a memória da nossa pesquisa.

A experiência sensorial ou experiência sensível é o que permite uma representação do mundo e essa experiência pode levar a um conhecimento espacial através da percepção e, posteriormente, a formação de uma memória. A percepção então necessitará do indivíduo personificado que é capaz de invocar todos os sentidos e todos eles em movimento. São esses sentidos que irão acessar o mundo e transformar a experiência sensível em cinestesia². O processo cinestésico depende de cada pessoa, pois é individual e a memória gerada é radicalmente diferente em um mesmo evento.

Segundo Saraiva (2001) o indivíduo como ser social tem acesso ao sensível atrelado ao grupo, e a percepção é sempre a percepção de alguém em um contexto social e físico. Quando tratamos do estádio de futebol, estamos abordando uma memória vinculada às sensações desencadeadas em relação com os outros presentes em um específico ambiente físico. A memória poderá então ser despertada pelo fascínio experimentado por alguém que vai assistir a uma partida

2 Cinestesia é um conjunto de sensações que nos permite a percepção dos movimentos. Segundo Scott Sherrington (1956) um estado cinestésico é quando um indivíduo está intensamente ligado ao que sente dentro de si mesmo, seja de maneira objetiva (o seu corpo, o que cheira, toca, sua sensação de peso, temperatura, tensão muscular) ou subjetiva (o que imagina neste tipo de percepção). Isto é, é aquele estado onde sua consciência está focada nas sensações proprioceptivas, gustativas, olfativas e táteis.

de futebol pela primeira vez ou por quem que vai assistir constantemente. A percepção, neste caso, é a percepção de um universo particular de sensações e de paixões pelo jogo de bola e a memória se formará à partir de fragmentos envoltos no processo cinestésico e mítico desse esporte.

Sendo o jogo de futebol um evento esporádico, mas deveras marcante e criador de uma identidade - o que o faz constantemente buscado - analisamos igualmente a memória pelo conceito de habitus. Bordieu (1984), aperfeiçoando esse conceito de Aristóteles, concebe o habitus como um instrumento que auxilia pensar a relação, a mediação entre os condicionamentos sociais e a subjetividade dos sujeitos. É um conceito em constante reformulação, mas tem um sistema engendrado no passado e que orienta as ações no presente. Segundo Setton (2002), a partir do habitus os indivíduos orientam as suas escolhas e ele auxilia a pensar as identidades sociais.

Segundo Romieu (2009), o habitus possibilita ter um conhecimento pelo corpo, o que faz gerar uma memória habitual, que por sua vez nos permitirá pensar o corpo em conhecimento, num delineamento cíclico. Em sua tese sobre a experiência sonora das ambiências festivas, Romieu utiliza do habitus para entender melhor o efeito da religação estabelecida entre o corpo e o ambiente. A festa sendo um evento efêmero deixará “marcas” pela ambiência notável assimilada no ambiente festivo mesmo que “desaparecendo” por um período, não importando que todos não experimentem a operação com a mesma intensidade.

O estádio é ocupado de forma eventual pelos partícipes e, enquanto vazio, possui uma ambiência pasteurizada com uma memória estática, que remete somente a um passado histórico. A ocupação para os jogos cria e recria a ambiência pelos corpos situados. O lugar, como relata Romieu, não é dado a priori, ele é objeto de uma reconquista permanente. No caso do estádio, a massa da torcida é quem retira essa pasteurização em dias de jogos e reaciona a atmosfera.

Entendendo os torcedores como artesãos da “festa” do jogo de bola, ilustramos, com um relato de Romieu que os torcedores esperam com impaciência o retorno de uma atmosfera de que são de fato os artesãos, os únicos criadores, mas cujo retorno parece participar de uma alteridade irreduzível! Nada, de fato, neste domínio, pode depender unicamente de si mesmo. É uma pura alquimia coletivamente imprevisível! (ROMIEU, 2009, p. 88 – tradução nossa)

A memória é então produzida por uma percepção sensorial, que se forma no individual, mas se consolida através da experiência coletiva. Em seguida, ela “retorna” para o lugar quando preenchido de pessoas, e retroalimenta a atmosfera desse lugar, mesmo que sem um continuum diário. Embora a partida de futebol não seja um acontecimento frequente, ela possui na sua eventualidade forte caráter de replicação e (re)construção da memória.

Por isso ela, a memória, também é construída pelo habitus. Mesmo que as marcas deixadas nas pessoas sejam particulares, o habitus nos leva a compreender uma homogeneidade nas disposições, nos gostos preferenciais de grupos e/ou indivíduos produtos de uma mesma trajetória social. No caso do estádio e de todos os elementos que circundam o futebol, o habitus vincula-se à trajetória traçada sobretudo pela paixão e pela identidade gerada por tal esporte.

A teoria boudieusiana salienta que o habitus define a percepção da situação que o determina, através de experiências que se integram na unidade podendo determinar uma estrutura familiar. “O estilo pessoal, isto é, essa marca particular que carregam todos os produtos de um mesmo habitus, práticas ou obras, não é senão um desvio, ele próprio regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe.” (Bourdieu, 1983, p. 80-81).

Isto é, se pensarmos na primeira partida de futebol em um novo estádio, teremos várias percepções diferentes e novas dentro da atmosfera orquestrada, porém sentidas no coletivo. Através de fragmentos da memória com o futebol em outros estádios e que são trazidas no novo lugar, bem como das camadas que vão se formando com as novas apropriações, a memória vai sendo delineada e (re)acionada, criando um habitus dentro da ambiência do novo estádio, gerando códigos para uma familiarização.

Podemos atentar que um gol visto na final de um campeonato e que consagrou a equipe campeã foi presenciado e sentido por diferentes pessoas, mas cada sujeito percebeu individualmente, criando parte de sua memória referente à emoção (ou decepção) da sensação do momento. Isso não é repassado *ipsis litteris* a outras pessoas, mas é parte de uma retórica e se tornará fragmento na vida de muitas pessoas que replicarão esse acontecimento.

Esses fragmentos são acúmulos de lembranças escondidas ou renovadas, que se demandadas novamente, elas ressurgem recontadas, reformuladas e ressignificadas. Através de pesquisas sobre o psiquismo, Freud escreveu em 1895 um texto que traz à discussão sobre o arquivamento da memória. No texto intitulado Projeto de uma Psicologia Científica, o autor propõe um modelo pensado

como uma “máquina de escrever”. Essa máquina serviria para capturar, organizar e disponibilizar elementos para ser o repertório a partir do qual as experiências perceptivas, comportamentais, cognitivas e afetivas de cada pessoa encontrariam um suporte. Segundo Uglione (2008), ele traz a inconsciência como suporte para estudar a memória, memória esta que se sobrepõe a outras e ficaram perdidas em alguma “gaveta” do inconsciente.

O autor explica que o arquivo é o esquecimento da memória. É esquecer-se de lembrar, de buscar a lembrança e ao mesmo tempo a legitimação da nossa capacidade de esquecimento, das folhas da memória. Ao reunir documentos, guardar, arquivar, atestamos a possibilidade iminente de que podemos nos esquecer deles.

Em seu trabalho sobre o arquivo mnemônico do lugar, Uglione (2008) des-trincha o trabalho freudiano e aborda a memória em um complexo processo de inscrição no psiquismo dos traços retidos pela percepção. Segundo a autora, “a recordação é uma das tarefas da memória - assim como esquecimento é outra de suas tarefas - sendo a denominação usual quando se pretende ‘fazer a memória trabalhar’”. (UGLIONE, 2008, p. 65). Viver as emoções através dos aspectos sensoriais de um estádio é fazer a memória trabalhar, pois os relatos invocam sentimentos e sensações arquivadas.

Ainda de acordo com Uglione (2008), a memória é escritura. Ela se ancora em Derrida e atesta que na tradição greco-romana, a sensorialidade, traduzida pela voz, teria superioridade sobre a escrita. “A voz seria a linguagem primitiva das experiências humanas, e a escrita, apenas uma ferramenta” (p. 16). Com Freud, isso se altera e a memória estabelece relação com a escrita.

Derrida (2001), em sua palestra que depois se tornou livro, “o Mal de Arquivo: uma impressão Feudiana”, ao relatar uma carta do pai de Freud para o filho diz que “o pai dá a seu filho ao mesmo tempo uma escritura e seu suporte” (p. 34). Isto é, o arquivo é escrita e reescrita, mas deveras apagado, criando no sujeito um palimpsesto que forma o seu ser. Esse suporte tem relação com as tradições e escolhas que são deixados de legado.

Os fragmentos da memória, com base em lembranças e esquecimentos, arquivados e reescritos, são formados individualmente, mas consolidados a partir da memória coletiva, como atesta Halbwachs (1990). O autor se ampara na fenomenologia e ratifica, assim como Bergson, que a memória é construída por uma percepção subjetiva, mas a partir de diferentes participações coletivas dos sujeitos nos acontecimentos sociais. Para ele, a memória não se confunde com a história, porque ao contrário, é uma narrativa que estabelece marcos, que delimita, que

cria rupturas entre períodos, acontecimentos, lugares. A história refere-se às sínteses dos grandes acontecimentos históricos e a memória é relativa aos “detalhes”. (HALBWACHS apud UGLIONE, 2008, p. 47).

A memória coletiva, segundo Halbwachs, se apoia sobre o passado vivido, então ela é sempre uma narrativa viva e natural, “...é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, ela é um quadro de analogias” (1990, p.84). A partir do momento em que o acontecimento ocorre, ele se fixa no imaginário e ao ser contado passa por um filtro que respeita determinado foco e se transforma em uma “estória” tramada.

Segundo Halbwachs, não há memória que não aconteça sem um contexto espacial.

[...] é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes. (HALBWACHS, 1990, p. 160).

Mas a memória, segundo Bergson (1999), não está nos lugares e sim os lugares que fazem a memória trabalhar nas pessoas, instigando histórias recontadas. Assim, as pessoas são incentivadas pelos lugares a reconstruírem narrativas usando suas lembranças e esquecimentos, denotando, dessa forma, a condição de lugares. Isto somente é possível, pois é parte de uma ambiência que engloba o que está contido e o que produzido pelos espaços urbanos.

A ambiência nada mais é que invólucro das relações, pois ela precede e condiciona o que está contido no espaço. Segundo Pinheiro (2004), tudo o que nos rodeia é produzido por práticas sociais que, por suas atividades, definem o ambiente urbano. A ambiência, desta forma, funciona como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários das cidades em uma dada situação.

A ambiência, como explanado anteriormente, envolve as relações materiais em interação com a percepção, emoções e ações dos sujeitos, bem como suas representações sociais e culturais. Como afirma Augoyard (2004), a ambiência é uma atmosfera material e moral que envolve um lugar e as pessoas que dele fazem parte. Através da ambiência, as pessoas compreendem o espaço por meio de suas próprias experiências e das relações que estabelecem com os lugares, criando vínculos.

Deste modo, a razão fundamental de ser de um lugar de/para a memória não é parar o tempo, nem bloquear o trabalho do esquecimento, ou fixar um estado de coisas, é torna-lo parte de uma constância dos usos, de uma prática de apropriação. Esses lugares vivem de sua aptidão para a metamorfose. E é através dessa aptidão pela metamorfose que analisamos o papel da ambiência no processo de (re)significação dos estádios reformados.

Porém, Montaner e Muxi (2014) afirmam que tudo o que presenciamos atualmente ocorre por uma tendência geral do sistema de construção das cidades de apagar a memória urbana com o objetivo de debilitar as redes sociais e comunitárias. Notamos uma dissolução da memória plural e complexa, pois há um mecanismo político que pretende impor novas identidades coletivas, concepções simples e manipuladas do social.

Neste caso, a memória é usada para construir diferenças. E é nisso que focamos nossa pesquisa, pois é nitidamente o que vem ocorrendo com os estádios de futebol no Brasil e no mundo. Uma conduta demarcada por mudanças e imposições globais que modificam o espaço e o transformam em outro. Em um primeiro momento, resta um trauma.

O Trauma espacial ou urbano é o que resta de um acontecimento físico e que altera a experiência do lugar. Segundo Duarte, Uglione e Vilaça (2012) esse trauma marca uma ruptura no tecido identitário dos seus usuários passando a exigir destes um trabalho de ressignificação do espaço em questão.

Segundo Uglione (2008), a memória é acionada para o trabalho simbólico de ressignificar o que foi "danificado" com a ruptura causada pelo trauma. Segundo a autora, a memória, frente a um trauma, rompe com uma identidade, pois provoca certa implosão do eu. A partir dessa implosão, a "máquina escriturária" da memória começa a trabalhar na busca de novas significações para aquilo que se rompe nos acontecimentos, nas transformações pelas quais a vida está passmada.

Diante das mudanças dos estádios, nos deparamos com o moderno se impondo como uma necessidade em contrapartida ao desejo de continuidade do que outrora era "melhor". São as "novas" narrativas que difundem o trauma devido às perdas do passado e que deram lugar a algo que se tornou mais "atrativo". Há em cada narrativa uma nostalgia pelo que era antes, mas buscando entender o que se tornou o mundo moderno. O passado e a modernidade andam lado a lado no processo de rememoração.

O trauma é comercializado tanto quanto o divertimento e nem mesmo para diferentes consumidores de memórias. É também muito fácil sugerir que os espectros do passado que assombram as sociedades modernas, com uma força nunca antes conhecida, articulam realmente, pela via do deslocamento, um crescente medo do futuro, num tempo em que a crença no progresso da modernidade está profundamente abalada. (HYUSSEN, 2004, p. 22)

Por isso, concordamos que existam Lugares de Memória como atestou Nora (1981), pois eles compensam a perda dos meios de memória uma vez que pela vivência no local sofrido pelas rupturas, ainda é possível rememorar pelos fragmentos deixados e pelas manifestações dos pares. A memória irá criar e recriar aquilo que se perdeu. Não é preciso estagnar, mas também não é preciso esgotar o que existia. Hyussen (2004) afirma que ser moderno não significa cortar todos os elos com o passado.

Essa força é impulsionada pela ambiência do lugar que é a força motriz para que a narrativa continue sendo repassada e o indivíduo consiga ser parte novamente daquele lugar. Mesmo o local em permanente mutação, como é o caso dos estádios, ele é antes de tudo o lugar da experiência, da corporificação das pessoas, do imaginário e da memória.

Trata-se de construir no construído, de criar lugar sem romper com a paisagem de que partiu. Um espaço pleno de significado, um lugar carregado de símbolos da sociabilidade. Uma arquitetura voltada para a poesia da situação, impregnada pelo entorno, reinvestida do seu poder de evocação. Tentativa de restabelecimento da urbanidade, arquitetura de pequenos gastos e lembranças: redescoberta da cidade e descrição arquitetônica. Pressupõem um pertencimento. A arquitetura torna-se transformação do que está dado, quando o lugar é o fundamento do projeto. (PEIXOTO, 1996, p. 286)

A memória pode ser atualizada, expressa por meio das mais diversas formas de comunicação e ser parte de uma narrativa atualizada. Por isso a preservação não deve estar vinculada a um engessamento ou a um medo do progresso. Entretanto, há velocidade (e desejo) nas rupturas, como no caso dos estádios renovados, o que causa 'traumas urbanos' por aniquilarem uma memória genuína, criando memórias genéricas.

[...] Nosso mal-estar parece fluir de uma sobrecarga informacional e perceptual combinada com uma aceleração cultural, com as quais nem a nossa psique nem os nossos sentidos estão bem equipados para lidar. Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto. [...] (HYUSSEN, 2004, p. 32)

São essas as narrativas que buscamos em nossa pesquisa, narrativas que expressam a memória da vivência do novo lugar, ao mesmo tempo que reafirmam o passado pelas manifestações culturais, sociais, artísticas... causando assim o menor 'trauma'. Mesmo sendo a memória sempre transitória, como afirma o próprio Hyussen (2004), é nela que encontramos o nosso elo com o passado e os modelos de rememorar que nos definem no presente.

Apropriação, identidade e apego ao lugar

Neste tópico pretendemos esmiuçar um pouco mais os conceitos de apropriação do espaço, identidade e apego ao lugar, pois esses temas são deveras importantes para a compreensão de torcedor com o estádio reformado, isto é, com o "novo" estádio. Usamos conceitos da Psicologia Ambiental, mas não mergulhamos à fundo nas diferenciações, uma vez que existem diversas correntes de pensamento que teorizam a respeito sobre eles.

Segundo Tuan (1983), para o espaço se tornar Lugar é preciso que haja um processo de familiarização. Porém, para que esse processo seja concluído, os sujeitos integrantes desse determinado espaço precisam primeiro se identificar com esses espaços, com mecanismos de apropriação. A partir dessa apropriação do espaço, ou seja, da demarcação de seu território e de mecanismos de orientação, cria-se uma identidade com o lugar. A identidade pressupõe familiaridade e essa familiaridade vincula-se ao quanto uma pessoa é afetada pelo lugar - e pela ambiência - nos permitindo compreender os mecanismos de apego ao lugar.

Trabalhamos com esses conceitos a partir da experiência situada em uma ambiência sensível dos estádios. Assim, esses conceitos dentro do processo

de transformação do espaço, se cruzam e se entrelaçam permitindo o reconhecimento do lugar e, por conseguinte, uma familiaridade.

Essa tríade - apropriação, identidade e apego - é parte de uma teia teórica que utilizamos para investigar o estádio enquanto receptáculo dos indivíduos capazes de torna-lo lugar. Não somente um lugar ancorado no espaço físico, mas ancorado também em uma narrativa capaz de difundir a importância desse equipamento como base para um dos esportes mais aclamados no mundo e para a vida dos apaixonados pelo futebol. O estádio enquanto abrigo dos sujeitos e das relações humanas, envolto por uma ambiência que permite que a memória seja trabalhada, se torna algo superior ao espaço físico e ultrapassa a história para deixar marcas importantes no eu, no outro e no próprio espaço.

Como mencionamos anteriormente com base nos escritos de Pol (1996): a apropriação é a necessidade do indivíduo se diferenciar do outro e, conseqüentemente, de marcar seu território. Em nossa pesquisa nós tratamos de uma apropriação dentro da ética da alteridade e entendemos quando os sujeitos situados dentro do estádio transformam o outro no mesmo, eliminando as diferenças.

Em uma relação dialética com a identificação dos lugares, a apropriação é um processo que implica a transformação do espaço por meio de impressões deixadas pelos sujeitos que o experienciam. Por isso, esses espaços criam as bases para ancorar a identidade. Suponhamos que em um equipamento esportivo, como o estádio, não haja mais o futebol. Neste caso, a apropriação do espaço será nula. Porém, uma vez apropriado no passado, mesmo que reformulado, as marcas deixadas pelos torcedores serão buscadas, podendo ser renovadas e/ou recriadas. Nos dias atuais, o futebol se renova, o estádio fica mais tecnológico, com torcedores que vem e vão, mas a essência do jogo, os mecanismos de compilação do ambiente físico e a paixão não se perdem.

Segundo Derrida (2003), o lugar desconhecido gera uma inquietude a princípio, porém com a experiência situada começa-se um processo lento de familiarização com esse desconhecido. Pouco a pouco o mal-estar se interrompe e o trabalho de apropriação tem início. O objetivo dessa apropriação é, contudo, a busca da identidade.

Segundo Pollak (1992), a identidade é uma imagem que a pessoa adquire ao longo da vida, referente a ela própria, uma imagem que apresenta a outras pessoas, e uma imagem da forma como quer ser percebida. Porém, a identidade é formada em interação com os outros e essa percepção da própria identidade é

subjetiva, uma vez que está atrelada ao processo de seleção da memória que se faz ao longo da vida criando as próprias identificações e representações. A identidade precisa igualmente de um espaço para se ancorar. Segundo Lynch “[...], os locais equilibrados e identificáveis são cabides convenientes nos quais se podem pendurar as memórias, os sentimentos e os valores pessoais” (1997, p. 128). Portanto, a identidade é constituída por registros da memória que dependem do quão afetado o sujeito está pelo lugar que a ancora.

Ao tratarem do apego do lugar, Alencar e Freire (2007), expressam a questão do afeto e da acolhida e deixam evidentes o quão vinculadas estão às sensações que a ambiência proporciona. Para eles, apego ao lugar diz respeito ao vínculo afetivo estabelecido entre a pessoa e um ambiente, sem que seja necessário um processo de identificação prévio com esse meio. Para se estabelecer um desejo de proximidade com o ambiente, não é preciso se apropriar dele ou se formar a partir do mesmo uma identidade de lugar, mas sim comportar uma atitude ética de aceitação de sua diferença perante o outro e suas manifestações.

As teorias contemporâneas sobre o lugar atentam para algo mutável, ambulante, nômade (CUFF, 2003). O lugar é onde estou. E já que somos (todos) receptáculos de lembranças que construirão narrativas de lugares, o lugar é justamente onde a relação de afeto se instituiu. Pensarmos então na narrativa do estádio como algo preponderante e imprescindível no processo de afetação por ele, podemos afirmar que a memória invocada e envolta na ambiência desse equipamento, é a principal responsável pela transmissão de elementos que simbolizam esse espaço e o torna propício para o apego e, por conseguinte, para o afeto.

Segundo Hourcade (2017), o link entre um indivíduo que regularmente vai ao estádio é o emocional. Esse afeto com o lugar se dá porque o torcedor remete aos laços familiares e de amizades criados nesse equipamento. A ligação não é apenas desportiva, é uma experiência amigável ou familiar com laços sociais que às vezes são extremamente fortes. As pessoas estabelecem relações subjetivas com os lugares e sem que percebam, são afetadas.

Manifestações no espaço e o 'espaço feito território'

O futebol, segundo Wisnik (2008), é uma língua geral que coloca em contato as populações e tem profunda inserção das experiências coletivas, possibilitando assim a criação de uma identidade que se ampara nos torneios, nos espaços de realização dos jogos, nos símbolos e nas relações com os outros, que desfrutam da mesma paixão. O futebol carrega consigo uma ambiência, embebida de todos os elementos que compõem esse esporte, mas que precisa sempre estar ancorada no espaço do espetáculo futebolístico, que pode ser a várzea, o campinho do colégio, e claro, o estádio.

Segundo Mascarenhas (2005), o estádio de futebol é um equipamento dotado de uma poderosa semiótica e admite um conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o ressignificam enquanto território, pois são os torcedores que demarcam os espaços com relação aos outros. Com base em Lefebvre (2006), Mascarenhas afirma que esses espaços fornecem o subsídio necessário para essa apropriação simbólica e concreta necessárias para a territorialização que se pauta na oposição dominação-apropriação. Como afirmou Haesbaert (2011): existe um diálogo do campo simbólico com o político no território. Neste caso, no território do estádio.

No estádio, observamos a relação do simbólico com o político nas representações sociais daqueles que o frequentam e na organização e gestão do espaço. Voltando para a teoria de Lefebvre (2006), isso fica claro quando o autor trata do espaço concebido, ou seja, aquele onde ocorrem as representações do espaço produzidas pelas relações de poder, e do espaço vivido, aquele usufruído, ligado ao simbólico das representações sociais no qual "os significados atribuídos aos objetos podem ser modificados em relação ao espaço físico" (CAMPOS, 2006).

(O espaço concebido) é o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas reservas sobre as quais será preciso retornar) para um sistema de signos verbais, portanto, elaborados intelectualmente. [...] (o espaço vivido é o) espaço dos "habitantes", dos "usuários", mas também de certos artistas e talvez dos que descrevem e acreditam somente descrever: os escritores, os

filósofos. Trata-se do espaço dominado, portanto, suportado, que a imaginação tenta modificar e apropriar. (LEFEBVRE, 2006, p. 66)

Esse espaço o qual Lefebvre (2006) se refere é, segundo Haesbaert (2005), um espaço “trabalhado” por um “espaço-processo”, pois, segundo o autor, é um “espaço socialmente construído”. Assim, Haesbaert afirma que o espaço trabalhado por Lefebvre é um “espaço feito território”, pois abarca os processos de apropriação e dominação.

A diferença é que, se o espaço social aparece de maneira difusa por toda a sociedade e pode, assim, ser trabalhado de forma genérica, o território e os processos de desterritorialização devem ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato controlam esse(s) espaço(s) e, consequentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m). (HAESBAERT, 2005, p. 2)

Assim, o estádio de futebol, enquanto espaço social determinará o território que irá aparecer enquanto dominado e apropriado por aqueles sujeitos ora “atores hegemônicos” ora como “atores hegemonzados” (HAESBAERT, 2005).

Enquanto definição, território, segundo Raffestin (1993), é o espaço onde se projetou trabalho, energia e informação, revelando, por consequência, relações marcadas pelo poder. Fazendo a diferenciação com o espaço, o autor diz que esse primeiro é a “prisão original”, já o território é a prisão que os homens constroem para si. (RAFFESTIN, 1993, p. 144)

Esse homem enquanto ator-produtor do território comunica suas intenções e a realidade por intermédio de um sistema sêmico, o que ratifica mais uma vez o espaço enquanto território em Lefebvre, uma vez que o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou território vivido. “É, em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação”. (RAFFESTIN, 1993, p. 147)

Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem “territórios”. Essa produção de território se inscreve perfeitamente no campo do poder de nossa problemática relacional. Todos nós combinamos energia e informação, que estruturamos com códigos em função de certos objetivos. Todos nós elaboramos

As torcidas de uma equipe de futebol, enquanto atores em um estádio, são fortes responsáveis nessa produção do território. A demarcação não está somente atrelada ao fator preço, ou como parte do valor de troca do local, mas em função das demarcações ou limites, mesmo que às vezes não visíveis, pelo ato de torcer. As diversas organizadas de um mesmo clube, os aficionados para estarem próximos à grama, enfim vários torcedores que demarcam seus territórios.

Raffestin (1993) ratifica que falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite, pois exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo é a delimitação. Delimitar é, portanto, isolar ou subtrair momentaneamente ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa. E isso é nítido no estádio, uma vez que torcer pelo mesmo time às vezes não é condicionante do espaço, cada um pega a sua porção pelo pertencimento ao mesmo grupo e naquele território os que ficam são aceitos mediante uma característica imposta por quem tem o “comando”.

Por vezes, esse poder não é necessariamente o “poder político” ou autoritário. De acordo com Haesbaert (2005), ele pode ser o poder concreto, de dominação, mas também o poder no sentido simbólico, de apropriação. Se utilizando de Lefebvre, Haesbaert escreve que a apropriação é diferente da dominação, pois o primeiro é um processo muito mais simbólico e o segundo mais concreto, como já vimos na diferenciação do espaço concebido e vivido. Segundo Haesbaert (2005), ainda em relação a Lefebvre, o ideal seria que a dominação e apropriação caminhassem juntas, porém, tendo a última um valor maior que a primeira.

Mais que uma relação de dominação, o território está pautado no âmbito simbólico-cultural. Segundo Haesbert, o território “cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido.” (HAESBAERT, 2011, p.40).

Assim, segundo Perni (2014), em dias de partidas nos estádios as torcidas com seus cânticos de exaltação ao clube, coreografias e “cânticos de guerras” podem transformar o estádio em um campo de forças e dessa forma, mesmo com os embates e as transformações, (re)criar e possibilitar a apropriação desse território,

dando uma enorme valorização simbólica, com diversas tradições que foram sendo construídas ao longo tempo por diversas partidas que deram a esse espaço vivido significado único que somente as pessoas que pertencem a este território podem compreender tal sentimento. (p. 7)

E, de alguma maneira, pode ser territorializado novamente, pois segundo Haesbaert (2011), o território é um híbrido entre materialidade e imaterialidade, funcionalidade (objetivo) e expressividade (textualidade, imagem). As dimensões são inseparáveis e o processo de territorialização é concomitante na apropriação (simbólica) e na dominação (política).

De acordo com Raffestin (1993), a territorialidade é entendida como o conjunto de relações que se originam na sociedade, no espaço e no tempo, buscando atingir uma autonomia compatível com os recursos do sistema. Essas relações condicionam o processo de territorialização, mas, muito mais que isso, existe um processo de “atração-repulsão” que define e cria as condições de “raízes”.

Esse processo se dá pela reprodução indireta salientada por Maffesoli (1998) que não depende da vontade dos protagonistas. Essa “atração” é parte de uma estrutura fundamentada em um forte sentimento de pertença e, porque não dizer, de territorialização. Muito embora para se territorializar determinado espaço não basta somente se apropriar dele, mas ser aceito como parte daquele território, isto é, ser “eleito” pelos representantes do limite requerido/apropriado.

Nas recentes alterações dos estádios, essa territorialização, de acordo com Haesbaert (2011), é parte de uma experiência integrada pautada muito mais na descontinuidade, na mobilidade e espaços fragmentados. Essa é a dinâmica da multiterritorialidade, uma vez que o processo de territorialização é, na atual conjuntura, “resultantes da sobreposição e/ou da combinação particular de controles, funções e simbolizações” (p. 342).

Dentro do Maracanã reformado, buscamos averiguar como os torcedores estão se relacionado com o novo espaço à partir de uma dinâmica de descontinuidade, de mobilidade e fragmentação. Existiria novamente a possibilidade de transformar esse local em ‘espaço feito território’ pelas relações de apropriação-domação e de ser novamente territorializado?

Analizando as massas

Ao buscarmos analisar se ambiência dos estádios de futebol possibilitam uma nova significação desses espaços, estamos investigando sobretudo se o conjunto de torcedores (re)significam esses espaços. Acreditamos que de todos os elementos componentes da atmosfera do lugar, compreender o público e suas relações é a tarefa mais complexa. Por essa razão, nos amparamos nos conceitos da psicologia das massas para jogar luz na investigação do torcedor com seus pares dentro da ambiência desse equipamento esportivo.

Um dos principais expoentes sobre a análise das massas é o francês Gustave Le Bon que em 1895 escreveu sobre a Psicologia das Multidões. Em seus estudos, Le Bon atestou que os indivíduos que compõem um grupo - independente de ocupação, caráter ou inteligência – sentem, pensam e agem com base em uma “mente coletiva”. Embora o autor diga que o grupo seja provisório e heterogêneo, em algum momento ele se combina e forma por essa união um “novo ser” uma “única célula”. A partir disso, um sentimento de poder invencível permite que o grupo renda-se aos instintos, que se fosse individual não ganharia força.

Outro autor e teórico sobre o conceito das massas e que aperfeiçoou a teoria de Le Bon foi o austríaco Sigmund Freud. Em 1921, no seu texto sobre as Psicologias das Massas, Freud chama o instinto das massas de “impulso instintual inconsciente” no qual atesta que os indivíduos do grupo sempre se “combinam numa unidade” por haver algo para uni-los. Esse algo é o que caracteriza o grupo.

Le Bon (1980) comprovou em suas análises que muitas vezes os instintos das multidões podem ser impulsivos, mutáveis e irritáveis, e, de acordo com as circunstâncias, podem ser generosos, cruéis, heroicos ou covardes. Esses instintos, segundo o autor, são sempre imperiosos. Complementando Le Bon, Freud (1990) evidenciou que em certas circunstâncias os princípios éticos de um grupo podem ser mais elevados que os dos indivíduos que o compõem, existindo somente na coletividade esse alto grau de desprendimento.

Quando nos remetemos ao estádio, o ato de torcer em massa ganha destaque, principalmente por essa massa compor um cenário de disputa. Por essa razão, o torcer em massa, enquanto um “impulso instintual inconsciente” (p. 100), torna-se algo incontrolável, seja de forma positiva, como o impulso do grito ou do abraço no desconhecido, seja de forma negativa, desencadeado por uma discussão ou briga. Segundo Freud (1990), em um grupo de emoções, as pessoas são excitadas

até um grau que elas raramente ou nunca atingem sob outras condições. O autor fala que essas emoções constituem uma experiência em que os interessados entregam-se irrestritamente às suas paixões e, assim, funde-se no grupo e perdem o senso dos limites de suas individualidades.

A libido, então, seria a responsável por todo o impulso dos grupos reunidos. Segundo Freud (1990), a libido é a energia considerada como uma magnitude quantitativa dos instintos ocasionados pelo 'amor'. Seja amor sexual, amor pelos outros ou devoção a objetos concretos ou ideias abstratas, a libido seria uma espécie de combustão para os impulsos inconscientes diversos e que levam até mesmo ao auto sacrifício.

Quando um grupo se forma, os indivíduos se comportam como se fossem uniformes, pois toleram as peculiaridades dos membros e se igualam aos desígnios da grande maioria. A isso, o etnólogo francês Cristian Bromberger (2001) chama de "unidade psicológica". Em seus estudos sobre futebol e amparado nos autores como Le Bon e Freud, Bromberger elucida que o torcedor se torna a massa onde o indivíduo desaparece por fusão e contaminação. Uma vontade coletiva se impõe aos valores particulares, "cada um se sente tomado sem resistência possível na convicção de todos" (BROMBERGER, 2001, p. 207 – tradução nossa). Para o autor, na torcida os indivíduos se tornam iguais, anônimos e reunidos, formando um só corpo e uma só alma.

Entretanto, Le Bon (1980) nos fala que um grupo é um rebanho obediente a um senhor:

os seres vivos se reúnem em certo número, sejam eles um rebanho de animais ou um conjunto de seres humanos, se colocam instintivamente sob a influência de um chefe [...] Um grupo possui tal anseio de obediência, que se submete instintivamente a qualquer um que se indique a si próprio como chefe. (LE BON, 1980, p. 134).

Freud (1990), corroborando com Le Bon, atesta que um grupo necessita de um chefe forte para se manter. Esse chefe normalmente é encontrado a partir de sua liderança e seu ideal de ego, e, dessa forma, "arrastam" os membros por "sugestão" ou por meio de identificação com suas propostas e ideais que são costumeiramente tratados como comuns.

Percebemos essa função de chefe no estádio nas torcidas organizadas, em que cada uma delas tem um (ou alguns) responsável (responsáveis) por fazer

ou dar seguimento às regras de aceitação dos membros e reger os cânticos ou quaisquer manifestações de apoio nos estádios.

Entender a massa em um estádio de futebol, portanto, é entender o próprio estádio e o porquê de sua concepção. Segundo Bromberger (2001), o estádio é um dos raros lugares onde a sociedade se doa ao espetáculo (e às multidões), mostrando a ordem que o forma e as mutações sensíveis que se operam.

A ambiência está no estádio, de todo modo, mas para ela ser acionada e ter todos os seus elementos em movimentos, é preciso que as pessoas componham este lugar, pois essa atmosfera é formada principalmente pela corporificação. Por isso, a presença efusiva das massas é o elo mais importante para uma melhor compreensão da atmosfera desse lugar.

Segundo Sansot (1996), o futebol produz sua força simbólica a partir da representação dos corpos engendrando dentro desse aglomerado de pessoas “uma emoção efervescente e um momento quente da vida social” (p. 69, 1986 – tradução nossa). Para o autor, o momento de reunião dos torcedores é o momento de identificação de um sentimento de pertencimento que não pode ser desprezado quando entendemos que isso é a continuidade de uma cultura popular.

SEGUNDO CAPÍTULO: PRELEÇÃO

Em uma partida de futebol, a preleção tem um cunho didático-educativo atrelado ao fator motivacional para incentivar os jogadores a entrarem em campo com mais destreza e confiança. Nesse momento, os atletas recebem informações gerais da partida por meio de uma aula ou de uma palestra, orientando-os para o desafio que os espera. Portanto, no segundo capítulo desta obra debruçamo-nos na preleção. Isto é, adentramos na parte didática e historiográfica do futebol no Brasil, nos situando sobre os meandros e desafios deste esporte pano de fundo de nossa pesquisa.

Após as diversas reformas físicas e estruturais dos estádios brasileiros, sobretudo as reformas para a Copa do Mundo de 2014, vários estudos foram e ainda estão sendo conduzidos a fim de explicar a exigência dessa nova “roupagem”. Mais que mudanças físicas, as pesquisas em curso buscam acima de tudo analisar uma nova dinâmica social, comportamental e cultural que igualmente foi “reformada” nesses recintos. Nota-se um grande interesse em investigar como um equipamento que participa tão ativamente da cidade, pode refletir suas mudanças no contexto urbano e na vida de cada cidadão-parte desse lugar.

Esse é, portanto, nosso interesse na pesquisa: descobrir como esse (novo) equipamento está sendo reinserido no cotidiano dos cidadãos e o cidadãos no cotidiano de tal equipamento. Por isso, demos voz ao público frequentador do estádio, que, na maioria das vezes, não foi consultado sobre as mudanças. Deu-se uma grande ênfase na busca por um desempenho maior de composição das estratégias urbanas de fluxo, nos deslocamentos e no mercado econômico em detrimento do habitante da cidade em si.

Por essa razão, dedicamos este capítulo a entendermos os meandros do futebol no Brasil que nos servirá de base para a análise de campo. Passamos pelas origens do futebol no Brasil, em seguida pela importância dos estádios na conjuntura das cidades brasileiras e por fim abordamos historicamente qual o papel desempenha o torcedor nesse contexto. Enveredamos igualmente neste capítulo à história do estádio Maracanã, PALCO FUTEBOLÍSTICO central da nossa pesquisa de campo.

Breve histórico sobre a origem do futebol e dos estádios no Brasil

O corpo é aparato fundamental do atleta. Ele é a base do modelo de si próprio e um ponto de referência importante na organização da percepção do ambiente. A partir da envergadura, condicionamento, aptidão e performance o sujeito se apropria do esporte mediante o seu corpo e por meio dele utiliza o espaço pela sua corporeidade, modelando-o à sua imagem. O corpo do atleta é, portanto, a unidade básica em torno da qual se molda o estádio. E este estádio ganha contornos e dimensões para abrigar mais que uma competição, pois encerra também a paixão suscitada pela ambiência do jogo.

A competição cujo corpo é moldado para seu desempenho físico e para suscitar paixão é o futebol. Considerado como um esporte moderno, ele teve consolidado o seu primeiro código de regras no século XIX, em Cambridge. O primeiro clube oficial fundado foi o Sheffield United, em 1857, que adotou as regras de Cambridge e foi seguido por outras onze agremiações, que, em 1863, criaram a The Football Association, entidade que ainda rege o futebol na Inglaterra. (PERELMAN, 2010)

No Brasil, a literatura e os jornais elegeram Charles Muller como o introdutor do futebol no país, na segunda metade do século XIX. Em São Paulo, surgiu o primeiro time brasileiro que se tem registro: A Associação Atlética Mackenzie College, fundada em 1898. Em seguida, surgiram outros tantos clubes, como o Sport Club Internacional e o Sport Club Germânia (criados em 1899), e o Clube Atlético Paulistano e a Ponte Preta, de Campinas (SP), criados em 1900 (SANTOS, 2004). Essas equipes foram fundadas majoritariamente por filhos de pais ricos, como jovens chefes de empresas, fazendeiros, empregados de alto nível, o que nos mostra que era um fenômeno restrito a uma elite de homens brancos e bem nascidos.

Figura 1 – Sport Club Germânia

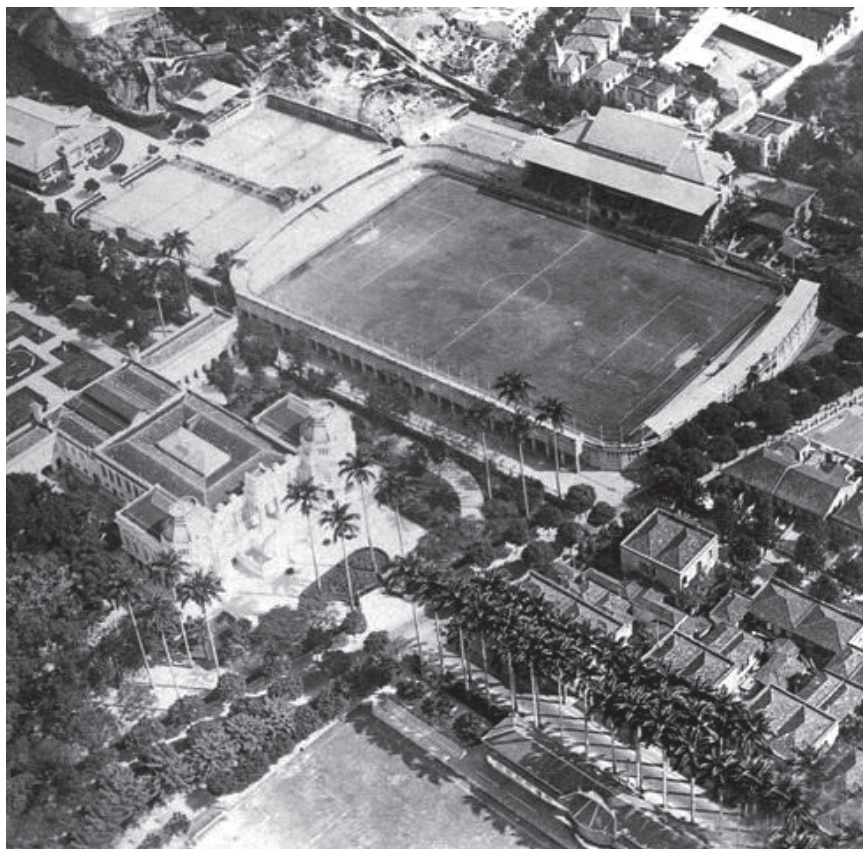


Fonte: Autor desconhecido / Domínio Público

Em 1902, foi criado no Rio de Janeiro o primeiro clube voltado especificamente para o futebol³, o Rio Football Club, participando de sua diretoria tanto ingleses quanto brasileiros. Poucos dias depois foi fundado o Fluminense Football Club cuja diretoria era na sua maioria brasileira. Na sequência, vários outros clubes cariocas foram fundados: em 1903 o Football and Athletic Club, em 1904 o Botafogo Football Club, o América Football Club e o Bangu Athletic Club, sendo este último time da fábrica de tecidos Companhia Progresso Industrial, situado no Bairro de Bangu. Em 1905 havia 18 clubes dedicados à prática do futebol na cidade e boa parte deles formados por jovens da “boa sociedade” carioca (PEREIRA, 2000).

Concomitante ao nascimento do futebol no Brasil foram surgindo os primeiros estádios. Em São Paulo, os primeiros campos de várzea foram criados por conta do primeiro campeonato de futebol no Brasil, em 1902. Como consequência desse campeonato, surgiu a primeira edificação de estádio que provavelmente foi o primeiro do Brasil: o Parque Antarctica (MASCARENHAS, 2014). No entanto, o primeiro grande estádio de futebol brasileiro que se tem data formal foi fundado em 1919 pelo Fluminense, Estádio das Laranjeiras, por ocasião da disputa do terceiro campeonato sul-americano de futebol, sediado no Rio de Janeiro. (CRUZ, 2005).

Figura 2 - Estádio das Laranjeiras em 1919



Fonte: Autor desconhecido / Domínio Público. Disponível em: <https://diariodorio.com/historia-das-laranjeiras-sede-do-fluminense/> (2017)

Assim como o futebol era praticado pela elite brasileira em seu início, os primeiros estádios também foram construídos em bairros nobres. Eles eram equipamentos de pequeno porte, e segundo Mascarenhas (2013), possuíam uma arquitetura similar a um teatro a céu aberto, um ornamento de onda civilizadora europeia, sendo considerados estádios aristocráticos. Normalmente, os clubes utilizavam de sua sede para edificar o seu estádio. O estádio das laranjeiras seguiu exatamente esse padrão, de acordo com Castro (2016), uma vez que o equipamento foi patrocinado pela família Guinle, uma das mais ricas e influentes do Brasil. Estava situado em uma zona nobre da cidade do Rio de Janeiro, em um local de alto valor imobiliário.

No entanto, o futebol era um esporte que ainda sofria preconceitos, pois exigia certo condicionamento físico ao qual a sociedade não era afeita. Logo, o futebol era visto como uma modalidade violenta e alienante. Somente por volta de 1920-30 que os brasileiros encararam com bons olhos a prática futebolística e teve maior adesão das classes populares. Entre 1930 e 1940, é possível falar que o futebol era praticado em todo o Brasil urbano, segundo Mascarenhas (2013).

Foi, portanto, neste período, de 1930-1940, que houve o crescimento de uma competição de massa, auxiliado pelos jornais e rádios da época, que anunciavam as disputas e transmitiam as partidas. Por essa implicação mais incisiva dos meios de comunicação no futebol, a transição do amadorismo para o profissionalismo foi bem rápida, na década de 1930, engendrada por Getúlio Vargas, então presidente da República do Brasil.

Com a popularização do futebol e a adesão da massa, os estádios também foram crescendo. Em 1927, nasceu o estádio de São Januário, construído pelo clube do Vasco da Gama, situado também no Rio de Janeiro, mas dessa vez no subúrbio de São Cristóvão. Com capacidade para até 45 mil torcedores, São Januário era então não só o maior estádio da cidade como de todo Brasil.

Segundo Cruz (2005), São Januário foi erguido em um contexto de discussões entre o amadorismo e tendências profissionalizantes no futebol carioca. Seis anos após a construção desse estádio, foi adotado o futebol profissional por decreto do governo Vargas. No entanto, além de presenciar inúmeras vitórias do Vasco nas décadas de 1930 e 1940, “o que mais marcou a história do estádio foi o seu uso pelo governo Vargas a partir de 1930, quando foi utilizado para a organização de grandes manifestações cívicas nacionais.” (CRUZ, 2005, p. 65)

Em São Paulo, a construção do Estádio Municipal do Pacaembu parece ter seguido o mesmo padrão de grandeza do caso do estádio de São Januário. Desde o início da década de 1920, os antigos estádios da cidade, com capacidade inferior a 30 mil pessoas, já não comportavam o crescente número de torcedores em dias de jogo. Segundo Mascarenhas (2014) a construção do Pacaembu foi concluída em 1940, em estilo art déco (com fachada sem ornamentos e composta por linhas verticais e horizontais), dando à cidade um estádio com uma capacidade total de 70 mil espectadores, ultrapassando assim São Januário.

Embora tenha seguido a tendência de construção em zona rica da cidade, diferentemente do estádio São Januário, o Pacaembu foi o primeiro estádio estatal do Brasil e erguido para ser um monumento, um espaço próprio para abrigar manifestações cívicas e políticas. Negreiros (1998) ressalta que isso demonstra que o estádio de futebol ocupou, durante o regime varguista, um lugar central na construção de uma nova identidade nacional brasileira, além de ser peça fundamental na sustentação do próprio regime.

O Pacaembu se transformou em referência, sendo um marco para o futebol brasileiro. A partir desse equipamento, verdadeiras multidões poderiam acompanhar os jogos. Dez anos mais tarde o Pacaembu serviu de modelo para o estádio mais monumental brasileiro e do mundo: o Maracanã. Ele foi erguido para a disputa da Copa do Mundo de 1950, no Brasil, podendo comportar naquela época o incrível número de 200 mil torcedores. Falaremos melhor do Maracanã mais adiante.

Segundo Cruz (2005), após três Copas do Mundo de Futebol mesclando entre o amadorismo e o profissionalismo, o Estado passou a controlar o futebol como um empreendimento, sobretudo depois do término da Segunda Guerra Mundial, em 1945. O Estado assumiu igualmente a seleção brasileira, principalmente após a perda do título mundial na Copa de 1950 e a desclassificação para a Copa de 1954. Dessa forma, em 1958, no Mundial sediado na Suécia, o Brasil se consagrou campeão do mundo, repetindo o feito na copa seguinte, em 1962, no Chile. A partir de então, o futebol brasileiro passou a ser considerado um dos melhores do mundo.

Nesse clima de vitórias, o Brasil também vivenciou a construção de grandes palcos futebolísticos. Mascarenhas (2014) relata que o auge do ciclo construtivo dos estádios se deu entre 1970 e 1978, apogeu e declínio do regime militar no Brasil. Nesse período, os grandes estádios públicos, atrelados ao conceito de monumentalidade, se proliferaram pelo país quando o Estado ainda exercia grande influência e controle sobre o futebol brasileiro. A partir de 1980, as construções cessaram, exceto por algumas raras exceções. Além do regime político, o autor diz que o governo acabou com os subsídios governamentais ao futebol, uma grande recessão econômica tomou coelevisão com o aumento de transmissões ao vivo reduziu o público nos estádios.

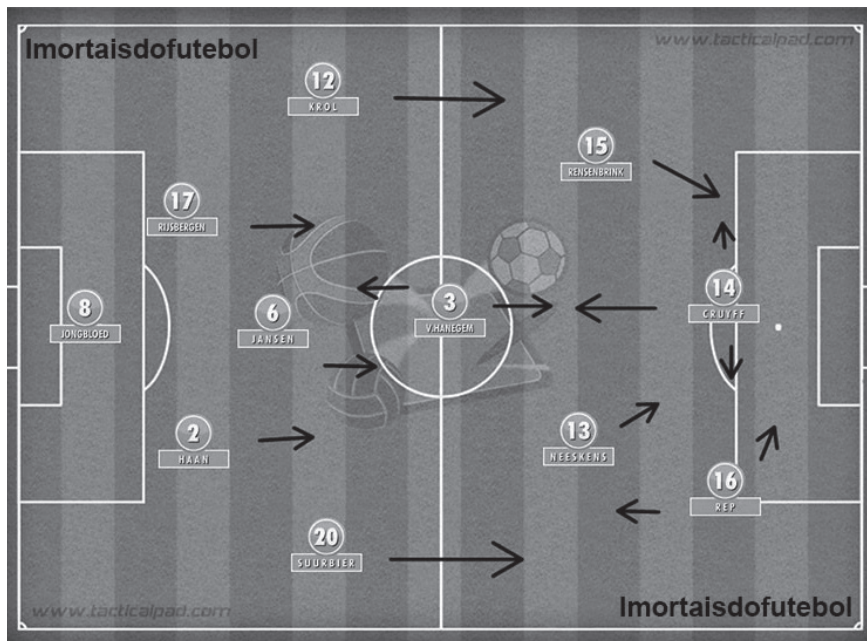
O futebol-arte e o gingado brasileiro, ou o futebol “poesia” como falava Nelson Rodrigues teve seu auge no Mundial de 1970 quando a seleção conquistou mais um título mundial. A partir desse período a “seleção canarinho”⁴ invadiu os lares via a televisão que chegara no Brasil. Porém, após a derrota no Mundial de 1974 para o “carrossel holandês” - esquema tático utilizado pela Seleção Holandesa de Futebol na Copa do Mundo de 1974 - o futebol brasileiro foi colocado em questão quanto à sua transformação técnica⁵. O “romantismo” futebolístico,

4 Até a copa de 1950, a seleção brasileira usava camisas de cor branca com gola azul como principal uniforme. Após a derrota na Copa do mesmo ano a Confederação Brasileira de Desportos, CBD, decidiu em 1953 mudar as cores da seleção brasileira por meio de um concurso nacional, onde a exigência era criar um novo uniforme que tivesse as quatro cores da bandeira nacional. O grande vencedor foi Aldyr Garcia Schlee, um jovem gaúcho de 19 anos, que teve a ideia de uma camisa amarela-canário com detalhes verdes e calção azul. O novo uniforme foi usado na Copa do Mundo da Suíça em 1954, onde a seleção brasileira acabou recebendo o apelido de "Seleção Canarinho". (GUTERMAN, 2009)

5 Embora a seleção brasileira da década de 1970 seja conhecida pelos grandes craques como

pautado na genialidade, na criatividade, na malícia ou na malandragem dos jogadores tornou-se algo mais sério e profissional.

Figura 3 - Esquema tático da Seleção Holandesa de 1974. Movimentação por todo o campo.



Fonte: Imortais do Futebol / Guilherme Diniz. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/08/03/selecoes-imortais-holanda-1974/>, (2020).

O Brasil conquistou outro título da Copa do Mundo somente em 1994 e, a partir da Copa de 1998, na França, o futebol se transformou definitivamente em negócio por meio dos megaeventos. Não somente em grandes campeonatos a figura do jogador-mercadoria se evidenciou, mas, principalmente na década de 1990 o futebol passou a ser considerado um grande negócio e dependente de investimentos de empresas nacionais e internacionais.

Com exceção do futebol de elite brasileiro, isto é, a quase totalidade dos 20 clubes da série A do Campeonato Brasileiro, os clubes brasileiros ainda apresentam uma estrutura organizacional muito precária. Apesar de ser o esporte mais querido do Brasil e deter bons jogadores, o futebol no país ainda pode ser considerado mal dirigido. Um fenômeno dessa direção falha e mercadológica

Pelé, Rivelino, Jair, Gerson e Tostão e um futebol improvisado, pautado na “malandragem”, já havia preparado técnico e psicológico dos jogadores, sendo aperfeiçoado posteriormente e adequado aos padrões decorrentes da valorização do coletivo e não dos talentos individuais. (SOARES et al. 2004).

é a venda maciça de jogadores para times europeus, chineses e russos, o que diminui a relação afetiva de jogadores com os clubes e a própria nação.

Com relação aos estádios brasileiros, foi também na década de 1990 que teve início um processo de transformação. Após o Relatório Taylor - consequência dos acidentes de Heysel em 1985 e do estádio de Hillsborough em 1989⁶ - e as Recomendações Técnicas da Federação Internacional de Futebol, Fifa, de 2004 - mas atualizadas em 2011 - foram feitas uma série de exigências e recomendações aos estádios para abrigarem eventos sob a sua chancela. Como um manual passo a passo, foi com base nesse livro que os estádios brasileiros foram construídos ou reformados para a Copa do Mundo de 2014⁷.

Adotando o termo “arena multiuso”⁸ em um dos seus capítulos, uma das exigências da Federação foi que os estádios popularmente conhecidos como “padrão-Fifa” fossem concebidos para abrigar diferentes usos relacionados à prestação de serviços de comércio e outras atividades de lazer que não somente o futebol.

Todo o aparato utilizado no plano operacional demonstrou haver a necessidade de um alto controle sobre os indivíduos que acessassem as arenas. Segundo Ferreira (2017), o almejado era um ambiente limpo, claro e arejado, dotado de

6 O desastre no estádio de Heysel, na Bélgica, aconteceu antes da final da Copa dos Campeões da Europa de 1985, entre Juventus e Liverpool. Na ocasião, 39 torcedores, a grande maioria torcedora do Juventus, morreram prensados, sufocados e até mesmo pisoteados contra um muro após tumulto iniciado pelos torcedores dos Reds (como também são chamados os torcedores do Liverpool). Além dos mortos, 454 pessoas ficaram feridas. Uma série de fatores foram apontados como causadores dessa fatalidade: a atitude dos hooligans ingleses, o estado precário das instalações do estádio, as falhas das autoridades e o despreparo do contingente policial. Como punição ao ocorrido, os clubes do país foram banidos de competições continentais por cinco anos. O desastre no Estádio Hillsborough, Inglaterra, aconteceu em 1989, no jogo entre Liverpool contra Nottingham Forest, pelas semifinais da Taça da Inglaterra. No dia do jogo havia um considerável acúmulo de torcedores nas entradas para a Leppings Lane End (são locais atrás dos gols, considerados com as gerais no Brasil), então, um portão lateral foi aberto para facilitar o acesso. Esse ato causou uma onda de pessoas adentrando ao mesmo tempo no estádio. O resultado foi um fluxo de milhares de torcedores através de um túnel estreito para as já superlotadas duas divisões centrais, causando assim uma queda na frente do campo, onde as pessoas estavam sendo pressionadas contra as grades pelo peso da multidão atrás delas. Como consequência, 96 pessoas morreram e quase 800 espectadores ficaram feridos em um recinto livre da presença dos hooligans. Após as tragédias foi apresentado em 1990 o Relatório Taylor elaborado por uma equipe comandada por Lord Taylor de Gosforth. Nesse documento continha uma série de recomendações que visavam aumentar o conforto, a segurança e o controle das multidões que compareciam aos estádios de futebol. Segundo Ferreira (2017), entre as principais propostas elaboradas pela comissão, houve grande preocupação com uma maior padronização e rigidez quanto às normas de construção e reforma dos estádios e a adoção do modelo all-seater stadium com todos os torcedores assentados em cadeiras numeradas, além disso, foram ressaltadas a identificação do torcedor no ingresso e retirada das barreiras de arame farpado ou qualquer outro objeto cortante que separava o público do campo de jogo e das demais partes do estádio. A partir de então, o novo modelo de estádio logo se espalhou pelo mundo e isso resultou em uma mudança de perfil e atitude, já que os estádios populares foram sendo substituídos por áreas destinadas a espectadores de maior poder aquisitivo e que podiam pagar o alto valor atribuído aos ingressos. Foi presenciado o advento do torcedor-espectador, com comportamento mais passivo. Embora não tenha sido uma exigência do Relatório Taylor que os ingressos ficassem mais caros, os clubes optaram por essa tática, uma vez que o objetivo tinha se tornado um novo perfil de público nos estádios.

7 Os primeiros países que utilizaram o livro de recomendações da Fifa foram a Alemanha, para a Copa do Mundo em 2006 e a África do Sul, para a Copa do Mundo de 2010.

8 O termo ARENA faz alusão aos anfiteatros romanos, com a formação elíptica predominantemente para que todos pudessem ter a visão central. As arquibancadas eram rebaixadas até o centro, para esse mesmo intuito de visão do todo (DOMERGUE, et al., 2006).

uma farta oferta de sanitários e instalações de alimentação com o objetivo de contribuir para a manutenção da ordem, desestimular os atos de vandalismo e a ocorrência de outros comportamentos inadequados.

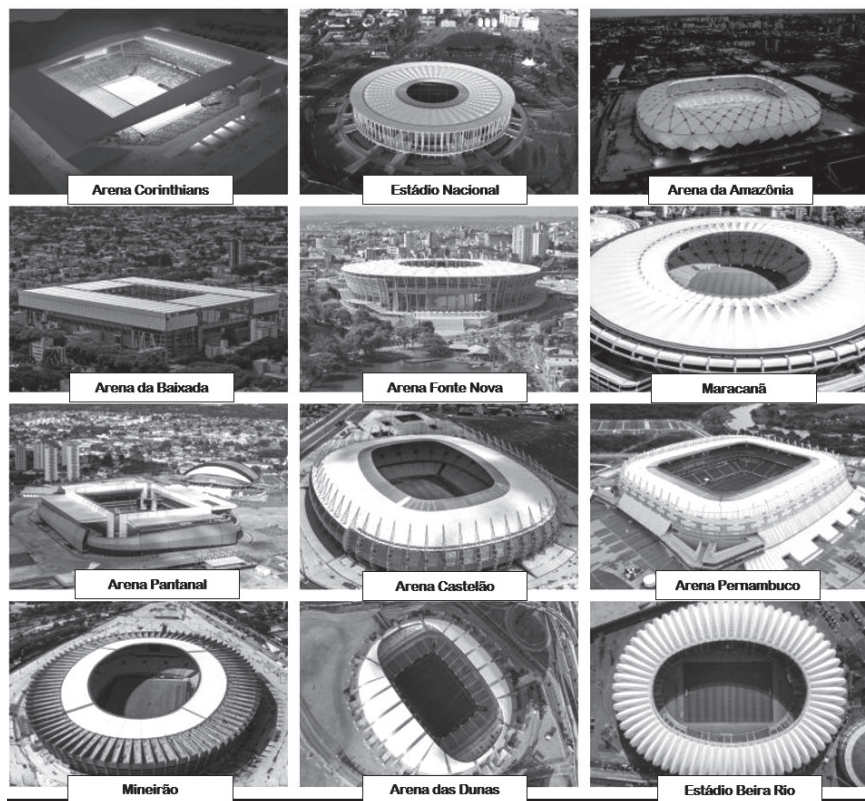
Além disso, a “arena multifuncional”, como bem frisou Gaffney (2004), foi desenhada para atender às exigências do mercado, logo, ela precisa produzir renda todos os dias e não somente enquanto às arquibancadas estão vibrando. Por isso, a insistência em ter um espaço economicamente ativo, influenciando diretamente na experiência do estádio⁹.

As arenas implementadas no Brasil para a Copa do Mundo de 2014 confrontavam o estádio sujo, inseguro, com maus odores e preconceituoso de toda ordem (racista, homofóbico, misógino etc), para uma estrutura para abrigar eventos além do futebol (MASCARENHAS, 2013). Embora no compromisso firmado com os responsáveis de gerir as “arenas” seja de estádio engajado em causas socioculturais, com a segurança e um campo visível a todos, o que vemos na prática muitas vezes são espaços que segregam do ponto de vista socioeconômico, tendo em vista o alto valor dos ingressos e uma estrutura alijadora (vide o extermínio das gerais e das arquibancadas com preços mais populares).

Para a Copa do Mundo de Futebol no Brasil em 2014, 12 estádios foram escolhidos como sedes dos jogos. A maioria deles passou por obras de adequação, à exceção dos estádios de São Paulo, a Arena Corinthians e a Arena Pantanal, em Cuiabá, que foram construídos exclusivamente para esse megaevento. Os demais estádios foram: o Maracanã, no Rio de Janeiro, fundado em 1950; o Mineirão, em Belo Horizonte, inaugurado em 1963; a Arena da Baixada, em Curitiba, edificado em 1914; o Estádio Castelão, em Fortaleza, de 1973; o Estádio Beira Rio, em Porto Alegre, de 1969; o Estádio das Dunas, em Natal, fundado em 1972; a Arena Pernambuco, em Recife, inaugurado também para a Copa do Mundo de 1950; a Arena Fonte Nova, em Salvador, de 1951; a Arena Amazônia, em Manaus, conhecido anteriormente como estádio Vivaldo Lima, o Vivaldão, foi fundado em 2007; e o Estádio Nacional, em Brasília, antigo estádio Mané Garrincha, de 1974.

9 A experiência do estádio é, segundo Gaffney, a vivência daquilo que se liga à cultura do futebol. Ver um jogo, falar do jogo no trabalho, ler contos sobre violência sobre as torcidas organizadas, celebrar um campeonato mundial é estar experienciando o estádio. O estádio forma uma parte integral da cultura no mundo todo e as experiências desses espaços são resultados e produtores de cultura.

Figura 4 - Estádios-sede da Copa do Mundo de 2014.



Fonte: 1) Milton Jung / Attribution 2.0 Generic (CC BY 2.0); 2) Senado Federal / Attribution 2.0 Generic (CC BY 2.0); 3) e 4) Brazilian Government - Portal da Copa - Atribuição 3.0 Brasil; 5) Faquini Produção Fotográfica; Fotógrafo David Campbell - Atribuição 3.0 Brasil; 6) Jose Guertzenstein / Pixabay; 7) Brazilian Government - Portal da Copa - Atribuição 3.0 Brasil; 8) e 9) Portal da Copa/ME - Atribuição 3.0 Brasil; 10) Rodrigo Lima/Portal da Copa / CC BY (<https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>); 11) Pedro Mezezes / Unsplash; 12) Willian Justen de Vasconcellos / Unsplash. (2018)

Muito mais que espaços completamente modificados em função da “arena multiuso”, muitos desses estádios tornaram-se grandes “elefantes brancos”, por falta de uso corrente, já que alguns desses estádios estão localizados em lugares sem equipes que disputam campeonatos nacionais regulares e de longa duração, como o caso de Manaus, Cuiabá, Brasília e Natal. Apesar disso, o modelo de “arênização” tornou-se uma tendência dos equipamentos esportivos modernos.

Segundo Mascarenhas (2017), o Brasil possui quase oitocentos estádios. Nesse universo dotado de imensa heterogeneidade arquitetônica, locacional, econômica, funcional e simbólica, tem prevalecido aspectos monumentais pautados pela

segurança, tecnologia e comodidade, com elitismo explícito e repressão das práticas coletivas de coreografia, cantos e bandeiras.

O Grande Maracanã

O estádio Mário Filho, ou como é mais conhecido, estádio Maracanã, abriu suas portas em 16 de junho de 1950 e foi erguido para a Copa do Mundo do mesmo ano. A iniciativa de construção do estádio, segundo Máximo (2000), surgiu em decorrência da necessidade de um local mais amplo para os jogos do Mundial. Em tempo recorde, construiu-se o maior palco futebolístico do mundo durante muitos anos.

O imbróglio dessa construção, portanto, teve início alguns anos antes e somam importância na história do Grande Maracanã. Segundo Comas (2011), havia em 1937 um projeto para a implantação da Universidade do Brasil e do seu complexo universitário em um setor que se avizinhava à Quinta da Boa Vista, zona norte do Rio de Janeiro. O rio Joana dividia esse terreno em duas áreas, sendo a maior delas situada a leste onde encontrava-se o velho e desativado hipódromo do Derby Club.

O projeto de idealização da Universidade do Brasil contemplava, no conjunto de construções que seriam edificadas, a figura de um estádio olímpico nos terrenos do Derby Club. Ainda não se pensava em erguer o que se tornaria o mais imponente estádio do mundo, mas o local e o projeto dessa construção foram gestados nesse momento.

Em junho de 1938, o secretário da Confederação Brasileira de Desportos, CBD, Célio de Barros, participou do XXIV Congresso da Federação Internacional de Futebol, Fifa, e então apresentou a candidatura do Brasil para sediar a Copa de 1942, concorrendo contra a Alemanha e contra a Argentina. Nessa época o Brasil dispunha de somente um grande estádio: o estádio de São Januário. Pacaembu ainda não havia sido erguido. No entanto, as Copas de 1940 e 1942 ficaram suspensas em razão da Segunda Guerra Mundial.

De todo modo, com o Estado assumindo o controle do futebol entre as décadas de 1930 e 1940, somado ao desejo do país em sediar uma Copa do Mundo, logo na sequência da inauguração do Pacaembu, em 1940, criou-se a necessidade de um outro estádio público, dessa vez no Rio de Janeiro. Como havia então um projeto da construção de um estádio olímpico no Rio junto à Universidade

do Brasil, aproveitou-se a ocasião para discutir novamente a sua construção no terreno do Derby, mas dessa vez de forma independente da Universidade, chamando-o, até o momento, de Estádio Nacional.

De acordo com Comas (2011), foi criado um concurso para que arquitetos de todo país mandassem seus projetos para a construção do Estádio Nacional. A primeira etapa desse concurso aconteceu em janeiro de 1942 e foram selecionados os projetos de Oscar Niemeyer e Emílio Baumgart, da dupla Pedro Paulo Bernardes Bastos e Antônio Augusto Dias Carneiro e da equipe de Renato Mesquita dos Santos, Thomaz Estrella, Jorge Ferreira e Renato Soeiro. Todos eram ex-alunos da Escola Nacional de Belas Artes, ENBA. Porém, as etapas seguintes não aconteceram, pois o concurso foi suspenso em 1943.

Em 1946 o presidente da época, Eurico Gaspar Dutra, retomou, junto com o Ministro da Educação, Ernesto de Souza Campos, o projeto do Estádio Nacional. O Brasil reafirmou seu interesse em sediar a IV Copa do Mundo no congresso da Fifa, a primeira pós-guerra. O evento aconteceria em 1949 e o único candidato foi o Brasil. Isso se deu, pois vários países estavam devastados e seria interessante para a Fifa sediar um mundial distante das críticas do euro-centrismo.

Segundo Comas (2011), em 17 de maio de 1947, Hildebrando de Araújo Góes, que havia participado do júri do concurso do Estádio Nacional e era o pre-feito do Rio de Janeiro na época, ficou preocupado com o curto tempo da realização da Copa. Assim, ele considerou mais cabível uma reforma do estádio São Januário e abandonar temporariamente a ideia de construção de um novo estádio na cidade. Pouco tempo depois, Clemente Mariani, o novo Ministro da Educação, nomeou duas comissões para estudar, elaborar e propor os planos da construção desse novo estádio. Dessa forma, houve um alinhamento com a Prefeitura Municipal do Rio e decidiram, em conjunto, que o estádio para a Copa seria efetivamente construído e ele seria um Estádio Municipal.

O embate travado após a decisão versou sobre quem deveria construir o estádio, quem financiaria o projeto e qual seria o local da construção (abandonando nesta ocasião a ideia do terreno do Derby). Nesse momento, o Jornal dos Sports foi um importante espaço de debates sobre a construção do novo estádio na cidade e um personagem importante e decisivo nessa história foi Mario Filho, o proprietário do jornal.

Pernambucano, radicado no Rio em 1916, filho do jornalista homônimo Mario Filho e irmão de Nelson Rodrigues, Mario Filho atuava desde 1927 como jornalista esportivo. Segundo Castro (2016), Mario Filho era um grande

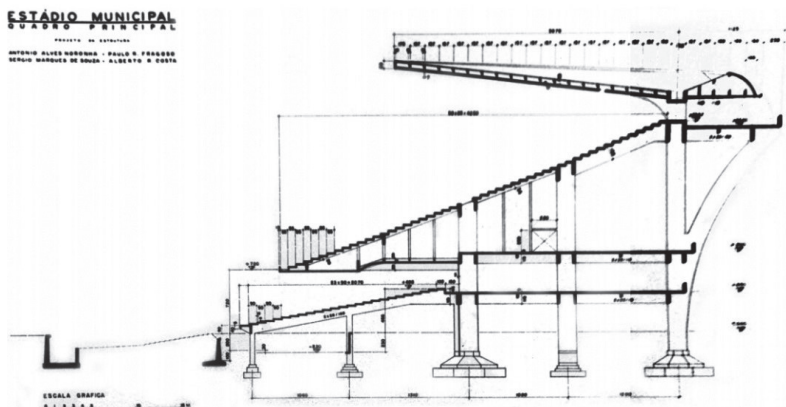
entusiasta do futebol e inventou uma linguagem própria para o esporte, repleto de drama e personagens épicos. Ele deu o nome de “Batalha dos Estádios” às intensas discussões sobre a construção do Maracanã. Mario contava com o apoio de Vargas Netto, presidente da Federação Metropolitana de Futebol e de Ary Barroso, compositor, locutor esportivo, vereador e conselheiro municipal pela União Democrática Nacional, UDN.

O presidente da Comissão Nacional de Desportos, CND, e secretário de finanças do Distrito Federal, João Lyra Filho, propôs um plano de financiamento do projeto do estádio mediante a venda de poltronas particulares – as cadeiras cativas. Ele também conseguiu abertura de créditos junto ao Banco da Prefeitura, produzindo assim um importante argumento na defesa da sua construção.

Quanto ao local da construção do novo estádio, a disputa voltou para o antigo terreno do Derby Club, além de um terreno na Baixada de Jacarepaguá e o outro no bairro de Irajá (próximo à Avenida Brasil). Como o local do antigo Derby Club havia sido escolhido uma vez para sede do novo estádio e já possuía um bom aparato urbano - bom sistema viário, regularização de escoamento de água das bacias dos rios Maracanã, Trapicheiro e Joana, centralidade da cidade, singularidade de tamanho e de fácil acessibilidade ao terreno - tornou-se o local mais defendido para a construção desse grande equipamento esportivo. Ao final, o vencedor da disputa foi mesmo o terreno do Derby.

De acordo com Comas (2011), a construção do estádio foi concedida pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro em 29 de outubro de 1947. As plantas originais do complexo foram então assinadas por Paulo Bernardes, Antônio Dias Carneiro, Rafael Galvão e Orlando de Azevedo (Figura 5). A Comissão de Construção do Estádio Municipal se instalou em 14 de novembro de 1947. Para a administração do complexo, foi criada a Administração dos Estádios Municipais, ADEM pela lei nº 57 de 14 de novembro de 1947 da Prefeitura do Rio de Janeiro, que depois passou a se chamar Administração dos Estádios da Guanabara, Ader e por fim Superintendência dos Estádios do Rio de Janeiro, Suderj. Um mês após a concessão, o atual prefeito da época, Ângelo Mendes de Moraes, autorizou o início das obras, pondo à venda 30 mil títulos de cadeiras cativas para financiá-lo.

Figura 5 - Corte do Maracanã extraído dos documentos do Iphan e projeto finalizado de 1950



Fonte: COMAS, 2011

A pedra fundamental do Maracanã foi lançada em 20 de janeiro de 1948, dia de São Sebastião e padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, e a obra de início da construção começou em julho do mesmo ano. A data de realização da Copa do Mundo foi alterada de 1949 para 1950.

A capacidade inicial do estádio era de 183.354 espectadores: 120 mil nas arquibancadas, 32 mil na geral, 25 mil nas cadeiras cativas ou numeradas, 3319 nas cadeiras perpétuas ou especiais. Além disso, o estádio comportava mais 2100 espectadores nos camarotes, 831 na tribuna de imprensa e nas cabines de rádio e 74 na tribuna de honra. A área ocupada correspondia a 130 mil metros quadrados no estádio e 200 mil metros quadrados em todo complexo,

com espaço reservado para a construção do ginásio, da pista de atletismo, da piscina olímpica e do estacionamento. O estádio foi pensado em elipse e as arquibancadas seriam em parábolas para aumentar a visão do jogo. Outro ponto de destaque na arquitetura do estádio era sua marquise, construída em balanço, sem uma coluna de sustentação, com sua carga projetada para trás no arco que faz o contorno da obra. (CASTRO, 2016; MAXIMO, 2000).

O Estádio Municipal foi inaugurado no dia 17 de junho de 1950 em uma partida entre as seleções do Rio de Janeiro e de São Paulo. Porém, foi na Copa do Mundo que sua magnitude ganhou destaque. Na última partida da Copa estimou-se um público de 173.850 pessoas, embora acredita-se que havia 200.000 pessoas assistindo ao Uruguai ganhar o título daquele ano, para tristeza do torcedor brasileiro. O dia ficou conhecido como a “tragédia de 50” ou “Maracanazo”.

Figuras 6 – Maracanã ocupado em 1950

Fonte: Maracana Stadium. Popperfoto/Getty Images / CC BY-SA (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0>), (2018)



Figura 7 - Seleção do Uruguai antes da partida decisiva contra o Brasil, “o Maracanazo”, na Copa 1950.

Fonte: Wikimedia Commons, (2017)



Embora fosse ainda um estádio inconcluso, Castro (2016) atesta que foi a partir desse momento que o futebol ganhou papel importante e de destaque na construção de uma identidade nacional e mobilização das massas. A construção do Maracanã foi a síntese do processo varguista e o aumento dos espectadores nas partidas dos estádios pelas classes populares.

O TOMBAMENTO E AS PRIMEIRAS REFORMAS DO GIGANTE DE CONCRETO

O Complexo do Maracanã ficou efetivamente pronto em 1965. O estádio foi rebatizado em 1966, passando a se chamar Estádio Jornalista Mário Filho, em homenagem ao jornalista esportivo que tanto trabalhou pelo esporte e pelos estádios, em especial pelo próprio Maior Estádio do Mundo. Embora rebatizado, nunca deixou de ser o Maracanã.

O complexo esportivo foi aos poucos sendo efetivamente terminado. Primeiro, inaugurou-se o Ginásio Poliesportivo Gilberto Cardoso (o Maracanãzinho) projetado por Bastos, Carneiro, Galvão e Azevedo em 1954 com 13600 lugares. Em seguida, foi inaugurado o Estádio de Atletismo Célio de Barros em 1974 para acolher 9000 espectadores. Por fim, o Parque Aquático Julio de Lamare em 1978 com capacidade de 5700 espectadores, tendo sido projetado pelos arquitetos Rubens Cozzo, Ricardo Labre e Cândido Lemos. (COMAS, 2011).

Figura 8 - Complexo Maracanã (Ao fundo à esquerda Parque de Atletismo; à frente à esquerda Maracanãzinho; à frente à direita Parque Aquático)



Fonte: Estádio Jornalista Mário Filho. Daniel Brasil / CC BY 3.0 BR (<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/>), (2018)

O que tornou o Maracanã importante e digno do título de monumento foi, no entanto, a massa que dele se ocupou ao longo dos anos. A partir de 1950, o estádio do Maracanã ganhou visibilidade e usabilidade para os principais jogos na cidade do Rio de Janeiro. Ele se agigantou ainda mais e abrigou rivalidades entre equipes locais, regionais e até o nascimento de rivalidades nacionais com o início do campeonato brasileiro na década de 1970.

Em 1983, foi proposta pela primeira vez que o Maracanã fosse tombado como patrimônio histórico e cultural. A iniciativa surgiu a pedido de Marcos Vilaça que era na época secretário geral do Ministério da Educação e Cultura. Ele não só tinha autoridade para esse pedido, como também era frequentador do estádio. Foi após uma partida que o secretário geral alegou que o estádio é um patrimônio representativo de todo país e um símbolo sociológico marcante, o que justificaria preservá-lo.

Vilaça ratificou o tombamento do estádio Mário Filho pela apropriação das classes populares, com a assertiva de que o reconhecimento do patrimônio “deselitiza” a concepção de cultura por aquilo que não é somente erudito ou obra de arte pura. O estádio é monumento contemporâneo que deve ser resguardado e acessado. No entanto, segundo Castro (2016), essa alegação estava na contramão de uma crescente da rentabilidade que os equipamentos esportivos iriam compactuar. O que se prenunciava com a proposta de tombamento era uma crise e desgaste em vez de uma consagração fácil. Assim a proposta acabou arquivada.

Somente em 1997 o processo de tombamento foi retomado, pois, em 1992, ocorreu um acidente em um jogo entre Flamengo x Botafogo, com 120 mil torcedores dentro do recinto. Uma grade se rompeu no setor de arquibancadas da torcida Raça Rubro-Negra e vários torcedores caíram. Ao final três pessoas morreram e noventa ficaram feridas. Após a tragédia, o Maracanã ficou fechado por 7 meses até a demanda de uma obra de reforma estrutural.

A reforma aconteceu em 1999, visando cumprir as exigências da Fifa para o I Campeonato Mundial de Clubes, em janeiro de 2000. Esse assunto retomou o interesse da preservação do equipamento esportivo e ele foi indicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, para o efetivo tombamento, bem como a definição do polígono do entorno protegido.

A essa altura, o Iphan já havia renovado os valores adotados para tombamento de patrimônio. Os monumentos “pedra e cal” e de arquitetura de elite passaram a dar lugar a concepções vinculadas “à história das mentalidades (operários, camponeses, migrantes, minorias étnicas, etc.) e do conceito antropológico de cultura (o que incluía hábitos, costumes, tradições, crenças, em suma, realizações materiais e imateriais da sociedade)” (CASTRO, 2016, p.80).

O parecer foi aprovado e foi igualmente firmado que o tombamento não era sinônimo de “imobilismo nem congelamento do bem” e que medidas de conforto e segurança poderiam ser adotadas se submetidas ao Iphan, que deveria fiscalizar e opinar. Logo, como dito acima, o equipamento não poderia ser descaracterizado, respeitando sempre sua concepção, por mais que fossem necessárias algumas medidas preventivas e de renovação.

A Suderj se mostrou hostil à ideia do tombamento, mas acabou por aceitá-lo ao ter conhecimento que o estádio poderia sofrer algumas intervenções, caso fosse necessário. Dois anos após o tombamento a nível federal, em 3 de julho de 2002, o Decreto 21677 da Prefeitura do Rio de Janeiro tombou o complexo desportivo em âmbito municipal.

As obras ocorridas para o Mundial de Clubes da Fifa, em 2000, teve como maior alteração a colocação de assentos nas arquibancadas, dividindo-as em cinco setores separados por barreiras de acrílico com base de concreto, segundo Ferreira (2013). A reforma foi importante para separar as torcidas e cessar com as brigas na parte interna do estádio, mas nesse momento fez-se a diferenciação de preços de ingressos. Mesmo assim, não houve alteração significativa do interesse dos frequentadores pelos jogos nem mesmo houve descaracterização estrutural do estádio, sendo as intervenções importantes para modernizar o monumento.

Figura 10 - Maracanã após a reforma de 2000



Fonte: Livre acesso. Foto modificada. Disponível em: <https://www.wallpaperflare.com/americas-brazil-football-maracana-travel-sport-stadium-wallpaper-akxlb>, (2017).

No entanto, essa reforma foi o “pontapé” inicial para as outras reformas que viriam depois, descumprindo o tombamento consolidado e alterando sobremaneira o templo do futebol brasileiro.

Em 2005, o Maracanã foi fechado novamente para ser reformado para os Jogos Pan-Americanos de 2007. Com essa alteração, orçada na casa dos R\$ 304 milhões,

houve a redução da capacidade do estádio, o rebaixamento do gramado e, principalmente, o fim da antiga geral, que segundo Ferreira (2013) era o local onde os torcedores assistiam às partidas em pé e os ingressos eram mais baratos. Em seu lugar, foi construído um prolongamento das antigas cadeiras azuis. Com isso, houve a drástica diminuição dos torcedores e a elitização do jogo, o que alterou o espaço vivido e a ambiência do estádio, fatores importantes na identificação e na memória do lugar e da cidade.

Figura 11 - Maracanã à esquerda com rebaixamento do gramado, sem a Geral e com as cadeiras azuis. Comparação com 1985 à direita.



Fonte: Bruno de Laurentis. Disponível em: <https://mundorubronegro.com/flamengo/o-maracana-e-o-desperdicio>, (2017)

Essa reforma e as novas propostas de apropriação do estádio estavam intimamente interligadas ao processo que foi desencadeado nos anos de 1980-1990, principalmente após o Relatório Taylor, como falamos acima. Mais do que o estádio, o público teria que mudar.

Conforme cita Bourdieu (1984), o corpo próprio, como dimensão privilegiada do habitus, que distingue as classes populares das classes privilegiadas, perde espaço para a “estilização da vida” e o corpo é tratado como um fim. Esse “corpo-pra-outrem” é um resultado de uma cultura higienista e de

movimentos controláveis, ou seja, o torcedor não pode ser mais aquele que não pode pagar ou aquele que frequenta o estádio com uma camisa comprada no camelô. O torcedor passa a ser tratado como consumidor e os movimentos de reforma/renovação/construção são feitos para esse público fim.

Em uma crônica do jornal trivela, fica demonstrada a tristeza em perder a geral e de como o torcedor passa então ao status de espectador-consumidor:

Anos 70. Maracanã apinhado. 150 mil pessoas entram e saem do “maior do mundo” sem tumulto. Sem morte. Uma fatia dessa galera é a geral. Aliás, “galera” é anagrama de “a geral”. Mais do que anagrama: sinônimo. 30 mil torcedores humildes, fiéis, de pé, de radinho colado na orelha, de escudo colado no coração. Os ataques aéreos, tão comuns décadas depois, ainda eram raros. O único galo na cabeça do Geraldino era o Zico, e o ruído de bomba só se ouvia quando Dinamite acertava em cheio a esférica. Ah, dá uma nostalgia louca daquelas tardes de sol no quengo e das noites de doce sereno. Como esquecer a súplica na hora do escanteio, o palavrão para o treinador, o tira-gosto bate-e-entope, o aroma da grama, o frevo dos gols nos dias de chuva? O habitué desse espaço ficou desabrigado. Desde abril de 2005, ele vive sem o espaço onde, durante anos, investiu uma parcela de seu exíguo ordenado. A vitória do time, somente ela, podia pagar com juros as sacrificantes prestações. O despejo cruel foi, na verdade, o lance final de uma lenta agonia. Há muito, o trabalhador vidrado em futebol, frequentador típico daqueles 13 degrauzinhos de cimento, já vinha sendo forçado a longos exílios e a incertezas desanimadoras (RELEMBRANDO a geral do Maracanã, 2006).

A partir desta última reforma houve consideráveis alterações. As emissoras de TV ganharam destaque nessa empreitada e as organizações esportivas, como a Fifa e o Comitê Olímpico Internacional, COI, se voltaram à atuação de empresas de material esportivo. De acordo com Castro (2016) foram

mobilizados enormes quantidades de recursos financeiros para uma ampla cadeia que engloba direitos de transmissão, publicidade, realização de campeonatos de forma direta, e, turismo, construção civil, transportes, de forma indireta. Também merece destaque nesse cenário a realização dos megaeventos esportivos, notadamente a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Segundo Adauto Cardoso (2012), os megaeventos são parte de uma conduta de competitividade mercadológica e que usam de todos os recursos para angariar mais a atração do grande capital. O esporte, mais do que competição atlética, tornou-se parte de uma máquina de conseguir subsídios e mostrar que os países-sede são bons para captação de investimentos. Segundo Cardoso, não existe um objetivo em si de produzir justiça social ou um equilíbrio ambiental. Esses são objetivos subsidiários ao objetivo central, que é desenvolver o capitalismo nessas cidades.

Com os patrocínios e as transmissões de TV os espetáculos ficaram mais rentáveis. João Havelange foi o precursor de todo esse processo. O brasileiro, que assumiu a Fifa em 1974, chegou anunciando que iria vender um “produto chamado futebol”. Dentre os feitos para essa “comercialização”, ele aumentou o número de países filiados à Fifa e também o de participantes no Copa do Mundo, passando de 16 em 1974 para 32 em 1998. Um projeto expansionista visava incorporar novos mercados cujos principais alvos foram os países da África, Ásia e Oriente Médio.

Em resumo, podemos entender que o público que se esperava no estádio havia mudado. O objetivo de atender à demanda de diminuição dos assentos e os recursos investidos acarretariam no alto valor dos ingressos e consequentemente na triagem de um público mais abastado. Mas não parou por aí, a reforma seguinte seria a que mais alteraria o bem tombado.

DO ESTÁDIO À ARENA MARACANÃ

Para sediar a Copa do Mundo de 2014, a Federação Internacional de Futebol, Fifa, fez várias recomendações de mudanças para que o Maracanã sediasse alguns jogos, inclusive o jogo final do mundial, o que acarretou em sua maior reforma estrutural. O processo de adaptação do estádio aos requisitos das Recomendações Técnicas da Fifa começou em 2010 e uma das consequências foi a demolição de quase toda sua antiga estrutura. Como premissa de

preservação do bem outrora tombado, os responsáveis pelas mudanças mantiveram somente a fachada, causando indagações da manutenção da essência do estádio e da ambiência do lugar.

Castro (2016) nos relata que em 1995 houve uma tentativa no intuito de privatizar o Maracanã. Segundo o autor, esse processo aconteceu num contexto de políticas neoliberais pelo Governo Federal, marcado pela privatização de empresas públicas em diferentes áreas. Os argumentos apresentados eram parecidos com aqueles defendidos no tocante às grandes empresas públicas nacionais: sucateamento, ausência de recursos para sua manutenção, administração pública marcada pela ineficiência e clientelismo... logo, a privatização redundaria em melhor qualidade do serviço oferecido. No entanto, esse projeto foi perdendo espaço e foi rejeitado pelos principais candidatos ao posto de governador do estado do Rio de Janeiro nas eleições de 1998.

Depois disso, o tombamento foi realizado, como relatamos acima, e o processo de privatização foi arquivado. No entanto, essa última reforma realizada levantou polêmicas sobre a preservação do patrimônio do estádio e sua efetiva privatização.

O Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo de 2014 no ano de 2007. Em agosto do mesmo ano, uma delegação da Fifa inspecionou as dezoito cidades candidatas a receber os jogos, entre elas o Rio de Janeiro. Para a “cidade maravilhosa”, foi escolhido o Maracanã. Embora já figurasse como um lugar bastante visitado por turistas no período da escolha dos estádios-sede da Copa, o Maracanã ainda era pouco estruturado como atrativo turístico, além de ser oneroso e ocioso. Assim, a Suderj contratou empresas que teriam a missão de reconfigurá-lo, segundo normas da Fifa, e torná-lo mais rentável e atrativo.

Os projetos recebidos pela Suderj visavam, segundo Comas (2011), a demolição de vários equipamentos tombados pelo Iphan, constantes dentro do polígono do Maracanã. O repúdio foi generalizado, uma vez que não havia essa exigência no caderno de encargos da Fifa. O que constava era a melhoria na evacuação do local e deixar áreas livres próximas ao campo para receber os veículos e instalações da imprensa. Os equipamentos como o parque aquático e estádio de atletismo poderiam ser ajustados às necessidades da Fifa, antes e durante o evento, mas nada que coubesse a destruição dos mesmos.

Em 17 de dezembro de 2009, o Governo do Estado divulgou projeto recuando da demolição do estádio de atletismo e do parque aquático. Os estacionamentos, que seriam construídos onde está localizado o estádio de atletismo, foram designados para a vizinhança em particular na Quinta da Boa Vista e seu entorno. Em fins de 2009, o governo desistiu de fazer uma Parceria Público-Privada, PPP, para as obras do Maracanã e firmou acordo com a iniciativa privada. Assumiram então essa conta a Odebrecht e a IMG (empresa que havia se vinculado à IMX, à época pertencente ao empresário Eike Batista), elevando, assim, os custos da obra e excluindo da participação os clubes de futebol com sede na cidade do Rio e a própria CBF do consórcio.

No início de 2010, a Empresa de Obras Públicas do Rio de Janeiro, EMOP, contratou o arquiteto paulistano Daniel Fernandes para o desenvolvimento do projeto executivo. Em um documentário da Discovery de 2013 sobre a (re)construção dos estádios da Copa, Daniel relatou a dificuldade em reformar o estádio, uma vez que as exigências eram enormes. As palavras de ordem eram conforto e segurança (grifo nosso), mascarando o objetivo crucial de controlar os indivíduos.

No ano de 2013, a concessão do Maracanã e do Maracanãzinho foi finalizada pelo período de 35 anos ao Consórcio Maracanã S.A., formado pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG Administração de Estádios. Em princípio, retomaram a ideia de derrubar dos equipamentos tombados do polígono, como o Museu do Índio, a Escola Municipal Friedenreich, o estádio de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare. Queriam também construir dois centros de treinamento destinados à prática do atletismo e dos esportes aquáticos em substituição às estruturas removidas.

O grupo também teria direito a construir e explorar dois edifícios-garagem, com lojas e serviços, reforçando o conceito de *tradium*¹⁰. Na imagem, o novo projeto sem o estádio de atletismo Célio de Barros e sem o parque aquático Júlio Delamare. Na figura, o Museu do Índio também não consta, possibilitando a melhor dispersão do público no Complexo do Maracanã. No terreno da unidade escolar, duas quadras de aquecimento seriam anexadas ao Maracanãzinho para a utilização dos atletas que atuassem no ginásio poliesportivo durante a realização dos Jogos Olímpicos de 2016. (FERREIRA, 2017).

10 Segundo Bale (1993), as novas arenas, antes espaços sociais inclusivos, tornaram-se lugares de consumo. Por isso ele introduz o nome *tradium* que é a junção das palavras inglesas *trade* (comércio) + *stadium* (estádio).

Figura 12 - Projeto do Complexo do Maracanã sem o Estádio de Atletismo Célio de Barros.



Fonte: GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Disponível em: <https://docplayer.com.br/2079404-Anexo-3-elementos-do-projeto-basico-e-estudos-arquitetonicos-referentes-as-obras-incidentais-do-complexo-maracana.html>, (2017)

Após intensa discussão com vários segmentos da sociedade em defesa dos equipamentos ameaçados, o governo do estado desistiu em 2013 de demolir os prédios. No mesmo ano, várias manifestações ocorreram, colaborando com a mudança de atitude do governo em questão. Apesar do favorecimento à manutenção dos equipamentos, as condições eram (e ainda são) precárias de vários deles. Ninguém quis assumir as reformas dos edifícios e as atividades ficaram em suspenso.

O final das obras do Maracanã ocorreu no ano de 2013 e reabertura do estádio foi no dia 02 de junho deste mesmo ano para o amistoso entre Brasil x Inglaterra. Na ocasião, alguns jornais e o público frequentador falavam do fervor da reabertura do lugar, mas também da elitização causada pelo alto preço dos ingressos, deixando parte dos torcedores mais populares de fora do recinto. A partir dessa data, mesmo em jogos com ingressos mais baratos, os aficionados eram controlados pelos “stewards” - responsáveis por impedir possíveis confusões e ajudar a encontrar o assento numerado - e pelos altos preços cobrados pelas comidas e bebidas do local.

Sobre o resultado das obras, o estádio foi praticamente colocado abaixo, mantendo somente a fachada, criando polêmicas sobre as demolições,

principalmente da marquise icônica e da histórica arquibancada¹¹. A marquise constava em cinco laudos técnicos atestando que ela estava condenada, mas os pareceres foram colocados várias vezes em suspeita pelo próprio Iphan, que em um embate interno, teve a autorização da derrubada autorizada por Carlos Fernando de Andrade, na época superintendente da instituição.

Figura 13 – Marquise do Maracanã antes e depois da reforma.



Fonte: 1) Imortais do Futebol / Guilherme Diniz. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2018/01/29/maracana-templo-do-futebol/>, (2018); 2) Imortais do Futebol / Érica Ramalho. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2018/01/29/maracana-templo-do-futebol/>, (2018)

Na ata da 68ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Iphan, o superintendente Carlos Fernando declarou como “nada a opor” sobre a derrubada da marquise (PROJETO MARACANÃ, 2014). Logo em seguida, ele sofreu um processo pelo Ministério Público por ter autorizado a obra sem uma análise mais acurada dos laudos técnicos.

As arquibancadas foram derrubadas para a reconstrução de outras com mais visibilidade e eliminar os “pontos cegos”, além de abrir espaço para a construção de camarotes maiores e mais luxuosos. Também foram ampliadas as rampas de acesso e construídas mais duas delas, bem como novas cabines de imprensa e instalados novos placares eletrônicos.

Figura 14 - À direita primeira arquibancada do Maracanã em 1950; acima à esquerda cadeiras após a reforma para o Pan-americano de 2007; abaixo à direita cadeiras após a reforma para a Copa de 2014.



Fonte: 1) José Medeiros, 1950. In: KAZ, Leonel, (2005); 2) Zbiory własne / Tomasz Miłkoś / CC BY-SA (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0>), (2018); 3) Érica Ramalho/Governo do Rio de Janeiro / CC BY 3.0 BR / Foto modificada (<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/deed.pt>), (2018)

O próprio Diretor de Engenharia do Estado do Rio de Janeiro da época, Ícaro Moreno, em entrevista para o documentário do Discovery (2013), afirmou que seria mais fácil ter construído outro estádio em outro lugar, pois assim ficaria menos dispendioso e menos conflituoso com a população e imprensa.

Resumindo a obra física do Maracanã, toda obra da parte demolida foi feita em retrofit, uma técnica moderna cujo objetivo consta em adequar as estruturas antigas preservando as características marcantes do estádio tombado. Além da mudança da cobertura e de mais duas rampas, a segurança também foi melhorada com ampliação das saídas do campo, dos corredores de o esvaziamento máximo em 8 minutos.

Da estrutura externa, preservou-se boa parte do edifício, mas internamente quase nada restou. Todo o estádio possui um único conjunto de cadeiras, com inclinação adequada para que todos tenham boa visibilidade, passando de 31.500 m² de concreto pré-moldado, para cerca de 79 mil assentos.

A área foi ampliada de 86.000 m² para cerca de 160.000 m² em razão da geometria da arquibancada e da maior inclinação das cadeiras. Novos sistemas de som

e iluminação foram instalados, além de quatro placares eletrônicos com telas de alta definição medindo 16,68m x 7,32m. Construíram 231 banheiros e nos setores centrais foram postas escadas rolantes e elevadores para os lounges climatizados, espaços de convivência e consumo utilizados pelo público. Os antigos camarotes foram retirados do anel superior das arquibancadas e realocados em uma posição central (nível 3 dos setores Leste e Oeste), passando a um total de 110. Colocaram 360 monitores de TV de 42 polegadas para que o torcedor acompanhasse a partida enquanto se deslocava para comprar variados produtos nos 60 bares e quiosques espalhados pelas áreas de circulação.

Figura 15 - Projeto Tecnológico da Arena Maracanã. Telões, Camarotes no nível 3 e Cobertura



Fonte: Alison Furuto. 2014 World Cup Final Stage Stadium/Fernandes Arquitetos Associados. Disponível em: <https://www.archdaily.com/260295/2014-world-cup-final-stage-stadium-fernandes-arquitetos-associados>, (2016)

Após a reforma, o estádio foi reconfigurado em setores sul, norte, leste e oeste. Nos setores norte e sul, houve subdivisão com cadeiras inferiores e superiores. No setor leste as divisões foram: cadeiras inferiores, cadeiras superiores e camarotes. No setor oeste, as subdivisões foram as mesmas do setor leste, porém com a adição das cabines de imprensa e das cadeiras cativas. No setor leste também estão as Cadeiras Maracanã Mais, local com o ingresso em valor mais elevado do estádio, oferecendo uma série de serviços exclusivos ao espectador.

Figuras 16 e 17 – Maracanã (2007) acima e Maracanã (2014) abaixo.



Fonte: 18) Jonas de Carvalho / Attribution-ShareAlike 2.0 Generic (CC BY-SA 2.0), (2018); 19) Валерий Дед / CC BY (<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0>), (2018)

O estádio também foi pensando de maneira a preservar o meio ambiente e 45% do consumo da água utilizada para a manutenção do gramado é reaproveitada na drenagem da água acumulada na cobertura. O telhado também capta energia solar para aquecimento da água utilizada nos banheiros e vestiários e cobre 90% da área dos assentos.

Apesar de toda a modernização, como tratado anteriormente, o estádio teve um custo elevado. Em dados divulgados pelo comitê popular do Rio (MONTEIRO, 2013), o valor total foi de 1,33 bilhões de reais, somando 869 milhões do Estado e 469 milhões da concessionária. Adicionando às reformas

anteriores de 2000 e 2007, a quantia se eleva a 1,97 bilhões de reais. Desse valor, mais de 76% corresponde ao custo assumido pelo Estado, que só recuperará R\$ 231 milhões (menos de 12% do investimento) em 35 anos. Um prejuízo de R\$ 1,27 bilhão que será pago pela população.

Em 2015, a IMX vendeu a sua participação no Consórcio Maracanã S/A para a Odebrecht, que passou a deter 95% do capital da empresa. Os 5% restantes continuaram de posse da empresa norte-americana AEG. Para as Olimpíadas, nada foi feito de reforma no Parque Aquático e na Pista de Atletismo, pois as competições foram sediadas no Parque Olímpico e no Estádio Olímpico Nilton Santos, o Engenhão. Além disso, o Maracanã possuía uma dívida de mais de 100 milhões de reais neste período da venda e as concessionárias estavam insatisfeitas, pois não obtinham mais lucro, dado que nem os centros comerciais nem o estacionamento foram construídos.

O que podemos resumir de toda as reformas do Maracanã, foi que o espaço produzido foi padronizado em acordo com demandas internacionais e, consequentemente causou polêmicas sobre os novos usos. Enquanto espaço de representação, os rituais e os usos perderam os elementos arquitetônicos como arquibancadas que não existem mais, cedendo lugar para as cadeiras; houve padronização das praças de alimentação e também a busca pelo torcedor comedido. Enfim, mudanças importantes na estrutura e na relação de apropriação do torcedor com o estádio.

O jornalista da ESPN, José Trajano, deu o seguinte depoimento:

Antes de qualquer coisa eu parto do seguinte princípio, é uma fortuna absurda que foi investida no Maracanã, mais de um bilhão pra entregar de mão beijada pra iniciativa privada. Dizer que ficou bonito, lindo, sensacional, ficou. Também gastar um bilhão se ficasse horroroso daí manda prender de vez todo mundo. Só que será que seria necessário fazer essa reforma toda? O Maracanã já não tinha condições depois de várias reformas, incluindo quando acabaram com a geral? Não somos contra o estádio ficar mais moderno, mais bonito, ser mais acessível, mais assentos, banheiros melhores. Tudo isso podia ter como já havia tendo. Eu sou contra você "reformatar um estádio" e gastar 100 milhões nele pra colocá-lo mais em ordem. Não podiam desfigurar o Maracanã, seria a mesma coisa do cara chegar ao Coliseu em Roma, e achar que ele está muito deteriorado, então vamos começar a azulejar, botar uns bebedouros mais modernos, e aí teria que chamar "Arena Coliseu". É um desrespeito à lei, é o dinheiro a rodo jogado fora! Que ficou

bonito não há dúvida. Acho um desrespeito quando fazem matéria do Maracanã, e colocam criança. É claro que uma criança que vai ao Maracanã pela primeira vez vai achar tudo belíssimo, ela não carrega essa história nossa que não pode ser ignorada desse jeito. Não é que somos contra a modernidade, melhorar a coisa, mas não destruir (PROJETO MARACANÃ, 2014).

Mauro Cezar Pereira, também jornalista e comentarista da ESPN, complementa dizendo que,

O que fizeram foi uma descaracterização quase que total do estádio. O Maracanã está sendo violentado de uma maneira que desrespeita inclusive a própria história. E aí quem mostra como as coisas devem ser feitas são os alemães, que passaram antes da Copa de 2006 pelas pressões que o Brasil passou. Lá também teve pressão da Fifa para descaracterizar o Estádio Olímpico de Berlim, mas os alemães não se curvaram a isso: Fizeram reformas e modernizaram o estádio. Mas você vai lá dentro e vê que aquela escadaria atrás dos gols, onde ficou a pira olímpica, onde aconteceu aquela cena marcante do Hitler em 1936 se recusando a cumprimentar atletas negros medalhistas de ouro. E olha que a Fifa até quis fechar aquele anel com alegações do tipo: 'lembra o nazismo'. O estádio preserva traços originais (PROJETO MARACANÃ, 2014).

A torcida e a transformação do Lugar

Hoje, o meu personagem da semana é uma das potências do futebol brasileiro. Refiro-me ao torcedor. Parece um pobre-dia-bo, indefeso e desarmado. Ilusão. Na verdade, a torcida pode salvar ou liquidar um time. É o craque que lida com a bola e a chuta. Mas acreditem: - o torcedor está por trás, dispondo. (NELSON RODRIGUES, p. 40, 1912).

Embora o perfil do torcedor evolua constantemente com o passar dos anos, ele é e sempre será aquele vai estar por trás da equipe do coração, como bem escreveu Nelson Rodrigues. O 12º jogador, como chamado por várias equipes e autores apaixonados, é o responsável pela tônica da ambiência do estádio. A torcida é feita pela corporificação no espaço e usa de todos os sentidos para fazer parte do espetáculo. Muito mais que 90 minutos de jogo e 22 jogadores disputando a bola, a partida é formada pelas coreografias, cânticos, xingos, choros, gritos e a efusividade de estar entre os seus.

Segundo DaMatta (1994), no Brasil o futebol é coisa nossa por direito. Mesmo que ele tenha sido “inventado” na Inglaterra, o autor aponta esse esporte como o samba, a feijoada e a saudade: é coisa do Brasil. Para DaMatta esse esporte “mobiliza e apaixona as massas, porque move sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós.” (1994, p. 12).

Foi no princípio do século XX, na Inglaterra, que os primeiros clubes de fans surgiram. Em 1913, devido ao grande número de clubes, foi criada a primeira federação de torcedores. Segundo Bromberger (2001), essas federações ainda eram furtivas até 1930 e decolaram somente depois da Segunda Guerra Mundial.

Os pioneiros eram os clubes pertencentes à pequena burguesia urbana e escolhiam como sede para reuniões alguns cafés no centro da cidade. Segundo Buarque de Hollanda (2008), as nomenclaturas dadas variavam entre fans e supporters.

No Brasil, o termo torcedor é oriundo do verbo torcer. O ato de “torcer algo” era feito pelas mulheres que ao assistirem as partidas de futebol, torciam os seus lenços, sobretudo em momentos de indefinição e de alta expectativa. Segundo Buarque de Hollanda (2008), a torção dos lenços e os corpos se contraindo simbolizavam aflição e isso era retratado como a forma de apoiar a equipe, torcendo.

Considera-se a década de 1930 o ano de solidificação das torcidas brasileiras. Nesse ano, surgiram as primeiras torcidas uniformizadas de futebol, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro, estados considerados como irradiadores deste esporte. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008).

Na década de 1930, a imprensa esportiva também ganhou força e, com um público maior nos estádios, tomou a iniciativa de “civilizá-lo”, criando promoções esportivas, como campanhas de bom comportamento, sorteio de prêmios e concursos de fantasias. A mais emblemática campanha foi a criação da Competição de Torcidas, em 1936, pelo Jornal dos Sports.

Com essas competições surgiu também a figura do Chefe de Torcida. Normalmente esse posto era ocupado pelo torcedor com mais liderança e, segundo Buarque de Hollanda (2017), o Chefe era um dos principais personagens do “enquadramento moral” do esporte, para a Era Vargas. A missão dos chefes de torcida era de cooperar com a polícia no sentido de organizar as massas no espaço público das arquibancadas, que crescia cada vez mais, ao mesmo tempo que representar a pureza amadora no futebol, naquele universo que buscava cada vez mais a profissionalização.

Sem embargo, foi a partir de 1950 que as coisas começaram a mudar. Foi com a construção do Maracanã, um estádio com capacidade para quase duzentas mil pessoas, que eclodiu o que de fato podemos entender como “torcedor de massa”.

O PAPEL DO TORCEDOR E O VALOR DAS MASSAS

O futebol se tornou paixão nacional, pois ele se aproxima mais do popular que do erudito, dado seu caráter espontâneo e simples. Os reis, os príncipes, os duques e nobres fazem parte da plateia junto com os demais membros de uma localidade, ainda que por vezes em setores diferentes. O futebol fascina porque tem um alto fator de imprevisibilidade, mesmo quando uma equipe seja superior. (DAMATTA, 1994).

No ato de torcer, encontramos coletividade em contrapartida às divisões mais individualistas das demais instituições, como no trabalho. Ele tem força integrativa e capacidade de proporcionar às pessoas, sobretudo às pessoas pobres, a experiência da vitória e do êxito. É um sucesso alcançado por meio dos times favoritos. O desempenho então como torcida, como plateia sofredora e que se doa sem reservas ao seu clube, produz resultados palpáveis que outros campos do sistema social hierarquizado não chegaria a proporcionar (DAMATTA, 1994).

Era essa experiência que estava crescendo na década de 1950, quando o Maracanã consagrou o ato de “torcer em massa”. As multidões passaram a preenche-lo com frequência e surgiu um emaranhado que entoava cânticos em uma só voz. As torcidas logo começaram a territorializar o espaço e a serem identificadas por meio das camisas dos clubes, das bandeiras com os símbolos das equipes, dos cânticos de encorajamento, criando assim a territorialidade torcedora, como bem relatou Castro (2016).

Figura 18 - Maracanã em 1950 com 200 mil pessoas. Andaimes e improviso



Fonte: Imortais do Futebol / Guilherme Diniz. Disponível em: <https://www.imortaisdo-futebol.com/2018/01/29/maracana-templo-do-futebol/>, (2020)

O Maracanã foi um estádio revolucionário, tanto pelo seu formato oval que circunscrevia o retângulo do gramado, quanto pelo perfil agregador de torcedores que nele foi criado. Os desenhos em elipse e um grande anel inferior, quase no mesmo nível do gramado, envolviam o campo de jogo, com torcedores em pé, na Geral, nas cadeiras cativas e cadeiras comuns. Os camarotes ficavam bem atrás das cadeiras no nível intermediário e no último nível as arquibancadas, tribunas de honra e imprensa onde todos torciam juntos e próximos. (VIEIRA 2000; FERREIRA, 2017).

O padrão Maracanã foi se reproduzindo no Brasil até a década de 1980, tendo seu auge no período do governo militar (1964-1984), tornando-se o país dos grandes estádios. Em geral, as construções dos estádios eram planejadas para que não houvesse obstrução do campo de visão do torcedor para o gramado. Havia também a figura do fosso que ficava entre a Geral e o campo, afim de impedir invasões e dificultar o lançamento de objetos nos jogadores. O Maracanã foi exemplo e o seu gigantismo “somado à centralidade por ele exercida sobre o espaço urbano local e ao baixo valor cobrado pelas entradas permitiu que a ida ao estádio se consagrasse como um dos principais programas de lazer dos residentes na capital e adjacências.” (FERREIRA, 2017, p. 133).

Figura 19 - Fosso do Maracanã separando a Geral do campo.



Fonte: Imortais do Futebol / Guilherme Diniz. Disponível em: <https://www.imortaisdo-futebol.com/2018/01/29/maracana-templo-do-futebol/>, (2018)

Uma nova forma de apropriação do espaço foi criada, sobretudo na Geral, onde as pessoas se reuniam de pé em um espaço com capacidade para 30.000 torcedores, pagavam quase sempre preços simbólicos pelos ingressos, e na aglomeração criavam uma ambiência-coral para empurrar os times. No documentário produzido por Pedro Asbeg e Renato Martins intitulado *Geraldinos*, é relatada a relação entre os torcedores que ficavam em pé e a perspectiva do jogo:

Não se define o geraldino, pois se podia tudo na geral. O comportamento de quem ali frequentava era indefinível. A geral era a possibilidade, se vai ver ou não o jogo é uma possibilidade. Só

sei que ali era do povo, da galera, de quem lutava no dia-a-dia, de muitas histórias. (LUIZ ANTÔNIO SIMAS, In: Geraldinos, 2015)

Washington Rodrigues, mais conhecido como Apolinho foi quem deu esse apelido de Geraldinos aos frequentadores da Geral. O jornalista esportivo conta no documentário que era o Geraldino que dirigia o time, xingando o jogador, o técnico e, mesmo que não assistisse à partida por motivos diversos, como ser obstruído por outro companheiro, era a figura que mais festejava o espetáculo.

Além da Geral, as arquibancadas eram um outro espaço do estádio apropriado, sobretudo pelos torcedores comandados pelos chefes de torcida que neste local dirigiam a festa. A ambiência que se produzida era de carnaval, com bandeiras enormes que cobriam boa parte da torcida, expressões de impactos como movimentos com as mãos para empurrar as equipes e cânticos, como os hinos não oficiais¹² e as marchinhas de carnaval¹³.

Figura 20 - Geral com superlotação no antigo Maracanã.



Fonte: Imortais do Futebol / Guilherme Diniz. Disponível em: <https://www.imortaisdo-futebol.com/2018/01/29/maracana-templo-do-futebol/>, (2018)

Nas décadas de 1950-1960, foi resgatado o Duelo das Torcidas, realizado por Mario Filho no Jornal dos Esportes, em 1936. Em jogos do Flamengo x Fluminense, as

torcidas disputavam a eleição da torcida mais animada e mais original. O carnaval realizado contava com confetes, serpentinas, buzinas, fantasias, fogos de artifício etc. Isso se repetiu durante toda a década de 1960 e tinha várias categorias como: melhor charanga, maior vibração, maior número de bandeiras, torcida mais numerosa, torcedor e torcedora mais original, entre outros. (CASTRO, 2016).

Segundo Buarque de Hollanda (2008), o Duelo tinha função dupla: carnava-lizar a torcida e controlar o comportamento do torcedor, mantendo a ordem. O estádio que produziu o torcer em massa precisava de um “controle” dos corpos, pois atingia públicos recordes, como o FlaFlu de 1963 com 194.603 presentes. Até a década de 1970, o espetáculo era conduzido pela sociabilidade quase familiar e pautada pela mistura de camadas populares com pessoas de vários outros estratos sociais.

De acordo DaMatta (1983), o carnaval e o futebol no Brasil era – e tenta em alguma medida continuar sendo – o momento da inversão da regra, em que os indivíduos anônimos deixavam de ser mera força de trabalho, tornando-se pessoas: nobres, cantores, passistas, personagens de um drama nacional no duplo sentido do termo. No futebol, as torcidas se reconhecem pela identificação com os times e os torcedores se reconhecem como pessoas com direitos e deveres. O prêmio é significativo: o direito de hierarquizar as posições dos iguais ou de mudar as posições dos superiores.

Com as formações dos grupos no ato de torcer e a figura de um líder que direcionava a precursora da torcida organizada, a festa seguia um ritmo horizontal, sem deixar de ter uma ordem vertical, com aqueles que se destacavam dentre eles. Segundo Freud (1990), a presença do chefe remete à obediência e as características misteriosas e coercitivas das formações grupais. O “pai primo” é o ideal do grupo, que dirige o ego no lugar do ideal do ego. Em um primeiro momento ele é o que vincula o espaço do estádio ao local de todos, mas esse papel muda com a juvenilização das torcidas.

A partir desse segundo momento, as primeiras torcidas organizadas e a carnava-lização deram espaço a militarização do ato de torcer tendo como condutores desse processo dissidentes dos principais clubes cariocas. Do Fluminense, surgiu a Jovem Flu ou Young Flu em 1967; do Flamengo nasceu a Torcida Jovem do Flamengo em 1967 cujo primeiro nome foi Poder Jovem; no Botafogo criou-se a Torcida Jovem do Botafogo (depois Fúria Jovem), em 1969; e no Vasco surgiu a Força Jovem do Vasco, em 1970. (FERREIRA, 2017).

Figura 21 - Uma das torcidas jovens criada no período de juvenilização: Fúria Jovem Botafogo



Fonte: Martins, Tito / CC BY-SA (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0>), (2017)

Essa tendência de juvenilização das torcidas era uma tendência mundial e na Inglaterra algo parecido com o Brasil estava acontecendo com os hooliganismo¹⁴. Eles eram jovens egressos dos núcleos duros do subproletariado britânico que, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, “levavam padrões de hostilidade, emulações em torno da masculinidade e uma lógica espacial de segmentação ordenada para as tribunas dos estádios”. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2017, p. 388)¹⁵.

Os grupos criaram seu território nas arquibancadas, atrás dos gols. O processo de apropriação-dominação desses espaços foi feito à base de festas e ofensas deferidas aos atletas e dirigentes. Esses grupos eram fortemente dominados pela presença masculina e, conseqüentemente, naturalizado pelo machismo.

Além do perfil excludente do público feminino, Lgbti+, crianças e até mesmo idosos, as torcidas jovens consolidaram um ambiente violento, de brigas entre os próprios torcedores, culminando na criação da Associação das

Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, Astorj, em 1981. O objetivo era de minimizar os enfrentamentos das torcidas e ser canal de diálogo com as autoridades do esporte e segurança pública.

Como propostas de contenção e segurança, algumas medidas foram tomadas pela Astorj e autoridades, sendo uma delas o aumento do preço dos ingressos. Essa medida, no entanto, resultou em uma onda de greves dos torcedores insatisfeitos com as mudanças dos valores. Em matéria extraída do *Jornal dos Sports* lia-se a seguinte notícia na primeira página: “os torcedores fazem greve no setor da Geral do Maracanã, além de piquetes fora do estádio e passeatas em frente à sede dos clubes”. (BUARQUE DE HOLLANDA, 2017, p. 385).

O estigma da violência das torcidas organizadas juvenis passou então a balizar o “pânico moral” da sociedade, marcada também pelo aumento da violência urbana. A partir da década de 1980, o público do Maracanã começou a ser remodelado e, claro, esse aspecto virou pauta de polêmicas e discussões. Por um lado, a violência tinha que acabar, bem como a demarcação de um território machista pelas Torcidas Jovens, por outro, a festa teria que continuar, pois o torcedor frequentador era parte do ambiente da competição e parte da cultura do futebol.

Essa discussão foi encerrada em 1992 quando ocorreu o acidente que causou a morte de três pessoas no Maracanã. O problema de manutenção se virou contra os torcedores, principalmente os membros das torcidas organizadas, e o público passou a ser cada vez mais selecionado. A palavra de ordem era a segurança, mas por trás dessa demanda, aproveitou-se para banir aos poucos as classes populares.

O momento de transformação mercantil do estádio começou a transformar o espaço vivido de Lefebvre (2006) em espaço concebido, ou seja, o espaço como valor de troca e mercadoria, transformando radicalmente a ambiência do lugar e a memória ali encrustada há tantos anos¹⁶.

16 Giulianotti (2012) fala do surgimento de um pós-torcedor que seria parte das classes médias urbanas da sociedade pós-industrial. Ele seria responsável pela mudança da experiência do jogo, menos vibrante e passional, com grupos menores indo ao estádio, mais presença feminina, novas agendas para as organizações torcedoras, inclusive movimentos contra de resistência. Como alguns exemplos de resistência podemos citar a Inglaterra, que foi o primeiro lugar a ter o futebol reelitizado e tem como campanha a *Twenty's Plenty* que pressiona os clubes da Premier League a cobrarem o valor máximo de vinte libras pelas entradas destinadas aos torcedores da equipe visitante. Outro exemplo é da Arena Corinthians que foi construído para a Copa do Mundo de 2014 e utilizado na abertura do torneio, teve após o campeonato os assentos retirados atrás de um dos gols para a ocupação das tradicionais torcidas organizadas. (FERREIRA, 2017). No Maracanã, segundo Mascarenhas (2017) o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, no Rio de Janeiro, promoveu intensa campanha contra a privatização e a elitização do Maracanã. “O Maraca é nosso” tinha por objetivo a reapropriação popular do equipamento de uso coletivo que representa um bem simbólico para a identidade do carioca.

No começo dos anos 2000 os ingressos foram novamente encarecidos, mas foi em 2005 que o torcedor perdeu a Geral para os Jogos Pan-americanos de 2007 e, consequentemente, o ingresso mais barato do estádio. Segundo Lúcio de Castro, no documentário *Geraldinos*, os torcedores que ficavam neste setor eram a expressão do Don Quixote. “Ele ali tinha seu momento de extravasar e botar para fora seus desejos e sonhos, ali ele podia sonhar sem os moinhos de vento que tinham ficado para fora.” (grifo nosso)

O modelo de cidade que estava sendo construído em correlação com as forças hegemônicas era o modelo reproduzido no estádio, afastando o pobre. Segundo Moysés, um dos geraldinos entrevistado no documentário, a cultura brasileira de torcer é bastante diferente da cultura europeia, haja visto que no Brasil se torce em pé. “Se tirar a geral e a arquibancada, o Maracanã morre” (grifo nosso). E tiraram definitivamente todos esses elementos para sediar em 2014 a Copa do Mundo de Futebol.

Com a extinção da Astorj em 1993, foi criada em 2008 a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, Ftorj, que visava proteger as torcidas organizadas no lugar da Astorj. Mesmo que a distância de tempo tenha sido grande entre uma associação e outra, e se tenha perdido muito espaço no “modo de torcer”, a Federação lutava contra o “futebol moderno”, relacionando ao processo de elitização dos estádio/arenas e ao modo de torcer mais “controlado”.

Em 2014, substituindo a Ftorj, surgiu a Associação Nacional das Torcidas Organizadas (Anatorg). O intuito era de “fomentar o diálogo; lutar pelos direitos das torcidas organizadas, dos torcedores comuns; e promover trabalhos de prevenção, de minimização de conflitos, com a intenção de resgatar a festa nas arquibancadas, livre de restrições.” (FERREIRA, 2017, P. 153). Dentre os objetivos da Anatorg, estava o de mediar debates para romper com a imagem estigmatizada dos torcedores organizados.

Com a nova configuração do Maracanã em setores e com a instauração de diversas normas de controle sobre o comportamento dos torcedores, houve confinamento dos grupos de torcidas organizadas nos setores superiores Norte e Sul, localizados atrás dos gols. No estádio que tinha a circulação livre, exceto em clássicos, passou a existir um modelo de assento numerado e vigilância repressora.

Figuras 22 e 23 - Torcidas organizadas nos setores Sul e Norte do Maracanã. Acima setor Sul: torcida do Fluminense, Abaixo setor Norte: torcida do Flamengo. Identificação pelas bandeiras.



Fonte: Acervo próprio

Sem a Geral e com o controle das Organizadas, o Maracanã passou a comportar um híbrido resultante da combinação entre as práticas adotadas principalmente entre as Organizadas tradicionais e os movimentos populares de torcedores.

Com as ausências e/ou suspensões em alguns momentos de antigas torcidas organizadas, como a Young Flu, Raça Rubro-Negra, Torcida Jovem do Flamengo, Força Jovem Vasco, Torcida Jovem do Botafogo e Fúria Jovem do Botafogo em 2015, outras torcidas surgiram como a Loucos pelo Botafogo, Bravo 52 e Guerreiros do Almirante. Além dessas, a torcidas chopp e rastas foram conquistando adeptos e simpatizantes nos novos modos de torcer. (FERREIRA, 2017).

Até o final de 2015 nos setores laterais e nas porções inferiores Norte e Sul não era permitido repousar os pés sobre o encosto do assento à frente e, nas porções superiores, "as cadeiras sofreram um processo de refuncionalização servindo como 'degraus' especialmente para os frequentadores posicionados imediatamente atrás das bandeiras e trapos." (FERREIRA, 2017, p. 170).

Figura 24 - Controle aos torcedores do nível 1, à esquerda, e livre refuncionalização nos níveis 2 e 5, à direita.



Fonte: Ferreira, (2017)

Além da reorganização das torcidas organizadas e populares, o século XXI viu nascer outros tipos de torcedores que também tornaram-se parte do espetáculo e tentam em alguma medida se territorializar e se apropriar do espaço: o torcedor avulso e o sócio-torcedor.

E torcedor avulso é aquele que frequenta o estádio sem vínculo com qualquer torcida. Se antes ele era o “estranho” por torcer pelo time de forma discreta e passiva, ele tornou-se o principal exemplo do que se almeja no estádio. Isto é, ele é o objeto de desejo dos administradores das arenas. Ele não é presença constante nos jogos e paga o valor do ingresso sem questionar por pertencer ao médio e alto poder aquisitivo.

Já o sócio-torcedor, que surgiu após conflitos na década de 1990, principalmente ao que se chamou “Batalha do Pacaembu”¹⁷, é a figura que paga uma quantia mensal e tem acesso a uma série de benefícios, como pagar menos para assistir aos jogos. O objetivo, além de um torcedor mais elitizado, é potencializar a renda dos clubes mediante uma fonte de arrecadação contínua ao fidelizar o torcedor com a instituição.

¹⁷ Confronto envolvendo policiais e torcedores de São Paulo e Palmeiras após a final da Taça São Paulo de Futebol Junior. Como resultado, a morte do torcedor alviverde Márcio Gasparin e 102 pessoas feridas. Após a tragédia, principalmente no estado de São Paulo, os núcleos organizados sofreram uma intensa perseguição por parte de juizes e promotores. Podemos citar a extinção da Mancha Verde (Palmeiras), uma das protagonistas da barbárie, como a ação de maior impacto. (FERREIRA, 2017)

Tendo em vista os “novos” tipos de torcedores, Ferreira (2017) construiu algumas taxonomias¹⁸ a partir de seu trabalho geográfico e etnográfico no Maracanã reformado/reconstruído para a Copa do Mundo em 2014¹⁹, a fim de auxiliar na compreensão dos grupos de torcedores formados no novo Maracanã. O objetivo das taxonomias é mais que classificar e categorizar os torcedores, mas sobretudo entender como esses personagens se adaptaram e se reorganizaram balizados por uma grande paixão: o futebol.

As categorias que formam as taxonomias são: torcedor-artista, espectador clássico, espectador-ator e torcedor-ator. O primeiro deles, o torcedor-artista, se subdivide em cinco categorias, a saber: torcedores coletivizados; satélites; pós-geraldinos; defensores do território; e torcedores caricatos.

- **Torcedor-artista coletivizado:** os coletivizados são os torcedores membros das torcidas organizadas. São aqueles que levam faixas, bandeiras, instrumentos etc, mesmo que alguns desses materiais sejam proibidos em certas partidas por serem usados em confrontos violentos. Eles entoam cânticos próprios e tem seu próprio material, como camisas e bandeiras. Eles são parte do espetáculo.

- **Torcedor-artista satélite:** os satélites são pessoas que se posicionam juntamente às torcidas organizadas, mas não são parte efetivamente delas. Eles gostam da ambiência do lugar das organizadas. Ele frequenta o estádio com certa regularidade e mantém-se fiel a determinada localização. Ele traça normalmente o uniforme da equipe que apoia. Ele normalmente sabe os cânticos da torcida organizada que segue. O diferencial é que eles se sentem livres para romper o “contrato” caso alguma atitude o incomode.

18 Segundo o dicionário Aurélio (FERREIRA, 2010) taxonomia quer dizer a ciência que se dedica à classificação e distribui sistematicamente em categorias. Essa definição se restringe ao conceito linguístico, mas a taxonomia pode ser epistemologicamente entendida como parte da biologia que descreve, identifica e classifica os organismos em grupos ou individualmente. O estudo do torcedor tem relação mais próxima com a psicologia enquanto indivíduo e com a sociologia enquanto unidade coletiva, mas apropriando do conceito biológico, a taxonomia do torcedor é aquele que mais se aproxima dos organismos em grupos ou individual dentro de cada grupo, ou seja, não é dissociado do coletivo ao qual o estádio é o congregador.

19 Ferreira se inspirou em Richard Giulianotti (2012) que criou taxonomias que abordam o impacto mercantil do futebol nas identidades torcedoras a partir da década de 1960 e construiu um modelo baseado em combinações prováveis entre duas oposições binárias: quente/frio (importância da relação do torcedor com o clube para a formação da identidade do indivíduo) e tradicional/consumidor (grau de investimento emocional e/ou financeiro do indivíduo em um clube). A partir disso, o autor propôs quatro tipos ideais de torcedores: fanáticos (tradicionais/quentes), seguidores (tradicionais/frios), fãs (quentes/consumidores) e flâneurs (frios/consumidores). Por meio de um aspecto mais sensível, o autor Jean-Michel Roux (2014) também lançou taxonomias, tendo como base estádios europeus. Para o autor ir ao estádio é uma experiência sensível que depende de vários fatores, principalmente da tipologia do público. Ele divide o público em três categorias: espectador, torcedor e fã.

- **Torcedor-artista pós-geraldino:** os espaços inferiores dos setores Norte e Sul (e por vezes setor Leste) foram tomados por torcedores que assistem a partida de pé. Esses são os pós-geraldinos. Em um primeiro, momento eles foram reprimidos, porém foram aos poucos ocupando o espaço e aumentando de número.

- **Torcedor-artista defensor do território:** em jogos com grande público há o transbordamento da torcida anfitriã para os subsectores localizados na extremidade oposta, posicionados entre a torcida visitante e um setor misto. Nesse local aparece a figura do defensor do território que assemelha-se ao pós-geraldino. Ele surge na ausência da torcida organizada mais aguerrida e toma para si a defesa do local contra o adversário. O seu local é junto à grade de separação com a torcida visitante e dedicam boa parte do tempo provocando o rival. São torcedores avulsos “com alma” por defenderem o território.

- **Torcedor-artista caricato:** os caricatos tem presença recorrente nos jogos e chamam atenção pelo figurino. São apaixonados pela equipe e se tornam muitas vezes em torcedores-símbolo de seus clubes. São também parte do espetáculo. Durante a partida, eles se mesclam entre o posicionamento frente às câmeras de televisão e apoiar a equipe. Normalmente estão localizados nas primeiras fileiras do nível 1 dos setores Norte e Sul.

- **Espectador clássico:** esse público prefere assistir às partidas distantes de manifestações corpóreas de maior impacto visual, sem barreira física ou humana que atrapalhe a sua experiência no estádio. Estão em quase todos os setores, mas concentram-se mais nos setores Leste e Oeste. Seu objetivo é apoiar o time do coração, concentrando-se no desenrolar da partida. Manifestam-se corporeamente em momentos de euforia ou descontentamento. Criam vínculos temporários com pessoas desconhecidas. Costumam ir sozinhos ou acompanhados de familiares ou amigos.

- **Espectador-ator:** é o público componente de não torcedores. São indivíduos poucos afeitos à essência do esporte. São normalmente os excluídos do antigo estádio “violento” e segregador, como alguns idosos, certas mulheres e crianças. Encaram a ida ao estádio como um evento social, em um ambiente limpo, seguro e confortável. São os adeptos das selfs e das redes sociais. Usam normalmente as cores dos times que estão torcendo, mas normalmente a sua ligação com o futebol é desenraizada, sem identificação clubística. Costumam ser encontrados frequentemente durante partidas de grande interesse de público ou em jogos contra adversários com pouco ou nenhum grau de rivalidade.

- **Torcedor-ator:** figura constante nos jogos dos megaeventos esportivos que aconteceram em 2014 e 2016. Na ocasião era o personagem com espírito festivo, fantasiando e carregando adereços.

TERCEIRO CAPÍTULO:

ESQUEMA TÁTICO

No futebol, o esquema tático diz respeito à forma como o time se dispõe em campo, e às táticas de jogo. Neste livro, a noção esquema tático se refere ao nosso posicionamento no campo, enquanto pesquisadores “olhando” o objeto (o Maracanã), e ao tratamento dado por nós às informações disponíveis e emergidas sob este olhar.

Se a ambiência só pode ser percebida e descrita a partir da experiência, tanto do usuário quanto do pesquisador, ou seja, de um corpo (e seus aportes sensíveis: ouvir, cheirar, olhar, tocar) situado no espaço físico (DUARTE, 2007), o nosso posicionamento no campo não poderia deixar de ser uma imersão na atmosfera do lugar: na atmosfera do Maracanã. Para tanto, recorreremos a abordagens etnográficas de estar e de olhar neste/para este campo, de jogo, de personagens, de acontecimentos. Mas, também, recorreremos, como complementariedade, a uma abordagem de construção e interpretação de narrativas mnemônicas (relativas à memória) dos lugares.

Abordagem Etnográfica e Análise

Etnotopográfica

A etnografia é uma atividade decididamente perceptiva, tendo como base a observação atenta de tudo, especialmente, dos comportamentos mais banais (LAPLANTINE, 2004). Tomar a ambiência como ponto de vista, implica mirar experiências, percepções e ações, em determinados contextos. Uma etnografia utilizada para o estudo de ambiências implica um olhar atento às condutas, às vivências e às relações estabelecidas pelos diferentes agentes (humanos e não- humanos, materiais e imateriais) em uma ambiência (DUARTE et. al., 2007; MELO, 2013).

Para Geertz (1978), praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário... mas é também efetuar o esforço intelectual gerado por estas ações. Logo, fazer etnografia é tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escritos pelo comportamento dos sujeitos e, no final de tudo, traduzir tudo isso para uma descrição profunda e detalhada do objeto pesquisado. Fazer etnografia, esta descrição densa (GEERTZ, 1978), é vislumbrar teias de significados tecidas pelos próprios e diferentes grupos que interatuam numa ambiência, requerendo uma análise cultural em busca de interpretações.

A etnografia possibilita que o pesquisador fique lada-a-lado as pessoas, sujeitos de sua pesquisa. Lada-a-lado nas relações que essas pessoas têm com seus grupos, seus locais de moradia ou de visitação, quando o pesquisador se infiltra no cotidiano delas, e, assim, participa de seus encontros e de sua sociabilidade (MAGNANI e SOUZA, 2007).

Utilizando a abordagem etnográfica em nosso esquema tático, pretendíamos, sobretudo, vivenciar com os torcedores do Maracanã, os sentimentos e afetos suscitados neles, pela abrupta mudança ocorrida no estádio, para a Copa do Mundo 2014. Queríamos nos misturar aos mais diversos apaixonados de todos os clubes cariocas que usam o estádio como sede de seus jogos, para entender a rela o de cada um deles – em seus grupos ou separados – com o espaço futebolístico. O nosso desejo era desvendar todos os pormenores do contato direto com um lugar novo e reformado, mas atrelados à mesma paixão pelo time do cora o.

Com esta perspectiva, e tendo como objeto um ambiente construído, o Maracanã, introduzimos em nosso esquema tático as nuances metodológicas da Análise Etnotopográfica atrelada à abordagem etnográfica. Por meio da criação de ferramentas que têm base no leque interdisciplinar das ciências humanas, porém adaptadas à linguagem e à sensibilidade próprias a pesquisadores da área de arquitetura e urbanismo, a Análise Etnotopográfica busca analisar a configuração dos atributos do espaço, a fim de estabelecer os tipos identitários dos significados e das imagens urbanas coletivas, assim como para a compreensão do espaço enquanto materialização das culturas, subjetividades e projetos de vida (DUARTE et. al., 2007, p. 4). As principais características da Análise Etnotopográfica, e que a diferenciam de uma análise etnográfica, são primeiramente, relacionar uma aplicação de estudos de um grupo sociocultural em um determinado lugar, com base e suporte no espaço em si, e, em seguida, usar resultados gráficos e visuais passíveis de serem interpretados pelo pesquisador das áreas de arquitetura e urbanismo.

O ato de observar de forma participativa e atuante é crucial numa etnografia, pois é somente assim que o pesquisador está apto a estar a par das vivências de outros, aos quais ele pretende se aproximar e compreender (MELO, 2013). Na opinião de Atkinson e Hammersley (1994), toda pesquisa social é uma forma de observação participante, porque não é possível estudar o mundo social sem ser parte dele. Logo, a observação participante não é uma técnica específica, mas um modo de estar-no-mundo, característico do pesquisador social.

A Observação Participante parte do pressuposto que há muitos elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou da escrita. Os ambientes, os comportamentos individuais e grupais, a linguagem não verbal, a sequência e a temporalidade da ocorrência dos eventos são fundamentais para a interpretação posterior dos problemas levantados (BECKER, 1999). Outros princípios desta metodologia é que ela consiste no exame minucioso de sujeitos em um determinado contexto, no qual o próprio pesquisador desempenha um papel.

Em nosso esquema tático de entrada no campo, a observação iniciou a partir do momento em que nos misturamos aos torcedores e fomos aceitos no papel de um (torcedor) entre eles. A partir desse momento, nos detivemos atentamente às emergências de (re)significações, de (re)apropriações e de novos usos do estádio, engendrados nas memórias e nas atuações (do corpo e seus afetos) dos torcedores, no e com o momento-lugar de uma partida de futebol. Tudo isso foi escrito em um Diário de Campo (MALINOWSKI, 1982). Um diário ou caderno, no qual o pesquisador não deixa de fora as suas emoções e sensações, pois não é possível manter a neutralidade em relação ao que se está observando (BRASILEIRO et al., 2008). Em qualquer etnografia, o pesquisador não é isento. É ele quem analisa a

partir de suas próprias interpretações e sensibilidade. Contudo, embora o pesquisador não consiga se manter distante emocionalmente, é importante que ele seja o menos influente possível, pois somente assim será possível captar todas as informações necessárias e poder compreender a realidade dos membros do grupo.

Em nosso esquema tático, como parte da observação participante, tornou-se necessária a utilização, também, de entrevistas não-formais com os torcedores, para que pudéssemos ter fragmentos mais detalhados e claros sobre os novos usos do estádio.

Arquivo Mnemônico do Lugar

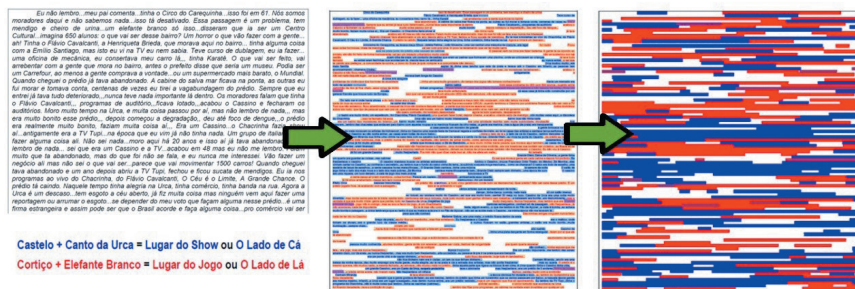
Arquivo Mnemônico do Lugar é uma das metodologias de Análise Enotopográfica, que trata, principalmente, da escrita de histórias acerca de espaços construídos de uma cidade (UGLIONE, 2008). Um de seus pressupostos é a condição inexata da memória dos lugares, tendo-se em vista o caráter ficcional de toda rememoração, ou seja, a noção de que há sempre uma dimensão de lugar inventado, quando um lugar é visto por aquilo que alguém ou um grupo “lembrou” dele. Outro de seus pressupostos é que esta dimensão inventiva da memória é, também, um trabalho de significação do lugar, na medida em que aquilo que se inventa é da ordem de desejos, fantasias, todos eles usados como recursos psicológicos para dar sentido ao mundo vivido.

No seu conjunto, o Arquivo Mnemônico do Lugar busca incentivar e potencializar o trabalho de memória, de pessoas e grupos, acerca de um determinado lugar, incluindo procedimentos de coleta de relatos orais, e de montagem narrativa de histórias coletivas acerca desse lugar. Em seu processo, é uma metodologia que mobiliza a participação das pessoas, no trabalho psicológico de lembrar (acerca de um lugar), o que, conseqüentemente, mobiliza afetos e condutas de apropriação em relação a este lugar.

Esta ferramenta ancora-se sobremaneira em concepções preconizadas por Sigmund Freud, especialmente, aquelas concernentes à memória como “máquina de escritura” (FREUD, [1895] 1996). Para este teórico, a partir de uma demanda de recordações (seja por uma demanda externa, de alguém que solicita a recordação sobre algo, ou interna, motivada por uma recordação espontânea), um processo psicológico complexo se inicia no psiquismo de uma pessoa: 1. de organização e reorganização de traços mnemônicos já arquivados (de elementos que fazem parte do repertório linguístico de cada pessoa); 2. de remontagem de arquivos,

Na prática, a utilização desta ferramenta numa etnografia, requer a tomada de relatos orais, e a (re)escritura desses relatos, em um trabalho (feito pelo pesquisador) de reorganizar registros numa narrativa coletiva sobre um lugar. Neste trabalho de reorganização de registros e de montagem de arquivos, o pesquisador deve percorrer, principalmente, as metáforas encontradas nos relatos, porque elas indicam multiplicidades de significações, e também percorrer as “zonas de sombra”, que representam as ambiguidades e os não-ditos presentes nos relatos (UGLIONE, 2008).

Figura 25 - Arquivo Mnemônico do Lugar (etapas, com as marcações das metáforas).



103

Arquivo Maracanã

A inclusão do Arquivo Mnemônico do Lugar em nosso esquema tático, justifica-se, em parte, por compartilharmos com a noção que versa sobre o caráter de invenção e de significação que perpassa a relação dos torcedores com o Maracanã. Entendemos que é a partir dos traços mnemônicos que os torcedores dispõem o que eles pensam, sentem e atuam neste lugar. Que traços são esses e que arquivos eles montam sobre o (novo) Maracanã?

Para responder a isto, seguimos as etapas previstas pela ferramenta, sendo que os relatos orais foram coletados nos momentos de observação participativa e de entrevistas, realizadas através da nossa imersão como torcedores/pesquisadores, em partidas de futebol acontecidas no Maracanã, entre 2016 e 2017. Mais precisamente, em 15 (quinze) jogos espaçados:

Jogos	Data	Campeonato
Fluminense x Atlético PR	11 de novembro de 2016	Campeonato Brasileiro
Flamengo x Santos	27 de novembro de 2016	Campeonato Brasileiro
Fluminense x Atlético MG	20 de agosto de 2017	Campeonato Brasileiro
Fluminense x Vasco	27 de agosto de 2017	Campeonato Brasileiro
Flamengo x Cruzeiro	07 de setembro de 2017	Copa do Brasil
Fluminense x LDU	14 de setembro de 2017	Copa Sul-Americana
Flamengo x Fluminense	12 de outubro de 2017	Campeonato Brasileiro
Fluminense x São Paulo	18 de outubro de 2017	Campeonato Brasileiro
Fluminense x Flamengo	25 de outubro de 2017	Campeonato Brasileiro
Flamengo x Vasco	28 de outubro de 2017	Campeonato Brasileiro
Fluminense x Bahia	29 de outubro de 2017	Campeonato Brasileiro
Flamengo x Fluminense	01 de novembro de 2017	Copa Sul-Americana
Fluminense x Ponte Preta	20 de novembro de 2017	Campeonato Brasileiro
Flamengo x Júnior Barranquilla	23 de novembro de 2017	Copa Sul-Americana
Fluminense x Sport	25 de novembro de 2017	Campeonato Brasileiro

Durante estes jogos, foram realizadas 26 (vinte e seis) entrevistas com frequentadores do lugar. Foram abordadas pessoas dentro e fora (nos arredores) do Maracanã, em dias do jogos e em momentos diversos: antes, durante ou logo após o final da partida. A seguir, o perfil dos entrevistados.

Quadro 2 – Relação das pessoas entrevistadas no Maracanã²⁰

Entrevistado(a) ²¹	Idade	Sexo	Frequência no Maracanã
F.C.	54 anos	Masculino	~ 35 anos
A.M.	52 anos	Masculino	~ 35 anos
C.A.C.	49 anos	Masculino	~ 30 anos
A.O.	42 anos	Masculino	34 anos
W.J.	33 anos	Masculino	17 anos
P.H.	36 anos	Masculino	18 anos
L.H.	29 anos	Masculino	Segunda vez no estádio
A.L.	49 anos	Feminino	42 anos
R.L.	53 anos	Masculino	~ 45 anos
R.F.L.	53 anos	Masculino	~ 45 anos
G.A.	69 anos	Masculino	~ 50 anos
A.R.	56 anos	Feminino	~ 20 anos
P.P.	32 anos	Masculino	20 anos
V.F.	36 anos	Masculino	~ 15 anos
W.N.	18 anos	Masculino	Primeira vez no estádio
E.R.	60 anos	Masculino	~ 35 anos
M.A.	56 anos	Masculino	38 anos

20 As pessoas listadas contribuíram com entrevistas pontuais para a pesquisa, no entanto, além das pessoas relacionadas, houve conversas informais com torcedores durante os jogos.

21 O uso de siglas ao invés dos nomes é um procedimento ético padrão, recomendado pelos Comitês Nacionais de Ética e Pesquisa no Brasil.

R.S.	28 anos	Masculino	18 anos
R.F.	25 anos	Feminino	9 anos
R.D.	32 anos	Masculino	~ 20 anos
C.A.	54 anos	Masculino	~ 45 anos
B.M.	58 anos	Feminino	50 anos
P.M.	24 anos	Masculino	17 anos
M.C	60 anos	Masculino	~ 50 anos
L.S	20 anos	Feminino	8 anos
O.C	64 anos	Masculino	60 anos

Em nossas imersões, também recorremos à fotografia como recurso complementar para a captura de gestos, manifestações e olhares. Como afirma Brasileiro et. al. (2008), as fotografias são “olhos do pesquisador”, capturando detalhes que por vezes são despercebidos em decorrência dos limites temporais que a pesquisa sempre impõe. Ao total, em nosso esquema tático, foram feitos 609 (seiscentos e nove) registros fotográficos, fora e dentro do estádio. Igualmente, de forma complementar, fizemos 40 minutos, aproximadamente, de filmagens em vídeo, e 3 horas de gravações de áudios.

Todo o material coletado em nosso esquema tático (relatos orais, anotações do Diário, entrevistas, imagens e áudios) formou um texto único, uma grande narrativa, a partir da qual foi construído um arquivo do Maracanã, montado pelo trabalho coletivo das vozes dos torcedores, incluindo os pesquisadores. Arquivo construído, principalmente, pela organização e arranjos das metáforas narrativas do texto, que chamamos de extratos metafóricos. O termo extrato foi aqui escolhido no sentido de partes de um todo, de fragmentos significativos de um texto maior.

Campo de Batalha, Lugar Mágico, Colosso, Teatro de Sonhos e Emoções e Engomadinho: estes são os extratos metafóricos que contam uma certa história do Maracanã-lugar, sua ambiência e as memórias pelas quais ela é edificada.

QUARTO CAPÍTULO:

PRIMEIRO TEMPO

O juiz apita a partida. É o começo de jogo e o primeiro tempo tem início. Serão 45 minutos e talvez mais algum tempo de acréscimo até que seja anunciado o intervalo e as equipes adentrem o vestiário juntamente com a equipe técnica para uma conversa sobre os rumos que a disputa deverá tomar, dependendo do placar em questão.

Da mesma forma, neste capítulo, “jogamos o jogo”, ou seja, entramos em nossa análise de campo e buscamos delinear e caracterizar o nosso objeto empírico. Nesse primeiro momento ativemo-nos às ideias que foram surgindo na narrativa dos torcedores, a partir da adaptação da ferramenta Arquivo Mnemônicas do Lugar e, daí, extraímos cinco metáforas e uma representação gráfica. Em seguida, descrevemos como percebemos a ocupação no novo Maracanã e breves relatos de como ficou o estádio pela ótica dos torcedores. Essas primeiras análises servem como parâmetro para entendermos mais profundamente como os torcedores estão experienciando e atribuindo (ou não) significado ao novo espaço.

Essa análise demandou constante idas ao estádio e algumas conversas com os torcedores. Optamos por não categorizar²² estes últimos, pois acreditamos que cada um que encoraja dentro do palco do futebol é compreendido como uma célula do todo, da ambiência que corta e compõe o recinto, por isso focamos em atentar para a reverberação das narrativas.

²² As taxonomias citadas no segundo capítulo nos servem como orientação de análise e não como suporte para caracterização e categorização dos ocupantes do estádio.

Características de ocupação do novo Maracanã

Antes de mergulharmos em nossos extratos metafóricos, sentimos a necessidade, após a nossa pesquisa de campo, de explicar o que compreendemos sobre as lógicas de ocupação do Maracanã e de seu entorno. Acreditamos que essas observações sejam essenciais para darmos prosseguimento às análises.

Como o Maracanã sedia jogos do Flamengo e do Fluminense em sua maioria²³ desde 2013, os espaços são consequentemente mais demarcados por essas duas equipes. Segundo determinação do consórcio Maracanã, o setor Sul é destinado ao Fluminense e o setor Norte ao Flamengo. Setores Leste e Oeste são mistos em clássicos e têm gratuidades em jogos com um único mandante.

Essas reocupações seguiram certa lógica do passado, pois a torcida do Fluminense ocupava a porção correspondente ao atual setor sul e a torcida do Flamengo o que corresponde ao setor norte. Isso acontecia somente em clássicos, dado que em jogos em que os adversários não eram rivais diretos, era possível circular por todo o anel do Maracanã onde ficavam as arquibancadas. No novo Maracanã não é mais permitido circular em toda circunferência do estádio. A lógica de ocupação foi de certa forma mantida, mas o estádio foi totalmente reformulado. As torcidas passaram a ocupar parte do território do passado, isto é, a mesma porção espacial, no entanto, o aspecto físico do Maracanã corresponde a um layout diferente de sua primeira formatação ou reformas progressas a 2010.

Munidos dessas informações, percebemos na pesquisa de campo que novos territórios se sobrepuseram aos antigos territórios demarcados no Maracanã do passado²⁴. Isto é, os espaços de outrora foram descontinuados e assim foram criados múltiplos territórios que aos poucos vão sendo demarcados novamente e fixados no espaço. Acreditamos, por essa razão, que as reocupações foram obedecendo a uma lógica que não se desfez totalmente na memória do torcedor, como em um palimpsesto onde as escritas antigas nunca foram totalmente apagadas e interferem na nova escrita.

Para iniciar a descrição de cada setor, destacamos o setor Oeste, onde fica o “Maracanã Mais”, o Oeste inferior, os camarotes e as cadeiras cativas. Devido aos modos de ocupação este é o setor onde as oscilações de público são maiores e é também o setor menos utilizado. Observamos que nas cadeiras cativas as pessoas se apropriam mais pela relação longa, pois a forma de adquirir essas cadeiras aconteceu pela compra no momento em que o estádio estava

23 Os times de elite carioca correspondem a Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo. Esses dois últimos sediam seus jogos no estádio São Januário e no estádio Nilton Santos (Engenhão) respectivamente.

24 Como abordado no primeiro capítulo, território é o espaço onde se projetou trabalho, energia e informação, revelando, por consequência, relações marcadas pelo poder. Fazendo a diferenciação com o espaço, Rafestin (1993) diz que esse primeiro é a “prisão original”, já o território é a prisão que os homens constroem para si.

sendo construído. Essas cadeiras são repassadas entre gerações e por isso são também conhecidas como “perpétuas”.

Os camarotes são ocupados pelas pessoas que podem pagar mais caro e/ou são convidadas de empresários e da alta administração do estádio, formando assim núcleos efêmeros de torcedores. No nível inferior, ora há gratuidade em jogos não decisivos, ora se paga um preço mais alto. Nas laterais estão situadas as cadeiras inferiores e ao centro destas, o “Maracanã Mais”²⁵ sendo uma parte também caracterizada pela efemeridade de público. Acreditamos que este é também o setor mais complexo do estádio, dadas as oscilações de públicos e por ser menos utilizado.

No setor Leste, percebemos maior ocupação que no setor Oeste, embora haja um público também oscilante, principalmente pelos preços dos ingressos que ora são altos em partidas decisivas, ora são reduzidos ou há gratuidades em partidas com pouco apelo. Alguns torcedores são assíduos frequentadores do setor, mas a predominância é de torcedores-espectadores²⁶ e que buscam por partidas mais decisivas.

Por sua vez, os setores Norte e Sul, são os mais ocupados e os que possuem preços mais populares, conforme averiguamos na pesquisa de campo (mediante observações e entrevistas e nas buscas por ingressos para frequentar os jogos). São setores com dominação prevalecente de torcedores de organizadas, uma vez que pelas normas do consórcio Maracanã, as torcidas organizadas podem estar situadas somente nos setores Norte e Sul. Por essa razão, esses espaços são os mais “animados”, já que as torcidas organizadas são as responsáveis por dar a tônica dos cânticos, com bandeiras, mosaicos, percussão e até mesmo sinalizadores ou bombas. Além disso, observamos em nossa pesquisa e nos relatos dos entrevistados, um apelo mais popular ao mesmo tempo em que aguerrido, destinando lugares aos mais “apaixonados”.

Embora o estádio tenha se reconfigurado, foi fácil verificar que os setores ainda carregam alguma mística de outrora, fragmentos ou alguns resquícios simbólicos. No entanto, constatamos com a pesquisa de campo que a figura do geraldino foi a que mais precisou se readequar, dada a completa anulação da Geral para a reforma de 2007. Embora não exista mais arquibancada, quem gosta de torcer de pé passou a não ser mais impedido nos setores Norte e Sul; quem prefere ficar sentado tem os setores Leste e Oeste com predominância desse tipo de ocupação, mas o geraldino perdeu completamente a referência de seu território. Existem os pós-geraldinos como nos mostrou Ferreira (2017).

25 O Maracanã Mais corresponde aos assentos centrais ao nível do campo do setor Oeste, com entrada pela rampa da Uerj. Os valores dos ingressos são intermediários entre o Camarote e as cadeiras laterais do nível inferior do setor Oeste.

26 Como colocado mais detalhadamente no capítulo 2, torcedores-espectadores são considerados torcedores com o comportamento mais passivo.

Esses personagens rompem com as regras de torcer em pé bem em frente ao campo, no entanto, eles foram identificados com um perfil diferente de outrora, uma vez que o público da Geral era menos abastado, em grande parte, e pagava o ingresso mais barato. Mesmo que haja uma ocupação da mureta que separa os setores do gramado, os valores dos ingressos elevaram e o que existe é um improviso do lugar que foi totalmente extinto.

Figura 26 - Pós-geraldinos



Fonte: Acervo próprio

Observamos também, em nossa pesquisa, o entorno do Maracanã. Mesmo quando o adversário não são “inimigos diretos” como nos clássicos, percebemos que há um respeito pelo território conquistado do outro. No jogo entre Flamengo x Júnior Barranquilla, no dia 23 de novembro de 2017, constatamos que todas as bilheterias estavam vendendo e trocando ingressos para os flamenguistas, mas a bilheteria 1 (figura 27) estava mais cheia que a bilheteria 2. Isso acontece, pois segundo um segurança que estava à frente da bilheteria 2, normalmente é nesta mesma bilheteria (figura 28) que os torcedores do Fluminense compram ingressos.

Figura 27 - Bilheteria 1 **Figura 28 - Bilheteria 2**



Fonte: Acervo próprio

Além disso, o entorno urbano tem seus territórios bem demarcados, além da formação de microambiências²⁷ tanto dentro desses territórios, como no espaço que circunda o edifício/monumento. As ocupações variam pelos locais onde times irão acessar. Quando o Fluminense é o mandante do jogo, os torcedores ficam em sua maioria próximos ao setor Sul, logo, as microambiências ali formadas têm cores predominantes entre verde, grená e branco, burburinhos sobre os feitos e desfeitos do time tricolor, bebedeiras em pequenos grupos, além do movimento de pessoas circulando e/ou adentrando no estádio. Um espaço territorializado pelos torcedores do Fluminense que se destaca é o Bar dos Torcedores, logo em frente à entrada do portão C, do setor Sul, pois ali se encontra a maior concentração dos torcedores tricolores. Nossa pesquisa detectou, em dia de jogos do Fluminense, a formação de uma microambiência paralela a esse território, pois há uma grande concentração de pessoas que bebem ao mesmo tempo em que socializam-se, em grupos, fazendo ecoar os sons dos risos, de cânticos e cheiros diversos de comidas.

27 Conforme detalhamos anteriormente, microambiências são compreendidas por grupos de pessoas que “compartilham e/ou experimentam um mesmo acontecimento, uma mesma atividade num determinado espaço, cujas características sensitivas ajudam a proporcionar essas práticas sociais que se constituem em bordas ou franjas de menor reverberação” (LIRA, p. 64, 2015).

Figuras 29 e 30 - Torcedores do Fluminense ocupando o Bar dos Torcedores

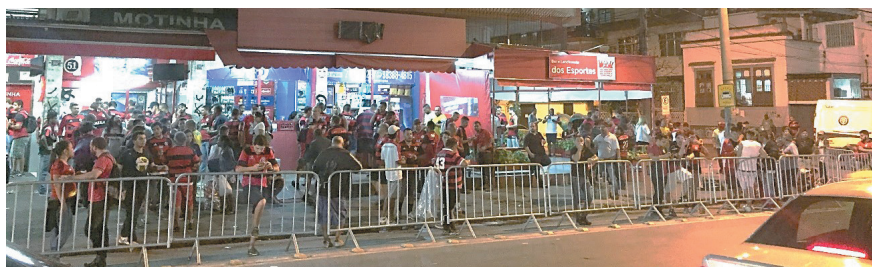
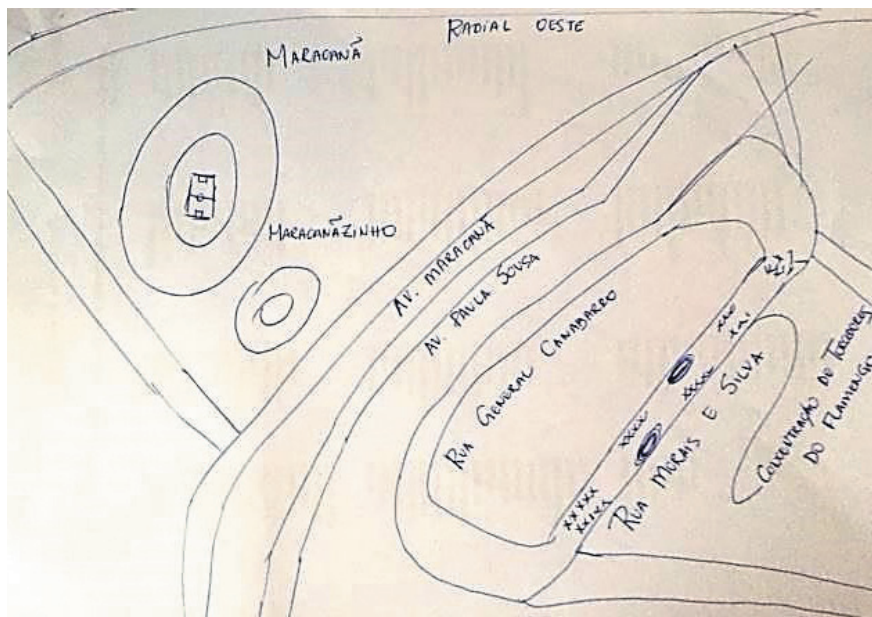


Fonte: Acervo próprio

Quando o Flamengo é o mandante do jogo, observamos que a torcida rubro-negra também demarca seu território no entorno, sendo sua predominância no setor Norte e também em ruas próximas, como, por exemplo, na rua Moraes e Silva, que tem bares para abrigo dos torcedores antes do começo da partida formando, assim, microambiências de descontração, risos e especulações sobre a disputa que se iniciará. Em jogos decisivos e não clássicos, a torcida do Fluminense pode comprar ingressos para o setor Norte, assim como a torcida do Flamengo pode comprar ingressos para o setor Sul, como o ocorrido na Final da Copa do Brasil e na Semifinal da Copa Sul-Americana. No entanto, vimos que o torcedor rubro-negro não ocupa totalmente o Bar dos Torcedores. Isso ocorre porque o pertencimento simbólico desse bar pelos torcedores tricolores é reconhecido por todos e, por essa razão, evidencia um zoom²⁸ com menos burburinhos, risos e bebedeiras.

²⁸ Utilizamos a palavra zoom para descrever as microambiências, pois, etimologicamente esta palavra significa aproximar ou ampliar uma imagem. Como se utilizássemos lentes de aproximação ou ampliação, tratamos os zooks do estádio quando conseguimos captar e descrever pequenos grupos dentro de grupos maiores e, dessa forma, apreender as microambiências.

Figuras 31 e 32 - Croqui de campo mapeando a ocupação da torcida do Flamengo na Rua Morais e Silva e foto da (pouca) ocupação no Bar dos Torcedores na Semifinal da Copa Sul-Americana.



Fonte: Acervo próprio

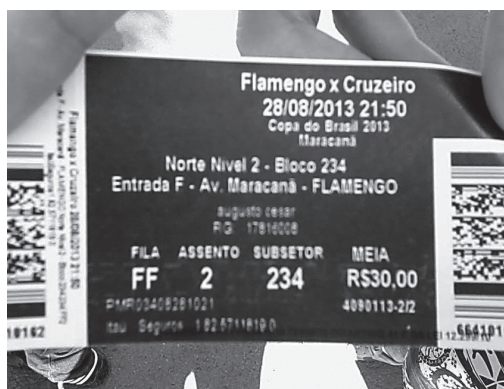
O Maracanã e a reforma na ótica de seus usuários

Reaberto em 2013 após a última reforma que começou em 2010, o estádio Mário Filho foi sendo aos poucos retomado por torcedores que se viam deslocados do seu “habitat” convencional de antes, como nesse relato de A.O:

Depois da reforma, a primeira vez que vim ao Maracanã foi em um jogo da Copa do Mundo. Aliás, deve ter sido o pior jogo da Copa: Rússia e Bélgica. Final 1 a 0 pra Bélgica. Mas o que mais me chamou atenção naquele jogo foi o ingresso com o lugar marcado. Enquanto procurava minha cadeira, me lembrava da almofadinha do meu pai, que ele levava e sentava onde bem entendesse. Aí entendi que esse sim, ele era um torcedor raiz! (risos) (Entrevista com A.O. concedida no dia 20/08/2017)²⁹.

A narrativa nos mostra que as alterações têm implicância direta na mudança da ambiência, pois o entrevistado nos aponta um jogo que não teve elementos que o cativaram, a ponto de afirmar que “deve ter sido o pior jogo da Copa”. Além disso, o relato evidencia as marcas de uma atmosfera do passado como sendo melhor, ligada às relações com os movimentos corporais do sentar “onde bem entendesse”, junto de seus pares e sem o lugar marcado da cadeira. Notamos que o contraponto da almofada do pai versus a procura pela cadeira numerada reflete o impacto de tomar consciência de um passado que não volta mais, isto pode ser visto como um trauma no sentido de ruptura, como delineamos no início deste livro.

Figura 33 - Ingresso com numeração de assento. Jogo de 2013.



Fonte: Acervo próprio

No entanto, com o passar de alguns anos, de 2013 até 2017, a situação do estádio-arena foi se alterando aos poucos e amiúde, como observamos tanto ao longo da pesquisa no local quanto pelas narrativas do público que entrevistamos. As formas de ocupação/integração com o espaço foram sendo modificadas pela corporificação dos torcedores que, aos poucos, conseguiam mudar as suas condutas, flexibilizando ou transgredindo regras, ao mesmo tempo em que foram reterritorializando/reapropriando antigos lugares, como podemos ilustrar com a fala de um dos torcedores entrevistados:

eu não vejo grandes alterações nas torcidas. Elas estão bem posicionadas atrás dos gols, na parte da linha de fundo. No início tinha um rigor muito duro de não poder ficar em pé na cadeira, mas de certa forma é bom, pois educa o pessoal que não depreda o estádio. Não podia ficar no corredor da escada para não interromper a passagem, mas o povo gosta de se aglomerar ao redor da banda, do batuque. A gente quer ouvir o tambor, quer ouvir a música, incentivar, cantar o coro. Isso eu acho que no início o pessoal do Maracanã era muito chato, mas agora já não tem tanto controle (Entrevista com W.J concedida no dia 27/08/2017)

Segundo Uglione (2008), a memória envolvida nesse processo e frente a esse trauma, rompe com uma identidade e começa a trabalhar em busca de novas significações para aquilo que se rompeu, nas transformações que perpassam a vida.

Figuras 34 e 35 - torcedores em pé por todos os lugares dificultando a distinção entre cadeiras, espaços de circulação, rampas etc. Setores Sul e Norte.



Fonte: Acervo próprio

Ao longo de toda a vida do Gigante Maracanã, várias foram as modificações, principalmente na forma de se apropriar dos lugares e também na maneira de torcer, como percebemos nos relatos de F.C. e A.O respectivamente: “ao longo dos anos o estádio se modificou muito, não digo só fisicamente, mas de público. Ele já foi muito violento, inclusive, e eu prefiro agora. Está mais calmo e muito mais bonito” (Entrevista concedida no dia 15/11/2016); “Meu pai não vinha muito ao estádio. Ele era tricolor, e naquela época, ele já se preocupava com violência nos estádios, por isso não criou o hábito de trazer os filhos pra verem os jogos, apesar de gostar muito de futebol” (Entrevista concedida no dia 20/08/2017). Notamos que nesse ínterim a memória é o principal vetor para elencar que o estádio é um continuum de alternâncias. Em fragmentos dos entrevistados como “violência”, “prefiro agora” e “gostar muito de futebol”, capturamos aspectos identitários com o que era vivido em outras épocas e seus reflexos atuais, dados que são constantemente renovados.

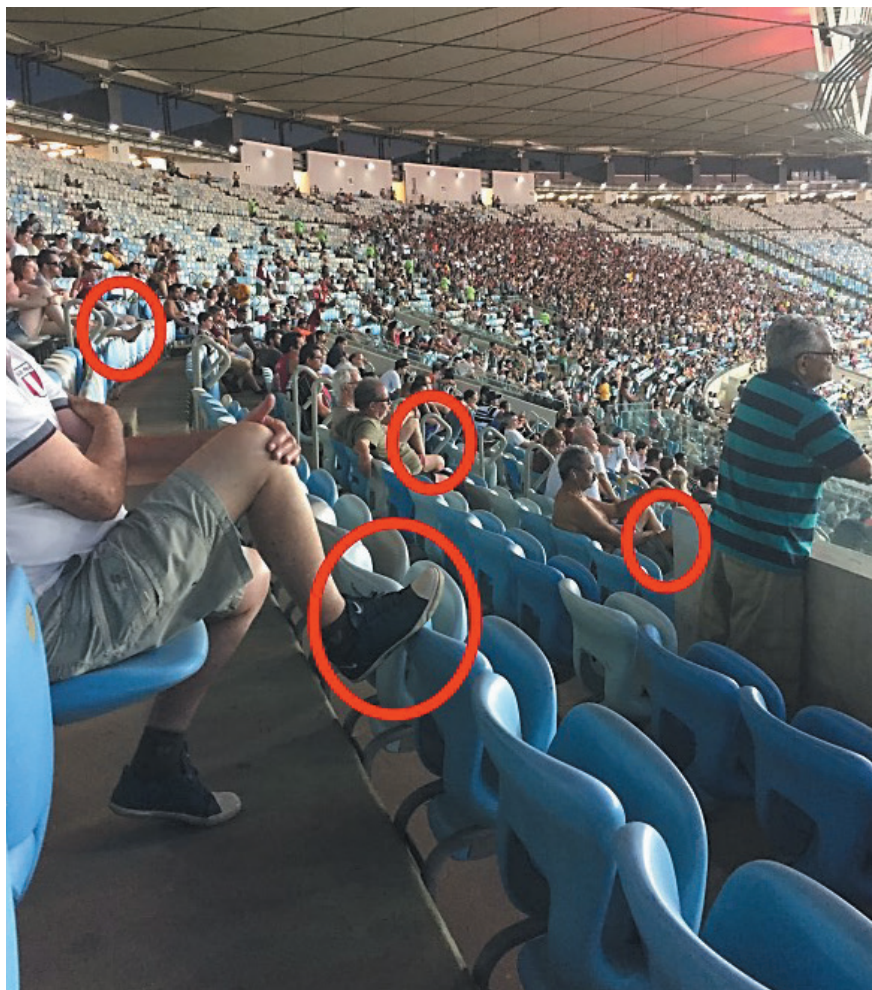
Como afirma Freud (1990), a continuação da criação de grupos é o caráter multicelular dos organismos. Dessa forma, compreendemos que os grupos se reinventam e se renovam no estádio. Lembramos aqui que as torcidas organizadas nas décadas de 1970 e 1980 potencializaram um cunho de violência nos estádios através do processo de militarização. Atualmente percebemos que esses grupos também se renovam em certa medida (mesmo que muitos ainda sejam os responsáveis por atos de violência) e há certa retomada de territórios e reinserção de um modo de torcer aguerrido (na festa) ao mesmo tempo em que menos violento (nos atos).

Percebemos, em nossa pesquisa de campo, alternâncias constantes entre o proibido e a transgressão e o permitido e a reintegração aos hábitos. Até mesmo quem presta serviço para o Maracanã se mostrou ainda entre o processo de transgressão dos torcedores e “hábitos de torcer” e as regras impostas, como ilustrado nesse trecho retirado de nosso caderno de anotações em campo: **“estou sentada com os pés no encosto da cadeira da frente, mas o mesmo segurança que me deu a informação sobre o setor da torcida adversária, falando alegremente que o Flamengo é a equipe de seu coração e toma ‘todinho’ o setor Norte, me pediu de forma mais ríspida para retirar os pés do encosto da cadeira”³⁰**. Esse episódio aconteceu em 2016, no jogo entre Fluminense x Atlético Paranaense, evidenciando que o Maracanã passa por um processo de transição onde o

30 Todos os fragmentos do caderno de campo serão utilizados em negrito/itálico e com aspas ao longo dos textos.

torcedor ainda precisa se impor para se “encaixar” ao lugar. Com o passar do tempo, o rigor com certas condutas diminuiu e várias pessoas que antes transgrediam as regras, passaram a atuar com a permissão dos envolvidos, mesmo que em setores mais controlados isso se mostre de forma mais lenta.

Figura 36 - Torcedores com os pés nas cadeiras.



Fonte: Acervo próprio

Além do equilíbrio entre impeditivos e reintegração, observamos, como relatado nos outros extratos, que a relação entre passado e presente é uma situação também imperativa para uma (re)identificação com o lugar, embora

ambos não sejam adversários, mas “parceiros” em todo esse imbróglio, como explícito nesse trecho de entrevista que fizemos com W.J:

me identifico em parte com esse espaço reformado. A parte de infraestrutura, bons banheiros, bares, quiosques, atendimento mais fácil, talvez seja melhor do que o Maracanã antigo, mas eu acho que o conforto que foi dado gera um pouco de acomodação no povo e isso me incomoda um pouco mais. Eu gostava quando todo mundo ficava em pé, obrigatoriamente tinha que ficar em pé e já que está em pé você canta, pula, incentiva o time. Hoje em dia todo mundo quer desdobrar sua cadeira, sentar e assistir como se estivesse no sofá. Tem uma música que a nossa torcida canta que fala ‘isso aqui é arquibancada, não é sofá’. Se eu estou aqui é para incentivar, para cantar o jogo todo (Entrevista com W.J concedida no dia 27/08/2017).

E entre boa infraestrutura e o torcedor de pé, forma-se uma situação idealizada que vai levando o torcedor a se readaptar e reinventar formas de encorajar a sua equipe. Hyussen (2004) nos atesta que a memória é transitória, mas nela encontramos o elo com o passado e os modelos de rememorar que nos definem no presente.

Após constantes observações, não podemos negar que há uma tendência global de hábitos que se refletem nas condutas dos estádios-arena, como, por exemplo, a “gourmetização” de praças de alimentação e a prática das selfies. Esses hábitos sentenciam o continuum entre as alternâncias de velhas e novas condutas, como ilustrado nesse trecho do nosso caderno de observações em campo: **“saio do jogo e vou à área gourmet do setor Leste e percebo que há um fenômeno interessante que acontece no estádio. Enquanto está acontecendo a partida, há muitas pessoas no hall das lanchonetes assistindo ao jogo pelas televisões disponíveis. Outra coisa são os homens cortando o cabelo e fazendo a barba dentro desse mesmo hall, dando pouca importância para a partida no gramado. Enquanto isso, lá fora outros gritam e empurram o time perto do gramado”** (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x São Paulo, 18/10/2017). Essas redefinições são parte igualmente do teatro que se realiza no novo Maracanã e, dentre os vários papéis que são encenados no equipamento, o torcedor cria bases naquilo que ele mais se identifica para continuar experienciando o lugar.

Figuras 37 e 38 - Praça de alimentação do setor leste em que é possível encontrar também poltronas, jukebox, vitrolas e barbeiros.



Fonte: Acervo próprio

Os novos papéis observados também são refletidos na figura do locutor/animador que passou a ser uma constante em todos os jogos do Maracanã. Esse personagem tem a missão de narrar as filmagens e brincadeiras que são transmitidas nos telões o tempo todo, além de ser responsável também pelos informativos sobre a partida. Esses elementos dotam a ambiência do lugar com novas dinâmicas que, por sua vez, encadeiam novas sensações e sentimentos aos sujeitos situados.

Quadro de Relatos e Extratos Metafóricos

Para a pesquisa que embasou este livro, fizemos uma imersão entre os anos de 2016 e 2017, totalizando 15 jogos e 26 entrevistas com os mais diversos frequentadores presentes no momento da análise, dentro ou fora do estádio, como dito no capítulo anterior. Por meio das observações participantes e entrevistas, preenchemos aproximadamente 150 páginas de caderno de campo, além de cerca de 40 minutos de filmagens e 3 horas de gravações (entrevistas e áudios próprios de observação).

A escolha dos sujeitos para a pesquisa se deu de forma aleatória e não categorizada, tendo o objetivo de dar voz àqueles que formam, junto com o espaço físico e o futebol, a tríade resistente do estádio. Esses sujeitos foram convidados a narrarem livremente os seus sentimentos e as suas percepções sobre o local.

Como exposto no capítulo anterior, a metodologia empregada neste trabalho inspirou-se no Arquivo Mnemônico do Lugar, uma ferramenta criada pelo Lasc a partir dos estudos de Uglione (2008), que tem o objetivo de potencializar o “trabalho” da memória a partir de relatos orais de narradores presentes nos lugares. Em nosso caso, porém, não tivemos a intenção de buscar a narrativa da cidade construída pela memória e nos ativemos à busca pelos significados e “ressignificados” do estádio.

Os textos das entrevistas foram colocados em quadros, sem identificar os autores para efeito de análise de ideias. O Quadro 3 exemplifica um pequeno recorte desses quadros.

Esses fragmentos, quando aglomerados, formaram textos sem aparente sentido, mas com ideias que se repetem, metáforas e imagens simbólicas, que nos deram as bases para elucidarmos os significados do estádio e do processo relacional com o local.

Quadro 3 - Como exemplo do quadro de relatos esta figura traz as falas dos entrevistados

Só consigo dizer que o Maracanã é majestoso. Já frequento há décadas, mas sempre que eu entro sinto essa imponência do lugar. Desde a primeira vez que fui ao Maracanã eu fiquei muito impressionada com a enormidade da Raça. Por ser um lugar enorme, é possível ter muita gente junto e você se sente ao mesmo tempo pequenininha e também enorme porque você vê que faz parte de um grupo imenso, muita gente, dezenas de milhares, todo mundo junto torcendo como se fosse um só gigante... dá uma sensação de imersão na imensidão. É muita emoção. Um campo batalha de cantos e festas. (...) Eu não sou mais parte do jogo. Hoje os mais pobres, aqueles que ficavam inclusive na geral, ficam longe e não empurram o Fluminense. Meu avô ajudou na construção do Maracanã e naquela época as pessoas eram levadas em consideração, agora não. Veja bem esse bandeirão, que lindo! Isso só tem no setor Sul onde eu sempre fico. Meu pai trazia a gente de arquibancada, e gostava de ficar atrás do gol, como nós estamos hoje. Mas não tinha cadeira naquela época, mas meu pai tinha uma almofadinha do fluminense, que ele trazia pra poder sentar. Ele devia ser um torcedor Nutela da época... A outra vez que me lembro de vir ao Maracanã foi na final da Copa América de 1989. Isso aqui lotado, quase 140 mil pessoas. Antes do jogo do Brasil, teve a preliminar, que era a disputa do terceiro lugar, entre a Argentina e Paraguai. Como sempre, estávamos sentados atrás do gol, e quase presenciei um golaço do Maradona, chutando a bola do meio de campo e a bola explodindo no travessão. Aliás, que sorte a minha poder ter visto Maradona jogar. Pensando bem, vi os melhores jogadores da história jogar em estádio: Maradona, Reinaldo e Ronaldinho Gaúcho... Na partida do Fluminense eu me sinto em casa, estou com os meus, estou com meu povo, galera que tem a mesma paixão, sofre as mesmas angústias, a gente se identifica, e canta e empurra, me sinto bem. É um lugar para extravasar, me divertir, curtir o momento. Diferente de qualquer outro tipo de diversão; é bem único. O que eu mais sinto falta é entrar e sair do Maracanã pelas rampas monumentais, aquela "rampona" bonita, o visual. As entradas modernas, as laterais, que a gente vai direto para trás do gol, não sei, sinto falta. A maioria das torcidas, quando ficam nas torcidas, vamos pelos portões laterais. A rampa monumental era um espetáculo, subia ela correndo, era muito bom. Maracanã é Maracanã sempre. Mudou, se modernizou, mas para mim o sentimento não muda. Tudo tem seus prós e contras, mas a modernização é preciso. A história e aura do Maracanã não se apagam. Eu fico no setor Sul do estádio, pois a grande maioria da torcida do Fluminense fica no setor Sul, mas antes da reforma eu costumava ficar no setor Verde, do lado que hoje é o Norte. Tinha Verde dos dois lados e antigamente podia dar a volta no anel completo. Podia entrar em qualquer setor, desde que não fosse clássico. Então eu sempre assistia ao jogo perto do gol que o Fluminense estava atacando Se o Fluminense começasse atacando do lado direito eu ficava no lado direito do estádio e no segundo tempo eu virava do outro lado, mas sempre no setor Verde. Aqui é o Templo Sagrado do Futebol. O Maior do Mundo, mesmo já não sendo o maior. É o coração do futebol brasileiro, o estádio mais importante do país, quicá do mundo. Esse é o Maraca, a casa do Fluminense. No futuro eu penso o Maracanã cada vez mais moderno, vai acompanhar a evolução, a tecnologia, novos hábitos de consumo, não pode parar. A gente às vezes se prende muito às tradições, mas tem que entender que o mundo está girando e a gente tem que acompanhar. Quem para fica para trás, fica defasado. É o novo Maracanã e depois vai ser o novíssimo Maracanã, super novo novíssimo Maracanã e vai mudando sempre. Minha primeira vez no estádio foi em 1988, mas passei a frequentar mesmo em 1999. A sensação que eu tenho e sempre de tensão sempre, felicidade ou tristeza dependendo do resultado. Só posso dizer que em grandes vitórias, a sensação é de êxtase. Para ficar no estádio hoje eu prefiro o setor leste, variando entre o superior e o inferior. Antes da última grande reforma frequentava as cadeiras brancas, no mesmo lugar onde fica o setor leste. Gosto desse lugar, pois acompanho a partida sem muitas interrupções. Ao tentar explicar isso aqui, eu diria que não se trata de um estádio apenas. Trata-se de um patrimônio cultural do país, não se restringindo apenas a ser uma arena desportiva. É um colosso onde sentimentos transbordam. Simplesmente um teatro de sonhos e emoções, onde todo mundo que veio e ainda vem sente algo diferente de tudo. chegar onde queríamos. No intervalo nós

conseguimos sair e voltar. Agora que acabou o jogo é incrível que em cinco minutos o estádio esteja completamente vazio. Eu adorei essa atmosfera, esse lugar e esse jogo. Eu acredito que seja possível me adaptar ao novo formato, embora existam alguns problemas. Esse tipo de estádio é inspirado no modelo europeu e na Europa isso funciona muito bem. Exemplo de estádio europeu: vários seguranças encostados, o que encarece para o clube e isso reflete nos ingressos. Antigamente esse problema era resolvido com o fosso, então bastava somente um policial aqui outra ali e alguns cães. Se algum “doido” pulava aquilo, bastava o cachorro, pois ele era treinado para conter, nunca “avançar” em alguém. Com esses seguranças o jogo acaba encarecendo. Teoricamente os setores do meio tem uma visão melhor do campo, mas futebol é emoção e a gente quer ficar atrás do gol na esperança de um gol. É frustrante não sair gol do lado em que escolhemos e no segundo tempo ter gol do outro lado. A gente comemora do mesmo jeito, mas não é a mesma coisa. Eu não gostei da reforma do Maracanã. Eu achava que o Maracanã deveria permanecer do jeito que estava. Eu acho que deveria modernizar algumas coisas, pois tinha muita coisa maltratada, fazer uma reforma de segurança. Melhoria de banheiro e de infraestrutura para o público, mas mudar radicalmente do jeito que mudou, eu sou contra. Há dois motivos por eu ser contra: primeiro que perdeu a essência do Maracanã, pois era um estádio que abrigava o popular e o rico com a mesma proporção e o mesmo tipo de vontade de ver o jogo e hoje ficou muito elitizado e o segundo porque hoje não tem mais a Geral. Na Geral o preço era popular e se ficava muito próximo do campo, tinha contato direto com o time. Chegava-se bem perto do ídolo, ele apertava a tua mão e na hora do gol ele quase se jogar em cima da gente, porque havia um contato muito próximo do teu corpo e do teu jogador. A parte de arquibancada era infinitamente superior. Eu vi um Fla x Flu em 1983, decidindo um Carioca e tinha 153 mil pessoas. Hoje não cabem 80 mil pessoas. Então eu acho que perdeu muito a graça e a essência de que era o estádio. Era um estádio popular e hoje é um estádio de elite. Vi disputas fantásticas do Flamengo, Botafogo, Vasco, eu vi tudo aqui. Logicamente eu sou torcedor do Fluminense, acompanho o clube muito de perto, eu vi Rivelino jogando, eu vi Paulo César Caju, vi Duval, eu vi Branco, vi Assis, Washington, eu vi grandes títulos do Fluminense, vi também grandes decepções como dois rebaixamentos seguidos, essas coisas que com o tempo passa. Vi grandes jogadores desfilando como Roberto Dinamite, o Mendonça no Botafogo, Zico no Flamengo, vi muita gente boa jogando aqui. Hoje em dia o jogador não tem técnica como tinha antigamente, é difícil ter um jogador diferenciado. Hoje em dia o jogador diferenciado, que o pessoal endeusa, mas que não teria vaga nos times de antigamente é o Neymar. É muito complicado falar de época distinta, mas eu vi muita gente boa jogando bola. Para a Copa e para as Olimpíadas deveria ter sido criado um estádio novo e não mexer no Maracanã. (...) Ganhei uma varada, mas vivi aquela emoção! Depois disso eu passei a sempre vir no Maracanã. Eu gostava de ficar na Geral, pois era bem barato. Eu tinha orgulho de ser Geraldino, eu era da turma do Geraldino. O Maraca tem uma atmosfera muito boa, ainda mais quando está cheio. Sou torcedor do Flamengo e a nossa torcida dá um show! O Maracanã é um estádio ímpar, com todo esse tamanho impressiona quem vem pela primeira vez. Para a pessoa que vem a primeira vez eu diria que a pessoa irá conhecer o maior estádio do mundo e um dos palcos mais importantes do futebol (sede de 2 finais de Copa do Mundo). Além de ser o estádio mais representativo do futebol carioca, local de decisões memoráveis. Como, por exemplo, a final do campeonato carioca de 2003, com o gol do Pet aos 43min do segundo tempo. Épico! Eu gostei da reforma, ficou muito melhor. A Geral ficava bem aqui embaixo. Aqui tinha um fosso, um anel. A gente ficava logo ali embaixo. Depois da reforma eu só fico aqui, neste mesmo lugar, onde era a Geral. Eu só fico aqui ou atrás daquele gol, onde também era Geral O meu divertimento predileto é esse, vir para o Maracanã. Eu tenho 69 anos e desde rapazinho esse é meu divertimento predileto. Tenho duas filhas Tricolores e uma mulher Flamenguista. Atualmente não tenho vindo com frequência ao Maracanã, principalmente depois da reforma. No entanto, toda vez que eu venho eu fico emocionada, é sem igual. Na torcida do mengão então, a raça, é bom demais. É adrenalina pura. É um misto de alegria com nervoso, com medo de não ganhar, é tanta coisa. Eu costumo dizer que o Maracanã acabou. Depois da reforma para a Copa, eu fui e parece que o espírito é outro. Não que a gente não torça, mas o Maracanã ele perdeu a essência dele, aquela coisa de povão, de ser aberto para todo mundo, perdeu, hoje em dia não é mais. Só o fato da Geral ter acabado, é triste, pois a Geral era um lugar de todos, não somente quem não tinha dinheiro.

Tinha gente que ia porque gostava, com radinho de pilha no ouvido, aquilo era uma vibração sem igual. E a arquibancada também, com aqueles copos de xixi voando, copo de cerveja, isso tudo fazia parte, tudo fazia parte do que era a essência do Maracanã. Isso tudo mudou muito, com aquele monte de “cadeirinha” e tem que ficar sentado, bater “palminha”, isso não é para brasileiro, isso é para europeu. Quem vai a um jogo de futebol, pelo menos eu falo por mim, não venho ao Maracanã procurando uma poltrona confortável. Todas as vezes que eu vim para o Maracanã eu vim procurando calor humano, vibração, alegria, e isso não tem nessa reforma. (...) De verdade, já expliquei e vou continuar explicando assim: “Cara, você está indo em um estádio que até é legal, mas infelizmente você nunca vai conhecer o Maracanã. O MARACANÃ que você ouviu nas histórias, leu sobre, viu nos filmes e na tv como sendo “O maior Estádio do Mundo” não existe mais.

Com os “traços” formados a partir das metáforas, observamos encadeamentos que corroboraram para a criação dos extratos. O Quadro 4 demonstra a marcação das ideias e traços destacados do texto. A esses extratos, chamamos de “extratos metafóricos” que, como relatado no capítulo anterior, representam uma síntese, uma essência dos significados atribuídos pelos entrevistados. Ao todo, identificamos cinco extratos que denominamos: Campo de Batalha, Colosso, Lugar Mágico, Teatro de Sonhos e Emoções e Engomadinho.

Com a análise das falas, percebemos que muitos torcedores veem o Maracanã como um local bélico, onde é travada uma guerra. Apropriando-nos de uma frase dita por um entrevistado, denominamos esse extrato de “Campo de Batalha” e assinalamos na cor roxa no quadro de relatos.

Por outro lado, os entrevistados falavam de um estádio que encanta, possui uma magia, algo transcendental. A esse extrato, atribuímos o nome de “Lugar Mágico” e está representado pela cor verde no Quadro 4.

Notamos também que eram recorrentes as falas que enalteciam a grandiosidade do estádio, tanto em sua imponência física quanto simbólica. Essas manifestações foram assinaladas em vermelho no exemplo do quadro de relatos. A esse extrato, demos o nome de “Colosso”.

Como palco de representações para muitos narradores, formado por rituais e santuário de deuses do futebol, ou por assim dizer, os ídolos, utilizamos a metáfora do “Teatro de Sonho e Emoções” na cor laranja.

Por fim, utilizamos o extrato do “Engomadinho” para ilustrar um Maracanã com novas regras, novos usos e novos espaços, mais rígidos e menos populares. Essa metáfora está representada pela cor azul no Quadro 4. Esses extratos metafóricos, como veremos mais à frente, representam os significados que emergiram das falas dos usuários e serão melhores explicados no próximo capítulo.

LEGENDA: CAMPO DE BATALHA

LUGAR MÁGICO

COLOSSO

TEATRO DE SONHOS E EMOÇÕES

ENGOMADINHO

Quadro 4 - Quadro de relatos com os extratos metafóricos assinalados em cores

Só consigo dizer que o **Maracanã é majestoso**. Já frequento há décadas, **mas sempre que eu entro sinto essa imponência do lugar**. Desde a primeira vez que fui ao Maracanã **eu fiquei muito impressionada com a enormidade da Raça. Por ser um lugar enorme, é possível ter muita gente junto e você se sente ao mesmo tempo pequenininha e também enorme** porque você vê que faz parte de um grupo imenso, **muita gente, dezenas de milhares, todo mundo junto torcendo como se fosse um só gigante...** dá uma **sensação de imersão na imensidão. É muita emoção. Um campo batalha de cantos e festas. (...)** Eu não sou mais parte do jogo. Hoje os mais pobres, aqueles que ficavam inclusive na geral, ficam longe e não empurram o Fluminense. Meu avô ajudou na construção do Maracanã e naquela época as pessoas eram levadas em consideração, agora não. **Veja bem esse bandeirão, que lindo! Isso só tem no** setor **Sul** onde eu sempre fico. Meu pai trazia a gente de arquibancada, e gostava de ficar atrás do gol, como nós estamos hoje. Mas não tinha cadeira naquela época, mas meu pai tinha uma almofadinha do fluminense, que ele trazia pra poder sentar. Ele devia ser um torcedor Nutela da época... A outra vez que me lembro de vir ao Maracanã foi na final da Copa América de 1989. **Isso aqui lotado, quase 140 mil pessoas**. Antes do jogo do Brasil, teve a preliminar, que era a disputa do terceiro lugar, entre a Argentina e Paraguai. Como sempre, estávamos sentados atrás do gol, e quase **presenciei um golaço do Maradona, chutando a bola do meio de campo e a bola explodindo no travessão. Aliás, que sorte a minha poder ter visto Maradona jogar**. Pensando bem, vi os melhores jogadores da história jogar em estádio: Maradona, Reinaldo e Ronaldinho Gaúcho... **Na partida do Fluminense eu me sinto em casa, estou com os meus, estou com meu povo, galera que tem a mesma paixão, sofre as mesmas angústias, a gente se identifica, e canta e empurra**, me sinto bem. **É um lugar para extravasar, me divertir, curtir o momento. Diferente de qualquer**

outro tipo de diversão; é bem único. O que eu mais **sinto falta é entrar e sair do Maracanã pelas rampas monumentais**, aquela “rampona” bonita, o visual. As entradas modernas, as laterais, que a gente vai direto para trás do gol, não sei, sinto falta. A maioria das torcidas, quando ficamos nas torcidas, vamos pelos portões laterais. **A rampa monumental era um espetáculo, subia ela correndo, era muito bom. Maracanã é Maracanã sempre.** Mudou, se modernizou, **mas para mim o sentimento não muda.** Tudo tem seus prós e contras, mas a modernização é preciso. **A história e aura do Maracanã não se apagam. Eu fico no setor Sul do estádio**, pois a grande **maioria da torcida do Fluminense fica no setor Sul**, mas **antes da reforma eu costumava ficar no setor Verde**, do lado que hoje é o Norte. Tinha Verde dos dois lados e antigamente podia dar a volta no anel completo. Podia entrar em qualquer setor, desde que não fosse clássico. Então eu **sempre assistia ao jogo perto do gol que o Fluminense estava atacando** Se o Fluminense começasse atacando do lado direito **eu ficava no lado direito do estádio e no segundo tempo eu virava do outro lado**, mas **sempre no setor Verde. Aqui é o Templo Sagrado do Futebol. O Maior do Mundo**, mesmo já não sendo o maior. **É o coração do futebol brasileiro, o estádio mais importante do país, quiçá do mundo.** *Esse é o Maraca, a casa do Fluminense. No futuro eu penso o Maracanã cada vez mais moderno, vai acompanhar a evolução, a tecnologia, novos hábitos de consumo, não pode parar. A gente às vezes se prende muito às tradições, mas tem que entender que o mundo está girando e a gente tem que acompanhar. Quem para fica para trás, fica defasado. É o novo Maracanã e depois vai ser o novíssimo Maracanã, super novo novíssimo Maracanã e vai mudando sempre.* **Minha primeira vez no estádio foi em 1988, mas passei a frequentar mesmo em 1999. A sensação que eu tenho e sempre de tensão sempre, felicidade ou tristeza dependendo do resultado. Só posso dizer que em grandes vitórias, a sensação é de êxtase.** *Para ficar no estádio hoje eu prefiro o setor leste, variando entre o superior e o inferior. Antes da última grande reforma frequentava as cadeiras brancas, no mesmo lugar onde fica o setor leste. Gosto desse lugar, pois acompanho a partida sem muitas interrupções. Ao tentar explicar isso aqui, eu diria que* **não se trata de um estádio apenas. Trata-se de um patrimônio cultural do país, não se restringindo apenas a ser uma arena desportiva. É um colosso onde sentimentos transbordam. Simplesmente um teatro de sonhos e emoções, onde todo mundo que veio e ainda vem sente**

algo diferente de tudo. O estádio estava completamente lotado, chegamos em cima da hora e conseguimos nos mexer dentro da arquibancada e chegar onde queríamos. No intervalo nós conseguimos sair e voltar. Agora que acabou o jogo é incrível que em cinco minutos o estádio esteja completamente vazio. **Eu adorei essa atmosfera, esse lugar e esse jogo.** Eu acredito que seja possível me adaptar ao novo formato, embora existam alguns problemas. **Esse tipo de estádio é inspirado no modelo europeu e na Europa isso funciona muito bem. Exemplo de estádio europeu: vários seguranças encostados, o que encarece para o clube e isso reflete nos ingressos.** Antigamente esse problema era resolvido com o fosso, então bastava somente um policial aqui outra ali e alguns cães. Se algum “doido” pulava aquilo, bastava o cachorro, pois ele era treinado para conter, nunca “avançar” em alguém. Com esses seguranças o jogo acaba encarecendo. **Teoricamente os setores do meio tem uma visão melhor do campo, mas futebol é emoção e a gente quer ficar atrás do gol na esperança de um gol. É frustrante não sair gol do lado em que escolhemos** e no segundo tempo ter gol do outro lado. A gente comemora do mesmo jeito, mas não é a mesma coisa. **Eu não gostei da reforma do Maracanã.** Eu achava que **o Maracanã deveria permanecer do jeito que estava.** Eu acho que deveria modernizar algumas coisas, pois tinha muita coisa maltratada, fazer uma reforma de segurança. Melhoria de banheiro e de infraestrutura para o público, mas **mudar radicalmente do jeito que mudou, eu sou contra.** Há dois motivos por eu ser contra: primeiro que **perdeu a essência do Maracanã,** pois **era um estádio que abrigava o popular e o rico com a mesma proporção** e o mesmo tipo de vontade de ver o jogo e **hoje ficou muito elitizado** e o segundo porque **hoje não tem mais a Geral.** Na Geral **o preço era popular** e se ficava muito próximo do campo, **tinha contato direto com o time. Chegava-se bem perto do ídolo, ele apertava a tua mão e na hora do gol ele quase se jogar em cima da gente, porque havia um contato muito próximo do teu corpo e do teu jogador.** A parte de arquibancada era infinitamente superior. Eu vi um Fla x Flu em 1983, decidindo um Carioca e **tinha 153 mil pessoas. Hoje não cabem 80 mil pessoas.** Então eu acho que **perdeu muito a graça e a essência** de que era o estádio. **Era um estádio popular e hoje é um estádio de elite. Vi disputas fantásticas do Flamengo, Botafogo, Vasco,** eu vi tudo aqui. Logicamente eu sou torcedor do Fluminense, acompanho o clube muito de perto, eu **vi Rivelino jogando, eu vi Paulo César Caju, vi Duval, eu**

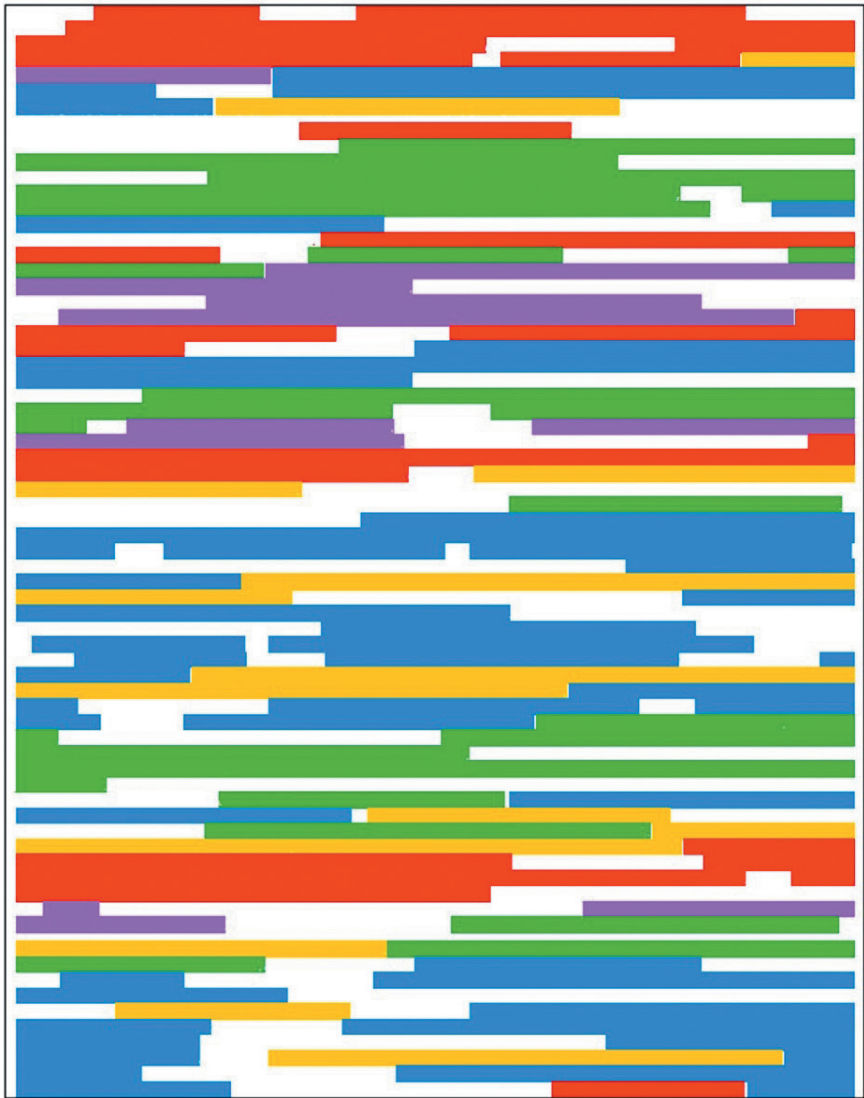
vi Branco, vi Assis, Washington, eu vi grandes títulos do Fluminense, vi também grandes decepções como dois rebaixamentos seguidos, essas coisas que com o tempo passa. **Vi grandes jogadores desfilando como Roberto Dinamite, o Mendonça no Botafogo, Zico no Flamengo, vi muita gente boa jogando aqui.** Hoje em dia o jogador não tem técnica como tinha antigamente, é difícil ter um jogador diferenciado. Hoje em dia o jogador diferenciado, que o pessoal endeusa, mas que não teria vaga nos times de antigamente é o Neymar. É muito complicado falar de época distinta, **mas eu vi muita gente boa jogando bola. Para a Copa e para as Olimpíadas deveria ter sido criado um estádio novo e não mexer no Maracanã.** (...)

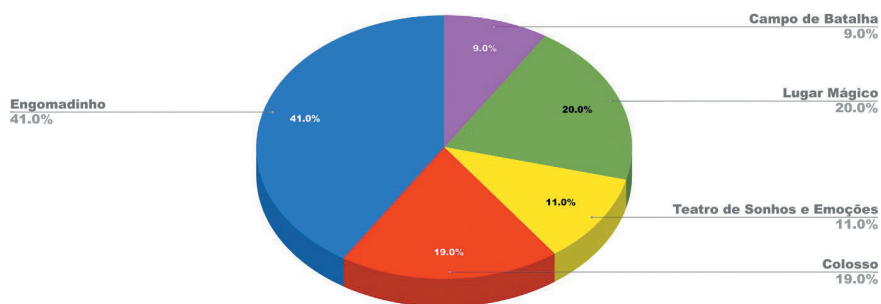
Ganhei uma varada, mas vivi aquela emoção! Depois disso eu passei a sempre vir no Maracanã. Eu gostava de ficar na Geral, pois era bem barato. **Eu tinha orgulho de ser Geraldino, eu era da turma do Geraldino. O Maracã tem uma atmosfera muito boa, ainda mais quando está cheio. Sou torcedor do Flamengo e a nossa torcida dá um show! O Maracanã é um estádio ímpar, com todo O Maracanã é um estádio ímpar, com todo esse tamanho impressiona quem vem pela primeira vez.** Para a pessoa que vem a primeira vez eu diria que **a pessoa irá conhecer o maior estádio do mundo e um dos palcos mais importantes do futebol (sede de 2 finais de Copa do Mundo).** Além de ser **o estádio mais representativo do futebol carioca, local de decisões memoráveis.** Como, por exemplo, a final do campeonato carioca de 2003, com o gol do Pet aos 43min do segundo tempo. **Épico!** Eu gostei da reforma, ficou muito melhor. A Geral ficava bem aqui embaixo. Aqui tinha um fosso, um anel. A gente ficava logo ali embaixo. **Depois da reforma eu só fico aqui, neste mesmo lugar, onde era a Geral.**

Eu só fico aqui ou atrás daquele gol, onde também era Geral **O meu divertimento predileto é esse, vir para o Maracanã.** Eu tenho 69 anos e desde rapazinho esse é meu divertimento predileto. Tenho duas filhas Tricolores e uma mulher Flamengoista. Atualmente não tenho vindo com frequência ao Maracanã, principalmente depois da reforma. No entanto, **toda vez que eu venho eu fico emocionada, é sem igual. Na torcida do mengão então, a raça, é bom demais. É adrenalina pura. É um misto de alegria com nervoso,** com medo de não ganhar, é tanta coisa. **Eu costumo dizer que o Maracanã acabou.** Depois da reforma para a Copa, eu fui e parece que **o espírito é outro.** Não que a gente não torça, mas o Maracanã ele **perdeu a essência dele, aquela coisa de povão,**

de ser aberto para todo mundo, perdeu, hoje em dia não é mais. Só o fato da Geral ter acabado, é triste, pois a Geral era um lugar de todos, não somente quem não tinha dinheiro. Tinha gente que ia porque gostava, com radinho de pilha no ouvido, **aquilo era uma vibração sem igual.** E a arquibancada também, com **aqueles copos de xixi voando, copo de cerveja, isso tudo fazia parte,** tudo fazia parte do que era a essência do Maracanã. **Isso tudo mudou muito, com aquele monte de “cadeirinha” e tem que ficar sentado, bater “palminha”,** isso não é para brasileiro, isso é para europeu. Quem vai a um jogo de futebol, pelo menos eu falo por mim, **não venho ao Maracanã procurando uma poltrona confortável.** Todas as vezes que **eu vim para o Maracanã eu vim procurando calor humano, vibração, alegria,** e isso não tem nessa reforma. (...) De verdade, já expliquei e vou continuar explicando assim: “Cara, **você está indo em um estádio que até é legal, mas infelizmente você nunca vai conhecer o Maracanã. O MARACANÃ** que você ouviu nas histórias, leu sobre, viu nos filmes e na tv como sendo **“O maior Estádio do Mundo”** não existe mais.

Ilustração gráfica 1 - quadro de relatos com os extratos metafóricos assinalados em cores e gráfico de porcentagem de cada cor.





O nosso objetivo com a frequência das cores é conectar as metáforas com os fragmentos a elas relacionados, mas, acima de tudo, pretendemos analisar a proporção dos extratos e a posição desses extratos nos discursos. Com isso, captamos o impacto de cada metáfora na percepção dos torcedores.

Após essa análise e uma soma estatística da frequência do aparecimento desses extratos nas falas dos usuários, constatamos que as metáforas que trazem um significado que transcende o cotidiano, como Teatro de Sonhos e Emoções, Lugar Mágico e Colosso somam 50% e juntas correspondem à maior parte do quadro. Isso evidencia a notoriedade de um discurso que mostra que as mudanças não conseguem suplantar o significado maior de grandeza, emoção, magia e sonho que suscita o Maracanã no imaginário das pessoas.

Por outro lado, encontramos uma soma de 41% somente do extrato Engomadinho e isso nos leva a constatar que o processo de ressignificação do Maracanã ainda está em curso e que o torcedor ainda se vê em um misto de sentimentos. Todas as vezes que o Engomadinho é elucidado no texto, ele é antecedido ou ele possibilita reações que identifica o estádio como Lugar Mágico ou Teatro de Sonhos e Emoção.

O extrato Campo de Batalha corresponde a 9% da análise estatística sendo, dessa forma, o menor extrato do quadro analítico. No entanto, ao examinarmos minuciosamente cada fragmento, percebemos que esse extrato sempre aparece como complemento dos outros três extratos majoritários: Teatro de Sonhos e Emoções, Lugar Mágico e Colosso, e quase nunca aparece após o Engomadinho. Diante disso, podemos constatar que as novas regras e os novos significados do estádio fazem emergir a reafirmação dos sentidos grandiosos do Maracanã e o Campo de Batalha representa uma função dessa grandiosidade. É um extrato que surge como consequência e não como uma reação imediata nas ações e falas dos torcedores.

A partir dessa frequência, somos levados a pensar as relações do torcedor a partir de uma dimensão pelas oscilações dos sentimentos de cada torcedor que frequenta o estádio. Podemos, com base nos dados estatísticos, ter um resultado mais exato que mensura e avalia o processo de retomada ou repulsa do Maracanã. Porém, o quadro de relatos no mostra que os significados sempre buscam um contraponto, uma oscilação, como se todo novo significado precisasse ter um respaldo da grandeza e da importância que o maracanã tem para seus usuários.

O quadro de relatos é a primeira parte de nossa análise de campo, pois buscamos esmiuçar os extratos em conjunto com as observações de campo no próximo capítulo. No entanto, tal quadro nos traz um panorama do que buscamos com a pesquisa empírica, porque ele é a síntese do nosso objetivo principal: saber se existe um trauma pelas rupturas ocasionadas no estádio e entender se, ao mesmo tempo, os torcedores conseguem atribuir um (novo) significado ao lugar.

Dessa forma, as figuras servem para elucidar graficamente o impacto que o novo Maracanã tem ocasionado na vida do público e como a relação com o espaço reformulado perpassa pelas oscilações entre as referências passadas e o que existe de novo, além das imposições/rupturas com as formas de transgredir/redequar ao Grande Palco Futebolístico.

QUINTO CAPÍTULO: SEGUNDO TEMPO

No quinto e último capítulo, adentramos no segundo tempo de nossa partida, nos minutos finais do nosso jogo. É o momento decisivo e os jogadores precisam apostar tudo para que a equipe saia vencedora da disputa. Os torcedores precisam, neste momento, ajudar o máximo que podem o seu time, seja cantando, vibrando, orando enfim, empurrando-o com toda sua força e entusiasmo.

Assim, buscamos nesta parte final o resultado de toda a nossa preparação, dedicação e vibração em campo. Finalizamos, portanto, a nossa pesquisa com a análise densa dos extratos metafóricos e focamos nos elementos que foram narrados pelos torcedores para caracterizar as relações com o templo do futebol. Neste momento final nós utilizamos também os fragmentos do caderno de campo que perpassam e incrementam as narrativas dos entrevistados.

Por meio da reverberação dos significados, conseguimos desenvolver cada extrato correlacionado com cada metáfora extraída. As narrativas sobre o estádio, expressas nesses extratos metafóricos, nos orientam finalmente a prevermos o nosso placar final: desvendar se os torcedores conseguem atribuir um novo significado ao estádio modificado pelas reformas para a Copa do Mundo de 2014.

Campo de Batalha

O primeiro extrato metafórico que abordamos em nossa pesquisa denota o sentido da “guerra” que ocorre nos estádios. Em entrevista concedida no dia 20 de novembro de 2017, o torcedor RS sintetiza o que muitos pensam do templo futebolístico: “um campo de batalha com cantos e festas”. Assim, o extrato Campo de Batalha engloba o sentido do combate que contém em seu bojo “disputas”, “adversários”, “inimigos”, “domínio de território”, etc.

De fato, a simbologia de um Campo de Batalha nos dá uma ideia de que o estádio é por legitimidade o lugar da guerra, porque é um território de disputa entre adversários. Desde as primeiras construções na Grécia Antiga, o ancestral do estádio moderno servia para confinar em um só ambiente os mais diversos embates entre pessoas que queriam se superar e conquistar limites territoriais (seja um território espacial, seja um território em seu sentido figurado representando poder e prestígio) mostrando o quão melhores eram em relação aos outros disputantes.

Como em uma guerra, os torcedores no estádio sentem-se no lócus de disputa de dois adversários, mas também sentem-se como soldados e que precisam defender o território conquistado. O inimigo é temporário, mas a ambiência formada no combate do estádio cria e invoca a simbologia para as batalhas presentes e futuras.

Como um primeiro marco da “guerra” que ocorre no estádio em dias de jogo, percebemos, após as constantes idas ao novo Maracanã, uma repetição da dominação de determinados “territórios”. Como vimos no segundo capítulo, os “territórios” foram impostos à partir da hipersetorização do espaço construído. Porém, com o passar do tempo, os torcedores passaram a criar mecanismos para conquistar outras porções do espaço, fechando seus limites, a fim de identificar os pares que ajudam a empurrar sua equipe. Essa hipersetorização criou espaços mais “fechados”, em contrapartida do antigo Maracanã que dispunha de um anel que permitia a livre circulação e, conseqüentemente, “livre territorialização” dos torcedores. Além disso, a reforma trouxe também a diferenciação dos preços dos ingressos, cujos altos valores demarcam fronteiras e hierarquizam as torcidas.

A primeira vez no Maracanã para a pesquisa de cunho etnográfico aconteceu no jogo de retorno do Fluminense após a sua reabertura em 2016³¹. No nosso caderno de campo, anotamos que o estádio estava cheio, com 43.691 pessoas, e que segundo comentário dos torcedores, eles “estavam de volta para empurrar a

31 Em 2016 o Maracanã ficou fechado de março até dia 20 de outubro sob a responsabilidade do Comitê Olímpico Internacional.

equipe” dentro do mais tradicional campo de batalha do futebol carioca. A partida em questão foi entre Fluminense x Atlético Paranaense, no dia 15 de novembro, às 17h30, pela 35ª rodada do campeonato brasileiro daquele ano.

Sem nos atentarmos ao espaço hipersetorizado e diferentes perfis de torcedores em um primeiro momento, começamos nossa pesquisa por sentir e perceber a ambiência da partida. A nossa percepção inicial ficou focada nos aspectos sensoriais, físicos e humanos em movimento dentro da atmosfera criada naquele momento. A “guerra” ainda não era tensa, embora os movimentos indicassem que ela logo iria começar: “O estádio está cheio e a torcida está empolgada. Há um som de tambor que ecoa, movimentos de pessoas se orientando no espaço em busca do melhor lugar e uma sensação de alegria e expectativa que perpassa todo o ambiente. Essa é a primeira vez que o Fluminense joga no estádio depois da reabertura pós Jogos Olímpicos” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Atlético Paranaense, 15/11/2016).

Figura 39 - Fluminense x Atlético Paranaense, 15/11/2016



Fonte: Acervo próprio.

À medida que íamos frequentando os jogos no Maracanã, passamos a detectar igualmente as microambiências formadas durante a disputa da bola, bem como as ondas que dissolviam suas bordas, entendidas como franjas ou limites perceptíveis que circunscrevem uma microambiência dentro de uma ambiência maior. Normalmente, as microambiências desse estádio estão vinculadas às taxonomias descritas no segundo capítulo, isto é, às classificações de alguns torcedores dispostos no recinto, e as ondas que atravessam as microambiências acontecem em momentos conflitantes ou empolgantes de cada jogo, como uma falta duvidosa, ou um gol. Tanto as microambiências, quanto os momentos em que elas são cruzadas por ondas, são passíveis de mudanças pelo tipo de jogo, pelo valor do ingresso ou por diferenças dentro do próprio setor.

Nossa pesquisa nos fez compreender que no Campo de Batalha do estádio, as microambiências são como trincheiras: são espaços de confronto ou de luta criados temporariamente e disseminados nos territórios. Como exemplo disso, ilustramos a nossa percepção sobre o jogo Fluminense x São Paulo, no dia 18 de outubro de 2017, em que o setor Sul estava tomado de torcedores e a maior parte deles prontos para o combate. Entretanto, era possível perceber que as torcidas organizadas composta por “torcedores-artistas coletivizados” estabeleciam suas trincheiras mais ao centro do setor, no nível superior, criando uma borda com cânticos (e hinos não-oficiais), bandeiras e camisetas com as cores do time, e símbolos próprios à cada organizada. Outras bordas observadas se formaram em ambas as laterais do setor Sul com o que podemos chamar de “torcedores-artistas satélites”, onde havia núcleos de pessoas de pé ora cantando, ora assistindo à partida, mas sempre vestidos com os uniformes da equipe ou cores próximas a ele, mas nunca com a cor do adversário. Salientamos que a cor de cada time é o principal elemento de diferenciação dos adversários e isso torna o aspecto visual tão forte quanto o aspecto sonoro na conformação da ambiência do estádio.

Outro setor observado na pesquisa de campo e que estava bastante ocupado no jogo citado era o setor Leste. Neste setor, as bordas que se formavam estavam menos perceptíveis, pois havia certa homogeneidade nos aspectos sensoriais e manifestações com o espaço. Uma microambiência característica e que era possível diferenciar do grupo geral era formada pelos “pós-geraldinos” que se debruçavam nas divisórias com o gramado e se alternavam entre xingar os jogadores e assistir de forma compenetrada a partida. Os demais torcedores, composto ou por “espectadores clássicos” ou “espectadores-atores”, permaneciam a maior parte do tempo sentados no primeiro tempo do jogo

– inclusive instruídos pelos seguranças – e se ocupavam somente em ofender, gritar e cantar vez por outra acompanhando as torcidas organizadas. No segundo tempo do jogo, no entanto, essas pessoas sentadas se levantavam, em sua maioria, burlando a ordem dos seguranças, e exibiam mais dinâmica nos xingos, nos movimentos de braços e nos cânticos, atribuindo mais dinâmica à guerra. Havia também a predominância das cores do time neste setor.

Ainda sobre o jogo entre Fluminense x São Paulo, anotamos em nosso caderno de campo que no setor Norte estava a torcida adversária, isto é, a torcida do São Paulo. As músicas, cores nos tons vermelho, branco e preto, e movimentos de encorajamento pareciam sintonizados entre os membros do pequeno grupo de visitantes. Segundo a norma do Maracanã, aproximadamente 5% dos ingressos são destinados aos torcedores visitantes, exceto no clássico FlaFlu. Por isso, a borda da torcida do São Paulo, composta por poucos membros e confinada em uma pequena porção do espaço, parecia harmoniosa em seus gestos e cânticos.

No setor Oeste, mais especificamente nas cadeiras cativas e no “Maracanã Mais”, nós observamos microambiências pequenas e espaçadas, sempre caracterizadas por olhares atentos aos jogos e com poucas manifestações de apoio ou envolvimento com a “festa”. No camarote havia também olhares atentos e poucos movimentos, mas as pessoas estavam mais aglomeradas à frente, debruçadas na divisória com o campo. Assim como nos demais setores destinados à torcida do Fluminense, no setor Oeste as cores predominantes eram grená, verde e branco, demarcando claramente a trincheira de apoio ao adversário mandante naquele momento.

Figuras 40 e 41 - Fluminense x São Paulo, 18/10/2017. Acima uma foto panorâmica do jogo. Abaixo as bordas detectadas na partida.



Fonte: Acervo próprio

Havia muitos espaços ociosos nos setores Oeste e Norte. Geralmente, as cadeiras inferiores do setor Oeste não são vendidas em jogos com pouca procura por ingressos. O setor Norte, neste caso, teve pouca distribuição de ingressos à torcida adversária, mas notamos que na intersecção com o setor Leste, onde estava a torcida do Fluminense, havia um limite e, mesmo que imposto, tornou-se uma estratégia de proteção. A exemplo do que Hall (1977) diz sobre estratégias instintivas de autoproteção de grupos de animais, usar o espaço vazio como sistema de proteção física é, também, uma estratégia de guerra quando o adversário é maior em número e em força

Constatamos em nossa pesquisa que alguns jogos têm um público menor, mesmo com os ingressos a preços reduzidos e grande publicidade. Consequentemente, a atmosfera do lugar se mostra menos vibrante e com movimentos corporais, cânticos e gritos de ordem reduzidos. É como se a guerra tivesse perdido forças, prestes a acabar ou os combatentes tenham se

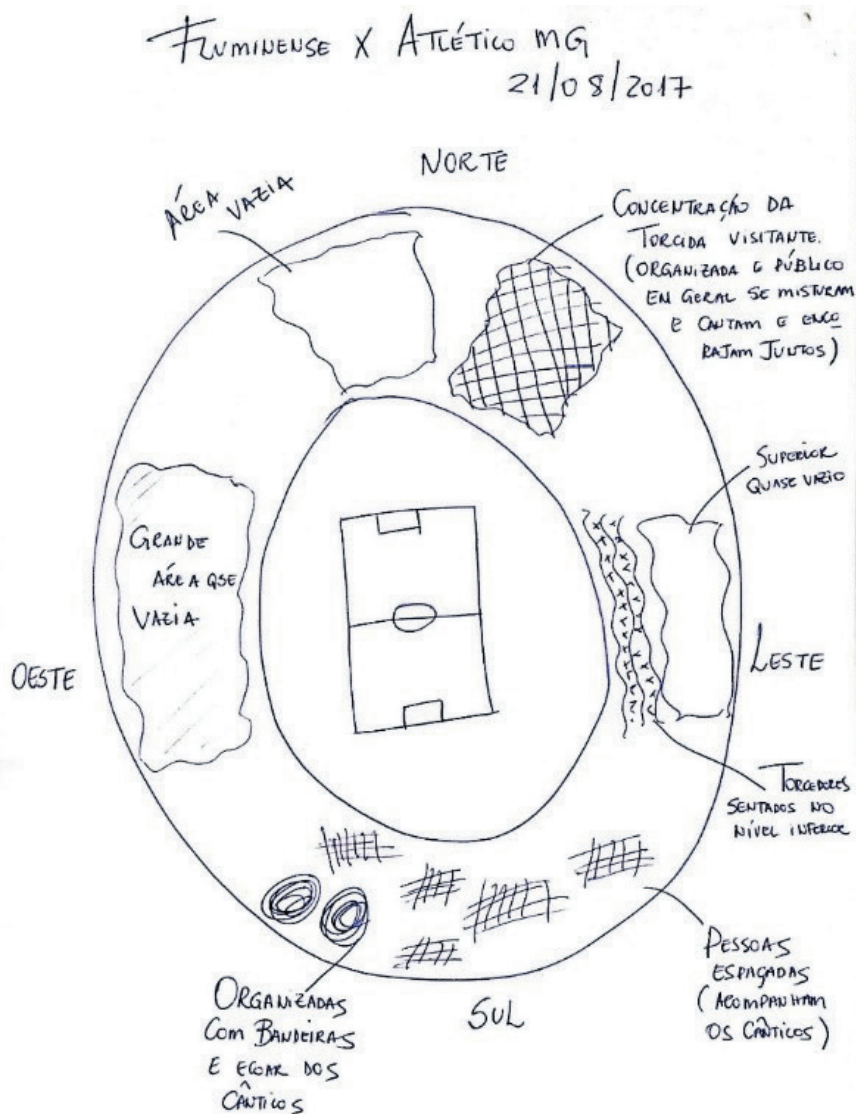
enfadado de digladiar. Exemplo disso foi vivenciado no jogo do dia 20 de agosto de 2017, na partida entre Fluminense x Atlético Mineiro: *“ainda com o acréscimo da chuva e do frio, o estádio está mais vazio, ficando ainda mais demarcadas as ocupações e as microambiências: torcidas organizadas no setor Sul cantando o tempo todo, mesmo com um número reduzido de componentes e pequenos grupos espalhados pelas laterais ora cantando, ora somente observando a partida, estando a maioria dos torcedores de pé; setor Leste com concentração de torcedores no nível inferior e a maior parte do tempo sentados e com movimentos concentrados de xingos e aplausos pontuais; e setor de visitantes, na parte Norte, com torcedores apoiando e cantando, mas com um barulho mais concentrado e abafado, porque é um público também pequeno”*.

Figura 42 - Fluminense x Atlético Mineiro, 20/08/2017. Estádio com pouca ocupação.



Fonte: Acervo próprio

Figura 43 - Croquis de campo mapeando microambientes no jogo Fluminense x Atlético MG, em 20 de agosto de 2017.



Fonte: Acervo próprio

Em oposição ao jogo anterior, participamos de um jogo com quase capacidade máxima de público no Maracanã e, por conseguinte, uma ambiência com tom de festa e anseio pela guerra, ao mesmo tempo. Trata-se da Final da Copa do Brasil entre Flamengo x Cruzeiro, no dia 07 de setembro de 2017. Essa partida, com um teor decisivo, formou um campo de batalha com um clima mais tenso, mas com todos os “combatentes” envolvidos em onda de apoio. Por definição do consórcio Maracanã, e buscando seguir uma demarcação do antigo estádio, os torcedores do Flamengo ocupam o setor Norte do estádio. Além disso, os clubes mandantes podem vender ingressos para os setores Leste e Oeste. Porém, como se tratava de um jogo decisivo e de grande procura pelos torcedores, uma parte do setor Sul também foi ocupada pelos flamenquistas, ficando o restante, uma pequena parte, à cargo do time visitante.

Figura 44 - Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Ocupação em jogos decisivos. Estádio cheio.



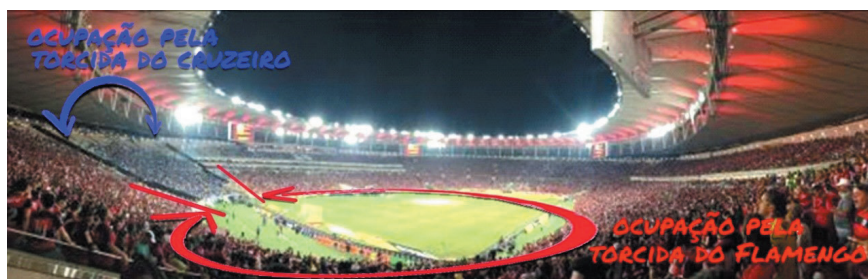
Fonte: Acervo próprio

Em nosso caderno de campo, registramos que as ocupações ficaram assim divididas: *“O setor Norte é sempre ocupado pelas organizadas do Flamengo e por pessoas que pagam valor menor do ingresso, embora nem sempre essas pessoas sejam menos abastadas, pois o ingresso mais barato do jogo foi 80,00 para sócio-torcedor. No entanto, como o jogo era contra o Cruzeiro, o Flamengo também ocupou o setor Sul – setor destinado ao Fluminense - além dos setores Leste e Oeste. Uma porção do setor Sul ficou com o visitante, ou seja, cerca de 5% do estádio”* (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017).

Na partida a que nos referimos acima, Flamengo x Cruzeiro, os combatentes do Flamengo tinham por missão vencer a batalha “dentro de casa”, isto é, no campo em que era mandante, pois ainda haveria o jogo de volta no estádio do adversário: o Mineirão. Dessa forma, as microambiências percebidas foram poucas, uma vez que o estádio estava tomado por uma onda composta pelo vermelho e preto do uniforme do Flamengo, movimentos corporais dos flamenguistas ilustrados sobretudo pela cadência dos braços no ritmo dos cânticos e um eco que surgiu da união de todas as vozes.

Conseguimos perceber que as microambiências, quando diferenciadas, estavam assim situadas: 1) cânticos e movimento de bandeiras no setor Norte sendo regidos pelas torcidas organizadas; 2) mosaico, cânticos e movimentos corporais nos setores Sul, mas sequenciados e copiados do setor Norte; 3) setores Oeste e Leste igualmente empolgados com todos de pé e aspectos sensoriais realçados, como o toque no companheiro do lado, som alto das vozes e um vermelho vivo por quase todos os espaços. Como mencionamos acima, em parte do setor Sul estava a torcida do Cruzeiro com a cor azul da equipe evidenciada e o desafio de empurrar a equipe contra o dominante, mesmo que os cânticos e as formas de empurra o time fossem grande parte das vezes abafados pelos adversários em maior número no recinto.

Figuras 45 e 46 - Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017. Na primeira foto a ilustração do estádio cheio, praticamente todo ocupado. Na segunda foto assinalamos a ocupação dos espaços destinados às torcidas, em maior proporção à torcida do Flamengo e menor proporção à torcida do Cruzeiro.



Fonte: Acervo próprio

Fica evidente nessas figuras, que a torcida do cruzeiro estava com um número bastante reduzido, cerca de 5000 torcedores, porém, esse pequeno contingente estava muito exaltado, mesmo sabendo estar em desvantagem numérica. Houve jogos em que a torcida visitante ficou bastante acanhada, como no jogo entre Fluminense x São Paulo ilustrado anteriormente, mas nesta final entre Flamengo x Cruzeiro podemos parafrasear Hall (1977) ao que ele chama de comportamento de ataque: quando o inimigo se aproxima a uma determinada distância, a opção não é mais a fuga e sim o ataque, pois não há mais o espaço circundante que o protege do inimigo. A torcida do cruzeiro teve uma missão, que foi a de empurrar os jogadores e obter ao menos um empate, pois assim levaria uma vantagem no jogo seguinte em Minas Gerais, isto é: no seu território e não mais no território inimigo. Foi a motivação do jogo final e a possibilidade de ganhar o campeonato em casa que motivou o comportamento explosivo da torcida.

Por essa razão, além das microambiências, nos ativemos à investigação do território do torcedor, pois, em um combate, a delimitação do território é o objetivo e a conquista da guerra e o processo de territorialização³² é parte do direito adquirido. Em dias de partida, como colocado por Perni (2014) e citado na fundamentação teórica, as torcidas com seus cânticos de exaltação ao clube, coreografias e “cânticos de guerras” podem transformar o estádio em um campo de forças. Mesmo com as transformações, o torcedor pode se apropriar desse território que muitas vezes se dá por identificação, mas também por combinação de controles, funções e simbolizações, como atestou Haesbaert (2011).

Uma observação em que a guerra foi mais dura e territorialista aconteceu nos clássicos, como nos jogos entre Flamengo x Fluminense, Fluminense x Vasco e Flamengo x Vasco³³. Nesses jogos, havia mais transgressões às regras do estádio e a tônica do combate e de controle dos território era dada pela alta rivalidade evidenciada no alto volume dos cânticos, maior número de instrumentos de batalha, como tambores e bandeiras e até mesmo pelas brigas.

Em um clássico entre Flamengo x Fluminense pela Copa Sul-Americana, nos dias 25 de outubro e 1º de novembro de 2017, ficou mais evidente os territórios demarcados: tanto as torcidas organizadas do Fluminense, quanto as torcidas organizadas do Flamengo, situadas nos setores Sul e Norte respectivamente, não paravam de cantar se impondo uma à outra, formando ambiências opostas, mas de certa forma semelhantes em sua pregnância caracterizadas por cânticos, bandeiras e palavras de ordem. O diferencial estava nas cores, nas letras das músicas e no contingente dos movimentos corporais, pois em ambos os jogos havia mais torcedores do Flamengo, mesmo com o mando de campo da equipe do Fluminense, no primeiro derby. Esses torcedores podem ser quase todos enquadrados como “torcedores-artistas coletivizados”, pois era muito difícil dissociar quem pertencia ou não a alguma torcida organizada, uma vez que estavam todos de pé durante toda a partida, cantando e empurrando a sua equipe, defendendo duramente seus territórios.

32 Territorialização, como abordamos na fundamentação teórica, é o sentimento de pertença a algum território apropriado ou dominado. De acordo com Raffestin (1993), a territorialidade é entendida como o conjunto de relações que se originam na sociedade, no espaço e no tempo e está atrelada ao processo de “atração-repulsão” que define e cria as condições de “raízes”. Porém, para se territorializar determinado espaço não basta somente se apropriar dele, mas ser aceito como parte daquele território, isto é, ser “eleito” pelos representantes do limite requerido/apropriado.

33 Não houve oportunidade de investigar jogos com o Botafogo nesta pesquisa.

Além dos membros das torcidas organizadas nos setores Norte e Sul, observamos que havia mais torcedores de pé, como os pós-geraldinos, os simpatizantes das organizadas ou “torcedores-artistas satélites”, situados nas bordas extremas dos setores Sul e Norte, além de alguns “torcedores-artista defensores do território” no setor Leste inferior e superior. As microambiências formadas por esses torcedores compreendiam xingos, cânticos e grande tensão. Porém no setor Leste, era preciso estar menos efusivo, pois em jogos clássicos entre essas duas equipes, este se torna setor Misto e as provocações são controladas pelos seguranças.

Ainda no setor Leste, observamos que as microambiências formadas pelos demais torcedores eram demarcadas por cânticos e palavras de ordem, nas bordas dos grupos que estavam de pé próximos às cadeiras, e burburinhos e xingos isolados proferidos nas bordas formadas por pessoas compenetradas na partida e que preferiam ficar sentadas. Além dessas microambiências, alguns torcedores avulsos ou “espectadores clássicos” foram notados debruçados em algum vidro de contenção - como os que separam o nível 2 do nível 1 dos setores Norte e Sul e área reservada para pessoas com deficiência - bem como sentados ou em pé nas escadas entre os níveis, não entoando cânticos ou instrumentos de guerra, mas igualmente vestidos com o uniforme das equipes e gritando ou xingando pontualmente durante o jogo.

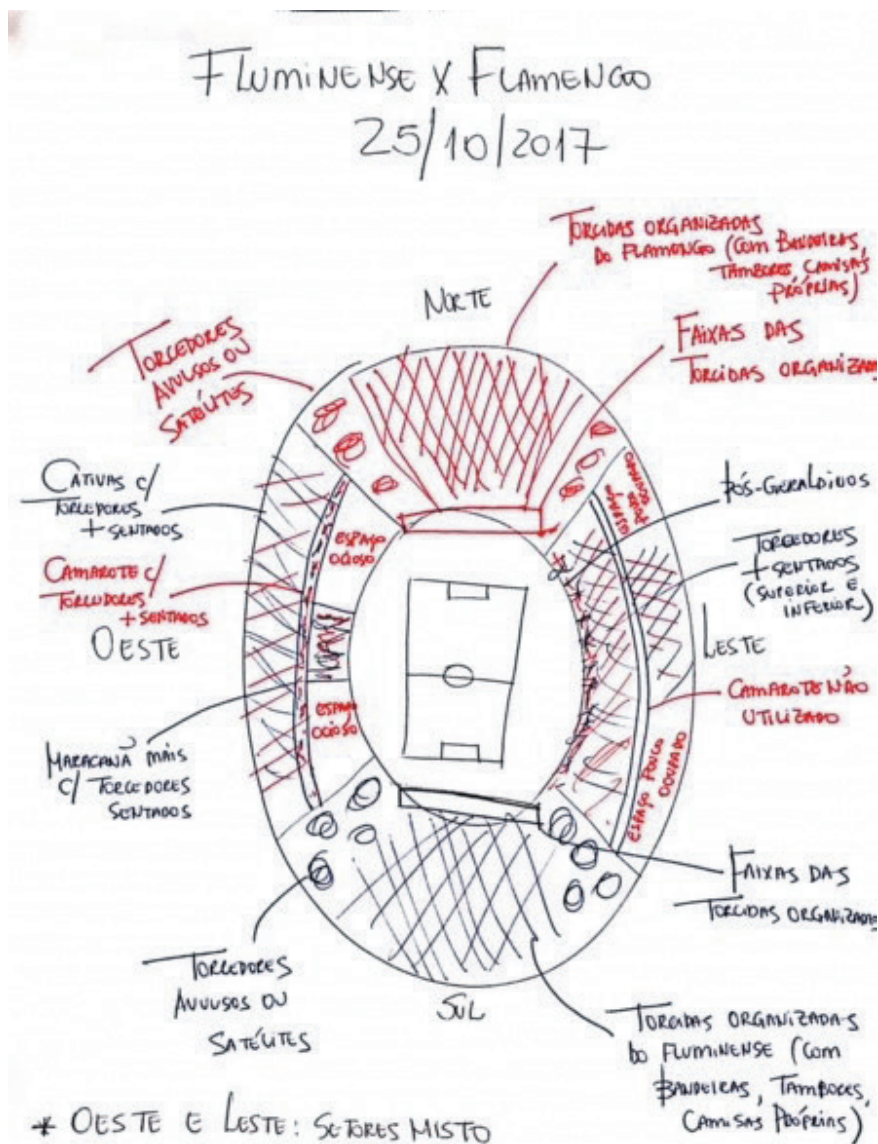
Quanto às transgressões às regras do estádio, em derbys fica mais claro que os frequentadores vão suplantando, em certa medida, as imposições da arena, criando novas formas de ajudar o time na disputa. São diferentes “soldados” com um intuito único: empurrar a equipe. Os seguranças limitam-se, neste caso, em conter confusões e ajudar na desocupação pós-jogo.

Figura 47 - 1) setor Sul com as torcidas organizadas; 2) pós-geraldinhos no setor Sul em frente aos seguranças do gramado; 3) setor Leste e a alternância de pessoas sentadas e em pé; 4) setor Norte com torcedores do Flamengo; 5) torcedores-satélites na torcida do flamengo; 6) torcedores avulsos sentados e debruçados nos vidros de separação de níveis.



Fonte: Acervo próprio

Figura 48 - Croqui de campo com destaque para do território das torcidas organizadas.



Fonte: Acervo próprio

A pesquisa empírica nos fez notar que existem ondas ritmadas no estádio com as quais as torcidas se movimentam e alteram a dinâmica no campo de batalha, diluindo as trincheiras que formam as microambiências. Como observado in loco, os elementos são descontinuados em situações nevrálgicas, como o perigo de um gol, uma falta, os minutos finais da partida, etc. Além disso, essas ondas aparecem com mais frequência no segundo tempo do jogo, pois esse tempo é decisivo para os adversários. Neste momento, as torcidas organizadas cantam mais alto e causam uma onda sonora no estádio muito maior. Essas ondas causam uma comoção e as microambiências, por alguns momentos, se dissolvem.

Um exemplo destacado em caderno de campo sobre essa onda foi registrada durante o jogo entre Fluminense x LDU pelas Oitavas de Final da Sul-Americana: ***“a torcida segue o segundo tempo todo vibrando e o setor Leste todo se levanta nos minutos finais para empurrar o time, no intuito de ajudar a fazer o segundo gol, pois embora o Fluminense vença por 1 a 0, e esse placar seja vantajoso à equipe, os torcedores querem aumentar a diferença, porque o segundo jogo será na altitude equatoriana. Logo se nota que todo o estádio está de pé.”*** Anotações como essa nos faz perceber que as microambiências principalmente do setor Leste, caracterizada pelas conversas mais baixas e xingos concentrados, se desfazem em função de uma onda que explode nos minutos finais e que requer que o torcedor se una aos demais e se movimente mais, grite mais alto e assim “empurre” o time a vitória.

Figuras 49 e 50 - Setor leste e a diferença entre primeiro tempo e segundo tempo do jogo entre Fluminense x LDU, 14/09/2017. Primeiro tempo (primeira figura) grande parte dos torcedores sentados; Segundo tempo (segunda figura) grande parte dos torcedores de pé.



Fonte: Acervo próprio

Outro exemplo de onda foi registrado no nosso caderno de campo na partida entre Fluminense x Flamengo, dia 25 de outubro de 2017: ***“De repente, aplausos para uma defesa do goleiro do Fluminense. Mas, logo em seguida, gritos de insatisfação para uma falta sofrida pelo time tricolor. Começam então a gritar ‘Nense’ muito alto, ecoando pelo estádio. É um grito de satisfação pela marcação da falta sofrida. A torcida rubro-negra responde do outro lado: ‘Dale dale dale ô, mengão do meu coração’, buscando abafar o grito que busca ‘empurrar’ o batedor de falta do Fluminense. A guerra precisa ser vencida pelo grito que empurra, que demarca”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Flamengo, 25/10/2017). A onda, portanto, é parte imprescindível na busca da vitória em um ritual da batalha.

Voltemo-nos agora exclusivamente para as torcidas organizadas, que são formadas por combatentes mais incisivos e mais atuante no front da guerra, como observado na pesquisa de campo. Como tratado no segundo capítulo, as torcidas organizadas são fonte de polêmicas, pois ao mesmo tempo em que enriquecem a ambiência do estádio com cânticos, bandeiras e manifestações de apoio que se repetem em palavras de ordem, são elas que costumeiramente brigam e criam situações de animosidades entre os pares e adversários. Exemplo disso foi atestado

em fontes jornalísticas sobre a torcida organizada Young Flu, proibida de frequentar o Maracanã em 2016 devido a um episódio que envolveu a torcida adversária, a Força Jovem do Vasco³⁴, em 2015.

Apesar dos acontecimentos de violência, acreditamos que as torcidas organizadas têm papel importante na execução do combate e na animação da atmosfera do lugar. Com base na importância dessas torcidas, focamos em analisar a demarcação de seus territórios. As torcidas organizadas do Fluminense demarcam seu território sempre atrás do gol, mais ao centro do setor Sul. Mais uma vez mencionamos que essa localização, apesar de uma imposição da arena, obedece ao modelo que existia antes das reformas, segundo informações dos entrevistados, salvo em jogos contra a equipe do Vasco da Gama³⁵. Com base nesse exemplo, podemos ratificar que no estádio ocorre o embate entre território funcional e território simbólico, como vimos na fundamentação teórica. Embate, pois, de um lado estão os dominantes impondo o comportamento e o valor de troca do território, e de outro lado a luta pela reapropriação do lugar. Apesar desses conflitos, percebemos que a ambiência que unifica o estádio em momentos do jogo, leva os torcedores a recriarem seus territórios ou buscarem por novos – funcional ou simbólico – e a “lutarem” com suas equipes, pois estão cientes do papel que exercem enquanto guerreiros-encorajadores.

Portanto, o território das torcidas organizadas, além de um importante local demarcado para a disputa dos jogos, é também o ponto de origem dos cânticos, das bandeiras e das ondas de cores, criando uma ambiência encadeada pela agitação. Nesse território também é onde vemos a onda começar e a se propagar, rompendo as microambiências. Consideramos oportuno, então, estabelecer um paralelo da ambiência criada pelas torcidas organizadas com a análise de Freud (1990) a respeito de combinação na unidade, conforme vimos na fundamentação teórica. Como diz o autor: “Se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los, e esse elo poderia ser precisamente a coisa que é característica de um grupo” (1990, p.100). De fato, existe uma unidade que une as organizadas e não somente no ato de torcer, mas na “missão” de modificar e ganhar o território.

34 A ação civil pública foi proposta em decorrência das brigas que ocorreram na estação ferroviária do Méier e nos arredores do Engenheiro, pouco antes da partida entre Fluminense e Vasco da Gama, no Estádio do Engenheiro, pela 6ª rodada do Campeonato Carioca de 2015, no dia 22 de fevereiro. Fonte: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-03-06/young-flu-e-forca-jovem-estao-suspensas-por-um-ano-dos-estadios.html>, (2017).

35 O Fluminense situava-se exclusivamente no setor Norte em partidas contra o Vasco. No entanto, em acordo com o consórcio Maracanã, isso passou a não mais ocorrer, quando o estádio foi reaberto em 2013. Essa mudança causou grande polêmica, com notas de repúdio e alguns protestos, pois o Vasco foi o primeiro time campeão no Maracanã e, historicamente teve direito de escolher o seu lado, que no caso é o setor sul, como é conhecido no novo estádio.

Retomando Freud (1990), podemos falar que essa unidade é formada por contágio, pois "num grupo, todo sentimento e todo ato são contagiosos, e contagiosos em tal grau, que o indivíduo prontamente sacrifica seu interesse pessoal ao interesse coletivo". (1990, p. 120). Não somente nos cânticos decorados, nas cores idênticas dos uniformes próprios ou nos ritmos que os membros de uma organizada se detêm, mas também em sequenciar um movimento de dominação que ao mesmo tempo contagia os pares e amedronta o adversário. Quem escolhe fazer parte de uma torcida organizada, escolhe abdicar de torcer individualmente para incorporar rituais particulares daquele grupo, sincronizar sua vontade com a vontade de um coletivo e, sobretudo, ser liderado por algum eleito que determina como os torcedores deverão se portar.

Em um clássico entre Fluminense x Vasco, observado no dia 27 de agosto de 2017, a torcida vascaína ocupava somente uma parte do setor Norte, ou seja, 5% do estádio, como normalmente ocupam os demais adversários. Porém, como há maior rivalidade entre as equipes, o combate das torcidas adversárias era grande e a menor torcida não se abateu nem se mostrou menos aguerrida no local imposto a ela pelo consórcio Maracanã. Mesmo com limites impostos nos territórios de torcidas, os torcedores precisam fazer jus a esse território, demarcando-o. Por isso, as torcidas cantam e se exaltam não somente para empurrar a equipe, mas também para reforçar os limites de "quem domina o lugar".

Além dos cânticos e exaltação, a observação das torcidas nos fez compreender a que ponto as bandeiras e faixas também são consideradas armas de batalha dos jogos, da mesma forma que os cânticos são passíveis de demarcar territórios. Quando as bandeiras são vistas, sabemos antecipar como poderá ser o jogo (mais aguerrido ou não, dependendo do contingente) e onde são os locais exatos de cada torcida organizada, que são as responsáveis por carregar esse elemento. Na figura abaixo, vemos a demarcação das torcidas por faixas e bandeiras, evidenciando os locais de dominação. Diferenciar e ter o território definido em uma partida de futebol não é fundamental somente para criar as bases de aceitação dos pares, mas sobretudo para fortalecer os limites que separam os inimigos.

Figura 51 - Círculos destacando a demarcação por bandeiras e faixas das torcidas organizadas.



Fonte: Acervo próprio

A respeito da reapropriação/reterritorialização do lugar, podemos destacar esse trecho da entrevista com A.R:

Eu sempre gostei de ficar em arquibancada, gostava de ficar na torcida da Raça, e agora quando eu venho eu fico no setor Norte, mas já fui na cadeira cativa, que eu detestei. Eu gosto de muvuca, gosto de povão, gosto do corpo a corpo. Na época do outro Maracanã eu fui em cadeira especial, mas nada disso eu gosto, o meu negócio é arquibancada mesmo, onde eu gostava e gosto de ir. (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/17).

Destacamos nesse depoimento, em um primeiro momento, a preferência por ser parte do território da torcida organizada Raça Jovem, do Flamengo, que passou a ser ocupado no limite conhecido como setor Norte. A partir de expressões em sua narrativa, como “corpo a corpo” e “muvuca”, não apenas vemos uma alusão ao embate, como também, podemos entender que sua apropriação do espaço e identificação do lugar tem resquícios na memória do passado do antigo Maracanã e pode ser reavivada no novo lugar envolto nessa ambiência notável de dias de jogos.

Percebemos, então, que as referências do estádio antes da reforma, impregnadas na memória e retrabalhadas no lugar, são importantes no que se tem de elementos para poder se apropriar novamente, como supracitado. Percebemos esse fato igualmente na narrativa de outro torcedor, W.J.:

eu fico no setor Sul do estádio, pois a grande maioria da torcida do Fluminense fica no setor Sul, mas antes da reforma eu costumava ficar no setor Verde, do lado que hoje é o (setor) Norte. Tinha Verde dos dois lados e antigamente podia dar a volta no anel completo. Podia entrar em qualquer setor, desde que não fosse clássico. Então eu sempre assistia ao jogo perto do gol que o Fluminense estava atacando. Se o Fluminense começasse atacando do lado direito eu ficava no lado direito do estádio e no segundo tempo eu virava do outro lado, mas sempre no setor Verde (Entrevista com W.J. concedida no dia 27/08/17).

O torcedor sente-se como parte da disputa da bola, sabendo que precisa atuar junto com os jogadores, reforçando o coro e partindo para uma frente de ação. Ciente deste papel, o torcedor pesquisado usa sua memória para trazer elementos do território de outra época, principalmente elementos do “setor verde”, reconstruindo sua narrativa do passado para encontrar resquícios no lugar alterado. Ele busca, dessa forma, se situar novamente no espaço e (re)territorializá-lo enquanto torcedor e peça fundamental no front. Como vimos em Bergson (1999), a memória não está nos lugares e sim os lugares que fazem a memória trabalhar nas pessoas, instigando histórias recontadas.

Observamos em campo que todos os torcedores fazem parte da “guerra”, mas alguns atuam de maneira menos incisiva e, por isso, são chamados de espectadores clássicos segundo a taxonomia de Ferreira (2017). No entanto, eles também são membros da disputa, pois em uma guerra existem aqueles que atuam na linha de frente e também os estrategistas. Sem ambos, não

é possível vencer. Identificamos que os estrategistas normalmente preferem os lugares com uma atmosfera mais amena, em contrapartida de outros torcedores que privilegiam o “corpo-a-corpo” e movimentos mais animados da torcida. Destacamos isso no fragmento que retiramos na fala do entrevistado P.H: *“Para ficar no estádio hoje eu prefiro o setor leste, variando entre o superior e o inferior. Antes da última grande reforma, frequentava as cadeiras brancas no mesmo lugar onde fica o setor leste. Gosto desse lugar, pois acompanho a partida sem muitas interrupções”* (Entrevista concedida no dia 07/09/17).

Apesar de toda a problemática com a antiga Geral, o geraldino que ainda frequenta o Maracanã é um guerreiro com muitas cicatrizes em combate e em alguma medida tentando se (re)identificar com o novo, como vemos nessa narrativa de G.A: *“Depois da reforma, eu só fico aqui, neste mesmo lugar, onde era a Geral. Eu só fico aqui (setor Leste inferior) ou atrás daquele gol, onde também era Geral (apontando para o setor Sul inferior)”* (Entrevista concedida no dia 14/09/2017). Mesmo a geral tenha sido excluída do Maracanã, ele ainda prefere ficar onde a sua primeira identificação com o estádio foi formada, pautada pela emoção do jogo. Retomando a psicologia das massas de Freud, existem três fontes para a identificação e que resumem essa relação do pós-geraldino com o novo Maracanã.

Primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (FREUD, 1990, p. 150)

Outro elemento da guerra destacado em nossa pesquisa são os gestos e símbolos de combate que são praticados e vistos no estádio, como nesse trecho do caderno de campo: *“Quando a figura do locutor começa a falar a escalação do Fluminense, o jogador que tem o apelido de ‘Ceifador’ (Henrique Dourado) é o jogador mais ovacionado pela torcida. Eles vão à loucura e ficam fazendo um gesto com o braço no pescoço, como se fossem cortá-lo a fim de ameaçar o oponente com menção ao jogador. É uma guerra que vai começar e é preciso ‘matar’ o adversário”* (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x São Paulo, 18/10/2017).

Mas a guerra metafórica do jogo tem componentes de uma guerra real, como relatamos no que concerne às torcidas jovens e à violência nos estádios. As reformas, embora sejam cercadas de polêmicas e exclusões, teve como um dos motes a importância de banir a violência exacerbada. No entanto, por vezes ela ainda aparece como no jogo entre Fluminense x Atlético Paranaense, em novembro de 2016. As torcidas organizadas do próprio Fluminense começaram a brigar entre si, como observado em uma das investidas em campo. Sobre isso, concordamos com as colocações de Freud (1990), que atesta:

Um grupo é impulsivo, mutável e irritável. É levado quase que exclusivamente por seu inconsciente. Os impulsos a que um grupo obedece, podem, de acordo com as circunstâncias, ser generosos ou cruéis, heroicos ou covardes, mas são sempre tão imperiosos, que nenhum interesse pessoal, nem mesmo o da autopreservação, pode fazer-se sentir. (FREUD, 1990, p.90)

Esse tipo episódio se repetiu em jogos mais decisivos ou em clássicos, como vencido no jogo entre Flamengo x Cruzeiro na Final da Copa do Brasil, no dia 07 de setembro de 2017, e anotado em caderno de campo: ***“Quando chegamos havia acontecido confusões no entorno do estádio entre algumas organizadas e invasões em vários setores.³⁶ Vários torcedores desceram a rampa do metrô da UERJ cantando ‘vamos invadir’. Presenciamos muito policiamento, inclusive a guarda montada que foi acionada depois da confusão. Soubemos também que depois que entramos houve outra confusão no entorno e bombas foram jogadas com o intuito de conter os ânimos e mais invasões. Dentro do estádio, alguns torcedores pularam a grade do setor Leste para o setor Norte, onde estavam as torcidas Organizadas. Os seguranças internos tiveram trabalho em conter os torcedores”.***

36 “Faltando cerca de 15 minutos para o início do jogo, houve tentativa de invasão no acesso da estátua do Bellini, na Avenida Maracanã, próximo à esquina com a Rua Eurico Rabelo. A polícia disparou gás de pimenta e bombas de efeito moral, gerando muita correria e susto”. Trecho disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/festa-muita-confusao-marcam-entorno-do-maracana-antes-da-final-da-copa-do-brasil-21798460#ixzz4vFDp4KI8>, (2017).

Figura 52 - Guarda montada no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017.



Fonte: Acervo próprio

Outro episódio de violência, no jogo Fluminense x Flamengo, dia 12 de outubro de 2017, também foi registrado em nosso caderno de campo: ***“de repente, começou uma grande confusão. Torcedores correndo, bombas sendo jogadas, os policiais nervosos e nós ficamos presas na fila de troca de ingresso”***. Segundo Freud (1990), a libido é a responsável pela catarse e atua como ação instintiva e assim impulsiona as ações das massas. Por essa razão, as multidões em êxtase com a batalha que se aproxima é tomada pelo impulso libidinal que pode gerar qualquer conflito vinculado à identidade torcedora mais arredia.

Esses atos atrelados ao estímulo das massas que se sentem em uma guerra mostram o ápice da emoção que existe em um jogo de futebol. Excluindo esses acontecimentos violentos em si, as manifestações de “raiva” e “repúdio” com a própria equipe e a equipe adversária é parte do ritual da disputa: ***“Quebra ele aí, grita o torcedor para que o jogador adversário cometa a falta em cima do jogador do Vasco e não permita que ele faça mais um gol [...] quase gol do Fluminense e a torcida se empolga, levanta e se irrita. Eles balançam os braços e logo começam a cantar. É percebido um misto de empolgação, tensão, amor e ódio, tudo ao mesmo tempo”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017).

Em um jogo as expressões e gritos de raivas acontecem com uma grande frequência. Partimos do fato fundamental de que o indivíduo num grupo está sujeito, através da influência deste, ao que com habitualmente constitui profunda alteração em sua atividade mental. Sua submissão à emoção “torna-se extraordinariamente intensificada, enquanto que sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida, com ambos os processos evidentemente dirigindo-se para uma aproximação com os outros indivíduos do grupo.” (FREUD, 1990, p.118).

Por fim, como estamos falando de um campo de batalha, não podemos esquecer que o estádio é também local de “vingança”, principalmente de adversários que em algum momento foram responsáveis por derrotas fatídicas e que custaram até mesmo um título, como foi o caso do jogo entre Fluminense x LDU pelas oitavas de final da Copa Sul-Americana, em 14 de setembro de 2017. Esse mesmo duelo havia ocorrido em 2008 pela Taça Libertadores da América no qual o Fluminense foi eliminado e perdeu o título para o time Equatoriano. O sentimento de “vingança” foi sentindo in loco e registrado em nosso caderno de campo.

No entanto, cada torcedor tem seu próprio momento de “vingança”, como atesta A.O. em sua narrativa sobre ter participado de um jogo do Brasil contra Uruguai no Maracanã, na década de 1990. Segundo ele, havia uma vontade de vingança pelo Maracanazo, em 1950, e ele relata que Romário realmente vingou

fazendo o gol da vitória do jogo, saindo, enfim, a seleção brasileira vencedora desse combate. O Maracanazo foi um episódio do qual ele sequer participou, mas viveu pelos relatos de outros e, conseqüentemente, tornou-se um fragmento de sua própria memória que o levou a ter esse desejo de vingança.

Figura 53 - Jogo entre Brasil x Uruguai na Copa de 1950. A partida ficou conhecida como Maracanazo.



Fonte: FlikkaD / CC BY-SA (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0>), (2020).

Lugar Mágico

O Lugar Mágico é o extrato que representa a transcendência do Maracanã. Nele traduzimos a ascendência da ambiência embebida no encantamento que o gigante do futebol produz em seus torcedores. Captamos esse extrato metafórico da reverberação das narrativas que descrevem o Maracanã como dotado de uma magia, envolto em ritos, portador de aura e alma:

Para uma pessoa que vem ao Maracanã pela primeira vez, primeiro eu indico um ponto turístico histórico, mas acima de tudo como um lugar mágico, pois muita coisa já aconteceu ali dentro. Todo mundo canta, todo mundo grita, todo mundo xinga, extravasa, é um lugar mágico, Maracanã é um lugar mágico. Eu acho que todo mundo deveria conhecer. (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017)

Das entrevistas e conversas com torcedores, ficou evidente a ideia de que o Maracanã transcende o equipamento construído. De fato, criado para abrigar 200 mil pessoas em 1950, esse templo do futebol lançou os moldes do torcer em massa, “inventou” ídolos, formas inusitadas de encorajar as equipes, competições... Ele abriga memórias de finais improváveis e fantasmas de grandes derrotas. Ele possibilitou a criação de uma identidade torcedora e dirimiu diferenças. Por isso o Maracanã é Lugar Mágico.

No entanto, ele precisou ser renovado e para muitos ele foi mutilado. Para outros tantos, porém, a sua alma continua ali, pairando e sendo sentida pelas experiências dentro da ambiência do lugar. De todo modo, a última reforma do estádio, que ficou conhecida como “Padrão Fifa”, impôs uma série de mudanças e regras que mexeram com a forma do frequentador se relacionar com o bem construído.

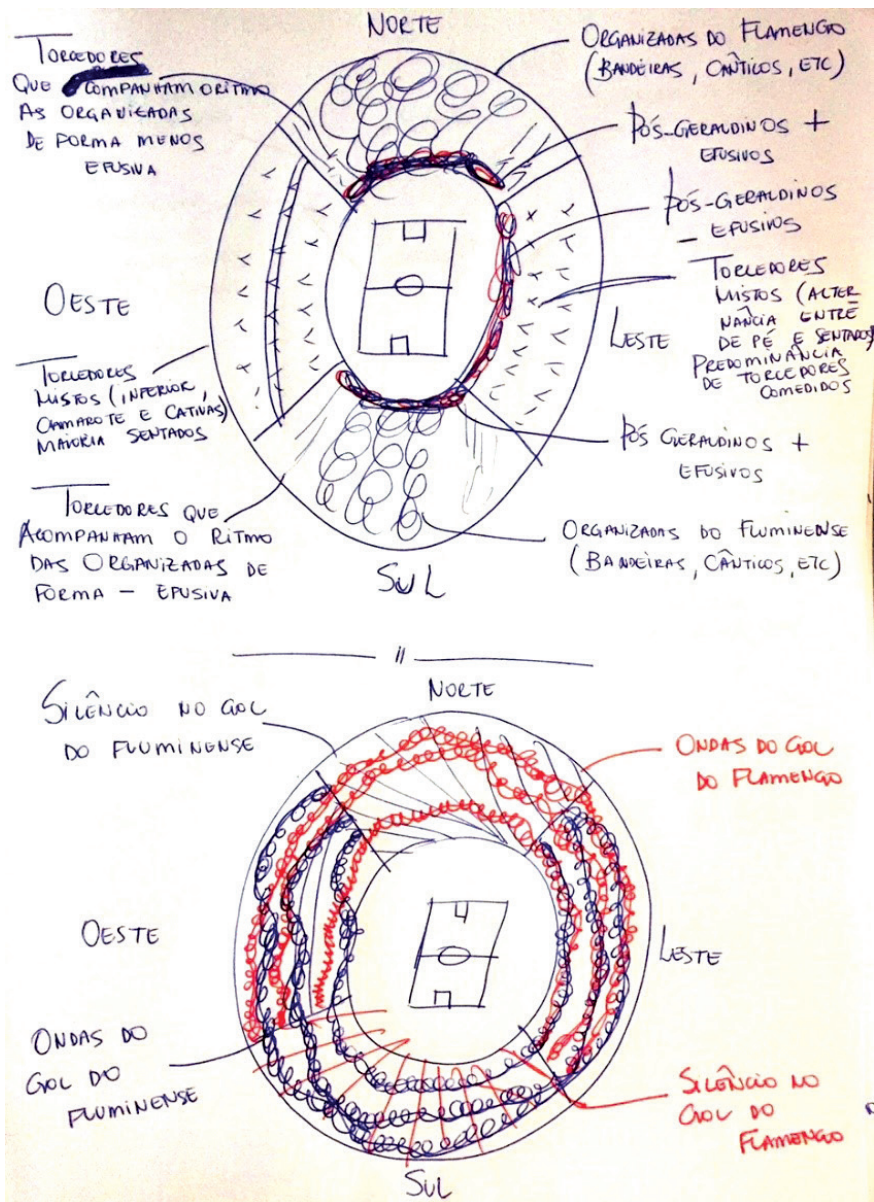
Uma das alterações que mais incomodou o torcedor em um primeiro momento foi o controle dos modos de torcer, como vimos no segundo capítulo. Porém, em meio às observações de campo, percebemos que, aos poucos, as premissas da Fifa foram sendo suplantadas pelo torcer mais solto, mais fluido e menos vigiado. Os torcedores, e o “jeitinho brasileiro”, conseguiam pouco a pouco transpor as inúmeras regras e devolver ao Maracanã a magia de poder encorajar de corpo e alma as equipes.

Como vimos no Campo de Batalha, as microambiências dos lugares se modificam pela corporificação dos espectadores, e, no caso do Maracanã, essas

modificações se relacionam também com os diferentes setores, suas ocupações e os diferentes tipos de jogo. Em nossa pesquisa de campo, notamos que em setores mais populares, no caso os setores Sul e Norte, as microambiências são demarcadas e identificadas principalmente pelo som (cânticos, ofensas, gritos), pelo movimento (de torcer em pé, de balançar bandeiras, dos braços em vibração), pelo corpo-a-corpo e por toda mistura de manifestações sensoriais que são despertadas em um conjunto mais enérgico do estádio.

Já nos setores “mais caros”, setores Leste e Oeste, as microambiências são mais facilmente detectadas e formadas, pois os grupos demonstram movimentos mais pontuais de encorajamento, pouco contato com seus pares e, conseqüentemente mais “franjas” de pessoas que “escolhem” torcer sem os embalos da multidão. Essa situação se modifica e leva uma efervescência ao estádio quando acontecem momentos específicos do jogo: lances de perigo, uma falta, um gol, etc. Esses acontecimentos unificam a torcida, diluem as microambiências e vemos uma explosão que conecta todos em uma atmosfera única e que transforma magicamente o lugar. Dentro de uma ambiência notável, como a que acontece em dias de jogos nos estádios, Torgue (2004) nos diz que essa onda que vem em um só fluxo e envolve tudo o que está contido em um determinado espaço, é um destino no sentido de que se há uma vontade coletiva, o espaço e todos estão passíveis a uma contaminação de sentimentos e reações.

Figura 54 - Croqui de campo mapeando na primeira figura as microambiências e na segunda figura as ondas que se formam em determinados momentos. Partida Flamengo x Fluminense, 12 de outubro de 2017. Placar: 1x1.



Fonte: Acervo próprio

Notamos que o diferente público – que sempre existiu – escolhe o “seu” lugar em função de sua identificação com seus pares ou lugares e pela memória que está refletida na narrativa do passado com o estádio, como tratamos no extrato anterior. Entretanto, como analisamos em campo, o público também faz suas escolhas pelas sensações que deseja sentir ao fazer parte daquele território. Logo, a Magia do Lugar que as pessoas elencam, está diretamente implicada na ambiência desse lugar. Os narradores nos conduziram a entender o Maracanã pelos seus zoons particulares (escolhas do lugar, sentimentos com os pares, poder cantar junto...) ao mesmo tempo que nos mostraram fragmentos impactantes dos momentos grandes e que são rasgados por ondas de euforia, irritação ou êxtase (um gol de final de campeonato, o hino cantado por todos...) compondo o conjunto total da ambiência desse templo que o faz ser maior que seu espaço físico.

Corroborando essas questões, Hourcade nos fala sobre os novos estádios: “Você quer estar com sua família? Você tem espaço mais silencioso onde você leva seu filho. Você quer fazer negócios? O estádio adaptou lodges. Você quer ficar de pé, gritar e pular? É possível atrás dos gols”. (2017, s/p - tradução nossa). Temos espaços bem delimitados, mas ao mesmo tempo cruzados por sensações e sentimentos que se fazem e desfazem, atribuindo valor e significado ao lugar. Nesse lugar os seus frequentadores podem abstrair suas vidas cotidianas e ansiar por novos momentos mágicos de espetáculo onde a ambiência os leva para uma comunhão emocional com a torcida e com o time.

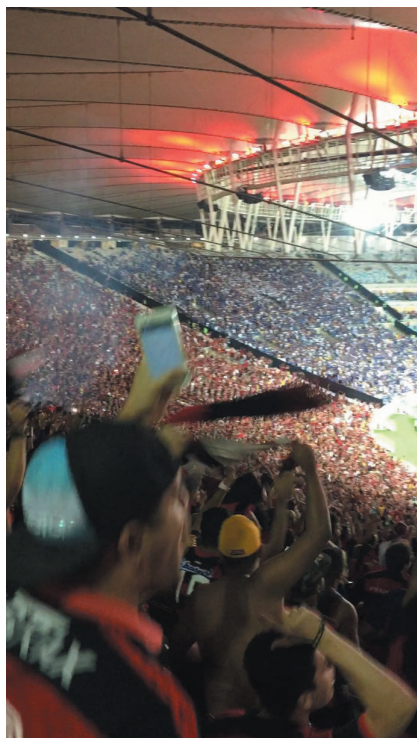
Figura 55 - pó de arroz, bandeiras, balões e lanternas no jogo decisivo pelas oitavas de final da Copa Sul-Americana entre Fluminense x LDU, 14/09/2017, criando uma onda festiva e passível de encantamento.



Fonte: Acervo próprio

Costumeiramente, os setores Leste e Oeste são conhecidos como setores menos populares e preenchidos por grupos mais elitizados, dado os valores ainda mais alto dos ingressos. Além disso, esses setores também são os mais escolhidos pelo “espectador-ator”, que gostam de torcer com menos contato corporal ou não estão muito preocupados em se apropriarem do espaço. Mas em alguns momentos esses torcedores se tornam “iguais” e rompem as barreiras do distanciamento social. Foi o caso do jogo entre Flamengo e Cruzeiro pela Final da Copa do Brasil de 2017, quando o estádio estava completamente preenchido. Quando passou a onda no momento do gol, todos foram contagiados, até mesmo as pessoas localizadas nos setores Leste e Oeste. Como em um passe de mágica, toda a atmosfera se modificou, como escrevemos no nosso caderno de campo: *“O Flamengo fez um gol e a torcida disparou. Uma vibração tomou conta do estádio e um uníssono de felicidade tomou conta do lugar. É a ambiência da festa, da coletividade, da alegria que se apossa de cada um e contagia o próximo mesmo que o próximo não esteja anteriormente tão efusivo”*.

Figura 56 - momento de euforia pelo gol favorável ao Flamengo contra o Cruzeiro. Mãos para cima e alguns torcedores balançando as próprias camisas.



Fonte: Acervo próprio

Poder voltar a frequentar várias vezes o estádio, ser costumeiramente imerso nessa ambiência notável de dia de jogo e ter a possibilidade de acionar fragmentos da memória, ajuda o torcedor a criar bases para uma nova identificação e apego pelo lugar. Por meio das narrativas dos entrevistados, como no fragmento da narrativa de P.H, os vestígios de sua memória nos mostram o afeto pelo Lugar do Maracanã à medida que emergem sentimentos e sensações acionados com o desenrolar de novas lembranças: *“Minha primeira vez no estádio foi em 1988, mas passei a frequentar mesmo em 1999. A sensação que eu tenho é de tensão sempre, felicidade ou tristeza dependendo do resultado. Só posso dizer que, em grandes vitórias, a sensação é de êxtase”* (Entrevista concedida no dia 07/09/2017).

A magia do Maracanã também aparece reavivada quando ídolos ou grandes jogos decisivos são lembrados, mostrando novamente que aquele lugar foi o palco de algo memorável. Ilustramos com fragmento da entrevista de R. F:

Eu sou de 1964 e estou com 52 anos. Meu pai me trouxe aqui em 1969, [...] me lembro a partir de 1973 [...]. Vi disputas fantásticas do Flamengo, Botafogo, Vasco, eu vi tudo aqui. Logicamente eu sou torcedor do Fluminense, acompanho o clube muito de perto, eu vi Rivelino jogando, eu vi Paulo César Caju, vi Duval, eu vi Branco, vi Assis, Washington, eu vi grandes títulos do Fluminense, vi também grandes decepções como dois rebaixamentos seguidos, essas coisas que com o tempo passa. Vi grandes jogadores desfilando como Roberto Dinamite, o Mendonça no Botafogo, Zico no Flamengo, vi muita gente boa jogando aqui (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

No caderno de campo, registramos o olhar ao mesmo tempo extasiado e sonhador desse torcedor que, enquanto nos oferecia sua narrativa, parecia reviver o momento em que viu os seus “deuses” atuarem no gramado, na frente de seus olhos. Ele também fala dos “rebaixamentos” presenciados, lembrando que o estádio também é palco de derrotas. Ele finaliza com um saudosismo, que, ao nosso entender, é o lamento de quem busca novos fatos ou sentimentos para despertar seu pertencimento:

Hoje em dia, o jogador não tem técnica como tinha antigamente, é difícil ter um jogador diferenciado. Hoje em dia, o jogador diferenciado, que o pessoal endeusa, mas que não teria vaga nos times de antigamente é o Neymar. É muito complicado falar de época distinta, mas eu vi muita gente boa jogando bola (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

Acreditamos que a magia de um estádio esteja intimamente ligada com os mitos criados, pois esses mitos tentam não deixar a alma se perder enquanto pode nos trazer significado de algo. Segundo Tuan (1983), a construção de mitos não é uma coisa do passado e sim um conhecimento que temos como indivíduos e como membros uma determinada sociedade. Ou seja, ídolos enquanto mitos deixam marcas importantes na memória do torcedor e possuem uma aderência com o lugar e com o seu futuro.

Fazemos um paralelo com os mitos do estádio com o que Tuan (1983) escreve sobre Hamlet:

Não é interessante como este castelo muda tão logo a gente imagina que Hamlet viveu aqui? Como cientistas, acreditamos que um castelo consiste só em pedras, e admiramos a forma como o arquiteto as ordenou. As pedras, o teto verde com a pá-tina, os entalhes de madeira na igreja constituem o castelo todo. Nada disto deveria mudar pelo fato de que Hamlet morou aqui e, no entanto, muda completamente. De repente, os muros e os baluartes falam uma linguagem bem diferente. O próprio pátrio se transforma em um mundo, um canto escuro nos lembra a escuridão da alma humana, e escutamos Hamlet: “Ser ou não ser”. No entanto, tudo o que realmente sabemos sobre Hamlet é que seu nome aparece em uma crônica do século XIII. Ninguém poderá provar que ele realmente existiu, e menos ainda que aqui viveu, mas todo mundo conhece as questões que Shakespeare o fez perguntar, a profundidade humana que foi seu destino trazer à luz; assim, teve também que encontrar para si um lugar na Terra, aqui em Kronberg. Uma vez que sabemos disto, Kronberg se torna, para nós, um castelo bem diferente (p. 4).

Assim como no Monte Olimpo da Grécia Antiga, venerado como morada dos doze deuses, o Maracanã também adquiriu status de Panteão cuja aura se funde com a das divindades que ali pisaram. Como demonstra o entrevistado, os significados do estádio estão inexoravelmente atrelados aos grandes mitos do futebol.

A relação com o estádio vai além do recinto, ela o transcende. A atmosfera do estádio, formada pelo jogo e pelo torcer com os pares, traz à tona identidades vinculadas a momentos e situações que o tornam mais emblemático dentro do contexto da vida de cada um, tendo as lembranças como pano de fundo para tal construção. A relação com o estádio, e como ele possibilita criar uma identidade vinculada com os momentos emblemáticos é exposta no relato de G. A., que teve sua adolescência perpassada por jogos no monumento e o marcou profundamente em suas relações posteriores e o seu modo de vida:

A minha mãe lavava roupa para fora, para uma senhora lá em Laranjeiras. Então, eu levava a roupa suja e trazia a roupa limpa. Então, um dia eu cheguei e conversei com a madame (senhora de Laranjeiras) que eu nunca tinha ido ao Maracanã.

E ela me perguntou: 'então por que você não vai hoje?' e eu disse que era porque eu tinha que levar roupa em casa e meu dinheiro era pouco. Ela disse: 'o dinheiro eu te dou, mas lá é de graça, então você usa o dinheiro e faz um lanche'. E, então, eu disse que minha mãe não iria gostar, mas ela afirmou que depois conversaria com ela. Eu não me lembro exatamente o ano que foi isso, mas faz muitos anos. Eu então vim para o Maracanã. Cheguei na Central do Brasil perguntei para o pessoal como que eu chegava aqui no Maracanã. Peguei um ônibus, vim, vi o jogo e, depois que acabou, eu fui para casa. Entrando em casa, estavam minha mãe e meu pai sentados na sala. Meu pai foi logo falando: 'sua mãe falou que você saiu daqui cedo para levar roupa. Onde foi que você se meteu até essa hora?' Olhei no canto e vi um pedaço de pau, pois o coroa gostava de bater. Vi a vara e falei: 'o senhor vai me bater mesmo eu contando a verdade, não vai? Mas eu vou apanhar e vou apanhar satisfeito. O senhor pensa bem, eu já sou um rapazinho, já tenho uma namorada, eu preciso conhecer as coisas. Eu só vou a cidade quando vou levar roupa para a minha mãe, exceto isso eu só vivo aqui, e no domingo eu tenho que ir ao cinema com a namorada às 02 horas da tarde, no resto é só trabalho, trabalho e trabalho. Aproveitei que não pagava nada e fui ao Maracanã. Podem perguntar para a dona Camila que ela vai falar a verdade, pois eu falei com ela que tinha vontade de conhecer o Maracanã. E, já que tinha o Pelé, eu queria conhecer o Pelé.' E a mãe retrucou: 'mas você sabe que não pode fazer nada sem pedir a gente primeiro?'. E eu disse: 'eu sei, eu errei, mas a senhora quer me bater e meu pai, então me batam'. Ganhei uma varada, mas vivi aquela emoção. (Entrevista com G.A. concedida no dia 14/09/2017)

A memória que esse torcedor tem do estádio é uma memória que representa um rito de passagem e fica sempre arquivada, sendo reeditada, mas jamais esquecida, formando suas impressões e paixões pelo Maracanã. Ela é importante, igualmente, para uma memória coletiva, uma vez que se cruza com várias histórias de outros torcedores, ouvidas várias vezes por nós

durante a pesquisa. Finalizando, o entrevistado nos narrou: “Depois disso, eu passei a sempre vir no Maracanã, pois ele me encanta” (Entrevista concedida no dia 14/09/2017).

Escutamos em diversos relatos de nossos entrevistados que o antigo estádio não deveria ter sofrido tantas alterações nesta última reforma. Porém, muitas das narrativas reacionavam a mística do estádio de outrora e os rituais que eram engendrados no lugar, atestando que a continuidade desses ritos é salutar para a continuidade e sobrevivência do espírito do lugar. Como acerta DaMatta (1983), o ritual da festa, da ordem dos cânticos e da marcha modifica a dinâmica do ambiente e todo esse processo importa em sua ressignificação.

Essas manifestações ritualísticas relatadas pelos torcedores diz respeito às suas próprias manifestações com o lugar. Elas, por sua vez, invocam a ambiência e criam condições de contágio das pessoas corporificadas naquele momento, fundando as bases para uma nova identificação com o espaço. Estando constantemente presente nesse lugar, o processo de imersão é novamente acionado e torna-se possível ser cada vez mais contaminado, fazendo parte de um grupo de iguais, mesmo que temporariamente: ***“E recomeça o jogo, segundo tempo, e as Organizadas puxam o coro ‘Vamos virar Nense!’ E, neste momento, eu me pego torcendo e envolvida”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017). Isso é o que Freud (1990) chama de contaminação pelas massas. Ademais, no estádio, a individualização nunca é deixada inteiramente livre, como atesta DaMatta (1983), “já que (a individualização) se enquadra em um grande esquema de representação cênica onde todos devem desempenhar um papel e assim contribuir com o todo” (p. 102).

O mesmo aconteceu no jogo entre Flamengo x Cruzeiro, na Copa do Brasil de 2017, como ilustrado nesse fragmento do caderno de campo: ***“o mar vermelho que se apossa do estádio é enorme. A atmosfera que está formada é arrepiante e é impressionante isso. Tem um cheiro de fumaça adocicada e um calor humano maravilhoso”***. Quando se é de fato torcedor de uma equipe, e envolto nessa atmosfera contagiante, todos os sentimentos e sensações dentro do estádio são potencializados.

De acordo com Gaffney (2004), a experiência do estádio cria identidades particulares por meio das experiências com o Lugar e com os outros, como vimos no primeiro capítulo. Segundo o autor, é preciso deixar parte do próprio ser para contribuir com a comunidade de torcedores. O espaço individual vira espaço comunal em várias escalas e até mesmo quem não é torcedor pode se envolver para encorajar ou ir completamente contra.

As torcidas sabem que precisam inflamar e criar uma atmosfera de encorajamento para empurrar o time à vitória. Na partida entre Fluminense x Vasco, sentimos em nossa investida em campo uma força impulsionando a equipe do Fluminense pelo coro: “pra cima deles Fluzão”. Esse coro não se calava e a torcida vascaína sentiu necessidade de revidar à altura, criando ondas de apoio e sobretudo ondas contagiantes para todo o grupo de torcedores. Esses são momentos mágicos do estádio e eles compõem, portanto, a ambiência do Maracanã. São esses momentos que facilitam o apego pelo lugar.

O Lugar Mágico tem íntima relação com sentir-se bem e ser sempre lembrado mesmo em momentos de distância. Esse bem-estar foi transcrito no trecho da entrevista com W.J:

Na partida do Fluminense, eu me sinto em casa, estou com os meus, estou com meu povo, galera que tem a mesma paixão, sofre as mesmas angústias, a gente se identifica, e canta e empurra, me sinto bem. É um lugar para extravasar, me divertir, curtir o momento. Diferente de qualquer outro tipo de diversão; é bem único. (Entrevista com W.J. concedida no dia 27/08/2017).

A experiência de ir sempre ao Maracanã e estar envolto em sua ambiência pode desencadear um processo de identificação pessoal, mesmo que as representações sejam coletivas. “O Maracanã é Maracanã sempre. Mudou, se modernizou, mas para mim o sentimento não muda. Tudo tem seus prós e contras, mas a modernização é preciso. A história e a aura do Maracanã não se apagam”, finalizou W.J (Entrevista concedida no dia 27/08/2017)

Segundo Freud (1990), a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa, que, neste caso, são os outros torcedores e o próprio espaço com a sua “aura”.

Observamos igualmente que tanto torcedores assíduos, como quem vai pela primeira vez ao Maracanã parece perceber a existência de um espírito do lugar. Os fragmentos de dois relatos ilustram esse fato acima. Primeiro, um torcedor frequente, G.A: “O meu divertimento predileto é esse, vir para o Maracanã. Eu tenho 69 anos e, desde rapazinho, esse é meu divertimento predileto” (Entrevista concedida no dia 14/09/2017). Em seguida, um torcedor novato, L.H:

O estádio estava completamente lotado, chegamos em cima da hora e conseguimos nos mexer dentro da arquibancada e chegar onde queríamos. No intervalo, nós conseguimos sair e voltar. Eu adorei essa atmosfera, esse lugar e esse jogo (Entrevista com L.H. concedida no dia 07/09/2017).

Podemos dizer, portanto, que a transcendência de um estádio de futebol está ligada às manifestações e usos que as pessoas fazem dele, à diversidade de acontecimentos e ao encantamento que os eventos que transcorrem proporcionam. Podemos dizer, principalmente, que o estádio é transcendental quando desperta a memória de seus torcedores e solidifica as bases para ele se identificar novamente, mesmo após as rupturas que levaram ao trauma. O Maracanã seria esse lugar?

Como somos (todos) receptáculos de lembranças que construirão narrativas de lugares, o lugar é justamente onde a relação de afeto se instituiu, mesmo que não fisicamente, como bem narrou A.R:

Atualmente, não tenho vindo com frequência ao Maracanã, principalmente depois da reforma. No entanto, toda vez que eu venho eu fico emocionada, é sem igual. Na torcida do Mengão então, a raça, é bom demais. É adrenalina pura. É um misto de alegria com nervoso, com medo de não ganhar, é tanta coisa (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017).

O Lugar Mágico do Maracanã é o lugar de afeto, onde ainda se tenta reapropriar, pegar pra si novamente, porque a magia é ainda parte daqueles sujeitos manifestantes. Seja torcendo de pé ou sentado, de forma efusiva ou não, os torcedores ainda podem sentir e ser parte de uma ambiência notável. E, assim, o estádio vai sendo “reconstruído”. Pelos novatos: “estou gostando, acho que vou torcer pelo Fluminense” e pelos veteranos: “a torcida vai ensinar algumas músicas para ele” (Entrevista concedida por W.N e V.F. no dia 18/10/2017). Finalizando com Tuan (1983), ele diz que a afeição, por uma pessoa ou localidade, raramente é adquirida de passagem. Mas, usando do filósofo James K. Feibleman, ele diz: “A importância dos acontecimentos na vida de qualquer pessoa está mais diretamente relacionada com a intensidade do que com a sua extensão” (1983, p. 156). No (novo) Maracanã, no estádio que já foi o maior do mundo, os momentos de emoção causados pela magia de cada momento são o que ainda o torna único.

O Colosso

Para muitos, o Maracanã ainda é o maior estádio do mundo. Embora sua capacidade máxima tenha sido reduzida na última reforma para cerca de 79 mil torcedores, em oposição aos 200.000 torcedores do passado, ele ainda é gigante em sua potencialidade, em seu eco e representatividade para o futebol e para a arquitetura mundial. Ele é um ícone e um monumento. E muitas pessoas pensam dessa forma, pois a ideia do Colosso surgiu com muita força em grande parte das narrativas coletadas por esta pesquisa.

No extrato retirado da entrevista com P.H, resumimos o sentimento de que o Maracanã ainda tem em sua representatividade uma grandiosidade: *“ao tentar explicar isso aqui, eu diria que não se trata de um estádio apenas. Trata-se de um patrimônio cultural do país, não se restringindo apenas a ser uma arena desportiva. É um colosso onde sentimentos transbordam”* (Entrevista concedida no dia 07/09/2017).

Contudo, as conversas com torcedores nos fizeram perceber que a dimensão da grandiosidade do Maracanã é pautada sobretudo pelo campo simbólico, por suas marcas deixadas no tempo: *“Aqui (o Maracanã) é o Templo Sagrado do Futebol. O Maior do Mundo, mesmo já não sendo o maior. É o coração do futebol brasileiro, o estádio mais importante do país, quiçá do mundo. Esse é o Maraca, a casa do Fluminense”* narra W.J (Entrevista concedida no dia 27/08/2017).

Ao analisarmos as recomendações da Fifa para as renovações dos estádios, como descrito no segundo capítulo, uma das exigências era que esses espaços tivessem boa acústica, impedido a interferência de sons de setores opostos, além de não permitir o vazamento de som para o lado externo. Essas exigências, portanto, nos fizeram observar na pesquisa de campo que no Maracanã, na maioria das vezes, a ambiência formada suplanta a contenção dos sons dentro da nova acústica, mesmo que ela seja percebida e sentida de diferentes maneiras em diferentes setores do estádio. Em anotação no caderno de campo feita no setor Sul do estádio anotamos que *“a acústica do estádio não deixa ouvir o outro lado cantando, mas vemos que as bandeiras tremulam e é possível ver também a manifestação de apoio pelos movimentos dessas bandeiras”* (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Atlético MG, 20/08/2017). Quando estávamos no setor Leste, a acústica “falhou” e ficou impossível distinguir os sons, como vemos nesta parte do caderno: *“por estar no meio do estádio, eu ouço as duas torcidas, e a acústica parece que só ajuda*

quando os lados são opostos. Não consigo distinguir quem canta mais alto” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017). E em outro trecho: ***“Flamengo faz um gol e o som do estádio é ensurdecedor, várias bandeiras surgiram nas organizadas e o som das bombas também é alto. A torcida está inflamada, mas a torcida do Fluminense não se cala. O estádio inteiro é contaminado e o som transforma-se em barulho sem reconhecimento”*** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Fluminense, 12/10/2017).

Como mencionamos acima, o momento de maior efusividade é quando passa uma onda no estádio e o que importa é mostrar de forma bem forte quem “manda” no território. Nesse momento, as pessoas se unem em coletivo através do som. Mas claro, não somente os ruídos tem papel fundamental na grandiosidade do estádio. O que queremos esclarecer é que a partir deles temos a dimensão ampliada e, conseqüentemente, a festa também se amplia e o poder do apoio ao time se agiganta. Demonstramos isso nesse fragmento do caderno de campo: ***“as torcidas organizadas cantam o tempo todo e sem elas o estádio fica muito sem graça, porque as pessoas que não fazem parte das organizadas só vibram em momentos de perigo, de ataque, de gol, mas as organizadas cantam o tempo todo. E essa torcida que traz o som, a vibração do estádio. Não que sem eles não tenha som, a diferença é que a organizada traz música e cadência, por isso o papel dela é essencial e rege as explosões dos momentos mais importantes do jogo”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Ponte Preta, 20/11/2017).

Queremos ratificar que não somente as torcidas organizadas são responsáveis pelos sons, como foi colocado acima - uma vez que os sons ou barulhos diversos vêm de todos os cantos e são igualmente importantes nas sensações que despertam e no ritmo que proporcionam - mas destacar que essas torcidas exercem um papel essencial quando tratamos dos poderio audível que empurra o time ao jogo. No jogo Fluminense contra Atlético Paranaense, em 2016, houve um episódio em que o ruído chamou bastante a atenção, como descrevemos no caderno de campo: ***“E é marcado pênalti para o Fluminense e o ruído no estádio é ensurdecedor, porém o time não consegue fazer o gol. A torcida, então, começa a entoar um cântico de repúdio contra o próprio time: ‘Vergonha, vergonha, vergonha, time sem vergonha’”***. Isso voltou a se repetir mais algumas vezes, porém, a primeira vez fez-nos concentrar atentamente nesse barulho e compreender que ele significava um misto de euforia e decepção, em uma mesma onda que atravessou a ambiência do estádio.

Gostamos de frisar que as ondas são essenciais no ritual do jogo e estão intimamente relacionadas a todos os aspectos sensíveis do estádio. No Maracanã, devido às suas grandes proporções, físicas e simbólicas, todos os aspectos sensíveis parecem aumentados: os sons ecoam para além da acústica, os movimentos se avolumam transbordando barreiras, as cores e signos unificam as grandes multidões de torcedores. Isto pode ser ilustrado com trechos de nosso caderno de campo: *“todos os torcedores se levantam para cantar o Hino Nacional e é a primeira vez que presencio todos os torcedores de todos os setores se levantando para juntos cantarem. Após acabar o hino os torcedores do clube anfitrião começam a cantar em coro: ‘sou tricolor de coração, sou do clube tantas vezes campeão’ e isso vai ecoando pelo estádio em uníssono”* (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x São Paulo, 18/10/2017). *“Os cânticos de encorajamento partem da torcida organizada que está presente, mas de repente contagia todo o setor Leste e há mais movimentos de braços e o som dos cânticos. No telão há a legenda da música que está sendo cantada pela torcida do Flamengo que se alterna com o escudo do time”* (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017).

Figuras 57 - torcedores de pé no setor leste logo após o Hino Nacional Brasileiro. Em seguida, quando começou a partida, todos se sentaram. Figura 58: escudo do Flamengo no telão.



Fonte: Acervo próprio

Como bem coloca Tuan (1983), o som (um dos principais elementos sensíveis da ambiência) dramatiza a experiência espacial uma vez que eles dão sentido ao acontecimento. Os sons conduzem a festa no estádio, mas também são eles que ampliam os momentos de raivas, as manifestações diversas de confusões, tornando o acontecimento maior do que realmente é, aparentando ter às vezes uma amplitude imensurável.

No outro extremo do som, temos o silêncio, que no estádio também faz parte da ambiência e que normalmente antecede os momentos de perigo. Como percebemos in loco, o silêncio “incomoda” da mesma forma que o alto barulho e, sentir um estádio inteiro calado é angustiante, como descrito no caderno de campo: “Antes do pênalti ser batido, todo o estádio se cala e o lugar é tomado por um silêncio tenso, um silêncio que amargura o lugar” (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Atlético PR. 15/11/2016).

Seguindo a nossa pesquisa de campo, observamos que a grandiosidade do Maracanã se altera em diferentes partidas, pois como dissemos acima, ela não está representada somente pelo tamanho físico, mas principalmente pela circulação dos elementos sensíveis. Logo, a ambiência de uma final de campeonato é completamente outra de jogos convencionais. Mesmo em decisões de mata-mata, a GRANDE FINAL é mais emblemática, pois é criada uma atmosfera diferente e o estádio muda completamente de som, cor, calor, movimento... Ou seja, todas as sensações se misturam à expectativa e se modificam com a dinâmica do jogo mais decisivo.

Figuras 59 e 60 - efusividade no jogo entre Flamengo x Júnior Barranquilla, 23 de novembro de 2017.



Fonte: Acervo próprio

Outro aspecto relacionado com o *Colosso do Maracanã* é a memória. Ela é peça chave na descrição da grandiosidade do Maracanã, porque outrora o estádio comportou um público muito maior que o público atual, era considerado o estádio das grandes massas, além de ter sido palco de jogos emblemáticos e decisivos. Nesse relato extraído da narrativa de A.O, percebemos essa dimensão:

a outra vez que me lembro de vir aqui ao Maracanã foi na final da Copa América de 1989. Isso aqui estava lotado, quase 140 mil pessoas. Antes do jogo do Brasil, teve a

preliminar, que era a disputa do terceiro lugar, entre a Argentina e Paraguai. Como sempre, estávamos sentados atrás do gol e quase presenciei um golaço do Maradona, chutando a bola do meio de campo e a bola explodindo no travessão. Aliás, que sorte a minha poder ter visto Maradona jogar. Pensando bem, vi os melhores jogadores da história jogar em estádio: Maradona, Reinaldo e Ronaldinho Gaúcho... (Entrevista com A.O. concedida no dia 21/08/2017).

Nessa mesma linha, outro torcedor entrevistado nos relata: “só consigo dizer que o Maracanã é majestoso. Já frequento há décadas, mas sempre que eu entro sinto essa imponência do lugar” (Entrevista concedida por O.C no dia 28/10/2017). Esse discurso do tamanho físico do Maracanã aumenta a sua dimensão simbólica e sua grande importância para o esporte e para a sociedade brasileira de uma forma geral. É no arquivo da memória que a imensidão do estádio é acionada.

Por outro lado, percebemos que o simbolismo trazido da descrição física do equipamento, como a sensação de “apinhamento” do lugar “lotado” e da “quase” emoção de um gol do ídolo, faz-nos pensar que a experiência em uma ambiência notável nem sempre é positiva, mas de qualquer maneira, se ancora em nossa memória e se incorpora no nosso sentimento pelo lugar.

Porém, a grandiosidade do Maracanã é algo transcendente, como resumido nessa narrativa do torcedor R.S:

para a pessoa que vem a primeira vez, eu diria que a pessoa irá conhecer o maior estádio do mundo e um dos palcos mais importantes do futebol, sede de 2 finais de Copa do Mundo. Além de ser o estádio mais representativo do futebol carioca, local de decisões memoráveis. Como, por exemplo, a final do campeonato carioca de 2003, com o gol do Pet aos 43min do segundo tempo. Épico! (Entrevista com R.S concedida no dia 20/11/2017)

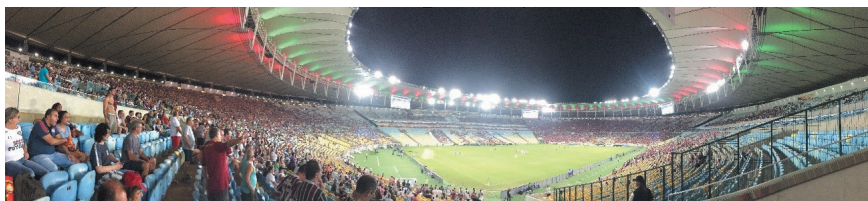
Notamos, portanto, em nossas análises, que o afeto pelo Lugar dimensiona o estádio para algo muito maior, mais transcendental e importante: “O Maraca tem uma atmosfera muito boa, ainda mais quando está cheio. Sou torcedor do Flamengo e a nossa torcida dá um show! O Maracanã é um estádio ímpar, com todo esse tamanho impressiona quem acessa pela primeira vez e claro, quem acessa

sempre” encerrou P.P em entrevista no dia 23 de novembro de 2017, demonstrando que a magnitude do Maracanã está vinculada muito mais às relações que são estabelecidas junto ao lugar e às sensações que a ambiência proporciona.

Resumindo o Colosso, L.S. nos diz que:

desde a primeira vez que vim ao Maracanã, eu fiquei muito impressionada com a enormidade da Raça. Por ser um lugar enorme, é possível ter muita gente junto e você se sente ao mesmo tempo pequenininha e também enorme porque você vê que faz parte de um grupo imenso, muita gente, dezenas de milhares, todo mundo junto torcendo como se fosse um só gigante... dá uma sensação de imersão na imensidão. É muita emoção (Entrevista com L.S. concedida no dia 28/10/2017).

Figura 61 - Flu x Fla do dia 25 de outubro de 2017.



Fonte: Acervo próprio

Teatro de Sonhos e Emoções

O extrato *Teatro de Sonhos e Emoções* sintetiza as encenações que se desenrolam no estádio durante uma partida de futebol, das quais os torcedores são espectadores ao mesmo tempo que participantes do que se desenrola no palco com adversários buscando uma vitória ao final. Esse extrato se diferencia do *Lugar Mágico*, pois aqui focamos sobretudo às representações que envolvem um jogo de futebol e todo o ritual desenvolvido por essas atuações.

O estádio contemporâneo ganhou o status de arena e um caráter “multiserviços” atendendo às ordens do mercado. Entretanto, enquanto formato de visibilidade, de participação ativa das pessoas e de contribuinte para as bases de um “espetáculo”, podemos dizer que a “arena” é mais próxima da configuração física de um teatro. Ela nos remete ao palco central, visível a todos e

cercado por pessoas que analisam atentamente todo o desdobramento da trama. Ela permite também mais participação e envolvimento dos espectadores, o que gera mais emoção com o lugar.

O Maracanã é *“simplesmente um teatro de sonhos e emoções, onde todo mundo que veio e ainda vem sente algo diferente de tudo”* (Entrevista com P. H. concedida no dia 07/09/2017). O Teatro do Maracanã, portanto, é o extrato que destaca as emoções de fazer parte da “encenação”, e de atuar juntos com todos ali presentes.

Como todo Teatro compreende encenações e performances ritualizadas, no Teatro do Maracanã não seria diferente. O ritual que percebemos em nossa pesquisa de campo é base e caracteriza a ambiência sensível do lugar, contribuindo inclusive para a formação de microambiências fora e dentro do estádio. Nesse fragmento do caderno de campo, podemos visualizar os traços de um ritual que compõem a ambiência do Maracanã e do dia do jogo: *“até esse momento de chegar ao estádio, várias coisas acontecem e há uma ritualização na vida de todos os frequentadores (inclusive na nossa): preparação para ir ao estádio com uniformes ou roupas adequadas com as cores das equipes; esperar o momento exato para sair de casa; passar ou não no bar para beber e discutir com os companheiros; comprar ou retirar ingresso ao mesmo tempo em que falamos sobre a escalação da equipe; ter o momento exato de ir para o portão, ser rodeado por uma aura de tensão e fazer parte do coletivo; entrar e subir a rampa cantando; ser tomado pela emoção de olhar as cadeiras e o campo; torcer e torcer. Momentos que duram mais que 90 minutos da partida”* (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Fluminense, 12/10/2016). Há, como ilustra o trecho, um “script” e um “roteiro” que são seguidos por cada torcedor mesmo antes de chegar ao estádio.

Figuras 62 - torcedores no entorno do estádio: 1) cruzando com torcedores adversários, 2) comprando e trocando ingressos, 3) conversando e bebendo em torno de ambulantes.



Fonte: Acervo próprio

Podemos falar então que em dias de partida, a teatralização no Maracanã começa com os rituais de preparação e se estendem ao entorno, antes do início de cada disputa. Por exemplo, nos bares do entorno os torcedores são observados devidamente trajados com o uniforme de sua equipe e encenam um sorriso no rosto de alegria em estar com seus pares. Parece ser proibido estar tenso neste momento. A grande maioria desses torcedores aproveita para beber, conversar e mesmo cantar a música de fundo, pois ela normalmente é o hino oficial da equipe ou alguma música que as torcidas parodiam para empurrar seu time. Os diversos torcedores que circulam devidamente uniformizados evitam passar próximo ao portão do adversário ou por respeito ou para não serem hostilizados. Há sempre muitos vendedores de comidas, bebidas, souvenirs e até mesmo torcedores-atores fantasiados com as cores das equipes, cumprindo o papel de animadores do pré-jogo. Embora o que se preveja é uma grande batalha, o ritual que a antecede é bastante festivo, efusivo, com pitadas de tensão, mas, acima de tudo, é muito representativo.

Figura 63 – torcedor caricato ou “torcedor-ator” animando a torcida do Fluminense antes da partida.



Fonte: Acervo próprio

Podemos então comparar esse momento ritualístico pré-jogo com o que escreveu DaMatta (1983) sobre o Carnaval e o Dia da Pátria. O autor fala que esses eventos se distinguem da vida cotidiana dadas as vestes apropriadas e diferenciadas, sendo elas coerentes com os gestos e comportamentos em geral dessas datas festivas. No Dia da Pátria, a vestimenta é um uniforme, e no carnaval o apropriado é a fantasia. No futebol, a veste apropriada é a camisa da equipe e esse uniforme é parte do rompimento com a vida do dia-a-dia e a caracterização do torcedor. Vestindo as cores da equipe, os torcedores incorporam um outro EU e são atores que desempenham um papel em campo, sendo eles os responsáveis por empurrar a equipe rumo à vitória no combate. Esses grupos uniformizados se portam enquanto adversário de guerra de uma outra torcida e cumprem sua tarefa de sequenciar ritos dentro do grande ritual da partida, que compreendem cantar, gritar, pular e criar movimentos de toda ordem.

A ritualização do Teatro do Maracanã também está vinculada à tradição que foi construída pelos torcedores e tentam se manter e perpetuar ao longo dos anos. Esse fato podemos observar nesse trecho do caderno de campo: *“uma coisa que sempre me intrigou é porque boa parte da torcida do Fluminense entra depois do apito do primeiro tempo. Hoje, portanto, descobri que é uma tradição, não tendo relação com trânsito ou mesmo bilheteria cheia. A Young Flu também tem outra tradição. Seus membros entram com dez ou cinco minutos antes da partida, por meio de uma fila indiana e segurando bandeirões, até chegarem a seus lugares, sempre atrás do gol do setor Sul”* (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x LDU, 14/09/2017). Ou seja, os atrasos, os bandeirões, as formas de atuação no ritual engendrado do Maracanã são parte da tradição que se firma no presente e contribui para o enriquecimento da ambiência do lugar. A ambiência notável que é acionada em momentos de jogos, contribui, ciclicamente, para a perpetuação das tradições.

Figura 64 - 1) processo de ocupação da torcida do Fluminense minutos antes de começar a partida; 2) estádio com grande ocupação no segundo tempo de jogo; 3) entrada das torcidas organizadas com bandeirões minutos antes do jogo. Fluminense x São Paulo, 20 de outubro de 2017.



Fonte: Acervo próprio

Tuan (1983) assevera que a vida diária na sociedade moderna requer que estejamos conscientes do espaço e do tempo como dimensões separadas e como medidas transponíveis da mesma experiência. No entanto, eles coexistem, se mesclam e cada um deles é definido de acordo com a experiência pessoal. Logo, esse processo ritualizado do jogo tem estreita relação entre espaço e tempo, pois os rituais obedecem a ritmos e temporalidades. No estádio há o tempo do jogo, que dura um pouco mais que 90 minutos, mas o processo ritualizado tem um tempo maior e tudo faz parte desse horário “sagrado”.

Aos darmos pequenos zooms nos grupos de torcedores, encontramos códigos e diferentes papéis que são desempenhados simultaneamente dentro de um grande ritual. Esses pequenos códigos criados e os diversos papéis dos torcedores são absorvidos pela grande atmosfera que cerca e compõe o lugar. Detectamos que os “balançadores” de bandeiras ficam sempre nos setores Norte e Sul, assim como os “puxadores” de cânticos; os uniformes dos torcedores são elementos essenciais e distinguem os “atores” em campo e de qual torcida fazem parte (mesmo que torcendo pelo mesmo time); as luzes de lanternas e celulares ou movimentos corporais têm lugares e momentos certos para serem iniciados e normalmente se intensificam no segundo tempo do jogo; ficar de pé nos setores Leste e Oeste somente em partidas decisivas ou também no segundo tempo do jogo (transgredindo as regras da vigilância do estádio); sentar-se nos setores Norte e Sul somente nos cantos (laterais), no centro não nos sentimos à vontade... E, de repente, a equipe faz um gol: todos se levantam, se abraçam e seguem cantando por um determinado tempo, até que as condutas de pequenos coletivos voltem ao “normal”. A ambiência se renova a cada jogo, mas o ritual tem procedimentos e códigos que resistem às mudanças do tempo e estão sempre concorrendo para serem conhecidos e transmitidos para o maior número possível de pessoas, como ilustra DaMatta no trecho abaixo:

Há, assim, junto aos códigos múltiplos que dividem os “palcos” e os papéis sociais, como diz Gluckman, uma luta pela contaminação de todo o sistema por parte de um grupo social e sua ideologia. A dinâmica desses sistemas é, em consequência, de contaminação total ou de equilíbrio. Isto é, certos períodos são dominados por certos grupos sociais e todo o sistema é ordenado segundo sua perspectiva, categorias e valores; outros períodos são dominados por outros grupos.

No contexto do estudo dos rituais, diria que na história da sociedade ocidental os vários sistemas sociais têm sistematicamente apresentado, através dos tempos, as possibilidades de se ter códigos múltiplos em convivência equilibrada ou de se ter apenas um código de um grupo que é o dominante e o contaminador de todo o sistema. (DAMATTA, 1983, p. 59)

Outros ritos dentro do Teatro do jogo também formam as ondas que cortam as ambiências: como os gritos e os insultos em momentos oportunos do jogo (faltas, final do tempo, final da partida, chamar atenção de algum jogador, etc); a participação mais ativa do torcedor no segundo tempo de cada partida; a vaia para a torcida adversária; a tensão quando um jogador vai bater um pênalti. Isto é, a ritualização de momentos específicos, rompem as franjas, somam o todo, mas como em uma ópera teatralizada: há o momento de ouvirmos um grupo menor e há o momento de ouvirmos todos tocando juntos: ***“penso que isso é o ‘fazer parte’ do jogo, estar incluso de fato, como o 12º jogador”*** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Santos, 27/11/2016).

Esses movimentos ritualizados são parte do comportamento das massas, em que todos assumem uma postura de um coletivo – pequeno ou grande coletivo, nunca ação individual – mesmo que inconscientemente e conseguem criar identidade com aquele momento. O que se cria posteriormente são as bases para a memória coletiva, como atesta Freud (1990).

Mas há também quem atue totalmente sozinho em alguns momentos sem, no entanto, ser deslocado do “roteiro”. Faz parte da cena-solo. Este foi o caso de um torcedor raivoso que avistamos em nossa pesquisa de campo: ***“Um senhor muito irritado com a equipe grita: ‘merda de time! Ataca Fluminense’. Ele se movimenta de um lado para o outro e está completamente inquieto com a partida. É um tipo de comportamento que chama a atenção, pois no começo do jogo ele estava feliz e encorajando a equipe, gritando: ‘Vai Fluzão!’. São as dores e delícias de ser um torcedor apaixonado”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Vasco, 27/08/2017). A identificação com o lugar, portanto, está vinculada também às particularidades simbólicas que podem ser expressas dentro do ritual do jogo. Ofender, fazer movimentos de descontentamento com os braços, etc, é indicar que aquele lugar é também para isso. Naquele “mini círculo” delimitado pelo torcedor raivoso, é permitido extravasar. Segundo DaMatta,

o rito estando na situação extraordinária, ele se constitui pela abertura desse mundo especial para a coletividade. Não há sociedade sem uma ideia de um mundo extraordinário, onde habitam os deuses e onde, em geral, a vida transcorre num plano de plenitude, abundância e liberdade. (DAMATTA, 1983, pp.31-32).

Figura 65 - Torcedor nervoso no jogo Fluminense x Vasco.



Fonte: Acervo próprio

Mesmo havendo momentos mais individualizados, como esse ato de xingar sozinho, entendemos isso como parte de um mundo social pautado em símbolos coletivos, como salienta DaMatta (1983). Assim, todas as ações sociais são atos rituais ou passíveis de ritualização. Um outro exemplo nesta mesma linha é a prática do “radinho de pilha” trazida de outras épocas de frequentadores de estádio. Esse ritual ainda existe, como observamos em nossa pesquisa, porém, esse “radinho” passou a ser substituído pelo celular e até mesmo incrementado com um fone de ouvido. Novamente invocamos DaMatta, pois ele fala que a individualização nunca é deixada inteiramente livre e se enquadra em um grande esquema de representação cênica onde todos devem desempenhar um papel. Os torcedores do “radinho” desempenham seu papel no espetáculo que se desenrola no Maracanã.

Figura 66 - Torcedor com um celular adaptado para o antigo “radinho”.



Fonte: Acervo próprio

Concomitante à resistência de manter velhos hábitos no Maracanã, observamos em nossa investida em campo que novos hábitos vem disputando espaço, como a prática das selfies feitas pelos celulares. São encenações que se misturam e compõem as (novas) ambiências do estádio. Aliás, no Maracanã pós-reforma para a Copa de 2014, toda a experiência é realizada na mistura de vários elementos, velhos e novos, sem deixar de lado a missão de integrar, isto é, de “torcer junto”. O estádio é um equipamento construído para a aglomeração dos indivíduos.

Figura 67 - Torcedores fazendo selfie durante o jogo.



Fonte: Acervo próprio

Outra teatralização que nos chamou a atenção no novo estádio, como descrito em caderno de campo, foi a *“sincronização no movimento de balões no setor Leste dando cor e movimento ao estádio. Fica muito bonito, mesmo que os torcedores façam isso a maior parte do tempo sentados”* (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x LDU, 14/09/2017). Esses balões inseridos no espetáculo criam uma ambiência ritmada, colorida e festiva no setor Leste. O zoom dado mostra-nos velhos e novos torcedores em movimentos que impu- tam dinâmica no novo lugar enquanto corroboram para a criação de fragmen- tos memorativos ligados às cores, ritmos e a magia do estádio.

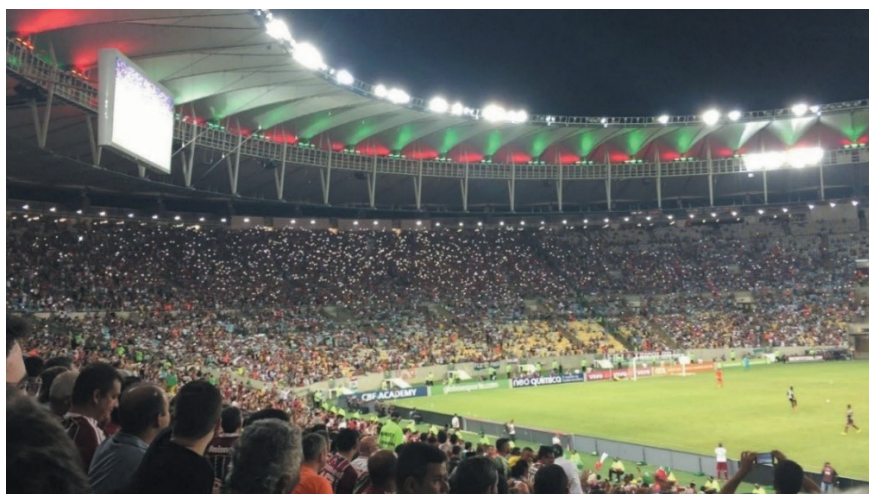
Figura 68 - Balões no setor Leste e torcedores sentados



Fonte: Acervo próprio

Em todos os lugares do estádio há encenações o tempo todo. Um outro exemplo disso, são as cenografias que se desenrolam nas arquibancadas do Maracanã, descritas nesse fragmento do caderno de campo em um jogo pontual: ***“de repente, todos os torcedores do setor Sul acendem as lanternas dos celulares e começam a balançá-las, como se estivessem em um show. É um misto de luzes e movimentos”*** (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x São Paulo, 18/10/2017). O cenário criado pelas dezenas de milhares de pequenos flashes evidencia o poder plástico da luz, gerando novas atmosferas e reafirmando a ideia de que cada luzinha é alguém que forma um só corpo com o coletivo.

Figura 69 - Lanternas acesas no setor sul.



Fonte: Acervo próprio

A partir das narrativas dos torcedores, percebemos que adereços e elementos cênicos corroboram com o sentimento de pertencimento ao lugar (físico e simbólico), como observado nesse trecho da entrevista de C.A.C: *“Veja bem esse bandeirão, que lindo! (fazendo referência ao bandeirão que estava estendido nas cadeiras. Quando levantaram o bandeirão, até eu fiquei embaixo dele). Isso só tem aqui no setor Sul, onde eu sempre fico”* (Entrevista concedida no dia 15/11/2016). O torcedor tem apego pelo lugar pelo sentimento de se sentir parte da encenação e isso demarca o território do qual se sente parte.

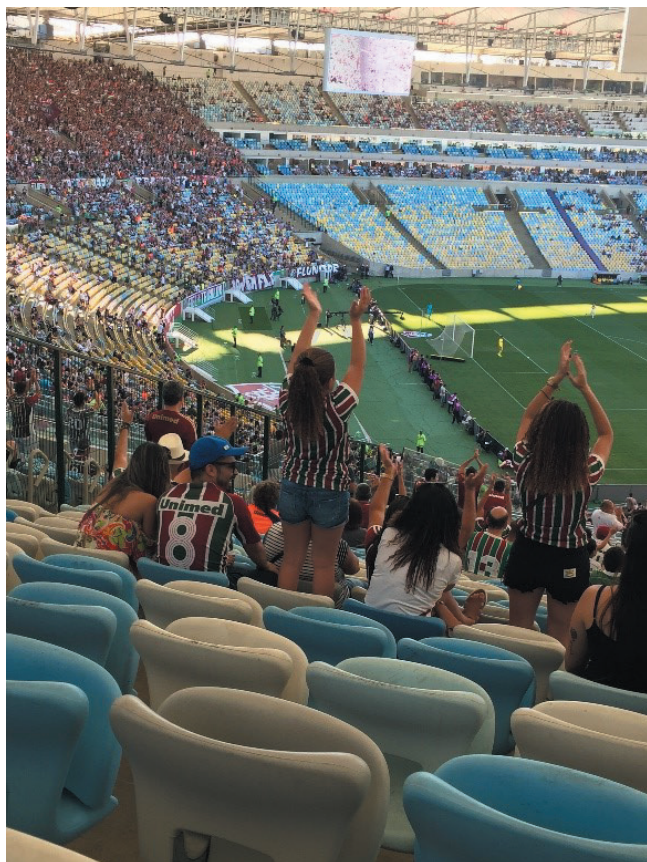
Como falamos anteriormente, observamos em nossa pesquisa algumas novas encenações que fazem parte da ambiência do Maracanã, mas que em certa medida causam certo estranhamento no torcedor tradicional. Essas novas encenações

são realizadas sobretudo pelo torcedor espectador-ator, como vimos na taxonomia descrita no segundo capítulo. Embora todos os torcedores desse extrato sejam entendidos como atores do teatro que acontece durante a partida de futebol, o espectador-ator aparece nesse novo lugar, pois eram “excluídos” do antigo estádio, considerado mais violento e segregador, como é o caso de um grande grupo de mulheres e de crianças retratadas no caderno de campo: ***“Famílias inteiras são vistas no estádio. Há muitas mulheres e crianças, mas a maioria ainda é de público masculino”*** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Vasco, 28/10/2017). Essas pessoas encaram a ida ao estádio como um evento social, em um ambiente limpo, seguro e confortável.

Mas todos são igualmente parte do teatro, sem julgamento do motivo que levaram essas pessoas a estarem no Maracanã, abrilhantando a ambiência e encenando novos atos em novas peças. Quem pediria alguém em casamento no estádio? Sim, esse espectador-ator existe e foi registrado em nossa pesquisa: ***“Thaís, casa comigo? Eu te amo! O torcedor que fez o pedido estava no leste inferior, logo na posição onde as câmeras captam melhor. Percebo que o objetivo dele é que a Thaís veja pela TV o seu pedido”***, e aceite! no jogo entre Fluminense x Vasco no dia 27 de agosto de 2017.

Embora o espectador-ator seja considerado um torcedor menos aguerrido, ele é um ator-parte, membro da mesma atmosfera que todos os outros apaixonados. O que prevalece no Maracanã, contudo, é a efusividade torcedora que contagia os demais e é responsável pela participação ativa no encorajamento da equipe: ***“explode coração na maior felicidade, aqui é o meu Fluzão contagiando e sacudindo o Maracá. Paródia de um samba enredo do Salgueiro apropriado pela torcida do Fluminense compondo o som da ambiência do estádio” [...] “E a pequena torcedora empolgada à minha frente sobe na cadeira, canta e acompanha o ritmo das torcidas Organizadas”*** (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Vasco, 28/10/2017). Essa observação pode ser complementada por esse trecho da narração do torcedor R.S: ***“não faço parte oficialmente de nenhuma torcida organizada, mas conheço muitos membros de torcidas e diversas vezes vou a jogos com eles ou acompanho o jogo ao lado deles dentro do estádio. Conheço e sou amigo de membros das torcidas Young Flu, Força Flu, Bravo 52 e Sobranada. Normalmente vejo o jogo na bateria da Bravo 52 ou próximo a ela porque é sempre mais animado estar ali e posso me extravasar ali”*** (Entrevista concedida no dia 20/11/2017). Mesmo não integrando as torcidas organizadas, R.S é por vezes um torcedor-satélite por gostar da festa que se reproduz no local, principalmente por poder encenar junto e se sentir participante. Ele contribui para a efusividade do todo.

Figura 70 - Pequena torcedora em cima da cadeira.



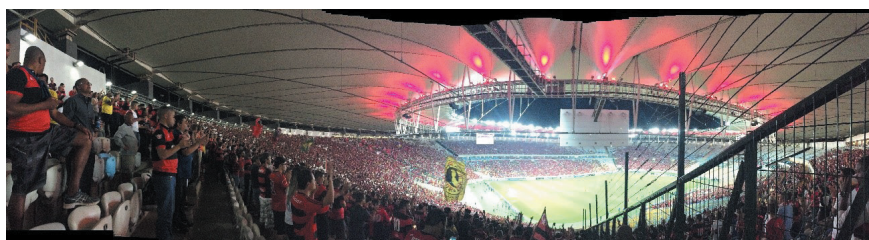
Fonte: Acervo próprio

O *Teatro de Sonhos e Emoções* é um rompimento no cotidiano. Torcer é uma festa, as pessoas comuns se transvestem de torcedores, se transformam e se entregam de corpo e alma a ao calor desse momento. Em uma analogia com o carnaval de DaMatta (1983), ousamos dizer que o futebol recria seu espaço social com suas próprias regras, seguindo sua própria lógica. Segundo o autor, “Em condições normais, esse espaço – por ser vigorosamente contrário ao mundo cotidiano, e sendo dele uma imagem invertida – apenas reforça esse mundo, confirmando-o.” (DAMATTA, 1983 p. 68)

O objetivo, portanto, das encenações das torcidas é também poder contagiar os demais e estar no meio delas nos faz sentir também espectadores ao mesmo tempo em que atores de uma grande teatro. Como anotado em

caderno de campo: *“aqui no setor Norte ninguém fica sentado e embora eu queira me sentar eu me sinto constrangida em fazê-lo. Nos outros setores, como, por exemplo, nas cadeiras cativas logo aqui ao lado, há variações: várias pessoas sentadas, mas também várias pessoas em pé” [...] “Uma curiosidade é que na divisória entre o setor Norte e as cadeiras cativas há torcedores em pé o tempo todo. O setor Norte é praticamente todo assim, mas as cadeiras cativas não e ao passar o olho por toda a extensão desse último setor, a maioria das pessoas está sentada. O que percebemos é que o setor Norte contagia as imediações mais próximas das cadeiras cativas”* (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Junior Barranquilla, 23/11/2017).

Figura 71 - à esquerda setor norte e à direita, após as grades, cadeiras cativas.



Fonte: Acervo próprio

Podemos resumir então que o Teatro de Sonhos e Emoções é de fato o ritual do jogo, pois o objetivo dessa cadência de ordens e gestos é se emocionar no final, após viver situações em estreita relação com os pares, marcando a memória de cada torcedor ali inserido. Usando um trecho do caderno de campo, tentamos expor esse sentimento: *“o futebol e seus jogadores são os deuses e isso é reforçado em campo, mas a torcida dá a tônica, caso ela não esteja lá, qual o sentido do estádio?”* (trecho do caderno de campo no jogo Fluminense x Sport, no dia 25/11/2017)

Ainda há espetáculo na saída do Maracanã, isto é, o grand finale do Teatro. Após o fim do jogo, acompanhamos as *“pessoas cantando e falando no entorno. O ‘zum-zum’ é grande e todos seguem a pé ou buscam por algum transporte. Seguimos o ‘formigueiro’ de pessoas e também a ressaca que do jogo sobrou”* (trecho do caderno de campo no jogo Flamengo x Cruzeiro, 07/09/2017). A ambiência final se esvai aos poucos, enquanto seus resquícios ainda pairam sobre o estádio e os torcedores até que nenhum deles seja mais visto. Cai o pano.

Engomadinho

A frase “não é mais o mesmo Maracanã” foi escutada muitas vezes, inclusive foi essa assertiva que instigou o problema da pesquisa: será que mesmo com as mudanças o estádio consegue ser ressignificado?

Sabemos, como discutido no referencial histórico do trabalho, que a reforma do estádio passou por polêmicas e o torcedor não foi consultado a opinar. Além disso, no caso do Maracanã houve questionamentos quanto às normas do tombamento sobre o bem ser considerado patrimônio histórico, agravando ainda mais a insatisfação do frequentador.

No entanto, o que mais instigou debates sobre o novo Maracanã foi o controle empregado no final da década de 1990 que levantou questionamentos sobre a violência simbólica que o estádio estava sofrendo pelo encarecimento dos ingressos. A consequência disso seria o cerceamento ao acesso a uma das principais formas de lazer de milhões de brasileiros, como atestou Castro (2016). O encarecimento do estádio legitima seu encolhimento, as políticas de segurança e o controle dos torcedores.

Nesse extrato, então, conduzimos o texto com as angústias e problemáticas causadas com as reformas do Maracanã, pontuando os sentimentos dos torcedores apaixonados e as relação que eles estabeleceram e ainda estabelecem com o ambiente construído e todos os seus aspectos sensíveis.

Uma das primeiras angústias que ouvimos de alguns entrevistados refere-se ao encolhimento do estádio. Essa diminuição não está pautada somente pela estrutura - embora o Maracanã tenha perdido muito de sua capacidade máxima - mas também e principalmente pelo sentimento que se apossa de quem está dentro, de quem faz parte e é controlado em suas paixões. Para alguns, o Maracanã continua sendo o gigante. Porém, para outros ele foi maior em outra época, a sua grandeza estava associada ao seu caráter mais acolhedor e popular. Esse encolhimento está no fragmento da fala de R.F:

Eu não gostei da reforma do Maracanã. Eu achava que o Maracanã deveria permanecer do jeito que estava. Eu acho que deveria modernizar algumas coisas, pois tinha muita coisa maltratada, fazer uma reforma de segurança. Melhoria de banheiro e de infraestrutura para o público, mas mudar radicalmente do jeito que mudou, eu sou contra. Há dois motivos por eu ser contra: primeiro que perdeu a essência do Maracanã, pois era um estádio que abrigava o popular e o rico com a mesma proporção e o mesmo tipo de vontade de ver o jogo e hoje

ficou muito elitizado e o segundo porque hoje não tem mais a Geral. Na Geral, o preço era popular e se ficava muito próximo do campo, tinha contato direto com o time. Chegava-se bem perto do ídolo, ele apertava a tua mão e na hora do gol ele quase se jogava em cima da gente, porque havia um contato muito próximo do teu corpo e do teu jogador (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

Principalmente pelo fato de não ter sido consultado sobre as alterações que foram feitas no Maracanã, notamos o torcedor sentindo-se marginalizado e ainda mais resistente às mudanças, ampliando a sensação de diminuição do lugar. Deparamo-nos com as mudanças surgindo enquanto necessidades contemporâneas e visando a modernização, porém elas vão contra certos desejos de continuidade de outra parcela que acredita que outrora “era melhor”, como percebemos na narrativa de R.F. São essas narrativas que nos mostram um trauma sofrido com o novo Maracanã. Mesmo que ele utilize de sua memória para trazer à tona suas lembranças agradáveis sobre o “Maraca”, essa mesma memória traz tristeza, evidenciando uma experiência traumática pautada naquilo que se perdeu e não voltará mais a ser.

Ainda sobre o encolhimento, R.F continua em sua declaração:

a parte de arquibancada era infinitamente superior (em capacidade). Eu vi um Fla x Flu em 1983, decidindo um (Campeonato) Carioca e tinha 153 mil pessoas. Hoje, não cabem 80 mil pessoas. Então, eu acho que perdeu muito a graça e a essência de que era o estádio. Era um estádio popular e hoje é um estádio de elite. [...] Infelizmente, meu filho que hoje tem 26 anos não pode ter essa graça de ver o Maracanã como era o Maracanã antigo. Para a Copa e para as Olimpíadas deveria ter sido criado um estádio novo e não mexer no Maracanã. Hoje em dia sim, tem que ter cuidado com acessibilidade e as pessoas com deficiência, então isso tem que ser melhorado. [...] Antigamente isso aqui era sem estrutura, construção antiga de 1950, então isso melhorou muito, mas eu acho que a essência do Maracanã, de ser um estádio popular, de ser um estádio grande, isso não deveria ter sido feito (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

O torcedor consegue reconhecer melhorias de alguns aspectos das mudanças do Maracanã e ele compreende de que não deve haver o engessamento do monumento, uma vez que as estruturas precisam de restauração e manutenção

frequentes. Porém, observamos nessa narrativa que ao falar do gigantismo de outrora ele fala simbolicamente do que era bom, mesmo que a capacidade seja somente um fator ilustrativo para dizer que o estádio perdeu a sua “essência” suscitada, sobretudo, pelos populares. Esse foi um discurso que muito reverberou nas narrativas dos nossos entrevistados. Reflexo de muita relutância ao novo. Em relação a isso, Freud (1990) assevera: “o grupo é inteiramente conservador e tem profunda aversão por todas as inovações e progressos, e um respeito ilimitado pela tradição” (p. 120). O indivíduo, segundo o autor, deixa seus princípios de lado em função de uma ordem do grupo. Logo, mudar essa ordem pode causar um grande revés em toda a função e atuação desse grupo. Por isso, há uma grande rejeição às inovações e mudanças, bem como uma defesa da tradição que não deve ser só mantida, mas igualmente perpetuada.

Em nossa pesquisa, vimos que o cunho mais popular do estádio e o jeito “solto” de torcer, sem o controle estrito dos corpos, tem também relação direta com a sua apropriação. Embora tenhamos presenciado promoções e gratuidades no novo Maracanã, o que percebemos nas narrativas dos sujeitos é que havia no antigo estádio um forte apelo para as massas e um menor controle sobre os corpos. Mesmo com algumas tentativas de (re)popularizar o estádio, os torcedores lamentaram a perda da “essência” do Maracanã em função de seu encolhimento físico e da sua nova dinâmica de conduzir a festa, como vemos nesse trecho da entrevista de A.R:

eu costumo dizer que o Maracanã acabou. Depois da reforma para a Copa, parece que o espírito é outro. Não que a gente não torça, mas o Maracanã, ele perdeu a essência dele, aquela coisa de povão, de ser aberto para todo mundo, perdeu, hoje em dia não é mais. Só o fato da Geral ter acabado, é triste, pois a Geral era um lugar de todos, não somente quem não tinha dinheiro. Tinha gente que ia porque gostava, com radinho de pilha no ouvido, aquilo era uma vibração sem igual. E a arquibancada também, com aqueles copos de xixi voando, copo de cerveja, isso tudo fazia parte, tudo fazia parte do que era a essência do Maracanã. Isso tudo mudou muito, com aquele monte de ‘cadeirinha’ e tem que ficar sentado, bater ‘palminha’, isso não é para brasileiro, isso é para europeu (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017).

Da mudança dessa dinâmica vinculada diretamente à reforma estrutural do Maracanã, restou um trauma. Em nossa pesquisa esse fato reverberou como resultado de todas as problemáticas para aceitação do novo, mesmo que a grande parte dos torcedores atestasse continuar seguindo e torcendo pela sua equipe do coração de dentro desse equipamento.

O trauma da retirada da Geral também é outro destaque em nossa pesquisa. Percebemos que os entrevistados mostraram sofrer mais pela perda da *Geral* do que pela perda das arquibancadas, que também deixaram de existir, principalmente por ter sido a Geral o setor mais “popular”, ponto tão conclamado nas falas dos apaixonados. No Maracanã, como podemos constatar com a coleta das narrativas, a *Geral* continua sendo um espaço mítico para aqueles que frequentam o estádio. Mesmo para quem não fazia parte dos geraldinos, a Geral foi tratada por muitos como parte importante da identidade do estádio. Para muitos, a retirada desse espaço causou uma ruptura fatídica na história do estádio e diminuiu a riqueza de sua ambiência.

Tuan (1983) tem uma passagem em sua obra que nos permite fazer uma analogia interessante com os espaços míticos do Maracanã. Segundo o autor, na sociedade ocidental contemporânea, as pessoas em um bairro conhecem bem sua área, mas é possível que não conheçam a área ocupada por um vizinho. Ambos os grupos, entretanto, compartilham um impreciso conhecimento comum acumulado (mitos) a respeito de uma área muito maior na qual suas próprias áreas locais estão inseridas. Apesar de impreciso, esse conhecimento é necessário para a sensação de realidade de um mundo. Quando tratamos de espaços míticos do Maracanã, percebemos que mesmo que as pessoas não usufruíssem de alguns deles, como o caso da Geral, esses espaços eram parte de um contexto do lugar e que denotavam uma realidade transcendental do estádio. Essa realidade foi desfeita, e o que foi rompido entrou em um novo processo de conhecimento do lugar, em um primeiro momento causando estranhamento, podendo (ou não) gerar aceitação.

Vimos em nossa pesquisa que no projeto do novo Maracanã houve a ampliação no número de rampas de entrada/saída do monumento (passou para 4), em relação ao antigo estádio (eram 2 rampas). No entanto, as rampas monumentais do antigo estádio, que foram igualmente reformadas, não mais acessam diretamente os setores populares pelo anel que foi fechado e isso conflita com os interesses de torcedores que as utilizavam com frequência. Este fato pode ser ilustrado com o trecho do entrevistado W.J.:

o que eu mais sinto falta hoje é entrar e sair do Maracanã pelas rampas monumentais, aquela “rampona” bonita, o visual que eu tinha delas. As entradas modernas, as laterais, que a gente vai direto para trás do gol, não sei, sinto falta da outra. A maioria das torcidas - quando ficamos nas torcidas (Organizadas) - vai pelos portões laterais. A rampa monumental era um espetáculo, subia ela correndo, era muito bom (Entrevista com W.J. concedida no dia 27/08/2017).

Mesmo com os novos usos e novas rampas para “subir correndo”, a memória torcedora aciona lembranças do passado para refletir sobre a sua identificação com o lugar. “O passado era melhor. O novo não apetece”. E, sendo este relato da rampa parte de uma memória coletiva, uma vez que os sentimentos são compactuados por outros torcedores, o trauma sofrido pela alteração com as experiências do lugar exigirá um novo trabalho de experiência, envolto nesses novos elementos, para uma nova identificação.

Figura 72 - Rampa monumental do setor leste (entrada pela estátua do Belini) e que não dá mais acesso aos setores sul e norte, ou seja, setores próximos aos gols.



Fonte: Acervo próprio

A vigilância do estádio foi outra angústia ouvida dos torcedores na mudança do estádio para arena. Notamos que o torcedor se sente tolhido e vigiado pelo que ele considera um excesso de segurança. Na pesquisa de campo realizada no jogo clássico entre Flamengo x Fluminense, no dia 12 de outubro de 2017, o aparato de segurança foi um ponto de destaque, como constatado pelo trecho

do caderno de campo: *“hoje tem muito mais seguranças³⁷ no setor Leste, porque está muito cheio e os torcedores preferem ficar próximos ao local que faz a divisão com o campo. Tem pós-geraldinos, mas todo o setor Leste inferior está de pé, opondo-se ao Leste superior, em que todos estão sentados. No setor Norte, todos os torcedores estão de pé e eles e agora estão cantando bem forte. Muito parecido acontece no setor Sul, e isso instiga a tensão e maior número também de seguranças.”* Sentimos que a ambiência do estádio, formada por cânticos, cores, movimentos corporais de encorajamento ou de tensão, é cruzada pelo controle da vigilância que denota um caráter menos espontâneo à partida. Embora tenhamos observado que a segurança interna consiga conter as confusões entre torcedores, ela em certa medida, controla e limita manifestações coletivas de apoio e movimentos mais fluidos que fazem parte de uma ambiência notável em dias de jogos no estádio, como se manter de pé, gritar bem alto, pular e se abraçar a cada gol.

Figura 73 - destaque para seguranças sentados de costas para os gramados e observando os torcedores.



Fonte: Acervo próprio

37 Usamos no presente trabalho a denominação “seguranças” quando nos referimos às pessoas contratadas para controlar, vigiar, zelar pelas regras de segurança ou reprimir excessos.

Observamos in loco que os seguranças do estádio se entremeiam aos policiais, mas os primeiros se destacam mais que os segundos, pois normalmente vestem-se de verde ou amarelo fluorescente. Os policiais se limitam ao campo, mas os seguranças, munidos de suas cores vibrantes, se situam junto aos torcedores para que possam garantir a seguridade do público e ao mesmo tempo possam ser acionados ou temidos. Registramos esse fato em caderno de campo: *“Eles (os seguranças) olham a torcida e hoje tem muitos policiais armados e com cachorros também vigiando. Eles (os policiais) normalmente estão próximos aos seguranças no campo, mas os seguranças estão por toda a parte do estádio. Há sempre muitos, mas hoje há um acréscimo tanto de segurança como policiais por ser um jogo clássico”* (observação da partida entre Fluminense x Vasco, no dia 27 de outubro de 2017).

Figura 74 - seguranças e policiais com cachorros.



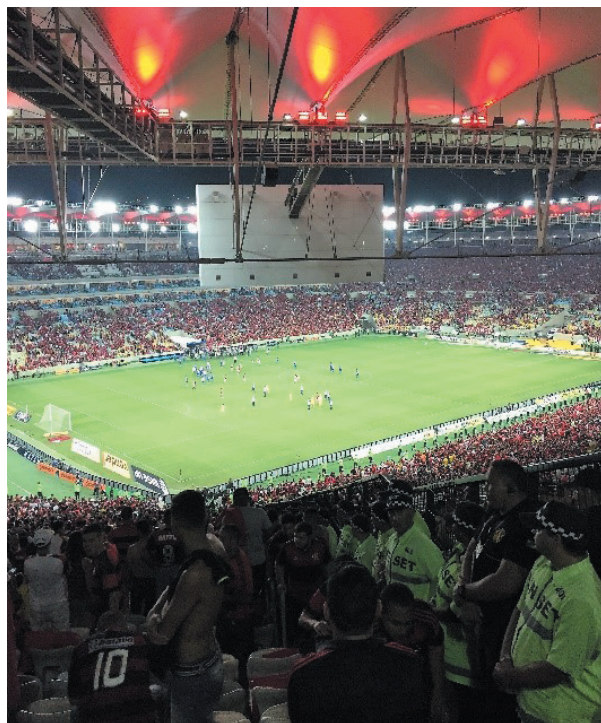
Fonte: Acervo próprio

A pesquisa nos fez compreender que, como o novo formato de arena exigiu a retirada do fosso - que servia para conter as invasões ao campo, mas também

poderia gerar quedas e pessoas machucadas – foi preciso um contingente maior de seguranças no local. Quanto às divisões entre os setores, foram reproduzidas as grades divisórias que existiam no antigo estádio, porém, isso não impediu a existência de um grande número de seguranças ao redor delas. Em cada espaço do Maracanã, os seguranças circulam e vigiam. O número de seguranças varia, porém, de acordo com a demanda do jogo.

Por meio das análises de campo e dos projetos do estádio, pudemos constatar que a segurança antiga estava se tornando arcaica. Contudo, em conversas informais com frequentadores do estádio, após as reformas o torcedor começou a passar por um processo quase que intimidador, pois estava o tempo todo sendo vigiado: *“ficamos esperando que todos saíssem e queríamos ficar um pouco mais, mas os seguranças vieram como que em uma corrente humana e começaram a nos expulsar, nos empurrando, não de maneira grosseira, mas incisiva”*, (trecho do caderno de campo no jogo entre Flamengo x Cruzeiro, dia 07 de setembro de 2017).

Figura 75 - seguranças em verde fluorescente na grade que separa o setor Sul do setor Leste.



Fonte: Acervo próprio

Nas narrativas dos entrevistados, a pauta sobre segurança foi bastante levantada, como nesse trecho da narrativa de R.L.:

eu acredito que seja possível me adaptar ao novo formato, embora existam alguns problemas. Esse tipo de estádio é inspirado no modelo europeu, e na Europa isso funciona muito bem. Exemplo de estádio europeu: vários seguranças encostados, o que encarece para o clube e isso reflete nos ingressos. Antigamente, esse problema era resolvido com o fosso, então bastava somente um policial aqui outra ali e alguns cães. Se algum 'doido' pulava aquilo, bastava o cachorro, pois ele era treinado para conter, nunca 'avançar', em alguém. Com esses seguranças, o jogo acaba encarecendo (Entrevista com R.L. concedida no dia 14/09/2017).

Porém, alguns setores flexibilizaram mais a vigilância do que outros. Nos setores Sul e Norte, por exemplo, a prática de torcer em pé, de ocupar escadas e rampas, colocar os pés nos assentos passou a ser bastante comum. No entanto, os setores Leste e Oeste percebemos certos controles, como no exemplo a seguir extraído do caderno de campo no jogo entre Fluminense x São Paulo, dia 18 de outubro de 2017: ***“entramos pelo setor Leste. Na entrada, nos pediram o documento de identidade e a carteirinha de estudante. Normalmente, esses documentos são pedidos somente no momento de compra do ingresso, então, hoje é a primeira vez que sou solicitada na entrada da rampa. Além dessa solicitação na entrada, outra coisa que aconteceu, foi o segurança nos barrar na entrada da área gourmet do setor. Ele solicitou nossos ingressos para saber a numeração de nossas cadeiras e falou que tínhamos que entrar ao lado, ou seja, no lugar correto da numeração de nossas cadeiras. A justificativa dele é de que esse procedimento visa a evitar aglomeração na área gourmet, pois ainda está cedo, 20h45 e o jogo começa às 21h45. Os setores Leste e Oeste são mais criteriosos que os setores Sul e Norte”***. Muito mais do que convenções e protocolos, percebemos que o excesso de controle sobre os corpos e a grande vigilância tornou-se parte do ritual.

Embora os ingressos tenham a numeração das cadeiras em todos os setores, essa numeração passou a não ser respeitada com o tempo. Além disso, percebemos que algumas cadeiras foram quebradas e até o final da pesquisa não haviam sido repostas. Outras transgressões observadas em pesquisa de campo, foram as de torcedores que preferiam ficar de pé em lugares não autorizados pelos

responsáveis do estádio, como nos espaços destinados a cadeirantes, nas escadas, nas rampas, e nas divisórias entre níveis, principalmente nos setores mais populares. Isto foi registrado por diversas vezes em caderno de campo: *“aqui no setor Sul, as pessoas ocupam a área de pessoas com deficiência sem nenhum problema com a segurança. No setor Leste, as pessoas são normalmente convidadas a saírem desses locais”* (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x Flamengo, 25/10/2017). *“No setor Leste inferior, um casal está com os pés nos encostos das cadeiras da frente e, imediatamente, o steward vem pedir para retirar. O setor Leste inferior ainda é mais criterioso com esse tipo de situação. Quando vejo isso nos setores Sul e Norte, não há problema algum”* (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x São Paulo, 18/10/2017)

Figura 76 - transgressão às regras, mesmo em setores mais vigiados. Na figura, setor Leste superior com menina sentada no encosto da cadeira.



Fonte: Acervo próprio

Figura 77- 1) setores Sul e Norte: pés nos encostos das cadeiras; torcedores de pé debruçados nas divisórias em vidros; 2) torcedor sentado no encosto da cadeira; 3) locais com cadeiras arrancadas e a utilização do espaço como arquibancada.



Fonte: Acervo próprio

Mesmo que, aos poucos, a torcida vá transgredindo às regras primárias do novo estádio, o processo acontece de forma controlada e muitas vezes improvisada no espaço. Segundo Roux (2014), as vítimas simbólicas da mudança de paradigma desses equipamentos, os "lugares de pé" são combatidos energeticamente pelos novos designers de estádios e, mesmo quando existem esses "lugares de pé", eles estão ali para recriar uma atmosfera propícia à comercialização do evento. Ou seja, os "lugares de pé" não podem denigrir a imagem da marca e da mídia em questão.

Em entrevista efetuada para esta pesquisa, o sociólogo Nicolas Hourcade (2017) corrobora com o acima exposto:

os novos estádios foram construídos mais em relação às regras teóricas do que às práticas reais dos espectadores [...] os administradores de estádios e os arquitetos não levam em conta o fato de que alguns torcedores - nem todos - desejam participar da experiência completa do jogo. Eles quebram os assentos apenas porque não são adequados à sua prática de torcer. Não há consulta suficiente com os adeptos antes que o equipamento seja feito. Portanto, a própria maneira pela qual o novo estádio foi projetado pode causar problemas com os usos dos torcedores e o lugar pode se tornar perigoso enquanto se pensa que é seguro... (HOURCADE, 2017, s/p - tradução nossa)

As narrativas dos torcedores coadunam com a assertiva de Hourcade (2017), pois reverberam sobre as mudanças que alteraram radicalmente a percepção das pessoas em relação ao estádio e também ao fato de não ter havido uma consulta a esses torcedores sobre a reforma, como elucidado nesse trecho da entrevista de C.A.C:

eu torcia mais próximo ao campo. Eu não ficava na geral, mas nas arquibancadas que não ficavam tão longe do campo. Agora, os ingressos mais baratos são nos setores superiores e eu não vejo muito bem o campo daqui, mesmo que tenha essa 'história' de bom campo de visão. Eu não sou mais parte do jogo. Hoje, os mais pobres, aqueles que ficavam inclusive na geral, ficam longe e não empurram o Fluminense. Meu avô ajudou na construção do Maracanã, e naquela época, as

peessoas eram levadas em consideração, agora não (Entrevista com C.A.C concedida no dia 15/11/2016 - grifo nosso).

Esse trecho colhido no jogo entre Fluminense x Atlético Paranaense, em novembro de 2016, nos chama a atenção para um processo de des-pertencimento, quando ele o entrevistado traz à tona suas lembranças primeiro como um saudosismo e, em seguida, ele fala do trauma sofrido com os preços dos ingressos.

Sobre o des-pertencimento, lembramos que Heidegger (1967) aborda a existência de uma dinâmica de pertencimento e des-pertencimento ligada à busca do sentido à sua existência sempre a partir de uma perda. Ainda, segundo Vaz (2015), o despertencimento acontece “no despertencimento de lugares em que se pode chegar, mas, de fato, não constitui o habitar” (VAZ, 2015, p. 284), ou seja, quando o sujeito não se sente mais uma parte atuante do lugar.

Nosso entrevistado lamentou não poder torcer próximo ao campo e isso não foi somente um sentimento particular, pois mostrou-se muitas vezes como parte de um sentimento coletivo. Observamos esse fato junto aos pós-geraldinos que criaram uma camada na extinta Geral, onde os torcedores buscam reterritorializar o mesmo local de outrora, fazendo-o através de uma superposição e gestos trazidos do passado.

Como tratamos no segundo capítulo deste trabalho, a arena foi projetada como um lugar de boa visão em todos os setores, mas uma boa parcela dos torcedores atestou que este aspecto não deveria ter sido um aspecto prioritário: *“teoricamente, e os setores do meio tem uma visão melhor do campo, mas futebol é emoção, e a gente quer ficar atrás do gol, na esperança de um gol. É frustrante não sair gol do lado em que escolhemos, e no segundo tempo ter gol do outro lado. A gente comemora do mesmo jeito, mas não é a mesma coisa”* (Entrevista com R.L concedida no dia 14/09/2017). Mesmo com total visão de campo, o torcedor ilustra pontos para ele mais importantes do que “ver o todo”. Para ele, a diminuição da emoção sentida durante o jogo no Maracanã, e que se alterou em comparação com o que sentia e vivia no estádio antigo, quando o anel era aberto e o torcedor podia circular por todo o edifício, foi a pior mudança.

Dentro de uma ambiência notável que existe no Maracanã em dias de jogo, percebemos que o afeto pelo lugar se forma pela ruptura com o cotidiano e o aparecimento ou excesso de elementos não muito comuns, como cânticos, uniformes, aproximação com o outro, como escreveu Torgue (2004). Nesse contexto, captamos que torcedores lamentam que a reforma tenha

negligenciado esses fatores em prol de um espaço mais limpo e calmo, como nesse trecho da narrativa de A.R:

quem vai a um jogo de futebol, pelo menos eu falo por mim, não vai ao Maracanã procurando uma poltrona confortável. Todas as vezes que eu vim para o Maracanã, eu vim procurando calor humano, vibração, alegria, e isso não têm nessa reforma. Sim, melhorou o banheiro, a estrutura, mas no que concerne à torcida, eu acho que o Maracanã perdeu muito e fora o custo dele também, não é qualquer um que pode vir hoje em dia (Entrevista com A.R. concedida no dia 12/10/2017).

Em sua memória, destacamos traços de seu afeto pelo lugar através de palavras que remetem à ambiência, como “vibração”, “alegria” e “calor humano”. Segundo Tuan (1983), as pessoas são seres sociais e gostam da companhia de seus semelhantes. Complementando o autor, e com base em nossa pesquisa, salientamos que as pessoas buscam igualmente em uma partida de futebol a distração que, em muitos casos, corrobora para a construção de uma identidade e do seu bem-estar.

Da narrativa de R.S. sobre as polêmicas do novo Maracanã, subtraímos o nosso extrato metafórico e voltamos ao fato de que o Engomadinho trouxe uma perda, um trauma, que deu margem às especulações sobre a retomada de seu significado dentro do futebol:

Sinceramente, atualmente não sinto mais a energia e emoção que sentia no estádio antes da reforma, a não ser em momentos muito específicos. Acho que isso se dá por diversos motivos, não apenas pela questão arquitetônica em si, como a elitização do esporte, com a cobrança de preços cada vez mais caros nos ingressos, excluindo populares do estádio e em seu lugar trazendo pessoas que têm mais capacidade financeira, porém não compartilham da paixão da mesma forma; o crescimento do Pay-Per-View, que está acabando como hábito de ir a jogos para muitos, o que leva também ao esvaziamento dos estádios no longo prazo; o crescimento das redes sociais e da cultura de registro de tudo a todo o momento, em que, mais importante que gostar de futebol, é ir ao jogo pra postar e tirar onda no

Facebook é mais importante que cantar e ver o jogo, é tirar selfie e gravar vídeos durante a partida. Esses fatores, junto com um estádio 'engomadinho', como é o 'Novo Maracanã', está matando a cultura e peculiaridades que existiam no antigo Maraca. (Entrevista com R.S. concedida no dia 20/11/2017)

Figura 78 - Na figura destaque para os celulares e selfies.



Fonte: Acervo próprio.

Os torcedores têm, portanto, consciência que as imposições dos líderes hegemônicos, as novas formas de torcer e as novas condutas do estádio/arena, criaram um ruptura com o espaço de sociabilidade do passado. A postura elitizante dos responsáveis do estádio, a diminuição dos torcedores em jogos ordinários, as redes sociais e as tecnologias constantemente utilizadas são, segundo R.S. responsáveis por pasteurizarem a ambiência do jogo. Segundo Hyussen (2004) as memórias coletivas, e aqui acrescentamos o apego ao lugar,

estão cada vez mais fragmentados em razão das pressões de novas tecnologias, de políticas midiáticas e do consumismo desenfreado.

Para R.S: *“o Maracanã atual também não traz as mesmas emoções sentidas antigamente, então acaba que isso faz com que eu não sinta tanta necessidade de acompanhar os jogos no estádio, e acabo vendo pela TV alguns jogos que em outras épocas eu veria no estádio”* (Entrevista concedida no dia 20/11/2017). O torcedor, portanto, cambaleia entre a amargura atrelada ao trauma decorrente da ruptura e a sua paixão pela equipe materializada no estádio “sagrado” do futebol.

Em suma, são as questões políticas e as pressões do mercado econômico as principais desencadeadoras do trauma com o lugar.

eu venho aqui desde 1980 e acompanhei todas as reformas. Essas reformas fazem parte de uma questão política, e eu acho que muitas delas foram superfaturadas, não fizeram o que prometeram, muita coisa ficou para trás, mas infelizmente é Brasil. É preciso mudar isso, nós tínhamos que lutar pelos nossos direitos e os nossos políticos fazerem valer a voz do povo e pouco fazem. O Maracanã é um exemplo disso. (Entrevista com M.A concedida no dia 25/10/2017)

a reforma, de um âmbito geral, não foi boa. Pelo que eu pesquisei, e pelo superfaturamento não foi boa. Fica muito difícil amar. Gostar é possível, mas amar é complicado, porque ficou muito bonito, agora amar, ter aquela paixão que a gente tinha pelo antes é difícil, muito difícil mesmo (Entrevista com V.F. concedida no dia 18/10/2017)

No nosso caderno de campo: *“a pessoa que me concedeu uma entrevista hoje no intervalo me disse, assim que desliguei o gravador, que hoje os torcedores são mais elitizados. O filho dele acrescentou que antes da retirada da Geral os moradores do morro da Mangueira desciam e vinham assistir ao jogo, no entanto, agora eles não vêm mais, uma vez que paga-se muito caro para assistir um jogo. No final, ele ainda indagou: de onde será que vem o novo público do Maracanã em sua maioria?”* (trecho do caderno de campo no jogo entre Fluminense x Flamengo, 25/10/2017)

Em entrevista, Hourcade (2017) busca resumir essas polêmicas:

o espetáculo do futebol é uma questão política. Há debates e certamente nenhum consenso entre os atores, mesmo dentro de certas categorias, como as autoridades públicas, por exemplo: nem todos os países gerenciam os adeptos da mesma maneira. Entre os clubes, também há relatórios muito diferentes para os torcedores. Alguns procuram diálogo para ajudar o surgimento da ambiência do jogo, outros buscam um público mais silencioso (tradução nossa).

Somadas as controvérsias e polêmicas que circundam a reforma do Maracanã, as políticas clubísticas arrematam os questionamentos sobre o acesso e usufruto do estádio. As vicissitudes políticas que acompanham o grande palco futebolístico tornam-se muito mais emaranhadas quando tangenciamos outras questões que não somente a transformação do espaço físico, mas principalmente as formas de torcer.

De qualquer forma, entendemos, por meio de nossa análise, que as mudanças demandam tempo para uma aceitação. No entanto, mais que alterar, é preciso compartilhar e os envolvidos na sociedade querem ser parte disso em alguma medida e terem voz em um local por eles vivenciado e para eles feito. Como disse nosso entrevistado R.S.:

De verdade, já expliquei o Maracanã e vou continuar explicando assim: ‘Cara, você está indo em um estádio que até é legal, mas, infelizmente, você nunca vai conhecer o Maracanã. O MARACANÃ que você ouviu nas histórias, leu sobre, viu nos filmes e na tv como sendo ‘O maior Estádio do Mundo’ não existe mais. (entrevista concedida no dia 20/11/2017)

PLACAR DA RODADA

Primeiro: o jogo não acabou; segundo: os afetos são renováveis; terceiro: o carioca solapado tem a capacidade de fazer a festa na fresta. Luiz Antônio Simas (In: Geraldinos, 2015)

No fim do jogo, deste percurso, de pesquisa e de reflexões, o resultado sinaliza a existência do movimento dialético entre o Maracanã existente no imaginário popular e no coração dos torcedores e o Maracanã transformado por incisivas reformas construtivas e normativas. Em um caminho de busca pelos significados atribuídos pelos torcedores ao Maracanã modificado, acabamos por entender que, mesmo com as alterações “traumáticas” que representaram uma ruptura nos hábitos e visões do torcedor, ainda é possível encontrar traços do passado, que impactam as novas ocupações e que favorecem novas aderências ao (novo) Maracanã.

Há uma nova dinâmica na vida do Maracanã após a grande reforma para

a Copa de 2014, pautada, principalmente, pelo controle impetrado pelos dirigentes da arena. Esta dinâmica, sem dúvida alterou as experiências com o lugar, dadas as rupturas ocasionadas pela reforma/reconstrução do estádio. Entretanto, ele, o equipamento Maracanã, permanece envolto por uma atmosfera que possibilita que fragmentos do passado trazidos à tona pelo trabalho ressignificador da memória coletiva dos torcedores.

Há uma tendência global de hábitos que se refletem nas condutas dos novos estádios-arena, como, por exemplo, a “gourmetização” de praças de alimentação e a prática das *selfies*. Esses hábitos sentenciam o *continuum* entre as alternâncias de velhas com novas condutas, e as ambiências são primordiais nestas continuidades do lugar. Na atmosfera do lugar, signos e sintaxes se movimentam, na construção de um novo significado, como o torcedor que insiste em torcer de pé como uma alusão ao passado, readaptando e reinventando novas formas de encorajar a sua equipe.

Em nosso percurso, de imersão *in loco* e de reflexões, concomitantemente, nos fez compreender que os torcedores estão criando múltiplos territórios, que aos poucos começam a se fixar no espaço. Territórios feitos por sobreposições e ou recombinações. As reterritorializações e ou reapropriações que estão acontecendo seguem obedecendo a uma lógica que não se desfez totalmente na memória do torcedor.

O processo de territorialização no (novo) Maracanã tem sido uma tarefa que exige, além da experiência constante com o lugar, o readequar-se às imposições e rupturas, bem como conviver com os valores altos dos ingressos e à mudança de público. Esta é a nova tarefa do torcedor que busca criar mecanismos para a apropriação do lugar, se adaptando às imposições do espaço concebido, enquanto transforma o novo espaço em um característico espaço vivido, sobre o qual nos fala Lefebvre (2006)³⁸.

Em nosso percurso, vimos e ouvimos sobre resistências a esta nova vida do/no Maracanã e que não escondem reflexos de uma dimensão traumática vivenciada pelos torcedores. Uma das manifestações registradas nas entrevistas, por exemplo, refere-se ao não reconhecimento do próprio lugar e a sensação de desterritorialização. A desterritorialização, segundo Haesbaert (2005), acontece quando o espaço aparece de maneira difusa e é trabalhado de forma

38 Segundo Lefebvre (2006) o espaço concebido é aquele onde ocorrem as representações do espaço produzidas pelas relações de poder e o espaço vivido é aquele usufruído, ligado ao simbólico das representações sociais no qual “os significados atribuídos aos objetos podem ser modificados em relação ao espaço físico”.

genérica pela sociedade. O processo de desterritorialização se revela quando os sujeitos não se veem exercendo o poder nem mesmo o controle sobre os processos sociais que o compõem. A reapropriação, então, é um processo de retomada do poder de um determinado espaço e uma reinserção dos sujeitos nos acontecimentos que o compunham.

O não reconhecimento do lugar e a desterritorialização levam também ao des-pertencimento. Alguns entrevistados se referem a dificuldades com os novos trâmites do estádio, que dificultam um novo pertencimento, como os preços dos ingressos, o confinamento em setores e o excesso de controle dos corpos. Se tomarmos o pensamento de Heidegger (1967), devemos entender que o des-pertencimento está ligado à busca de sentidos existenciais frente às perdas impostas pela vida. Para alguns, o estádio não é mais a sua “casa”, e por isto não se sentem mais como parte atuante do lugar.

Não pretendemos ser simplistas ou menosprezar sentimentos de perdas ou traumas, muito menos nos colocar favoráveis ou opostos às reformas, mas buscamos trazer à tona, a partir da reverberação dos torcedores, que o lugar do estádio é afetado por ondas de alterações, onde movimentos de resignificação, de construção de novos sentidos, acontecem. Mesmo vivenciando e sentindo que o estádio não é mais o mesmo, que ele não é um espaço democrático com outrora, os torcedores conseguem, na medida de suas corporificações na ambiência do lugar, criar novos sentidos para o Maracanã. A partir de traços ainda registrados na memória, para além ou aquém das alterações do lugar, uma nova narrativa, ligada ao passado, é construída. Afinal, a memória não está nos lugares; são eles que fazem a memória trabalhar nas pessoas, diria Bergson (1999), ao que nós acrescentamos: é a ambiência dos lugares que faz a memória trabalhar, ao mesmo tempo em que é, por sua vez, trabalhada por ela.

Uma das formas pelos quais o torcedor inconformado se reapropria de alguns espaços do (novo) Maracanã é a suplantação de imposições da arena, e, consequentemente, a recriação de novas formas de empurrar o time para a disputa. Exemplos disto são os *pós-geraldinos* que se ocupam dos limites dos setores com o gramado, e as torcidas organizadas que, em um primeiro momento, tiveram autorização somente para a ocupação dos níveis superiores dos setores Sul e Norte, mas que em jogos de maior apelo, passam a ocupar também os níveis inferiores dos mesmos setores.

Segundo Pol (1996), a apropriação vem da necessidade do indivíduo de se diferenciar do outro, demarcando seu território e criando referenciais estáveis,

que o ajudam na orientação e preservação de sua identidade. Ao nosso ver, a conduta dos *pós-geraldinos* é uma forma dos mesmos sentirem-se codirigentes do time. Quanto aos membros das torcidas organizadas, entendemos que elas expressam em suas condutas a vontade de um espaço maior para manejarem as suas bandeiras, mostrarem seus uniformes personalizados e ecoarem seus hinos não oficiais durante os 90 minutos da partida.

Outras formas que entendemos como reapropriações (transgressivas) no novo Maracanã são as condutas dos torcedores, de não seguir a numeração das cadeiras quando estão dentro do estádio, mas, também, a ocupação de escadas e vidros que separam os níveis, o colocar os pés nos encostos das cadeiras, o subir nas cadeiras, ou mesmo o ocupar os espaços onde essas cadeiras foram retiradas ou quebradas, simulando uma arquibancada. Ou seja, mesmo que o estádio não volte a ser o que era antes, há resistências pelas quais os torcedores “retomam” e se reapropriam do lugar. Suplantar regras é, em certa medida, ratificar os territórios do torcedor, e aos poucos ir se apropriando e reforçando os limites de “quem domina o lugar”. Territórios que precisam ser recriados e validados, na emergência, corpo-a-corpo, de condições de torcer e de empurrar a equipe.

Como pode ser visto no extrato *Campo de Batalha*, muitos torcedores identificam o jogo como uma disputa de guerra, caminham lado a lado dos seus iguais, se vestem para que possam identificar seus pares, carregando suas “armas” de ataque: bandeiras, brasões, instrumentos musicais, apitos e a própria voz. Juntos eles se tornam UM, movimentando uma mesma onda, em uníssono, para defender seu time e combater o inimigo que igualmente ocupa o espaço. Assim, as experiências com o novo lugar se inspiram muitas vezes em movimentos de combate, no qual os torcedores-guerreiros são peças fundamentais para uma vitória e vão reocupando pouco a pouco suas “trincheiras”, numa afirmação reiterada do papel preponderante da torcida, para se vencer a batalha. Estas armas utilizadas pelos torcedores forjam territórios da torcida, incluindo neste movimento a importante identificação dos pares, e, conseqüentemente, dos inimigos. O estádio é um equipamento dotado de poderosa força semiótica e admite um conjunto de relações sociais que dele se apropriam e o ressignificam enquanto território (MASCARENHAS, 2005).

Em um dos clássicos no qual fomos torcedores-pesquisadores, um jogo entre Flamengo e Fluminense pela Copa Sul-Americana, as torcidas organizadas situadas nos setores Sul e Norte não pararam de cantar, se impondo uma à outra, formando ambiências opostas, mas de certa forma semelhantes em sua

pregnância caracterizadas por cânticos, bandeiras e palavras de ordem. Estes torcedores criavam múltiplos territórios, se impondo no presente, através de manifestações já existentes no passado. (...) *no intervalo, as torcidas organizadas se enturmam perto do bar e cantam e tocam instrumentos o tempo todo. Muitos continuam bebendo e voltam para o segundo tempo empolgados. Eles contagiam a todos que estão por perto* (trecho do caderno de campo no jogo entre Flamengo x Fluminense, 01/11/2017). As torcidas seguem em direção aos corredores e ali fazem uma pequena festa, mostrando que estão dominando novamente um espaço de pertencimento no passado e criando condições de identificação novamente com o lugar.

Figura 79 - apropriações dos corredores pelos torcedores.



Fonte: Ferreira, 2017

Embora haja um processo de relutância em um primeiro momento, o movimento dos pares, o grito de gol, os cânticos, o torcer, tudo isto junto, contagia o público e em algum momento possibilita a continuidade de estar na atmosfera notável do Maracanã em dias de partida. Foi assim neste FlaFlu. E esta é a atmosfera em muitos outros, clássicos ou não, que acontecem neste grande palco futebolístico.

Não há memória que não esteja ancorada em um lugar (HALBWACHS, 1990). A memória ancorada no lugar-estádio de futebol, se manifesta sempre

que o torcedor faz alusão ao seu time. É na ambiência das torcidas que se desenvolvem os sentimentos identitários: fazer parte de um grupo, de uma “nação”, ser parte de um universo de iguais. Cânticos, gritos de torcida, cores do time, manifestação de afeto, ser acolhido. Um dos papéis da ambiência é fazer a memória trabalhar, no ciclo vital de ressignificação das coisas.

Os torcedores se utilizaram, inúmeras vezes, de lembranças, nos depoimentos que nos deram sobre o Maracanã. Um deles, por exemplo, se utilizou de uma lembrança da almofada que demarcava provisoriamente os lugares na arquibancada no estádio antigo, para explicar a escolha que ele faz do lugar para assistir aos jogos no estádio reformado. Um elemento de memória, que, tudo indica, possibilita que este torcedor se reconheça e se religue neste Maracanã reformado, que insiste em tirar ele (o torcedor) de seu antigo lugar. Uma lembrança que foi, provavelmente, acionada na experiência do corpo situado, na experiência *in loco*, e intransponível, do torcedor em seu contato com a ambiência do lugar: o momento do gol, o abraço no torcedor ao lado, o choro com a derrota ou com a vitória de um campeonato, o grito de campeão, o ídolo sendo ovacionado. Em contato, e contagiado, com/por este *Lugar Mágico*, essa ambiência de magia do estádio, que afeta e potencializa as relações do torcedor o lugar.

A ambiência pulsa no estádio! Nesta ambiência, as vezes é preciso deixar parte do próprio ser para contribuir com a comunidade de torcedores (GAF-FNEY, 2004). Numa partida de futebol, o espaço individual vira espaço comunal, em várias escalas, e até mesmo quem não é torcedor pode se envolver para encorajar ou ir completamente contra.

Como abordado nos extratos metafóricos *Lugar Mágico e Teatro de Sonhos e Emoções*, o estádio é também um lugar de mitos, como os exemplos de ídolos que são lembrados e assim reavivam o espírito atemporal do lugar experienciado. Segundo Tuan (1983), a construção de mitos não é uma coisa do passado e sim um conhecimento que temos como indivíduos e como membros numa determinada sociedade. Ídolos, enquanto mitos, deixam marcas importantes na memória do torcedor, que se aderem ao lugar.

O futebol é passado de geração em geração, não somente como ensinamento técnico, mas é transferido principalmente pela paixão, pela forma de torcer e apoiar. A memória é o principal aporte desse processo. Mesmo que não vivenciadas por todos os frequentadores do estádio, as histórias e lendas do Maracanã possibilitam reavivá-lo. Por meio dessas referências da memória coletiva, novas referências e novos mitos vão sendo recriados.

O percurso relatado neste livro, nos faz entender que, cercado por espíritos e orientado por rituais, o templo do futebol é um *Teatro de Sonhos e Emoções* em que a representatividade é parte importante da ambiência do lugar. Mesmo que muitos ainda se vejam no embate entre o velho e o novo, o torcedor sente a necessidade de vestir um uniforme igual aos pares, de xingar e extravasar, de se sentir familiarizado com o espaço e atuar junto com a equipe.

As ambiências atravessam esse *Teatro* e atuam junto, como organismos vivos, pulsantes, com seus ritmos e temporalidades. Esse pulsar se assemelha a ondas ritmadas com as quais as torcidas se movimentam, e no *Campo de Batalha*, essas ondas diluem as microambiências na ambiência do todo. Mesmo em meio ao conjunto espacial que confere unidade ao Maracanã e remete ao gigante de concreto construído em 1950 e todas as suas reformas, o estádio é composto de fragmentos espaciais, com sua ambiência própria e diferenciada, perpassada por ondas que a unificam.

As narrativas do Maracanã, construídas em nossa pesquisa, sinalizam um sentimento por parte de alguns entrevistados, de uma falta de elementos de outrora, que reverberam num lamento de que a reforma tenha negligenciado fatores importantes para os torcedores, em prol de um espaço *Engomadinho*, “mais limpo” e ameno.

Por outro lado, em fragmentos dos entrevistados, como “era muito violento”, “prefiro agora”, “eu gosto muito de futebol” e “vou onde meu time estiver”, nos parece que há, por parte de alguns, um entendimento que a vida é um constante processo de mudança. Torcedores os quais, mesmo que não sejam adeptos ao novo estádio, ainda frequentam o Maracanã. Mesmo após duras críticas e menções a um passado melhor, um torcedor nos disse, em seu depoimento: “*eu amo o Maracanã, tanto é verdade que eu estou aqui hoje falando com você. Eu não deixo de frequentar, mas para quem teve oportunidade de ver o Maracanã nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e ver hoje, eles são completamente diferentes*” (Entrevista com R.F. concedida no dia 14/09/2017).

De modo geral, os torcedores querem que as mudanças sigam devagar, e que elas se orientem na contramão do controle que a arquitetura é imputada a fazer, usando terminologia de Montaner e Muxí (2004). Há um sonho dos torcedores de que o Maracanã continue fazendo parte de suas vidas, e que eles continuem fazendo parte da (nova) vida do Maracanã.

O Maracanã não é mais o mesmo e isso é incontestável. Houve a mudança estrutural, a mudança do perfil do torcedor, alteração nas formas de torcer,

excesso de segurança e controle e consequentemente uma mudança simbólica do lugar. Mudou o status de estádio para arena, os usos deram espaço ao comércio e o espaço vivido ficou eclipsado em função do fortalecimento do espaço concebido pelas relações de poder.

No entanto, o estádio-arena é um pêndulo e oscila entre paradoxos, desde a sua inauguração.

Enquanto estádio das massas de 1950, o Maracanã oscilava entre o abrigo de todas as camadas de público e a iminência de se romper uma barragem de gente. Com o passar dos anos, isso se manteve e, em meados da década de 1970, houve o surgimento das torcidas organizadas jovens que por um lado “fervia o estádio” com cânticos, cores e emoção e por outro lado levava certa violência e instituíam um território eminentemente masculinizado e, até certo, ponto preconceituoso (homofóbico, machista e racista). Já nos anos 90, os estádios se tornaram *business*. E, com isto, veio a elitização, ao mesmo tempo em que isto trouxe conforto, uma certa pluralidade (com a maior presença de mulheres, homossexuais, idosos e crianças) e um combate incisivo contra a violência.

As mudanças continuam e seguirão acontecendo. Segundo Hourcade (2017), a tendência é de transformar as formas de torcer em uma espécie de show, criando novos serviços e incluindo cada vez mais o digital. Mas, diz esse sociólogo, o mundo do futebol é sempre contraditório em suas expectativas. Por um lado, se busca mudar a experiência de ir ao estádio para que as pessoas estejam mais calmas, consumam mais e já não critiquem tanto o clube e sua política, ou seja, buscam por **consumidores** e, por outro lado, o desejo continua forte de que o público permaneça o **"12º homem"**.

Enquanto isso, o público faz o que pode para se reconhecer no novo lugar, buscando recursos na memória e nas formas de torcer, para se sentir novamente parte. *“O Maracanã continua sendo o Maraca, apesar de todas as reformas. Além do mais, ninguém vai ao Maraca em dia de jogo para ver o Maraca. As pessoas vão para ver o time do coração jogar”* (Entrevista concedida por R.D. no dia 23/11/2017)

O nosso percurso nos fez ver, pelo viés da ambiência, que o equipamento Maracanã consegue carregar, mesmo com as abruptas mudanças, uma atmosfera que favorece e potencializa reiteradas apropriações e afetações pelo lugar. Este estádio tem símbolos e significados que transcendem a sua arquitetura, e alcança o status de templo, de adoração dos deuses criados no jogo da bola.

Ele também não deixa de ser um monumento na cidade. Um passado coletivo é invocado e convocado por meio desse edifício, o que o faz capaz de

manter e preservar a identidade de grupos (torcedores), e da cidade como uma comunidade de todos os times.

As críticas sobre os novos estádios no Brasil são muitas, vindas de múltiplos lados e discursos. No entanto, como afirma DaMatta (1983), o processo de transformação de algo em símbolo é pautado por um ritual que obedece *ao movimento, ao processo e ao deslocamento*, ou seja, a mudança não é, pois, sinônimo de fracasso.

Neste livro, tentamos demonstrar que a atmosfera de um estádio se fortalece na paixão pelo futebol e nas representações ligados a esse esporte. Esta atmosfera, ou ambiência – e o trabalho de memória que ela provoca – é, a seu turno, a grande força potencializadora de (re)significação destes lugares, de sonhos, de esperanças, de magias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Helenira Fonsêca de; FREIRE, José Célio. O lugar da alteridade na psicologia ambiental. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 305-328, set, 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482007000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: setembro de 2013.

ATKINSON, Paul; HAMMERSLEY, Martyn. Ethnography and participant observation. In: Norman K Denzin and Yvonna S Lincoln (Eds.). **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage publications, 1994, pp. 248-26.

AUGOYARD, Jean-François. Vers une esthétique des Ambiance. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul et CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en Débat**. France: À La Croisée, 2004.

BALE, John. **Sports geography**. Second Edition. London: Routledge Taylor & Francis, 1993. BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1976

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2 a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984.

BRASIL. Lei 10.671. **Estatuto de Defesa do Torcedor**, 2003.

BRASILEIRO, Alice; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo A. Desenvolvimento de proposta metodológica para identificação de aspectos culturais dos usuários em ambientes de escritório. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído – Entac, 12, 2008, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: ANTAC, 2008, cd-rom.

BROMBERGER, Christian. **Le match de football: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin**. Paris: MHS, 2001.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988)**. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC, Rio de Janeiro, 2008.

_____. A formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro: uma leitura de sua dinâmica histórica a partir das fontes impressas do Jornal dos Sports (1940-1980). **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**. vol. 5, n.1, p. 367-404, 2016. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/24171>. Acesso em maio de 2017.

CAMPOS. Fernando R. G. O Espaço de Representação do Futebol: uma apreensão do futebol como um elemento sociocultural e espacial. **RA'E GA – O Espaço Geográfico em Análise**. Curitiba, nº 11, p. 35-49, 2006.

CARDOSO, Adauto Lúcio. Copa 2014 e Olimpíadas 2016: um legado de mitos. Rio de Janeiro. **Observatório das Metrópoles**, 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/copa-2014-e-olimpiadas-2016-um-legado-de-mitos/> Acesso em: 24 de maio de 2013.

CASTRO, Demian Garcia. **"O Maraca é Nosso!": neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CELANO, Carmen V. C. **Arquitetura e Identidade:** o fenômeno da internacionalização dos Shoppings Centers da Barra da Tijuca. 2000. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Niemeyer e o Maracanã 1936-2011. **Revista ARQ-TEXTO17**. Porto Alegre, n. 17, p. 16-63, 2011. Disponível em: https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_17/02_CC_NIEMEYER%20E%20O%20MARACANA~.pdf. Acesso em: maio de 2014.

CONSTRUINDO os estádios - Maracanã. Direção de Andy Webb. Discovery Network International, 2013. Documentário (44 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iyV-LXEPuUs>. Acesso em: agosto de 2017.

CRUZ, Antônio. **A nova economia do futebol:** uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CUFF, Dana. Immanent Domain: pervasive computing and the public realm **Journal of Architectural Education**, London, vol. 1, n. 57, p.43-49, 2003. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/22cb/6296cb0e96221838cb16694c5075e-dab5924.pdf>. Acesso em: maio de 2013.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis.** Para uma sociologia do dilema brasileiro. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores S A, 1983._____. Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, Jun-Ago, 1994.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jaques Derrida a falar da hospitalidade.** São Paulo: Escuta, 2003.

_____. **Mal de arquivo:** uma impressão freudiana. Tradução: Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DOMERGUE, Claude; FINCKER, Myriam; PAILLER, Jean-Marie; RICO, Christian. **L'amphithéâtre romain de Purpan-Ancely à Toulouse.** Paris: Odyssée, 2006.

DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina; MELO, Natália Rodrigues de.

Acessibilidade e desenho universal nas instalações da copa Fifa 2014: impactos no turismo inclusivo na cidade do Rio de Janeiro. **Relatório de pesquisa, subprojeto da encomenda ME/CNPq – Monitoramento e avaliação das obras à Copa do Mundo de 2014** [CNPq 407873/2012-0]. Publicação restrita. Núcleo Pró-Acesso PROArq, UFRJ, fevereiro de 2014.

_____. UGLIONE, Paula; VILAÇA, Lis. Lieux Traumatiques: les récits urbains dans la [re]-construction collective de la signification des lieux. In: Thibaud, Jean-Paul; Siret, Daniel. Ambiances in action – Actes du 2nd Congrès International sur les Ambiances. France. Réseau International, 820 p., 2012, pp.499-504.

_____. Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. In: THIBAUD, Jean-Paul. **Ambiances en partages**. France: A la croisee, 2011.

_____. PINHEIRO, Ethel Santana. **Ambiências Cariocas**. Estratégias de análise, possibilidades de abordagem. 2009. (mimeografado)

_____. BRASILEIRO, Alice; SANTANA, Ethel Pinheiro; PAULA, Kátia Lopes de; VIELA, Monique; UGLIONE, Paula. O Projeto como Metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; BRONSTEIN, Laís; AZEVEDO, Giselle. **O LUGAR DO PROJETO no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa / PROARQ, 2007, pp.504-519. EHRENBURG, Alain. Les hooligans ou la passion d'être égal. In: MIGNON, Patrick; EHRENBURG, Alain; VIGARELLO, Georges. **Le foot et la fureur: gentlemen, supporters, hooligans**. Paris: Esprit, 1985.

FERREIRA, Fernando da Costa. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

_____. Maracanã: de centralidade popular a arena para a sociedade do espetáculo. **Anais** do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p.

FIFA. **Estádios de futebol: Recomendações e requisitos técnicos**. 5. ed., 2011.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, p. 89-179, 1990.

_____. (1895) **Projeto para uma psicologia científica**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAFFNEY, Christopher. A experiência do estádio. **Anais** do IX SOLAR. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, nov. 2004.

_____. **Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires**. Austin: University of Texas Press, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978.

GERALDINOS. Direção: Pedro Asberg e Renato Martins. Coprodução: Canal Brasil. Rio de Janeiro: Jacqueline Filmes e Palmares Produções, 2015. 1 vídeo (77 minutos), som, color., dublado. GIRÃO, Cláudia. Maracanã: destruir ou preservar. **Vitruvius**, ano 12, fev. 2012. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>. Acesso em: setembro de 2013.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v.5, n. 1, jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrrj.br/index.php/Recorde/article/view/703/646>. Acesso em: julho de 2017.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil** – Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais** do X Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HEIDEGGER, M. **Sobre Humanismo**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1967

HOURLCADE, Nicolas. Entretien avec Nicolas Hourcade. [Entrevista concedida à Natália Rodrigues de Melo]. **Au stade de villes**, 25 de novembro de 2017. Disponível em: <https://stade.hypotheses.org/786>. 25/11/2017.

HYUSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Processo de Tombamento nº1.094-T-83 - Estádio Mário Filho (Estádio do Maracanã) - Rio de Janeiro-RJ. Rio de Janeiro:

IPHAN, 1997.

JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DUARTE, Cristiane et al. **Projeto do lugar**. Transcrito e traduzido por Walkirya Coppola e Cristiane Rose Duarte. Rio de Janeiro: Ed. Contracapa, 2002.

KAZ, Leonel; MEDEIROS, José. **Olho da rua: o brasil nas fotos de José Medeiros**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Aprazível edições, 2005).

KONCHINSK, Vinícius. Obra do Maracanã ganha aditivo de R\$ 200 mi e já custa R\$ 1,12 bilhão. **Uol Esporte**. Disponível em: <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/06/obra-do-maracana-ganha-aditivo-de-r-200-mi-e-ja-custa-r-112-bi.htm>. Acesso em: 24 de maio de 2013

Laboratório de Arquitetura, Subjetividade e Cultura, LASC. Articulações e abordagens sensíveis do urbano: **Jane Jacobs** e as Ambiências das Grandes Cidades. In: LEMETRO. Jane Jacobs: 50 anos de Morte e Vida das Grandes Cidades. 2011 (no prelo).

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. Trad. João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Lisboa, Portugal: Edições Roger Delraux, 1980.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós:** ensaios sobre a alteridade. 2ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LIRA, Elza Maria Rabelo. **Um convite à reciprocidade:** Bordejando ambiências e [contra] fluxos urbanos-humanos. 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. MAF-FESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs.). **Jovens na Metrópole:** etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Journal d'ethnografe.** Paris: Le Seuil, 1982.

MASCARENHAS, Gilmar. Encontros e desencontros na cidade: a reinvenção do estádio de futebol. CORNELSEN, E. SILVA, S. (ORGS). **Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer.** Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017.

_____. **Entradas e bandeiras:** a conquista do Brasil pelo Futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

_____. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Revista Cidades,** Presidente Prudente, SP, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.

_____. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. Espaço e **Cultura: UERJ,** Rio de Janeiro, nº. 19-20, p. 61-70, 2005.

_____. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas), n. 23, p. 17-39, jun. 1999.

MÁXIMO, João. **Maracanã:** meio século de paixão. São Paulo: DBA, 2000.

MELO, Natália Rodrigues de. **Pelos percursos da acessibilidade:** afeto e apropriação nas ambiências de uma cidade histórica. Estudo de caso em Ouro Preto, MG. 2013, Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Rio de Janeiro, 2013.

MONTANER, José Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política:** ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Dili, 2014.

MONTEIRO, Licio. As casas decimais do Maracanã. **Comitê Popular do Rio.** Disponível em: <http://comitepopulario.wordpress.com/2013/04/16/as-casas-decimais-do-maracana/>. Acesso em: 25 de maio de 2013.

NEGREIROS, Plínio José de C. **A Nação entra em campo:** futebol nos anos 30 e 40. 1998. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história.** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 1981.

NORBERG-SHULTZ, Christian. O fenômeno do lugar. (1976). In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura :** antologia teórica 1965-1995. São Paulo: Cosacnaify, 2006

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas.** São Paulo: Editora Senac, 1996.

PEREIRA, Leonardo A. **Footballmania.** Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERELMAN, Marc. **L'ère des stades.** Genèse et structure d'un espace historique. Paris: Infolio, 2010.

PERNI, Krycia da Silva. O papel da mulher nas novas arenas de futebol – o maracanã como estudo de caso. **Anais** do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória/ES, 2014.

PINHEIRO, E. **A Cidade no Fragmento:** lugar e poiesis no Largo da Carioca. 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Proarq/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

POL, Enric. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, L. & POL, E. (Orgs). **Cognición, representación e apropiación del espacio**. pp. 45-62. Barcelona, España: Universitat de Barcelona, 1996.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, 1992.

PROJETO MARACANÃ - a morte de um gigante. Direção: não mencionada, 2014. Documentário (46 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x3LTtOJam_k. Acessado em: maio de 2017.

RASPAUD, Michel. **Histoire du football au Brésil**. Paris: Chandeigne, 2010.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Traduzido por Maria Cecília França. São Paulo: Editora África S. A, 1993.

RELEMBRANDO a geral do Maracanã. **Trivela**. 2006. Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/sem-categoria/relembrando-a-geral-do-maracana>. Acesso em: 23 de junho de 2013.

RODRIGUES, Nelson (1912). O quadrúpede de 28 patas. In: **As sombras das chuteiras imortais**. Crônicas de Futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROMIEU, Patrick. **L'expérience sonore des ambiances festives**. Contribution à une ethnologie du sonore. Thèse (Doctorat en Urbanisme) Cresson Grenoble, France, 2009.

ROUX, Jean-Michel. L'ambiance des stades. In: Dossier **"Grands stades en quête d'urbanité"**. Urbanisme, 393. France, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1978

SANSOT, Pierre. **Les formes sensibles de la vie sociale**. Paris: Presse Universitaires de France, 1986.

SARAIVA, Maria do Rosario Faro Craveiro. **L'environnement sensible dans les musées à caractère ethnologique**. Approche interdisciplinaire des ambiances muséales. Thèse (Doctorat en Urbanisme) Cresson Grenoble, France, 2001.

SCHERRINGTON, Scott. **Man and his Nature**. Cambridge: University Press, 1956.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, 2002.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antônio. A invenção do “Futebol-Arte”: as narrativas jornalísticas sobre a seleção de 1970. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, n. 3, jun. 2004. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_03/contemporanea_n03_10_soareshelal-santoro.pdfAcesso em: janeiro de 2018.

THIBAUD, Jean-Paul. Les puissances de l’ambiance. In: REMY, Nicolas; TIXIER, Nicolas (dir.) **Ambiances, tomorrow**. Proceedings of 3rd International Congress on Ambiances. Volos, Grécia, vol. 2, p. 689 - 694, 2016.

_____. O Ambiente Sensorial das Cidades: para uma abordagem de Ambiências urbanas. In: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.). **Psicologia e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

TORGUE, Henry. Lorsque la fête se configure. In: AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul; CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en débats**. France: A la Croisée, 2004, pp. 235-251.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1981.

_____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

UGLIONE, Paula. **A Memória na cidade e a invenção do lugar**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

_____, DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira. **Arquivo mnemônico do lugar**. Manual para um percurso de pesquisa em memória do lugar. Rio de Janeiro, 2012.

VAZ, Aline Aparecida de Souza. Retorno Migratório: Globalização Afetiva e Despertencimento no Filme O Céu De Suely. **Publ. UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, pp.277-285, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais>. Acesso em: dezembro 2017.

VIEIRA, Claudio. **Maracanã, Templo dos deuses brasileiros**. Rio: Iris, 2000.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

